

José Milhazes

AS MINHAS AVENTURAS NO PAÍS DOS SOVIETES

A União Soviética
tal como eu a vivi



OFICINA
DO LIVRO



Ficha Técnica

Título original: *As Minhas Aventuras no País dos Sovietes*

Autor: José Milhazes

Capa: Neusa Dias

Fotografia da capa e extratextos: direitos reservados

Fotografia da visita de Gorbatchov a Portugal: © César Santos / Global Media

Revisão: Rita Almeida Simões

ISBN: 9789897416606

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2017, José Milhazes e Oficina do Livro

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990

1.

PÓVOA DE VARZIM

Naquela altura, mais precisamente no dia 9 de Setembro de 1977, os comboios da linha Póvoa de Varzim-Porto (Trindade) ainda eram movidos a carvão e foi num deles que se iniciou, nessa data, a minha longa viagem ao País dos Sovietes.

Três das minhas cinco irmãs acompanharam-me à estação, levando uma delas ao colo o meu afilhado e sobrinho mais velho, Marco. Eu carregava, não, deixemo-nos de exageros, transportava na mão uma mala de cartão acastanhada com um par de botas de couro, algumas poucas peças de roupa e dois livros. Talvez um pouco mais de cinco quilos. Um dos livros era de Urbano Tavares Rodrigues, mas já não me recordo do título. Afinal, passaram quase 40 anos.

A mala era leve porque, além de não haver dinheiro para mais, eu estava convencido de que não se ia para o «Paraíso Terrestre» com a casa às costas, porque nesse lugar não costuma faltar nada, à excepção do pecado. Sim, eu ia viver na sociedade quase perfeita, na transição do socialismo desenvolvido para o comunismo.

Acreditava tanto nisso como, dois anos antes, não tivera dúvidas quanto à existência de Deus, quando frequentava o Seminário da Ordem dos Combonianos, na Maia. Procurava uma via rápida para provar ao meu pai que «filho de burro pode ser cavalo», como ele muitas vezes me dizia para me incentivar/irritar.

* * *

Nasci na Póvoa de Varzim, a 2 de Outubro de 1958, no seio de uma numerosa família de humildes pescadores. Tinha um irmão (hoje falecido) e cinco irmãs, bem como uma infinidade de sobrinhos, tios, primos, primos, etc. Na infância, raramente via a parte masculina da família, pois todos labutavam na pesca do bacalhau: avô, pai, tios, primos e até o meu irmão mais velho, Filipe, participou nessa faina. Ele estava no navio *Luiza Ribau*, um dos últimos lugres ainda com velas, quando este se afundou em 1973 na Terra Nova. Nos meses que passavam em casa, os homens trabalhavam nas motoras da Póvoa ou nas traineiras de Matosinhos.

Com o início da guerra nas ex-colónias portuguesas em 1961, a faina do bacalhau não servia tanto para ganhar dinheiro como para evitar que os homens tivessem de cumprir serviço militar. Oito viagens de meio ano cada uma permitiam «fugir à tropa», como se dizia entre os pescadores. Porém, não se tratava de um privilégio, pois a pesca do bacalhau era das profissões mais difíceis e perigosas no nosso país. O meu pai e os outros pescadores diziam que se tratava de uma «verdadeira escravatura». Mais tarde, quando comecei a ler e a estudar mais profundamente essa pesca, compreendi que eles tinham razão. Só tomavam banho quando iam à Terra Nova (o que não acontecia todos os meses), alimentavam-se mal, só se podiam tratar quando aparecia por perto o navio-hospital *Gil Eanes*, não tinham horários de trabalho e o capitão do navio era senhor absoluto, podendo castigar e perdoar, insultar e bater, ou entregar à PIDE qualquer pescador que expressasse ideias políticas «perigosas».

Tenho poucas recordações da infância, mas algumas ficaram guardadas no arquivo do subconsciente e são trazidas ao de cima por relatos dos mais velhos. A minha mãe tem uma memória pouco comum, recordando-se dos anos, meses e até horas dos acontecimentos. Foi ela que acordou em mim muitas das minhas recordações de menino. Lembro a loja da Sr.^a Piedade, mãe do conhecido poveiro José Azevedo, onde eu ia frequentemente, de manhã muito cedo, buscar o mata-bicho para o meu avô, sempre que ele não ia para o mar devido ao mau tempo.

Não fazia essa tarefa de bom grado, porquanto receava encontrar na loja amigos da família já a matar o bicho. O que mais medo me causava era o velho Maiato, primo do meu pai. Era um daqueles pescadores com uma grande alma, sempre disposto a ajudar os outros. Gostava muito de mim,

mas não perdia uma oportunidade para me pregar alguma partida. Ou me tirava a samarra em pleno Inverno e a vestia no seu cão, ou me mandava para casa a chorar de mãos vazias, ou me dava algum reбуçado. Eram tudo brincadeiras que, embora irritassem seriamente o meu avô, acabavam sempre bem, pois o mata-bicho nunca faltava. Se não era à primeira, era à segunda, mas a mistura de ginja com aguardente é que não podia faltar.

Lembro-me vagamente do meu avô paterno, José Pinto, pois morreu cedo e não vivia perto de nós. Deixou aos filhos e aos netos a alcunha de *Maneta*, pois apresentava um defeito físico num dos braços. Estava relacionado, por laços familiares, com Tomás Cavalheira e Patrão Lagoa, dois heróis da Póvoa que se notabilizaram por terem salvado muita gente no mar. Contava-se na família que ele ficou maneta por «um malzinho que lhe deu», que tinha sido um castigo por estar a comer sopa sentado à soleira da porta à hora das vésperas. Depois de deixar o mar, e não obstante a sua deficiência, o meu avô dedicou-se a trabalhos com madeira. Fazia barcos à vela em miniatura e também bonecos, que nos oferecia. No que respeita à minha avó paterna, Rosa de Jesus, era filha de pai incógnito, mas dizia-se que seria filha de um padre de Laundos.

Tinha mais contactos com o meu avô materno, que se chamava Manuel Francisco Milhazes, mas, ainda estou para saber a razão, toda a gente conhecia por «Tio Nia Gago». É verdade que gaguejava, daí a alcunha, mas não sei onde foram buscar o *Agonia*. Por causa dessa alcunha, quase me deram o nome Agonia. Não recebi esse nome, mas o meu padrinho de baptismo é Nosso Senhor d'Agonia, cujo altar se encontra na Igreja da Nossa Senhora da Lapa. Este avô vivia na nossa casa e deixava que eu lhe fizesse companhia quando, nos tempos livres, ia ver o mar ou beber um copo às tascas. Às vezes, ele ou o meu pai, quando estavam em terra, levavam-me às caldeiradas organizadas nalguma das muitas tascas da Póvoa ou das Caxinas. Recordo-me de uma, realizada na loja do Varela, onde, depois de uma refeição bem regada, cantei com o meu irmão Filipe, acompanhados ao acordeão pelo tio Bernardo, algumas canções de Teixeira, cantor brasileiro muito popular na altura. Conseguimos arrancar àqueles homens rudes algumas lágrimas quando chegou a vez de temas como *Amor de Mãe*, *Doce Coração de Mãe* ou *Coração de Luto*. Cantámos com muita expressão e sentimento, e parece que a minha voz não se saía mal.

Outras vezes, ia ouvir fado ou música numa tasca quando algum cantor por lá passava. Foi assim que ouvi Fernando Faria cantar fado numa das tascas da Póvoa. Nunca perdia uma oportunidade que os adultos me davam para participar em tainadas.

Quando os pescadores não iam para o mar devido ao mau tempo, ficávamos na cozinha a ouvir histórias sobre bruxas, feiticeiras e terras distantes. O meu avô ou o meu pai, ambos excelentes contadores de histórias, recordavam tempos em que as bruxas se reuniam na praia e levavam os pescadores para lugares distantes, nunca explicando as razões dos «raptos»; falavam dos lobisomens que, à meia-noite, se esfregavam na areia e se transformavam em bichos ou ciclistas e só poderiam ser arrancados àquela sina se fossem picados por um objecto cortante até sangrarem. Também não se esqueciam das «almas penadas». Podíamos ficar horas a ouvir esses relatos, porquanto em casa não havia livros de contos infantis. Isso era um luxo inatingível. Além dos manuais escolares, podia haver livros de orações e livros de *cowboys*.

Quando, a meio dessas histórias, se acabavam os cigarros aos homens, era preciso ir buscá-los à loja do «Tio» Ferreira, que ficava a cerca de 300 metros de nossa casa e estava aberta até altas horas da noite. Nunca nenhuma das crianças queria ir, porque a rua não tinha iluminação e havia alguns descampados, mas os homens não podiam ficar sem cigarros. Depois de acesas discussões, era o meu pai que ordenava quem devia ir. Nas vezes em que a tarefa me calhava, eu corria e não olhava para trás, nem para os lados.

Mais medo e terror só tinha quando assistia à Procissão do Senhor Morto, realizada na Sexta-Feira Santa, e via os homens vestidos de preto, mascarados como carrascos medievais e com roletas que faziam um som tenebroso.

Nesse tempo, já frequentava a «escola do Vieira», como era conhecida a Escola Pereira Azurar, situada do lado norte da Igreja da Nossa Senhora da Lapa. O edifício ainda lá se encontra, resistindo à fúria imobiliária que assolou a Póvoa de Varzim no período logo a seguir ao 25 de Abril de 1974, mas já não se ouvem os gritos alegres das crianças durante os intervalos. Do ponto de vista legal, eu não devia frequentar essa escola, porquanto, na altura, a minha família já vivia na Poça da Barca, lugar pertencente a Vila do Conde, mas os meus pais deram o endereço da casa

onde tínhamos vivido na Póvoa, na Rua 31 de Janeiro, para que eu não fosse para a escola primária das Caxinas. Nessa altura, os caxineiros eram olhados como uma espécie de selvagens agressivos pelos pescadores poveiros. Esse sentimento diluiu-se quando centenas de homens do mar poveiros e suas famílias tiveram de se mudar da Póvoa de Varzim para as Caxinas, a partir dos anos de 1960, devido ao facto de as casas serem mais baratas nessa última localidade.

Sempre gostei de estudar, principalmente de ler tudo o que me caísse nas mãos. Como já tive oportunidade de observar, sendo os livros praticamente desconhecidos em casa, à excepção dos manuais escolares que passavam dos mais velhos para os mais novos (quando resistiam), lia os jornais velhos que a minha mãe e avó utilizavam para embrulhar e aconchegar os tachos de comida que os homens levavam para o mar, no baú metálico.

Os livros de *cowboys* e de banda desenhada baratos eram outra importante fonte de leitura. Normalmente, comprávamo-los usados ou trocávamo-los com outros vizinhos. As possibilidades financeiras permitiam chegar a Texas Jack, Billy *the Kid* ou Thor, mas não ao Tintim, cujas aventuras li já adulto.

Eu era dos mais irreverentes, mas também dos melhores alunos da escola, esmagadoramente frequentada por filhos de pescadores. Às vezes, o esforço trazia prémios. Por exemplo, lembro-me de, na primeira classe, a professora me oferecer, por altura do Natal, uma caixa com uma dúzia de lápis de cor e uma garrafinha de chocolate. Não me recordo do nome dela, mas sei que era filha dos donos da loja do 13 de Maio, situada na Rua Tenente Valadim, muito conhecida entre os poveiros.

A professora da segunda classe – se não me engano, chamava-se Fernanda – era bem mais severa, sendo as reguadas e varadas o pão-nosso de cada dia. E, se chegássemos a casa a chorar ou com alguma marca mais forte no rosto ou na cabeça, ainda apanhávamos mais umas palmadas dos pais, pois a professora tinha sempre razão. Os meus pais não eram dos que iam pedir satisfações às professoras, como frequentemente acontecia para os lados da Póvoa e das Caxinas.

Por outro lado, talvez porque considerasse que eu ia à frente dos outros nos estudos, a professora mandava-me às bancas vizinhas da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição para comprar peixe e levar-lho a casa.

Lembro-me da «Tia» Susana, a mais conhecida das peixeiras da terra. Esse biscate, de quando em quando, trazia-me uma peça de fruta, bolachas e até alguma moeda.

Na terceira e quarta classes, as coisas foram um pouco mais calmas. Não posso deixar de recordar a professora que nos convidava para sua casa, perto do edifício do Museu da Póvoa, para nos dar aulas extraordinárias, a fim de preparar alguns dos alunos para o exame final. Esqueci-me do nome dela, mas tinha um filho António, que depois vim a encontrar quando estudei no Liceu Eça de Queirós.

Alfredo, Eurico, Arteiro e Joaquim eram alguns dos nomes e apelidos de companheiros da primária sempre dispostos a tudo. Quando a minha família foi viver para as Caxinas, na Rua da Alegria, mais conhecida por «Rio do Fedor», devido ao esgoto a céu aberto que a dividia a meio, o Alfredo tornou-se meu vizinho e compincha. Nas férias do Verão, ficávamos entregues a nós mesmos. Não havia dia de bom tempo em que não fôssemos para a areia do porto marítimo apanhar sol ou tomar banho, pois os banheiros da praia central da Póvoa não viam com bons olhos a nossa presença entre os veraneantes e escoraçavam-nos para não estragarmos o ambiente. Não tínhamos, por exemplo, calções de banho.

Na «nossa» praia, estávamos à vontade: era chegar, tirar a roupa e pousá-la na areia. Andávamos em pelota. Os camones apareciam para tirar fotografias ou para lançar moedas do cais pequeno, para que nós as fôssemos buscar ao fundo. Todavia, o pior que podia acontecer – e acontecia com frequência – era quando nos escondiam ou até roubavam a roupa. A roupa, mesmo que velha ou usada – eu, no fundamental, vestia o que ficava do meu irmão Filipe, bem mais comportado do que eu –, custava dinheiro e o principal era termos de regressar a casa com as duas mãos à frente, para encobrir a pila, e o medo de apanhar uma surra dos pais por aquele espectáculo vergonhoso.

Eram também frequentes as idas às amoras, à apanha de caracóis, tarrotes (pardais), mexilhões, lapas, amêijoas, ou seja, tudo o que desse para encher o estômago. Não faltavam os pequenos furtos de batatas, milho e uvas nos campos das redondezas, numerosos naquela altura, mas hoje praticamente inexistentes devido ao crescimento urbano. Só os que as provaram sabem a delícia que é comer batatas-novas assadas em cima de uma chapa com areia do mar ou tarrotes assados numa fogueira!

Não é que passássemos fome em casa, mas havia tempos de grandes dificuldades, em que a minha mãe tinha de recorrer ao prego para empenhar o que podia, enquanto o meu pai não regressava da pesca do bacalhau, ou de Moçambique, colónia onde trabalhou mais de três anos na pesca do camarão. Naquela altura, dávamo-nos ao «luxo» de não comer diariamente peixe ao jantar e à ceia (na nossa região, assim se chamava ao que hoje se conhece por almoço e jantar), mas, quando a barriga começava a dar horas, como não havia mais nada, recorria-se aos «frutos da época», como hoje se diz.

E claro que os jogos de futebol no campo da Sr.^a Piedade foram um dos pontos altos da minha infância, bastava que aparecesse uma bola de trapos, de plástico ou de borracha. Era suficiente dispor uns calhaus a servir de baliza e tudo estava pronto para o duelo começar. Normalmente, a equipa da nossa rua defrontava alguma das Caxinas, do outro extremo da Rua da Alegria. Não me lembro de que algum jogo tenha chegado ao fim, pois, quando as coisas começavam a correr mal para um dos lados, desatava tudo à pancadaria, ou porque a bola não tinha entrado na baliza, mas passado por cima da pedra que fazia a vez de poste, ou porque a pedra tinha sido afastada do seu devido lugar, etc. A luta passava à pedrada, que só terminava quando uma das «equipas» debandava. O pior eram os estragos. Como andávamos quase sempre descalços, quando dávamos um pontapé nalguma pedra, íamos ter com a «Ti» Ana, que nos fazia um curativo eficaz com teias de aranha. Quando havia vidros de janela partidos é que as coisas se complicavam. Os pais acabavam por pagá-los, mas isso garantia-nos mais um bom arraial de porrada. Sorte tínhamos quando era a mãe a bater, pois utilizava as mãos e as dores eram quase a meias, diferente de quando o pai estava em casa...

Apesar de tudo, não me canso de dizer que tive os melhores pais deste mundo, que tudo fizeram para educar os filhos e nos dar o máximo que podiam, para que tivéssemos uma vida melhor do que eles. O meu pai, José Marques Pinto, era analfabeto, pois a família era numerosa e não havia tempo para a escola. Fez os possíveis e os impossíveis por dar uma vida melhor aos filhos, mas nunca aceitou negócios escuros. Quando tiveram a possibilidade de poderem viver melhor, se deixassem de ser honestos, os meus pais preferiram a honestidade. O meu pai entrou numa sociedade com mais dois homens para comprarem uma motora: *Bom Jesus*

do Monte. Um deles era primo da minha mãe, mas quem investiu o dinheiro – 400 contos (uma autêntica fortuna em finais dos anos de 1960) – foi um empresário, o Sr. Carneiro, que pouco ou nada sabia de pescas, mas tinha olho para o negócio. O citado primo tentou aliciar o meu pai para ficarem com o barco para os dois, expulsando o investidor da sociedade, coisa que ele não aceitou. Acabou a depor em tribunal a favor do empresário. Era com estes exemplos que o meu pai nos educava.

A minha mãe, Idalina dos Santos Milhazes, conseguiu terminar a quarta classe, mas as posses da família não lhe permitiram ir mais longe. Teve de ir trabalhar para os campos e para fábricas de conservas. Casou-se cedo com o meu pai e passou a dedicar toda a vida à educação dos sete filhos.

Frequentemente, perguntam-me porque é que eu optei pelo apelido materno em vez do paterno. A razão não tem nada a ver com as relações entre mim e os meus pais, sempre gostei deles de igual forma. A causa é simples: na escola, havia vários Pintos e apenas um Milhazes, daí me terem passado a chamar José Milhazes. Este apelido poderá ter tido origem na aldeia homónima do concelho de Barcelos e encontra-se com alguma frequência entre os poveiros e em lugares ou países para onde emigraram: Brasil, Estados Unidos, etc.

O Varzim Sport Clube foi uma das maiores paixões da minha infância. Nessa altura, militava na primeira divisão, o que fazia com que a equipa jogasse com os clubes grandes. Quando o Varzim jogava em casa, eu tentava não falhar o jogo. Íamos para junto dos portões do estádio e tentávamos encontrar algum adulto conhecido para nos levar como filho ou familiar. Nos jogos em que havia estádio cheio, quando o Varzim defrontava o Benfica ou o Sporting, as coisas complicavam-se, mas arranjava-se sempre forma de entrar, mesmo que só ao intervalo ou já quase no fim da partida. O principal era ver os nossos ídolos locais, Benje, Salvador, Sidónio, Quim, etc., bem como os nacionais, Eusébio, Coluna, Simões...

Em casa, o aparelho de televisão a preto e branco só apareceu em 1980, ano em que a RTP começou a transmitir a cores. Antes disso, as casas de vizinhos e familiares onde havia televisor eram a solução do problema, pois, nesses tempos, não existiam muitos cafés e não me lembro de tascas com televisores. Tive muita pena de não ter visto em directo Neil Armstrong a pisar pela primeira vez a Lua em 1969, porque esse

acontecimento teve lugar a altas horas da noite e a minha mãe não nos deixou ir para a casa do vizinho. Mas acompanhei todo o Campeonato do Mundo de Futebol de 1966.

Gostava de cinema, principalmente de filmes de *cowboys* e baseados em temas históricos e bíblicos. Quando havia dinheiro, íamos ao Cine Mar das Caxinas, porque lá os bilhetes eram mais baratos do que na Póvoa. Mas o grande problema consistia em comprar os bilhetes. Fazia-se uma longa fila, mas, imediatamente após a abertura da bilheteira, ela transformava-se num monte de gente que lutava por chegar lá primeiro. Isto principalmente nas estreias de filmes conhecidos.

Embora na sala estivesse sempre um agente da polícia, era difícil manter o silêncio na geral, constituída por longos bancos sem lugares marcados, como na plateia, que tinha cadeiras. Os comentários partiam de vários lados e, por vezes, provocavam confusão. Por exemplo, contava-se a história de uma mulher que, durante a exibição do filme *A Túnica*, no momento em que Cristo está a ser crucificado, começou a gritar e se dirigiu ao polícia para que ele interviesse e não permitisse a crucificação. Gerou-se grande confusão e a sessão teve de ser mesmo temporariamente suspensa, até que a mulher se acalmasse. E quando a fita se partia? O mecânico ouvia assobiadelas até que a bobine voltasse a rodar.

Vivi e cresci num ambiente de cristianismo popular, em que a religião se misturava muitas vezes com crendices populares, mas em que a fé era sempre muito grande. Como todas as crianças da minha idade, ia à missa ao domingo e frequentava a catequese, fiz a primeira e segunda comunhão, foi crismado e gostava de participar em procissões. Como o padrinho da minha mãe, o tio Moita, estava entre os organizadores da Procissão da Senhora do Desterro, no Bairro Norte da Póvoa, fui duas vezes vestido de São José na Sagrada Família. Da primeira vez, a minha irmã Dores foi a Nossa Senhora e o meu primo David, o Menino Jesus. Mais tarde, também vestido de São José, puxei o burro na fuga para o Egito. Não me lembro de quem fez de Nossa Senhora, mas o certo é que consegui controlar o animal. Às vezes, os meus avós maternos levavam-me a São Bento da Porta Aberta, no Gerês, à Nossa Senhora da Alegria, a Santa Eufémia, etc.

Tendo uma infância igual a centenas de crianças da minha idade numa zona piscatória, porque é que eu renunciei à vida de pescador e pus, assim,

fim a uma tradição secular da família? Uma das explicações prende-se, talvez, com o facto de eu quase ter morrido afogado quando nadava junto da «Catula», nome dado a um penedo que se encontrava quase no centro do porto de pesca da Póvoa. Aconteceu a um 15 de Agosto. Lembro-me, pois era dia de Nossa Senhora da Assunção. Foi a seguir à missa das dez horas na Igreja da Lapa. Como fazia calor, o meu irmão, eu e outros amigos fomos tomar um banho para refrescar. Eu nadava bem e, por isso, não me preocupava muito com a segurança. Depois de dar um mergulho, ao tentar pousar os pés no fundo, senti que eles ficaram presos na areia e no lodo e que me ia afundando à medida que me mexia. Comecei a fazer sinais com os braços enquanto engolia água salgada e não conseguia respirar. Esse sofrimento deixou-me marcas para toda a vida. O meu irmão Filipe notou que eu me encontrava em dificuldades e atirou-se do penedo para me arrancar das areias movediças.

Depois disso, ainda fiz algumas tentativas de andar de barco, mas acabaram sempre mal. Uma vez, fui com o Filipe e uns amigos pescar num pequeno barco a remos para algumas dezenas de metros fora da barra da Póvoa, num dia de calmaria, mas entrei em pânico e comecei a gritar tão alto, que alguns pescadores que passavam perto julgaram que eu estava ali forçado e gritaram com o Filipe, que não tinha culpa nenhuma e foi obrigado a regressar apressadamente a terra.

Doutra vez, saí da barra da Póvoa no gasoleiro *Desterrado*, cujo mestre era o meu tio David. Fui com ele prestar ajuda a um pequeno barco a remos do Atanásio, pescador nosso vizinho, que se viu em risco devido à forte ondulação. O meu tio ficou bem arrependido de ter acedido ao meu pedido de ir com ele no *Desterrado*. Não obstante as fortes ondas, senti-me bem enquanto vi terra, mas, depois de a deixar de ver, comecei a ficar enjoado e parece que até as tripas vomitei. Acho que estas experiências traumáticas contribuíram fortemente para que eu nunca mais pusesse os pés no mar. (Em 1988, fiz uma viagem entre Tallinn e Helsínquia no *Georg Ots*, um dos maiores navios soviéticos de passageiros. Logo que entrei no paquete, comecei a sentir-me enjoado e fui sentar-me num dos bares. Só me levantei depois de o barco atracar no porto da capital finlandesa.)

Os constantes perigos a que estão sujeitos os pescadores também influíram no meu afastamento do mar. Ouvia, frequentemente, gritos

dilacerantes na casa de vizinhos e parentes quando os seus e meus entes queridos não regressavam a casa. No tempo em que o meu pai trabalhava na faina do bacalhau, recebemos uma carta a informar que ele tinha sido levado para São João da Terra Nova a bordo do navio-hospital *Gil Eanes*. Tinham-lhe rebentado duas úlceras no estômago e o prognóstico era reservado. Só voltámos a receber notícias do meu pai quando ele nos entrou, são e salvo, pela porta adentro, de surpresa. Tinha sido operado no Canadá e, depois, enviado para Portugal de avião.

Mas as coisas nem sempre acabavam assim. Quantos parentes, amigos e vizinhos ficaram no mar para sempre, ou foram recuperados já cadáveres! Aqui recordo especialmente o meu cunhado Fernando, cuja notícia da morte, no Algarve, recebi quando me encontrava na URSS. Era uma excelente pessoa.

Continua a surpreender-me o fatalismo dos homens do mar. Não conheço nenhum pescador que tenha abandonado a faina da pesca por ter estado às portas da morte ou ver um camarada morrer. Hoje, esse fatalismo revolta-me, pois serve para justificar a violação de normas de segurança nos barcos de pesca. Quantas vidas poderiam ter sido salvas se os pescadores usassem colete de segurança no mar, pelo menos quando o mar está revoltado ou quando entram em barras perigosas com mau tempo?

Por tudo isso, quando me perguntavam o que eu queria fazer na vida, respondia com toda a convicção que queria ser padre missionário. Esta escolha talvez tenha sido influenciada pelos relatos de alguns familiares e conhecidos que viviam em Moçambique ou no Brasil e que, de tempos a tempos, visitavam a terra natal. A ideia talvez também me tivesse sido inculcada pelos livros que ia lendo, principalmente sobre a história dos descobrimentos marítimos.

O certo é que, inicialmente, os meus pais não me levaram a sério e, por isso, interrogaram-se sobre o que fazer comigo depois da quarta classe, ou seja, depois do ensino escolar obrigatório. O meu pai não queria que nenhum dos seus dois filhos fosse pescador, pois caracterizava essa profissão como uma «escravidão que não desejo ao meu pior inimigo». Mas, por outro lado, os meios financeiros da família eram parcos para me pagar a continuação dos estudos. Foi encontrada uma solução salomónica:

estudaria durante o ano lectivo e, nas férias do Natal e no Verão, ia trabalhar para ganhar para os livros e material escolar.

E assim foi. O meu primeiro emprego foi como aprendiz de mecânico de carros e barcos na oficina do Sr. Isaac, que ficava nas Caxinas. Tive direito a um fato-de-macaco usado, mas este não impedia que eu chegasse a casa com a cara e as mãos cheias de óleo e a cheirarem a gasolina. Gostava de limpar peças, passar as chaves aos mecânicos mais velhos, levantar automóveis com macacos e varrer a oficina. Era um trabalho que me envolvia e me levava a renunciar à praia e às brincadeiras de Verão; tornava-me mais adulto. O único problema era que eu ganhava 20 escudos por mês, o que, como dizia a minha mãe, «nem sequer chegam para pagar o sabão».

Por isso, foi decidido encontrar um trabalho mais limpo e, com a ajuda do já citado Sr. Carneiro, consegui ir trabalhar para a Lavandaria Reina, estabelecimento do Sr. José Maria, na Rua da Junqueira, no centro da Póvoa de Varzim. Não havia remuneração fixa. De quando em quando, o patrão dava-me 100 ou 150 escudos e o resto dependia das gorjetas que se recebiam na entrega de roupa aos clientes. O trabalho era cansativo, principalmente à sexta-feira e ao sábado, dias em que era preciso trabalhar até mais tarde, mas permitia juntar dinheiro para ajudar na compra dos livros e de outro material escolar. E ainda sobrava algum para comprar umas broinhas doces nas pastelarias Flores ou Dias.

O Sr. José Maria era uma pessoa extraordinária e gostava muito de caçar. Por isso, também fazia parte do meu trabalho ir dar de comer aos cães e lavar o canil. Quando chegava a época de caça, chamava-me para o acompanhar. Eu segurava os cães ou libertava-os quando ele ordenava. Como não íamos para muito longe (normalmente para perto de umas poças existentes por detrás da Escola Rocha Peixoto, que hoje desapareceram com o alargamento da cidade), a caça podia ser rolas, coelhos e alguma perdiz. Nada de caça grossa.

O ciclo preparatório foi feito na Escola Comercial Rocha Peixoto, situada na parte norte da Póvoa de Varzim, o que me obrigava a levantar bastante cedo para chegar atempadamente às aulas da Rua da Alegria. Era preciso atravessar praticamente toda a vila (a Póvoa só passou a cidade em 1973), fizesse chuva ou calor.

Mas a alternativa era a faina da pesca e, por conseguinte, tinha mesmo de aguentar. Tive alguns professores que jamais esquecerei, destacando Ana Osório, professora de História. Era uma jovem belíssima, alta, loira, sempre impecavelmente vestida. Quando a minha turma tinha aulas com ela ou ela nos encontrava a caminho de casa, oferecia-nos boleia, pois vivia no Porto e vinha num *Austin Mini* azul. Eu ficava cheio de orgulho sempre que me sentava no banco da frente.

Gostava da disciplina de História, e a paixão juvenil por essa professora foi mais um motivo para estudar. O que, porém, não me impedia de fazer diabruras. Numa das suas aulas, a professora perguntou-me se eu sabia quem era e onde tinha nascido Eça de Queirós. Eu respondi-lhe que era um barbeiro poveiro que tinha nascido na Praça do Almada. A turma deu uma grande risada e a professora Ana ficou furiosa, expulsou-me da aula e pôs-me uma «falta a vermelho». Chorei de vergonha e fui-lhe pedir desculpa. Depois, expliquei-lhe que na casa onde o grande escritor nascera se encontrava uma barbearia e, por isso, eu decidira fazer a piada.

Ela rapidamente esqueceu o incidente e tudo voltou à normalidade. Infelizmente, Ana só foi minha professora durante um ano. Mais tarde, ouvi dizer que se suicidara, notícia que me deixou muito triste.

O padre Franklin é outro dos professores que guardo na memória. Homem de uma cultura enciclopédica, leccionava Língua Portuguesa. Chamávamos-lhe o *Selecta*, porque, depois da frase mágica «e, dito isto, vamos escrever o sumário», acrescentava: «Abram a Selecta Literária!» Foi com ele que aprendi a descobrir a literatura portuguesa, embora, por vezes, fosse complicado compreendê-lo, tal era a retórica que empregava.

A professora Helena dava-nos aulas de Geografia. Recordo-me de um caso caricato. Numa das aulas, apareci de braço direito ao peito como se o tivesse partido, o que chamou imediatamente a atenção da mestre. Depois de saber que se tratava de uma brincadeira de mau gosto, deu-me uma forte ensaboadela, mas não me expulsou da aula. Porém, na aula seguinte, voltei a aparecer com o braço direito enfaixado, mas, dessa vez, tinha mesmo partido esse membro superior, ao cair de uma janela para a rua. Primeiro, fui tratado pela «Tia» Pinto (endireita e curandeira famosa nas Caxinas, avó de Paulinho Santos, conhecida ex-estrela do Futebol Clube do Porto), mas, como não conseguia dormir com dores, a minha mãe levou-me a um veterinário que tinha uma farmácia em frente da igreja de

Amorim, freguesia da Póvoa de Varzim, tendo-me sido fixado o braço ao corpo com uma longa faixa. Não havia dinheiro para ser tratado no hospital.

Quando me voltou a ver de braço «escondido», a professora Helena começou a gritar e apontou-me o caminho da porta, mas, até lá chegar, consegui levantar a camisa e mostrar que estava realmente enfaixado. A gargalhada foi geral e acabei por ser perdoado.

As férias de Verão e de Natal eram passadas a trabalhar numa fábrica que produzia e exportava fatos-macaco para multinacionais como a Shell, a Ferrari, a Volkswagen, etc. Inicialmente, trabalhei na secção de empacotamento e envio da mercadoria, mas, depois, passei para o escritório, onde realizava todo o tipo de trabalhos: desde depositar e levantar cheques até descolar e colar metades de selos fiscais. Esta última operação era realizada com muita frequência, porque o gerente da fábrica era também contabilista de numerosas empresas e era preciso falsificar facturas para que os seus clientes pagassem menos impostos. Claro que isto só era possível porque o gerente tinha fortes contactos nas Finanças.

Nessa altura, já fazia parte do agrupamento de escuteiros da Senhora da Lapa: era lobito. Talvez tenha sido isso que me levou a não aderir à Mocidade Portuguesa. Recorrendo à linguagem moderna, diria que os escuteiros eram uma organização mais aberta e democrática do que a juvenil união do Estado Novo. Não quero com isto dizer que já era antifascista, não: cantava, como quase todas as crianças, o hino «Lá vamos cantando e rindo...», sob a direcção do maestro António Marta, meu professor de Canto Coral.

Ser escuteiro era para mim mais uma forma de conhecer o mundo, de alargar horizontes.

Ir acampar para Vermoim, freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão, era já uma grande aventura. De madrugada, com a tralha às costas, fomos para o Largo da Senhora das Dores, onde começava a estrada para aquela localidade, a fim de conseguir apanhar uma boleia. Como éramos seis ou sete, após algumas horas de tentativas fracassadas, conseguimos lugar na parte de trás de um camião, em cima de sacos de batatas e repolhos. Chegados à mata onde deveríamos acampar juntamente com agrupamentos de outros pontos do Norte de Portugal, começámos a montar as tendas e, como era Verão, decidimos não fazer um rego em

redor delas caso chovesse. E não é que não parou de chover torrencialmente durante toda a noite! Como a tenda não tinha fundo, rapidamente a água molhou cobertores, mochilas, fardas, calçado, etc. Ainda tentámos abrir apressadamente um rego, mas já era tarde demais. De manhã, reunimo-nos à volta de uma fogueira para decidir o que fazer à vida, pois até a comida tinha ido por água abaixo. Alguém teve a ideia de andarmos por Vermoim a pedir de porta em porta alguma coisa para comer. Dito e feito, lá fomos na esperança de encontrar pelo menos alguma coisa para comer. Mas o nosso povo é de uma compaixão infinita e, por isso, conseguimos recolher não só alimentos com fartura, mas também algum dinheiro, que nos permitiu regressar a casa de camioneta.

Depois de «lobito», passei a «explorador», mas por aí ficou a minha carreira de escuteiro, pois decidi ingressar no seminário.

Foi dessa altura o meu primeiro contacto com lutas políticas e greves. Em Janeiro de 1971, os pescadores da Póvoa de Varzim iniciaram uma greve contra o fim da lota livre para os pescadores. Até então, o peixe era trazido para terra em grandes caixas, pesado numa balança sujeita a pouco controlo e leiloado ao ar livre. A Guarda Fiscal devia velar pelos interesses do Estado, mas, muitas vezes, os agentes fechavam os olhos ao negócio paralelo. Isso permitia que grande parte do pescado fosse vendida de forma pouco transparente, fazendo com que os donos das embarcações e os compradores pagassem menos impostos.

A fim de arrecadar mais impostos e criar condições mais modernas para a venda do peixe, as autoridades decidiram construir um edifício para a lota onde o peixe devia ser pesado em balanças modernas e vendido sob o controlo de funcionários nomeados para o efeito. Isso desagradou aos pescadores, que decidiram declarar greve e realizar manifestações contra essas inovações. Embora com apenas 12 anos, também andei na «luta». Estive entre os muitos manifestantes que acabaram por invadir o pequeno edifício da lota e partir balanças, móveis e tudo o que nos aparecia pela frente. Tínhamos a ideia de que, se destruíssemos tudo, as coisas voltariam ao passado, mas tal não aconteceu. Depois de algumas semanas de greve e da prisão de várias pessoas, as autoridades conseguiram impor a sua política. Naquela altura, eu não imaginava que se tratara de uma acção política por detrás da qual estavam os comunistas.

2. SEMINÁRIO DOS COMBONIANOS

Não temas; doravante serás pescador de homens.

Lucas 5, 10

O jovem padre Amorim, de Aver-o-Mar, que estudara no Brasil, veio para a paróquia da Nossa Senhora da Lapa, a que eu pertencia, e provocou uma autêntica revolução em muitas pessoas e na forma de olhar para a religião católica. O pároco era o padre Telmo, sacerdote muito conservador e dado a poucas aberturas à modernidade. O padre «brasileiro» veio-o ajudá-lo e organizou grupos de reflexão e – imaginem só! – começou a celebrar missas ao sábado à noite acompanhadas de instrumentos musicais como violas e órgãos eléctricos e baterias, e cânticos modernos. Um autêntico escândalo num meio tão conservador como era o piscatório. Mas, a pouco e pouco, o padre Amorim foi conquistando o coração dos fiéis, muitos dos quais se tinham afastado do templo ou o frequentavam apenas nos momentos estritamente necessários: baptizados, casamentos, funerais.

A fama das celebrações deste sacerdote rapidamente chegou a outros lugares e a Igreja da Senhora da Lapa não conseguia albergar todos os que queriam assistir às suas missas.

Penso que por ciúmes ou por receio de perder a paróquia, o padre Telmo tudo fez para afastar o seu colega da igreja. Quando isso aconteceu, um numeroso grupo de paroquianos decidiu ir a Braga pedir ao arcebispo que revogasse a decisão de transferência do padre Amorim, mas nem sequer foram recebidos.

Eu fui daqueles que se deixaram atrair pelo carisma do padre Amorim e essa aproximação e amizade foram decisivas para eu ingressar no

seminário. Foi ele que me ajudou a entrar para os Combonianos, ordem fundada pelo santo italiano Daniel Comboni e que realiza a sua actividade evangélica e missionária em países de África, Ásia e América Latina. Em 1971, comecei a estudar no seminário situado em Vila Nova de Famalicão.

Tratou-se de uma mudança brusca de vida, aos 13 anos. Nos primeiros tempos, a ausência da família e dos amigos durante longos períodos de tempo, a entrada e adaptação a um grande colectivo de jovens, a observação de uma disciplina mais ou menos rígida só eram superadas pelo desejo de alcançar o objectivo estabelecido. Mas tudo foi ultrapassado com o início do ano lectivo, com as actividades extra-escolares e também com orações. A fé faz realmente mover montanhas.

Enganam-se os que consideram que no seminário tínhamos uma vida monótona; bem pelo contrário, havia tempo para tudo. A maior parte do tempo era ocupado pelos estudos e orações, mas também havia lugar para o desporto, especialmente para o futebol, bem como para umas idas à feira semanal em Vila Nova de Famalicão e alguns fins-de-semana a casa.

Juntamente com o Miranda, eu defendia as redes da selecção do seminário, quando jogávamos contra equipas de outros seminários e colégios. Os jogos mais renhidos eram contra a selecção do Colégio das Caldinhas, situado em Santo Tirso. Dirigida pelos jesuítas, essa instituição de ensino era por nós vista como um sonho. As instalações e condições de estudo eram excelentes, tratando-se de um colégio para filhos da elite portuguesa. Pelo menos foi essa sensação que se apoderou de mim, quando o visitei pela primeira vez, sobretudo pela forma como fomos recebidos. Fiquei particularmente surpreendido pela biblioteca e laboratórios.

Normalmente, vencíamos os jogos em casa, mas perdíamos nas Caldinhas, pois era difícil jogar em pleno depois de uma caminhada a pé de cerca de dez quilómetros entre o nosso seminário e o colégio. Mas não poupávamos forças, considerando quase tratar-se, não de um simples acontecimento desportivo, mas de uma manifestação da luta de classes. Claro que nós encarnávamos os humildes e desprotegidos.

A maioria dos nossos professores eram, não sacerdotes, mas leigos exteriores ao seminário. Apenas me recordo da professora Ernestina, da família dos donos do restaurante Tanoeiro em Famalicão, que leccionava

língua inglesa. Uma excelente pedagoga e bonita senhora. Ao melhor aluno oferecia um par de chuteiras, prémio conquistado pelo Salgado. Lembro-me também do padre Gregório, então reitor do seminário e professor de Geografia. Foi com grande alegria que, há poucos anos, lhe dei um forte abraço e recordámos velhas histórias quando nos encontrámos na Casa dos Combonianos no Bairro Alto, em Lisboa. Então, ele tinha vindo a Portugal depois de trabalhar durante 25 anos entre os índios da Amazónia.

Seria injusto não sublinhar o alto nível de ensino na Ordem dos Combonianos, não só académico, mas também cívico. O facto de se tratar de uma comunidade missionária dava à preparação intelectual um leque mais amplo, cosmopolita, diria mesmo mais democrático.

No Seminário de Famalicão, os dormitórios eram grandes, albergando mais de dez alunos. Por isso, como acontece em qualquer internato, as traquinices e partidas eram frequentes. Uma delas foi feita ao Miranda, um colega muito castiço, mas pouco dado a brincadeiras. Depois de termos bebido o vinho do garrafão que lhe tinha sido trazido pela família, colocámo-lo, vazio, por debaixo dos cobertores e de mais umas travesseiras, para que parecesse que estava alguém deitado na cama dele. Nessa noite, o Miranda veio dormir mais tarde, pois, na véspera de testes ou exames, podíamos ficar a estudar até depois das 11 da noite. A cama dele ficava ao lado da minha. Ao deitar-se, notou a presença de um estranho no seu leito e começou a gritar como um possesso. À gritaria respondemos com uma gargalhada geral. O irmão Aventino, que vivia no quarto ao lado, entrou de rompante no dormitório e acendeu as luzes. Era visível pelo seu rosto que os organizadores da partida não iam ficar impunes, mas no seminário não havia castigos físicos e tudo acabou com um valente raspanete no dia seguinte. Passado o susto, o Miranda só lamentou que lhe tivessem bebido todo o excelente vinho do garrafão.

O segundo e o terceiro anos (quarto e quinto do liceu) do seminário foram passados no Seminário dos Combonianos na Maia. Foi aí que começou a despertar em mim o interesse pela política. Antes, pensava muitas vezes sobre a natureza das discrepâncias sociais existentes na sociedade, não compreendia porque é que uns viviam muito bem e outros muito mal, porque é que milhares de famílias à minha volta, incluindo a

minha, viviam na miséria, embora não se cansassem de trabalhar, mas nunca dediquei particular atenção à luta política activa.

O conflito entre a Ordem dos Combonianos e o Estado Novo foi um dos factores que conduziram a este meu despertar para as injustiças do regime ditatorial, para a vergonha que era a guerra colonial em África.

Pouco antes do 25 de Abril de 1974, deram-se os casos dos padres Alfredo Bellini e Silvano Barbieri, ambos italianos e com passado missionário em Moçambique.

O primeiro ocorreu em Coimbra, onde o padre Alfredo era responsável pelo seminário comboniano a nível de liceu. Durante uma pregação missionária na Igreja de S. Bartolomeu, o padre viu-se publicamente contestado por um dos presentes na eucaristia, militar na reforma. Segundo esse tal, os missionários em geral e os combonianos em particular eram responsáveis pelos problemas que então existiam no Ultramar. O pior foi que a contestação não acabou ali, transformou-se em denúncia feita à DGS. Uma semana depois, o padre foi convocado à delegação coimbrã da polícia de Estado, interrogado e informado *tout court* de que seria imediatamente expulso do País. Se tal não veio a acontecer, deveu-se à presença de espírito do colega que o acompanhara e que, ao saber do que se estava a passar, correu a informar o então bispo de Coimbra D. João Saraiva; este alertou imediatamente o cardeal-patriarca de Lisboa e a ordem de expulsão foi cancelada *in extremis*, quando o bilhete de avião já se encontrava feito. Decisiva a intervenção do falecido cardeal D. António Ribeiro, que enviou o seu secretário particular com uma carta para o primeiro-ministro, Marcelo Caetano. Anulada a pena de expulsão, o missionário foi obrigado a afastar-se de Coimbra por um período de seis meses.

Depois foi a vez do padre Silvano Barbieri, um veterano das missões de Moçambique, que se encontrava na comunidade comboniana de Santarém em trabalho de animação nas paróquias. A acusação era a sua maneira de pregar, dando a entender que em Moçambique havia fome e miséria. Chamado à delegação da DGS, foram-lhe dados três dias para abandonar o País. De novo o cardeal-

patriarca interveio pessoalmente e obteve que a ordem de expulsão fosse suspensa até se fazer um julgamento objectivo do caso.

Com a tomada de posição dos combonianos de Nampula, em Fevereiro de 1974, através do documento *Um imperativo de consciência* e a consequente expulsão de onze deles juntamente com o bispo D. Manuel Vieira Pinto, os combonianos presentes em Portugal viram-se, de repente, no meio de uma grande borrasca: a imprensa, a rádio e a TV falavam de combonianos traidores e inimigos da Pátria. Nada fácil a posição do superior provincial português, já que, face ao Governo, era para todos os efeitos também superior dos missionários expulsos. Temia-se mesmo a expulsão, como represália, dos combonianos italianos presentes em Portugal.

Foi precisamente no dia de uma reunião convocada de urgência em Coimbra, para se decidir o que fazer, que a Revolução dos Cravos veio resolver o problema, provocando um virar de página que marcou o início de uma mudança que tanto haveria de afectar o País e a sorte imediata dos combonianos.¹

Os contactos com membros de círculos católicos antifascistas do Porto contribuíram também para despertar em mim o interesse pela política. Aos sábados e domingos, jovens de fora vinham ao seminário para assistir a missas ou participar em diferentes iniciativas e foi durante uma dessas reuniões que eu conheci e contactei com um estudante universitário do Porto que trazia panfletos e livros subversivos.

Por isso, a Revolução dos Cravos foi recebida com enorme alegria por todos no seminário. No dia 25 de Abril de 1974, por volta das 10 horas da manhã, encontrávamo-nos numa aula de História, leccionada pelo professor Cunha, um dos meus grandes mestres dessa disciplina preferida. De repente, bateram à porta da sala e uma das irmãs que trabalhavam no seminário chamou-o para ir ao telefone.

Ao contrário do que era habitual, a espera foi longa, mas silenciosa. Não era habitual este tipo de interrupções das aulas. Será que algo de extraordinário teria acontecido a algum membro da família do professor Cunha, perguntávamos uns aos outros com o olhar.

O mestre regressou à sala com um ar carregado e preocupado, pedindo-nos muita calma e atenção. «Telefonaram-me para me informar que algo

de estranho se está a passar em Lisboa e no País. Parece tratar-se de um golpe militar com vista a derrubar a ditadura de Marcelo Caetano. Peçovos para manterem a serenidade e a calma», anunciou ele.

Bem, é muito difícil descrever a alegria em nós provocada pela notícia. Levantámo-nos, gritámos, abraçámo-nos uns aos outros. O professor Cunha perdeu o controlo da situação e juntou-se à nossa euforia. Fomos a correr para a rua, ver se víamos tanques a passar para o Porto, ao mesmo tempo que seguíamos a rádio e a televisão com atenção.

À noite, o reitor do seminário, o padre Francisco, abriu uma excepção à regra e autorizou-nos a ver televisão até altas horas, pois queríamos estar a par dos acontecimentos.

A grandiosa concentração do 1.º de Maio no Porto foi a primeira manifestação política de tal dimensão em que participei. Dela me recordei mais tarde quando assisti a ajuntamentos populares em Moscovo, Tallinn, Kiev. Nesses dias, toda a felicidade, presente e futura, parecia concentrada em tão pouco lugar. Parecia que a igualdade, fraternidade e liberdade estavam ao dobrar da esquina, só que depois vieram as ressacas, mais suaves ou mais fortes...

Os nossos chefes tinham-nos proibido de ir à manifestação do Porto, receando pela nossa segurança, o que era bem sensato nos dias em que a democracia portuguesa ensaiava os primeiros passos. Mas estávamos autorizados a ir ver *Jesus Christ Superstar*, filme muito popular, então em exibição em algumas salas de cinema da Invicta. Já tinha assistido a uma ópera brasileira, mas queria ver o filme, principalmente por causa da música. Quando eu e mais alguns seminaristas chegámos ao local, batemos com o nariz na porta e, após rápida discussão, decidimos por unanimidade rumar imediatamente à Avenida dos Aliados, que já se encontrava repleta de uma multidão entusiástica, feliz, igual.

Era o fim de um período bem retratado pelo poeta russo-soviético Evgueni Evtuchenko, escrito depois de visitar Portugal em 1967:

«Amor à portuguesa»

Como feridas, as luzes lambem a noite.
Olham as estrelas pela vigia da prisão,
enquanto nos escondemos sob a Ponte de Salazar,

na sua sombra negra, negra como o breu.

Fez-nos o ditador um favor,
ele não vê por debaixo da ponte,
emigremos, nos lábios um do outro,
deste infeliz país.

Sob a ponte de betão e de medo,
sob a ponte deste poder imbecil,
os nossos lábios são países maravilhosos,
onde ambos somos livres.

Roubo a liberdade, roubo,
e, num sagrado momento roubado,
sou feliz, porque, pelo menos no beijo,
a minha língua não é censurada.

Mesmo no mundo dirigido por fascistas,
onde as pessoas tão poucos direitos têm,
restam as pestanas fartas,
e sob elas há outros mundos.

Mas, trajando um leve vestido,
ela ofereceu-me um anel seu,
portuguesinha, porque choras?
Não choro. Já tudo chorei.

Dá-me teus lábios. Aproxima-te e não penses.
Eu e tu, irmãzinha, somos fracos
sob a ponte como sob a sobancelha triste,
duas lágrimas que o mundo não vê...

E é também nestes momentos que o incrível acontece. Não obstante as dezenas, ou talvez centenas, de milhares de manifestantes, acabámos por esbarrar com alguns dos padres e irmãos superiores do seminário que, horas antes, nos haviam proibido de pôr os pés na manifestação. Mas tudo

acabou bem, sem repreensões, nem castigos, tal era a felicidade e a alegria de todos. Afinal, eles também não ficaram no seminário.

Voltámos à vida real logo nos dias a seguir, porque as novas autoridades anunciaram passagens de ano administrativas para a esmagadora maioria dos alunos das escolas industriais e liceus, deixando de fora os alunos dos seminários. Tratava-se de uma injustiça gritante, pois o nosso nível de preparação académica não ficava atrás do existente em qualquer instituto público, mas de nada valeram os numerosos apelos e protestos enviados ao Ministério da Educação. Fomos obrigados a sujeitar-nos aos exames do quinto ano no Liceu Pedro Hispano, em Matosinhos, enquanto todos os outros colhiam os frutos da «justiça revolucionária». A decisão tresandava a anticlericalismo.

Após os exames, que acabaram por não correr da melhor forma (embora as notas tenham sido suficientes para entrar no sexto ano do liceu), decidi abandonar o seminário e regressar a casa. Por vezes, perguntava a mim próprio se a minha vocação era realmente ser sacerdote, se tinha forças para me dedicar totalmente ao serviço missionário, para resistir à beleza feminina que se me deparava diariamente, e concluí que devia ir em frente. Por isso, posso dizer que a decisão de abandonar a carreira eclesiástica foi uma decisão brusca, súbita, inesperada para muitos dos meus amigos e familiares. Tudo ficou decidido depois de um sonho. Vi-me num templo enorme, na presença de um ancião de longos cabelos e barbas brancas, semelhante à representação católica do Deus-Pai. Ele dirigiu-se a mim e disse-me:

– Que fazes aqui? Este não é o teu lugar, o teu caminho é outro, segue-o.

– Mas eu quero continuar, sinto-me bem! – retorqui, ao mesmo tempo que chorava.

– Não, segue outro caminho! – repetiu ele com uma voz paternal.

Nunca fui muito dado a acreditar em sonhos, mas, dessa vez, não tive dúvidas. Na manhã seguinte, fui ter com o padre Assunção, meu director de turma, e anunciei que ia abandonar a vida religiosa. Ele aconselhou-me a pensar durante algum tempo antes de tomar uma decisão, eu prometi-lhe que o faria, mas não voltei atrás na decisão.

Quando regresssei a casa para as férias de Verão, a primeira coisa que fiz foi comunicar aos meus pais a minha decisão. A minha mãe chorou, o

meu pai fez uma pausa e respondeu: «A decisão é tua, sabes o que é melhor para a tua vida.»

Assim ficaram para trás três anos de seminário, amigos que só muito mais tarde vim a redescobrir devido às novas tecnologias e redes sociais: os padres José Vieira, Arlindo Pinto, Dário, Manuel Machado, Victor... Obrigado a todos os amigos e irmãos combonianos, muito lhes devo na minha educação e formação.

¹ Carlos Neves Sobrinho, «Os Missionários Combonianos e o Estado Novo», *Revista Além-Mar*, Abril de 1999.

3.

O INÍCIO DA NOVA UTOPIA

Abandonado o seminário, foi complicado regressar a casa e reintegrar-me na sociedade local. Muitos dos amigos de infância já trabalhavam na pesca, outros tinham emigrado e poucos eram aqueles com quem podia matar o tempo nas férias. Além disso, colocava-se a questão de como continuar a vida: ir estudar ou trabalhar? A situação financeira da família nunca fora famosa, mas os meus pais, apoiados pelo meu irmão e pela minha irmã mais velha, estavam dispostos a apoiar-me nos estudos. O meu pai apenas impôs uma condição. «Se reprovares uma vez, vais trabalhar para o mar.» Fui-me inscrever no Liceu Eça de Queirós da Póvoa de Varzim, no ramo das Humanidades.

De certo modo, tudo era novo para mim nessa escola. Praticamente não conhecia ninguém, tinha acabado de sair do seminário e entrava em contacto com pessoas de outras classes sociais. Os seminaristas, na sua esmagadora maioria, eram originários de meios sociais humildes e simples.

Porém, pouco a pouco, fui estabelecendo contactos e fazendo amigos, mas com enormes dificuldades. Não escondo que tinha um forte complexo de inferioridade, devido à minha origem social. Não era vergonha, não, era uma realidade que tinha de enfrentar todos os dias, e a única forma de me impor era ler muito e estudar, tirar boas notas, participar na vida política.

No período revolucionário, a vida estudantil era agitadíssima, não havia tempo para nada. Queria envolver-me na política, mas, ao mesmo tempo, não me podia esquecer que os estudos deviam estar em primeiro lugar. Procurei durante algum tempo a força política pela qual devia optar,

estudando os programas de vários partidos políticos. A extrema-esquerda nunca me atraiu, pois era um bando de meninos de boas famílias que queriam salvar à força a classe operária e os trabalhadores. A sua retórica era demasiado extravagante para parecer verdadeira e a sua prática não me impressionava particularmente.

Na turma em que estudava, havia alunos dos mais variados quadrantes políticos e as minhas amizades não se fundamentavam em simpatias políticas. Tentava encontrar pessoas ou um grupo que me aceitassem ou entre os quais eu me sentisse bem. Por vezes, essa aproximação devia-se a alguma simpatia amorosa (não lhe chamo paixão, pois seria um exagero e eu ainda não sabia bem o que isso era). Sentia-me bem quando via ou estava ao lado da Zita, mas nunca tive coragem de lho dizer. Só muitos anos depois ela veio a saber que eu nutria um sentimento especial por ela. Existiram outras «simpatias especiais», mas eu era tímido demais para revelar fosse o que fosse.

Por influência de alguns colegas de turma, Zulmira, José Heliodoro e Carlos, comecei a aproximar-me da União dos Estudantes Comunistas (UEC). A primeira, amiga infelizmente já falecida, convidou-me várias vezes para a Livraria-Cooperativa António Sérgio, onde militantes e simpatizantes do MDP/CDE, PCP e UEC se juntavam para ouvir música revolucionária, discutir alguns livros ou artigos políticos.

Ao mesmo tempo, a disciplina Introdução à Política fazia-nos entrar em contacto, maioritariamente, com textos e ideias de pensadores de esquerda, e essa disciplina foi uma das que mais atenção despertaram em mim.

Além do programa do PCP e de outros documentos doutrinários que os meus novos camaradas me iam facultando, comecei a ler com cada vez mais afinco e intensidade algumas das obras dos clássicos do marxismo-leninismo: *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels; *Duas Tácticas da Social-Democracia na Revolução* e *O Estado e a Revolução*, de Vladimir Lênine, livros de Louis Althusser, Wilhelm Reich, etc. Daí foi um passo até a Zulmira me convidar a aderir à União dos Estudantes Comunistas e a «preencher a ficha».

Por muito primitivo que possa parecer, a minha adesão rápida à ideologia comunista deveu-se a eu pensar ter encontrado nela respostas fáceis a perguntas difíceis, pois ela não só explicava a origem dos

problemas sociais, numerosos dos quais a minha família, os meus amigos e a classe a que eu pertencia sentiam diariamente na pele, como também apresentava receitas que pareciam bem reais, ao nosso alcance. O principal era convencer as massas populares da nossa verdade – sim, porque a verdade e a história estavam do nosso lado – e pô-las em acção.

Nesse campo, tive muito pouco êxito entre os membros da minha família. Duvido que tenha convencido algum deles a votar no Partido Comunista e claro que atribuí essa «teimosia reaccionária» à influência da Igreja Católica, ao obscurantismo e à propaganda da reacção. No fundo, eles regiam-se e regem-se pelo pensamento sábio que diz que, quando a esmola é grande, o pobre desconfia.

No que respeita ao papel dos católicos na sociedade portuguesa, o discurso do PCP para o exterior estava claro nas declarações de Álvaro Cunhal, secretário-geral do partido, pronunciadas num comício em Braga (local que certamente não foi escolhido por acaso):

Os comunistas defendem [...] boas relações do Estado com a Igreja. Esta [...] política não se baseia em critérios de oportunidade, mas numa posição de princípio [...] o mundo evolui e a Igreja Católica [...] mostra também indícios de [...] evolução positiva. [...] Confiamos em que os homens mais esclarecidos da Igreja [...] compreendam [...] a sinceridade [e] as profundas implicações [...], para o presente e para o futuro, desta posição do Partido Comunista.²

Todavia, a posição era bem diferente no seio dos comunistas, que, se tivessem tido oportunidade naquela altura, teriam tentado liquidar «o ópio do povo» (assim definiu Karl Marx a religião em geral), bem como o maior número dos seus seguidores. Então, os fins justificavam os meios e o principal era implantar «a ditadura do proletariado e das massas populares». Tive a oportunidade de constatar e participar na propaganda anti-religiosa no seio do PCP.

Participei com muito entusiasmo nas campanhas de alfabetização entre os pescadores poveiros. Durante dois fins-de-semana, recebemos um curso intensivo de alfabetização de adultos, segundo o método do pedagogo brasileiro Paulo Freire³. Depois, foi começar a anunciar o início dos cursos que se deveriam realizar ao fim do dia na Casa dos Pescadores da Póvoa

de Varzim. Ainda tive alunos na primeira aula, incluindo o meu pai e alguns amigos dele, mas a experiência terminou aí, porque os pescadores diziam-me de cara que «as letras não pescam e, por isso, não enchem a barriga». A experiência, pelo menos a que eu tentei realizar, falhou redondamente. Não houve mais aula nenhuma.

A situação política no liceu também aquecia. No início do ano lectivo, participei numa lista de militantes da UEC para a Comissão de Estudantes, tendo na luta entrado mais outras três listas: uma dos esquerdistas da Frente Eleitoral de Comunistas (marxistas-leninistas), ou seja FEC(ML), a de outros grupelhos e uma terceira apoiada pelo PPD e pelo CDS. Na campanha eleitoral digladiámo-nos com os esquerdelhos, mas quem venceu foi a lista de direita. É necessário assinalar que, não obstante a intensidade da luta, nunca houve lugar a confrontos físicos e que continuei a ter amigos em todas as áreas políticas. Muitas das vezes, as discussões prolongavam-se à volta de uns finos, no café.

As Reuniões Gerais de Alunos eram também frequentes, sendo um dos principais motivos o saneamento de alguns professores, principalmente de Vicente Casal Pelayo, reitor deposto logo após o 25 de Abril de 1974, por alegadamente ter colaborado com a PIDE/DGS. Dizia-se mesmo que, na época da ditadura, ele tinha levado um dos alunos ao suicídio. Foi meu professor de Literatura Portuguesa no ano lectivo de 1974-75 e alguns dos alunos, entre os quais eu, tentávamos-lhe fazer vida negra, mas ele parecia aceitar tudo com resignação. A maioria dos alunos participantes nas barulhentas reuniões nunca votou a favor de qualquer saneamento.

Eram também acesas as discussões com alguns professores nas aulas. Além de Vicente Casal Pelayo, o padre Joaquim Gonçalves, mais tarde bispo de Vila Real, leccionava Filosofia e as aulas transformavam-se em palcos de discussões sobre a existência de Deus e outros temas religiosos e políticos.

Fora das guerras políticas estava o padre João Marques, professor de História pelo qual nutro especial respeito e consideração, não tanto por ele ter a mesma origem social que eu (era descendente de simples pescadores), quanto por se tratar de um homem de grande erudição.

A 26 de Janeiro de 1975, fui participar nos trabalhos do 1.º Encontro Nacional da União dos Estudantes Comunistas, realizado em Lisboa. Tratou-se da minha primeira visita à capital, mas a reunião não me deixou

tempo para ver o que quer que fosse além da Cidade Universitária. Aí tive oportunidade de ver e ouvir conhecidos militantes da UEC (Zita Seabra, Sita Valles, etc.), bem como dirigentes do PCP, nomeadamente Álvaro Cunhal. Quanto ao Joaquim Pina Moura, faço aqui uma referência à parte porque já o conhecia pessoalmente, pois ele foi, durante alguns meses, controlador da célula da UEC da Póvoa de Varzim. Um típico funcionário comunista da época: pessoa muito exigente e de firmes convicções. No que respeita ao sectarismo, isso foi e continua a ser uma constante no seio do Partido Comunista Português. Eu não era excepção.

Dos acontecimentos de 11 de Março de 1975 soube após as aulas, à saída do liceu. Depois de almoçar à pressa, dirigi-me para a sede do PCP, situada na Rua dos Ferreiros. Os acontecimentos que se seguiram — derrota da « reacção fascista », fuga de António de Spínola, nacionalizações da banca e das grandes empresas capitalistas, reforma agrária —, tudo isso incutiu em mim a convicção de que tinha encontrado o caminho certo para uma sociedade mais justa. Mas, como assinalava a direcção comunista, era preciso continuar a estar vigilante:

O nosso povo quer construir em paz um Estado verdadeiramente democrático, mas não pode deixar à solta e sem resposta aqueles que querem criar no País esse clima de tensões favorável aos intentos da reacção interna e internacional. As acções irresponsáveis dos inimigos do processo democrático devem encontrar pela frente a vigilância, a repressão e a resistência firmes das massas populares em estreita colaboração com o MFA. Os movimentos e actos suspeitos devem ser prontamente levados ao conhecimento das autoridades militares do MFA ou rapidamente anulados — se tal se tornar necessário — pela própria iniciativa das massas.

A vitória do 11 de Março deve ser consolidada e as conquistas democráticas preservadas da acção dos sabotadores, sejam eles direitistas ou pseudo-revolucionários.⁴

Por isso, era preciso, durante a noite, vigiar as casas e os movimentos dos « reacccionários » e « fascistas », para impedir novas tentativas de golpe da contra-revolução. Lembro-me de alguns dos alvos: a loja de roupas e a casa que pertenciam ao Sr. Sampaio, na Praça do Almada, e o Café

Pelintra, situado na Avenida dos Banhos. O dono deste café teve problemas com a justiça, devido ao envolvimento em actos bombistas.

Mas, como já previa Vladimir Lénine, o processo revolucionário não era simples, nem sempre constituído por vitórias. Por vezes, depois de um passo em frente, era preciso dar dois para trás.

Os resultados das eleições para a Assembleia Constituinte, a 25 de Abril de 1975, foram um verdadeiro balde de água siberiana para muitos militantes e simpatizantes do PCP, que esperavam resultados bem melhores. Na Póvoa de Varzim, essa força política ficou em quarto lugar, o que nos desiludiu profundamente. Por outro lado, este revés temporário reforçou em mim e nos meus camaradas a convicção de que só a via revolucionária conduziria ao poder, não passando as eleições de uma «farsa burguesa». Era preciso redobrar esforços para derrotar a «reacção fascista» e os seus «aliados socialistas», para «transformar a revolução burguesa em revolução socialista»⁵.

Entrávamos no Verão Quente. Terminado o sexto ano do liceu, era preciso ir trabalhar nas férias para ganhar algum dinheiro para os livros. O José Heliodoro, que nós tratávamos por Zequinha, arranjou-me um trabalho na tabacaria do Café Guarda-Sol, que pertencia ao seu tio, o Sr. Miranda. Eu entrava ao serviço às 21 horas e terminava às duas da manhã, quando o café fechava as portas. No Verão, esse lugar era muito concorrido devido à fama das suas francesinhas, entre poveiros e veraneantes. Além do salário, eu recebia, diariamente, um ou dois finos e uma francesinha.

Para alguns dos meus amigos fumadores e para mim também, eu ocupava um «lugar importante e estratégico», pois tinha sempre guardado para eles uns maços de tabaco de marcas de que havia falta nos quiosques, tabacarias e cafés.

Após a saída do emprego, dirigia-me quase diariamente para a sede do PCP na Póvoa de Varzim, a fim de participar na colagem de cartazes e na vigilância. Nela vivia permanentemente um tal Ferreira, cabo-verdiano que não se sabia de onde tinha exactamente vindo e que depois também misteriosamente desapareceu, deixando atrás de si dívidas a muita gente.

Durante as colagens de cartazes, eram frequentes os duelos e as ameaças verbais, e, por vezes, passava-se a vias de facto, com murros e pontapés:

Em vários pontos do País são cercadas, apedrejadas, destruídas ou incendiadas sedes do PCP e do MDP/CDE e de outras organizações progressistas. Militantes comunistas, homens e mulheres democratas, são ameaçados, espancados, anavalhados, feridos ou perseguidos. Em todo o País alimenta-se uma história insultuosa contra o Partido Comunista e contra os mais destacados dirigentes revolucionários portugueses. Ainda anteontem, na Póvoa de Varzim, quando camaradas nossos procediam à colagem de cartazes, foram ameaçados por elementos do PPD que depois se entregaram à destruição dos cartazes.⁶

Esta vigilância tinha razão de ser, pois numerosas sedes do PCP ou instituições ligadas a ele tinham sido assaltadas ou incendiadas em várias regiões de Portugal, incluindo a Póvoa de Varzim. Primeiro, foi o rebentamento de uma bomba na Cooperativa Livreira António Sérgio, que ficou praticamente destruída, e, mais tarde, outra bomba explodiu à porta do centro de trabalho do PCP. Tive a oportunidade de assistir ao cerco do centro de trabalho do Partido Comunista em Vila Nova de Famalicão, onde se registou um morto e vários feridos.

Nós, com os poucos meios que tínhamos, estávamos dispostos a defender o centro de trabalho até ao fim. Havia *cocktails molotov* prontos para atirar, armas brancas e até algumas de fogo. Certa noite, um dos militantes do PCP disparou inadvertidamente uma arma e a bala passou perto do Manuel Lopes, indo fazer ricochete numa das paredes.

Manuel Lopes era uma daquelas personalidades inesquecíveis, com os mais opostos traços que se podem encontrar num homem. Sendo um duro fanático do ponto de vista partidário, era, ao mesmo tempo, uma pessoa que sabia dialogar quando era preciso. O seu contributo para a cultura poveira é indiscutível. Faleceu no dia 14 de Agosto de 2006, ou seja, na véspera da Nossa Senhora da Assunção, uma das festas mais ligadas aos homens do mar da Póvoa, a cujas tradições ele dedicou muitos dos seus estudos. Soube da notícia no dia seguinte e reproduzo aqui o que então me passou na alma e publiquei no meu blogue:

Esta notícia não vem da Rússia, mas da Póvoa de Varzim, minha terra natal. O meu irmão Filipe telefonou e disse: «Zé, o Lopes

morreu!» Lopinhos é o nome pelo qual os poveiros conheciam Manuel Lopes, um homem que deixou uma obra inapagável na história da minha cidade. Não quis acreditar, telefonei a amigos que tinham o telemóvel desligado e foi no sítio da Rádio Mar que vi a confirmação da notícia.

A Póvoa de Varzim, Portugal perderam uma pessoa de uma cultura ímpar, um estudioso infatigável, o organizador da exposição «Siglas Poveiras», da construção da «Lancha Poveira», impulsor do museu local e da Biblioteca Rocha Peixoto.

Eu perdi um amigo e um dos meus mestres. Conheci-o na Cooperativa Livreira António Sérgio da Póvoa de Varzim, que durante o «Verão Quente» de 1975 acabou por ser destruída por uma bomba da extrema-direita. Foi ele que me ensinou a conhecer e a amar o Gerês, para onde íamos passar umas temporadas a fim de «fugir à civilização» e conversar.

Recordo-me que foi no dia seguinte a um acampamento nas margens do Cávado (no dia 16 de Agosto de 1977), onde estiveram, além de Manuel Lopes, também eu, a Zulmira, o Marito e o Zé Manel Rocha, que o José Heliodoro (mais conhecido por Zequinha) me veio trazer a notícia de que eu tinha recebido uma bolsa de estudo na União Soviética.

Depois, sempre que vinha de Moscovo à Póvoa de Varzim, era «obrigatório» um encontro com o Manuel Lopes para discutirmos a situação na União Soviética. Fomo-nos afastando ideologicamente, o Manel continuava a ser um fiel e sincero adepto do comunismo, enquanto a experiência soviética derrubava as minhas últimas ilusões. Mas isso não foi motivo de ruptura. Continuo a nutrir um profundo respeito pelo Manuel Lopes.

Ao escrever esta postagem, andei na net à procura de uma fotografia tua, mas nada encontrei. Recordei-me que eras director da Biblioteca Rocha Peixoto e fui ao sítio, encontrei «informações > quadro de pessoal», mas também aí só estava o teu nome e o teu correio electrónico.

Decidi escolher a fotografia do brasão da nossa terra e um extracto do poema de António Nobre, que certamente apreciavas. Até sempre, Manel!

P.S. Um dos leitores do nosso blog encontrou a fotografia do Manel Lopes, que me apresso a publicar. Obrigado.⁷

A situação política no País continuava a agravar-se rapidamente, e Portugal parecia caminhar a passos largos para a guerra civil. As manifestações e contramanifestações sucediam-se. Os militantes de base do Partido Comunista, encabeçados pelos seus dirigentes, estavam cada vez mais preparados para aceitar esse trágico cenário. Julgo por mim. Embora nunca tivesse pegado numa arma, defendia cegamente que a insurreição armada era a melhor solução para pôr fim ao impasse em que o País se encontrava. Só muito mais tarde, quando comecei a ter algum acesso aos arquivos da União Soviética, compreendi que a direcção comunista portuguesa também estava disposta a empregar armas. Por isso, considero que Portugal tem uma dívida para com Leonid Brejnev, secretário-geral da URSS, pois a posição dos líderes soviéticos foi fundamental para travar tão perigosa aventura. Nessa altura, a União Soviética via na assinatura da Acta de Helsínquia, realizada em Agosto de 1975 na capital finlandesa, a confirmação do seu poderio no Leste da Europa, ou seja, o respeito pelas fronteiras saídas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Não se ia lançar na aventura de arrancar Portugal à NATO e criar um novo Estado «socialista» na Europa Ocidental⁸.

O 25 de Novembro de 1975 foi mais uma forte desilusão e muitos militantes de base recearam que o PCP fosse ilegalizado. Falava-se disso no interior do partido e estávamos preparados para o pior que viesse. Eu fazia parte da Direcção Regional do Norte da UEC e estava encarregado dos contactos com alguns militantes que viviam praticamente na clandestinidade. Por exemplo, tive de realizar várias viagens à Trofa para me encontrar com uma jovem que receava que ela e outros militantes da UEC viessem a ter graves problemas na escola e na vila, caso a sua militância fosse tornada pública. Contudo, o Partido Comunista não foi proibido e continuei a dar grande parte das minhas forças e do meu tempo ao trabalho na União dos Estudantes Comunistas. Instalou-se algum desânimo nas fileiras revolucionárias, mas eu era dos que consideravam que nós é que estávamos do lado certo da História. E mais fortemente acreditava nisso ao ler obras políticas marxistas, bem como revistas e livros que chegavam da União Soviética e de outros países do «campo

socialista». Lia do princípio ao fim a *Vida Soviética*, a *Revista Internacional*, etc.

Porém, com o fim do PREC, sobrou mais tempo para me dedicar aos estudos e a novos amigos. Entretanto, já tinham surgido os primeiros amores, mas não passavam da fase platónica. Eu era tímido e receava sempre ouvir «não». A aplicação nos estudos era a minha única forma de afirmação, dando bons resultados em todas as áreas das Humanidades, excepto no estudo de línguas estrangeiras. Bem tentei aprender francês, inglês e alemão, mas não tinha mesmo jeito: a minha pronúncia era desastrosa em todas elas. No final do sétimo ano, fiquei dispensado, por alcançar médias superiores a 14 valores, dos exames finais de Português, História, Filosofia e Introdução à Política, tendo conseguido passar o exame escrito de Francês e superado o Inglês com enorme dificuldade na prova oral.

Findo o liceu, era preciso arranjar forma de continuar a estudar. A situação económica da minha família continuava sem grandes melhoras e, para piorar a situação, as autoridades de então tiveram, no ano anterior, a brilhante ideia de criar o Serviço Cívico. O objectivo até era nobre – trabalhar para a comunidade –, mas o programa não foi levado à prática e ficámos um ano sem fazer nada, pois não podíamos ingressar directamente na universidade. Eu gostaria de continuar os estudos na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, mas tal parecia um sonho inatingível. Cheguei a fazer os exames de admissão ao magistério em Braga, tirei boas notas, mas não havia dinheiro para estudar longe de casa.

Foi precisamente nessa altura que me propuseram ir estudar para um país socialista. A minha camarada e saudosa amiga Zulmira Nogueira, que se dedicou de alma e coração ao ideal comunista até à morte, falou-me dessa possibilidade e eu aceitei sem qualquer hesitação. Passadas algumas semanas, penso que no início do Verão, chamaram-me a um centro de trabalho do PCP, situado no início da Avenida da Boavista, no Porto. Fui recebido por Helena Medina, então uma destacada dirigente da UEC, que me fez algumas perguntas sobre o meu passado, origem social e trabalho de militante, tendo-me dado um questionário para preencher. Lembro-me de que, à pergunta sobre para que países eu pretendia ir estudar, respondi: Bulgária, Cuba e República Democrática Alemã. A União Soviética não

fazia parte dos meus planos, pois considerava que seria mais interessante participar na construção do socialismo do que ir viver no país do socialismo «desenvolvido»².

Fiquei à espera e, enquanto o tempo passava, ia convencendo os meus pais a deixarem-me partir. Em 1976, só os cidadãos portugueses com mais de 21 anos não precisavam de autorização dos pais para tirarem o passaporte. Nessa altura, ainda com 17 anos, o meu destino estava nas mãos deles. Ora ambos estavam frontalmente contra a minha decisão, prometendo fazer tudo para que eu pudesse estudar em Portugal.

As coisas foram-se acalmando porque, à medida que o tempo passava, as notícias que chegavam eram pouco animadoras: ora ia, ora tinha de ficar mais algum tempo à espera, até que tudo ficou adiado para o ano seguinte. Mais tarde, vim a saber que a minha partida fora adiada porque me passara à frente o filho de um dirigente comunista.

O programa do Serviço Cívico também não aparecia, e acabou por não aparecer, tendo por isso o Outono, o Inverno, a Primavera e o Verão passado no meio da indefinição. Eu ocupava o dia nas actividades políticas e, à noite, encontrava-me com os amigos para matar o tempo. Um dos meus passatempos preferidos era o jogo da sueca em casa do Sr. Aurélio e da D. Maria da Luz, pais de duas minhas amigas do liceu.

O Sr. Aurélio já estava reformado e gostava de passar o tempo connosco. Depois do jantar, eu, o António Ramalho, o Eugénio (Geninho), o António Fernandes, Zé Carlos e outros juntávamo-nos na casa dele e era jogo até de madrugada. Também falávamos de política, mas isso merece um comentário à parte. O pai das minhas amigas era uma daquelas pessoas a quem os comunistas da altura rotulavam de «grande reaccionário», pois não escondia as suas ideias de monárquico. Porém, sempre gostei de conversar com ele sobre política, porque era um homem culto, inteligente e, principalmente, sabia ouvir os outros com atenção.

A D. Maria da Luz era aquilo a que se chama uma santa. Além de ser uma excelente parceira a jogar cartas e estar sempre bem-disposta, era muito atenciosa, garantia sempre café ou chá com bolachas.

De quando em quando, ia-se para alguma festa de garagem ou fazer campismo para o Gerês ou para as margens do rio Cávado. Foi precisamente depois de eu ter chegado de uma dessas viagens, no dia 16

de Agosto, que o Zequinha me veio trazer a notícia de que devia estar pronto para partir para a URSS «dentro de uma semana».

– Mas isso é impossível – respondi eu. – Como é que eu posso tratar de tudo o que é preciso em tão pouco tempo?

– É a orientação que recebi do Porto – respondeu ele.

Comecei uma autêntica correria contra o tempo. Precisava de obter o passaporte, para o que era indispensável a assinatura do meu pai, fazer radiografias aos pulmões, tratar da licença militar, etc.

Tive de começar por convencer o meu pai a assinar a autorização. Nessa altura, ele trabalhava na traineira *Corália* em Matosinhos, onde andava à pesca da sardinha. Sentei-me num comboio até à Senhora da Hora e, daí, num autocarro até ao porto de pesca de Matosinhos. Fazia um calor insuportável. Quando cheguei ao cais onde estava atracada a traineira, o meu pai dormia a sesta. O Valdemar, camarada do meu pai, ajudou-me a saltar para o barco e foi chamá-lo. Ele, com um ar cansado e triste, pediu-me uma vez mais que não fosse estudar para a União Soviética, repetindo que «talvez possas estudar aqui», «talvez se consiga fazer alguma coisa com mais um bocado de sacrifício». Mas a minha decisão estava tomada, era irrevogável. «Se você não assinar, eu falsifico a sua assinatura e vou na mesma», disse-lhe eu bruscamente.

Ele nada respondeu, desenhou com grande dificuldade a sua assinatura num papel azul selado, pois era analfabeto, passou-mo para as mãos e regressou ao beliche para continuar a sesta.

Entretanto, recebi a notícia de que ia partir um pouco mais tarde, mas que devia continuar a preparar a documentação, pois a ida estava garantida. Fiz o passaporte, licença militar, atestado médico e entreguei tudo no Porto.

Não fiquei muito tempo à espera. Foi-me comunicado que devia estar num centro de trabalho do PCP perto do Campo Pequeno às 12 horas do dia 9 de Setembro, para receber o passaporte com o visto soviético e embarcar no dia seguinte.

A notícia da minha partida começou a correr rapidamente entre amigos e conhecidos. Para os meus camaradas comunistas, eu era um jovem com sorte, de fazer inveja; para os restantes, eu não passava de um aventureiro. Mas os meus pais e irmãos sofreram, embora, como eu então pensava, eu não seguisse mais do que a tradição de família. Afinal, tinham sido muitos

os que emigraram para o Brasil e África ou trabalhavam na faina do bacalhau.

Quando a notícia lhe chegou aos ouvidos, o Sr. Aurélio Bacelar fez-me saber que pretendia ajudar: propôs-se pagar-me os estudos universitários na Faculdade de Direito em Coimbra e eu só lhe devolveria o dinheiro depois de terminar o curso e começar a ganhar salário. Eu já tinha feito os exames de admissão à universidade e estava a aguardar os resultados.

Escusado será dizer que recusei a oferta, mas fiquei eternamente grato a esse Homem. Recusei não tanto por orgulho próprio (embora existisse algum), mas porque queria ver com os meus olhos aquilo com que sonhava.

Às oito e trinta da manhã, depois de viajar toda a noite num comboio que parava em todas as estações e apeadeiros, onde mal se podia respirar devido ao calor, cheguei à Estação de Santa Apolónia e, daí, dirigi-me para o Campo Pequeno de autocarro. Como ainda faltavam algumas horas para o encontro e eu estava a cair de sono, fui deitar-me num banco do jardim perto da Praça de Touros. Adormeci profundamente, mas não me atrasei para o encontro.

Fui recebido por Domingos Lopes, então membro do Comité Central do PCP. Não o conhecia pessoalmente, mas sabia que era meu conterrâneo. Depois de me entregar o passaporte e o visto soviético, disse-me: «Não tenhas muitas ilusões, a sociedade soviética não é perfeita, desejo-te boa sorte.» Ao meu lado estava outro jovem, de Viana do Castelo, que deveria embarcar no mesmo voo para Moscovo. Saímos do edifício e fomos procurar uma pensão barata onde dormir, que encontrámos na Avenida 5 de Outubro.

Ainda tive tempo para visitar alguns dos meus camaradas da Póvoa de Varzim e Vila do Conde que tinham ido para a Festa do Avante, no Vale do Jamor. Prometi-lhes que voltaria à noite para beber um copo e despedir-me deles, mas não o fiz. Estava cansado e excitado com o que ia acontecer no dia seguinte. De tal forma, que praticamente não preguei olho e me levantei muito cedo para ir para o Aeroporto de Lisboa.

À medida que a hora do voo se aproximava, fui vendo chegar outros jovens, acompanhados pelos pais e que, pelas conversas, esperavam o mesmo *Tupolev* que deveria voar de Havana para Lisboa e levar-nos para Moscovo com mais uma escala em Frankfurt (República Federal Alemã).

Estranhei imenso a quantidade e as dimensões das malas que alguns traziam. Afinal na União Soviética faltava alguma coisa?

O Celso foi um dos primeiros colegas que conheci. Estava acompanhado dos pais e transportava também uma bagagem significativa, que, contudo, estava muito longe de ser a maior, o que vim a constatar na chegada à capital soviética.

Éramos cerca de 15 bolseiros portugueses que iam estudar para a União Soviética através do PCP, da UEC, da Associação de Amizade Portugal-URSS e da Intersindical. Eu viajei ao lado de dois jovens panamianos que também iam ingressar em escolas superiores soviéticas. Após a aterragem de escala no Aeroporto de Frankfurt, fomos conduzidos para uma sala fechada, onde nos serviram bebidas frescas. Pensei que tínhamos sido isolados por reaccionários devido ao seu receio de que o bichinho socialista entrasse na Alemanha capitalista, mas, mais tarde, vim a compreender que isso era feito por exigência das autoridades soviéticas, para evitar que os seus súbditos, bem como cidadãos de outros países socialistas, nomeadamente de Cuba, tivessem possibilidade de fugir do «Paraíso».

² Cadernos do PCP, *Comunistas e Católicos*, Lisboa, Edições Avante!, 1975, pp. 81-85, excertos do texto «Ser católico ou não católico não é motivo de separação ou divisão entre portugueses», que integra o discurso de Álvaro Cunhal num comício em Braga, a 30 de Novembro de 1974.

³ Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

⁴ http://www.pcp.pt/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=278&Itemid=154

⁵ V.I. Lênine, «Cartas de Longe», *Obras Escolhidas*, tomo 3, Lisboa, Edições Avante!, 1997; Álvaro Cunhal, *O Radicalismo Pequeno Burguês de Fachada Socialista*, Lisboa, Edições Avante!, 1970.

⁶ *Avante!*, Lisboa, 7.^a série, ano 45, n.º 71, 7 de Agosto de 1975, p. 7.

⁷ <http://darussia.blogspot.pt/2006/08/faleceu-o-meu-amigo-manuel-lopes.html>

⁸ Mais pormenores em: José Milhazes, *Cunhal, Brejnev e o 25 de Abril: como a União Soviética não quis a revolução socialista em Portugal*, Alfragide, Dom Quixote, 2013.

⁹ Segundo a propaganda soviética, o «socialismo desenvolvido» é uma fase do progresso da sociedade na URSS, cujo início foi anunciado pela direcção da União Soviética em 1967. Dez anos depois, esse conceito foi fixado no preâmbulo da nova Constituição como «uma etapa natural da via para o comunismo», onde se tinha abolido para sempre a exploração do homem pelo homem, o

antagonismo entre classes e a inimizade entre os povos. In: <http://xn-d1aml.xn-h1aaridg8g.xn-p1ai/20/konstitutsiya-sssr-1977-goda/>

4.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO PAÍS DOS SOVIETES

Aterrámos no Aeroporto Sheremetiev de Moscovo às 20 horas e 40 minutos (17 e 40 em Portugal continental) do dia 10 de Setembro de 1977. A primeira grande surpresa foi o controlo de passaportes e bagagens à porta do «Paraíso». Depois de um olhar demorado e severo (sorrisos era coisa que não existia nos rostos da guarda fronteiriça) para a nossa cara e documentos, carimbavam o passaporte, sendo a fase seguinte a revista das bagagens, ainda mais longa e meticulosa. Uma das estudantes portuguesas que viajavam comigo teve de abrir as malas. Fiquei tão espantado com o conteúdo – lençóis bordados, camisas de noite, pensos higiénicos, camisolas, camisas, vários pares de sapatos, etc., etc. –, que comentei se aquilo não se tratava de um enxoval para o casamento. Só mais tarde vim a saber que ela era sobrinha de uma dirigente da Associação Portugal-URSS que ia bem prevenida.

Encontrei imediatamente razões para justificar vigilância tão apertada e enxoval tão rico. A primeira era a defesa contra as artimanhas do imperialismo norte-americano e da CIA e, a segunda, a proteção contra tiques pequeno-burgueses.

À nossa espera estava Luís Vieira, estudante madeirense que tinha chegado à URSS no ano anterior e já falava fluentemente russo. Depois de algumas horas de espera no aeroporto, fomos levados num velho autocarro para o Hotel Universitet, onde fiquei instalado num quarto em que já dormiam diversas pessoas. Deitei-me numa cama de campanha, pois era o único lugar disponível.

De manhã, levaram-me a uma consulta médica e fizeram-me análises clínicas, após o que recebi senhas para refeições. Quase tudo era novo e quase tudo feito pela primeira vez. Num refeitório estudantil começou a minha prova gastronómica da Rússia. Papas que nunca tinha visto na vida, tomates com natas, pepinos com a mesma coisa, *kefir*, uma bebida gelatinosa (*kissel*), chá, pão preto, etc. Fui para o pão branco, ovos e salsichas cozidos, e um copo de uma bebida que fazia tenuemente lembrar café. Ao almoço, um choque semelhante, mas mais intenso: sopa com natas, carne com molho também feito à base de natas. Resumindo, repeti os ovos cozidos e as salsichas.

Os dias foram passando e os portugueses que viajaram comigo, distribuídos por Moscovo e outras cidades soviéticas. A jovem do enxoval, quando recebeu ordem para viajar para a cidade de Voronej, situada umas boas centenas de quilómetros a sul da capital, começou a chorar, mas de nada valeram as lágrimas. Nesse momento, mostrei-me disposto a ir no lugar dela, pois pensava que não havia qualquer diferença nos níveis de vida das várias cidades ou regiões da URSS; estava convencido de que já tinham sido ultrapassadas as diferenças entre o campo e a cidade, entre a província e a capital.

– O que há de semelhante entre uma bomba atómica e o comunismo?

– Ambos põem rapidamente fim às diferenças entre o campo e a cidade.

(anedota soviética)

Acabei por ficar sozinho no hotel e, quase uma semana depois de ter chegado à União Soviética, anunciaram-me que eu ia ficar em Moscovo, onde teria de frequentar a Faculdade Preparatória antes de ingressar na Faculdade de História da Universidade Estatal de Moscovo (Lomonossov)¹⁰, e que preparasse a mala para que me transportassem à residência estudantil.

Esta residência situava-se na Rua Chvernika, em homenagem a um dirigente estalinista, e tinha sido construída nos finais dos anos 60 do

século XX como «Casa da Nova Vida» para solteiros e casais sem filhos. Era um projecto virado para a educação comunitária e comunista dos seus residentes. Os apartamentos eram constituídos por um ou dois quartos e uma casa de banho. Cada andar tinha apenas uma cozinha, onde estavam montados vários fogões eléctricos. Por outro lado, no edifício havia cafés e um enorme refeitório, uma sala de cinema e uma piscina coberta. Mas como a ideia não teve êxito entre os moscovitas, o edifício de 16 andares passou a ser uma das melhores residências estudantis da Universidade Estatal de Moscovo (Lomonossov).

Aí chegado, fui instalado num quarto onde já havia mais três alunos: um peruano e dois panamenses. O contacto entre nós foi fácil de estabelecer, pois não existia barreira linguística, mas as coisas começaram rapidamente a correr mal. Um dos panamenses não parava de chorar com saudades dos pais e dos amigos. O peruano, Luis, passava a noite a tocar guitarra e a cantar canções românticas, pois não conseguia dormir, devido à diferença horária e às saudades da namorada que ficara na América Latina.

Noutro quarto viviam dois portugueses, um dominicano e um grego, mas como as relações entre o sul-americano e os europeus se deterioraram até chegar a vias de facto, decidimos que eu me mudaria para o quarto deles e o dominicano para o meu lugar. Passei a viver com o Celso, que já conhecia, com o João e com o Andreias, o helénico. Porém, pouco tempo depois, veio juntar-se a nós mais um português, o António, que vivia num quarto com árabes e não se conseguiu habitar aos costumes e tradições deles, como, por exemplo, ouvir periodicamente orações. Por isso, ficámos a viver cinco num só quarto e, como aí não cabia o mesmo número de camas, tivemos de juntar duas para que nelas dormissem três.

Igualmente, conseguimos lugar neste quarto para um jovem M., que foi para a URSS estudar violino e enviado para Baku, capital do Azerbaijão, cidade onde estudara José Eduardo dos Santos, Presidente de Angola. O jovem recusou-se a sair de Moscovo, alegando que não teria condições para estudar em Baku. Além do resto, dessa cidade chegavam notícias de casos de racismo, xenofobia, etc. Devo sublinhar que vários portugueses pediram ao PCP que os transferissem para Moscovo por razões semelhantes. No caso do M., filho de um conhecido maestro e pianista português, Pires Jorge, representante do Partido Comunista na União

Soviética, conseguiu-se resolver o problema da transferência, mas o M., cansado de tanto esperar e de tanta burocracia, decidiu regressar à pátria.

Entretanto, fomos levados em grupo à Loja Universal Pública (GUM), situada na Praça Vermelha de Moscovo, para receber alguma roupa e calçado: fatos de treino azuis de Inverno e Verão, um sobretudo semelhante àqueles que vestiam os dirigentes soviéticos na época fria, mas sem gola de pele, umas botas de fecho éclair e umas sapatilhas de ginástica. Para quem, como eu, praticamente não tinha levado roupa, aproximavam-se dias difíceis, pois a bolsa de estudo mensal de 80 rublos¹¹, equivalente ao salário mínimo nacional na União Soviética, mal dava para comer. De longe a longe, os meus pais ou o meu irmão Filipe enviavam-me, dentro de cartas, uma nota de dez dólares canadianos ou de dez libras esterlinas, que eram uma ajuda, mas insuficiente. Não davam para comprar roupas soviéticas, estivessem elas dentro ou fora de moda.

Foi o Celso que me salvou a mim e a alguns outros, ao emprestar-nos a sua própria roupa e calçado, pois ele fora o mais prevenido. As calças, as camisas e os casacos dele eram um «pouco» pequenos para mim e alguns outros, mas não havia outro remédio.

Levaram-nos também a visitar a cidade de Moscovo e fiquei com muito boa impressão. A Praça Vermelha, o Kremlin, o Teatro Bolshoi, os gigantescos edifícios mandados construir por Estaline, as estações do metropolitano deslumbraram-me. Também me chamou a atenção o facto de no centro da capital circularem muito poucos automóveis e quase todos iguais. Espantou-me que algumas crianças nos abordassem para trocar emblemas por pastilhas elásticas, mas isso era interpretado, pelo menos por mim, como uma curiosidade infantil por algo inútil e supérfluo. Tinham acesso a tudo e procuravam «porcarias ocidentais».

Chegara, porém, a hora de iniciar os estudos na Faculdade Preparatória, onde, além de Língua Russa, estudávamos também História, Geografia e Literatura da União Soviética. Eu cheguei atrasado e por isso tive de acelerar o passo para alcançar os outros. Estes eram um português, um maliano, uma finlandesa, uma uruguaia, uma iraquiana, dois congoleses e uma laosiana. (Espero não me ter esquecido de ninguém...)

Davamo-nos bem e as professoras eram excelentes: muito atentas, pacientes, pois o nível de instrução dos vários estudantes era bem diferente e era preciso prepará-los para a Universidade Lomonossov ou,

no pior dos casos, para uma escola superior na província russa ou noutra das 15 repúblicas da União Soviética.

A primeira dificuldade foi aprender a ler e, principalmente, a desenhar, sim, porque a fase da escrita vem depois, o alfabeto cirílico¹². A fonética era outro bico-de-obra para um jovem do Norte de Portugal como eu. O maior problema era trocar o «v» pelo «b», pois o primeiro existe no alfabeto cirílico e é representado com um «b» igual ao latino. O fonema latino «b» é equivalente ao «Б» russo. Ora bem, isso foi motivo de muitas risotas porque a língua russa também tem as suas «traições». Depois, eram os verbos de movimento e as declinações, que me deixavam a cabeça a andar à roda. Se eu não tinha sido bom estudante de francês ou inglês, como poderia sê-lo de russo?, perguntava-me eu, preocupado. Tinha receio de não dar conta do recado.

Chega um estudante africano da Faculdade Preparatória à beira da professora e queixa-se:

– Não tenho podrujka [amiguinha, em russo].

– Podrujka? Mas isso não é comigo – respondeu a mestre.

Depois de esclarecer a situação, a direcção da escola constatou que o

estudante queria uma podujka (travesseira).

(folclore estudantil)

Mas a vantagem de se viver num país estrangeiro consiste em que, quer se queira quer não, tem de se aprender a língua local, nem que seja por uma questão de sobrevivência. Era necessário ir às lojas comprar alimentos, bebidas, às livrarias adquirir cadernos, lápis, livros, mas aconteciam sempre pequenos incidentes. Um dos mais frequentes: um russo aproximava-se de mim e começava a falar, eu respondia-lhe com uma frase decorada: «*Ni ponimaiu!*» (Não entendo!) Ele lançava-me um olhar desconfiado, pronunciava uma longa tirada em russo e retirava-se com um ar de poucos amigos. Mais tarde vim a saber a causa dessa

reacção: eu pronunciava tão correctamente a frase «*Ni ponimaiu!*», que o russo pensava que eu estava a gozar com ele.

Rapidamente também aprendi que não era seguro falar português nos lugares públicos de Moscovo. Num dia de Inverno, regressava eu das aulas de ginástica com outros portugueses, quando, não sei se descontente com o frio, me dirigi para um dos assentos do eléctrico pronunciando-me em alta voz num português excessivamente vernáculo. Mal me sentei, ouvi uma voz feminina atrás de mim: «Você é português?» Olhei para trás e corei de vergonha, não sabia onde esconder-me. «Sim, somos, peço desculpa», balbuciei.

Tratava-se de uma senhora idosa, toda vestida de negro, com um ar aristocrático e refinado, como que saída de algum romance clássico, e falava um português irrepreensível. Contou-me que era soviética, mas que, na sua vida anterior, tinha sido estudante de Coimbra e que gostaria de visitar um dia essa cidade e Portugal.

A dimensão da vergonha inicialmente sentida correspondeu ao espanto provocado em nós pelas palavras da senhora de negro. Nessa altura, eu já era ateu e não podia acreditar em reencarnações, por isso pensei que se tratava de alguma provocação política. Saímos do eléctrico muito intrigados com este encontro, que serviu de aviso no que respeita ao carácter universal da língua de Camões.

Mais tarde vim a saber que aquela senhora tinha sido uma das primeiras professoras de português num instituto de línguas estrangeiras de Moscovo. Aliás, naquela altura, o ensino da nossa língua era muito popular na URSS devido ao facto de todas as ex-colónias portuguesas em África terem ficado na órbita soviética. Moscovo precisava de enviar centenas de conselheiros militares, tradutores e outros especialistas, principalmente para Angola. Como o dinheiro que aí ganhavam era muito mais do que os ordenados soviéticos, não faltavam candidatos. E o «internacionalismo proletário» não passava de propaganda para encobrir a política externa hegemónica do Kremlin¹³. Pelo menos, não conheci nenhum soviético que tivesse ido para África ajudar os habitantes desse continente a construir o socialismo por amor à causa.

Por essa razão, muitos estudantes soviéticos entravam em contacto connosco para praticar português, mas o problema é que nós também queríamos praticar russo. A solução era o meio-termo.

À primeira vista, os soviéticos pareciam pessoas muito frias, carrancudas, até rígidas, o que causava uma má imagem, mas, depois de o gelo derreter, descobríamos, na maioria dos casos, como talvez aconteça em qualquer país, pessoas afáveis e hospitaleiras.

Um dos primeiros soviéticos que conheci foi o meu saudoso amigo e mestre Rachid Kaplanov. Tratava-se de um príncipe caucasiano, descendente do profeta Maomé por parte do pai. A mãe era judia. Eu não estava no grupo de portugueses que foi abordado por ele numa das ruas centrais de Moscovo quando ouviu falar a língua de Camões, mas, depois de nos conhecermos, desenvolvemos uma grande amizade que durou até à sua morte, em Novembro de 2007. Então, escrevi no meu blogue:

Rachid Kaplanov faleceu hoje de manhã no Instituto de Cardiologia de Moscovo aos 58 anos de idade. Um ataque cardíaco ceifou-lhe a vida. Morreu com aquele sorriso nos lábios com que viveu, com que recebia e ajudava os amigos.

Foi das primeiras pessoas que conheci e com quem fiz amizade quando cheguei à União Soviética em 1977. Imaginam um soviético a falar correctamente português e com um conhecimento fundamental da nossa história!? Mas o melhor veio depois, Rachid, filho de pai muçulmano e mãe judia, falava 36 línguas estrangeiras, tinha uma bagagem intelectual única, mas não era invejoso, partilhava a sua sabedoria com todos. Além disso, na era comunista, não escondia as suas ideias liberais e democráticas, o que lhe trouxe grandes dissabores, por exemplo, não lhe era permitida a saída ao estrangeiro.

Mas nunca desanimava, acreditava, ao contrário de muitos, que o fim do comunismo na Rússia estava para breve. Quando a Cortina de Ferro caiu, desforrou-se a viajar, queria consultar arquivos, bibliotecas, conhecer os países que tinha estudado. A doença apanhou-o numa dessas viagens pela Ucrânia.

Não exagero se disser que Rachid Kaplanov era um dos intelectuais que na União Soviética e na Rússia mais fizeram pela divulgação da História e da Cultura Portuguesas. Era o maior conhecedor das relações entre Portugal e a Rússia, principalmente no que dizia respeito ao papel dos judeus nesse processo. Não existia especialista

igual no estudo da vida e obra de Ribeiro Sanches, médico judeu português que trabalhou 27 anos na Corte russa.

Além disso, era um grande especialista em separatismos na Europa, dedicando grande parte da sua vida ao estudo dos chamados «pequenos povos». Um dia, perguntei-lhe porque é que ele se interessou pela língua mirandesa e ele respondeu: «Por solidariedade, para ser mais um a falar.»

«E basco?», perguntei-lhe noutra ocasião. «Porque devem ser as únicas cartas que escrevo para o estrangeiro que não são controladas pelo KGB [polícia política soviética], pois eles não devem ter tradutor dessa língua.»

Se consultarem a enciclopédia soviética *Povos do Mundo* ou outras obras de divulgação científica, poderão constatar que Rachid foi o autor de entradas sobre portugueses, bascos, brasileiros, etc.

Rachid era um cidadão do mundo. Em Moscovo, eu vivia num edifício onde residiam dezenas de pessoas das mais variadas nacionalidades; éramos tradutores. Quando nos juntávamos, ele falava em português com os portugueses, em italiano com os italianos, em dinamarquês com os dinamarqueses, em sérvio com sérvios, etc.

Tudo o que se pode dizer numa ocasião destas é pouco, quase nada...

Grande Rachid, ficam os teus textos, artigos, a tua memória... E para os teus amigos serás sempre o Príncipe.

P.S. Talvez esta não seja a melhor hora para escrever o que vou escrever, mas não posso deixar de o fazer. Um dos maiores desgostos do Rachid foi ter trabalhado, durante muitos anos, com um português na recolha de cartas e documentos de e sobre a vida e obra de Ribeiro Sanches e o português ter desaparecido depois de se apoderar do trabalho feito. Rachid esteve várias vezes em Portugal, tentou encontrar-se com ele, mas tudo em vão. Uns dias antes de morrer, durante uma das visitas que lhe fiz ao hospital, Rachid disse que não tinha perdido a esperança de que o português lhe telefonasse ainda para continuarem o trabalho. Eu disse-lhe que há muito tempo que ele deveria ter esquecido essa pessoa desonesta e indigna, mas ele sorriu e retorquiu: ainda não perdi a esperança. Por isso, se dentro de algum

tempo, essa pessoa publicar alguma coisa, que não se esqueça pelo menos de citar o nome do mestre... E que não receie nada, porque o Rachid não lhe vai exigir direitos de autor, pelo menos neste mundo.¹⁴

Quando recebemos a nossa primeira bolsa de estudo, juntámo-nos seis ou sete portugueses e, a fim de celebrar tal acontecimento, fomos, com o Rachid, jantar a um dos melhores e mais requintados restaurantes de Moscovo, situado no Hotel Nacional, a poucos metros da Praça Vermelha. Chegados à porta, deparámos com uma tabuleta escrita em russo que dizia «*Svobodnikh mest niet*» («Não há lugares disponíveis»), mas o nosso amigo Rachid explicou-nos que aquilo servia apenas para que os porteiros ganhassem dinheiro por fora ou os empregados de mesa trabalhassem menos e que tínhamos de ter uma ideia para superar aquela barreira. Entrámos para o restaurante através do hotel e constatámos que, realmente, as mesas e cadeiras disponíveis eram muitas.

Foi ocasião para provar o que de melhor há na cozinha russa: caviar preto e vermelho, esturjão e salmão fumados, salada russa e, claro está, champagne da Crimeia e vodka. Um banquete de reis, acompanhado de canções russas interpretadas por uma excelente solista, que estava acompanhada por tocadores exímios de balalaica, instrumento popular russo. Foi até as portas fecharem... A ressaca veio no dia seguinte, não tanto devido ao álcool, quanto à constatação de que tínhamos estoirado praticamente todo o dinheiro que nos permitiria comer durante um mês. Valeram-nos os empréstimos das jovens portuguesas que, além de economizarem, faziam dieta para não engordarem muito, o que era frequente entre as mulheres estrangeiras. Uma nossa colega dominicana, por exemplo, tinha vindo para Moscovo a fim de entrar na Escola de Bailado do Teatro Bolshoi, mas teve de mudar de curso, pois engordou mais de 20 quilos em poucos meses.

* * *

O ano de 1977 ficou marcado, na URSS, por dois grandes acontecimentos: o sexagésimo aniversário da revolução comunista e a aprovação da «Constituição do Socialismo Desenvolvido».

– *A nossa Constituição garante a liberdade de expressão – diz o professor.*
– *E também garante a liberdade a quem empregar essa expressão? – pergunta um dos alunos.*

(anedota soviética)

Todo esse ambiente festivo me encantava. Quando a Constituição da URSS foi aprovada, no dia 7 de Outubro, eu e alguns dos portugueses fomos ao quiosque comprar vários números do jornal *Pravda*, órgão do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), e selos de primeiro dia de circulação dedicados a esse acontecimento para enviar para os amigos em Portugal. Era uma forma de partilhar com eles a nossa alegria. E que orgulho foi ver e ouvir em directo o discurso de Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, na cerimónia solene dedicada ao 60.º aniversário do Grande Outubro, realizada no Kremlin! O discurso irradiava optimismo. Aqui está o seu artigo publicado no *Pravda*, «Hoje como sempre ombro a ombro com o PCUS!»:

As comemorações do 60.º Aniversário da Revolução de Outubro têm um tríplice significado.

Em primeiro lugar, comemorar a insurreição de 1917, a primeira revolução socialista vitoriosa e isso significa lembrar as experiências e ensinamentos do partido que conduziu os trabalhadores à conquista do poder e do seu genial dirigente V.I. Lénine.

Em segundo lugar, comemorar a Revolução de Outubro significa necessariamente também comemorar as realizações e vitórias do país dos soviets e o seu exemplo de valor universal na construção da sociedade mais progressista, justa e democrática que em qualquer época a História conheceu.

Em terceiro lugar, comemorar a Revolução de Outubro é também comemorar as transformações revolucionárias verificadas no mundo

desde então: novas revoluções socialistas vitoriosas, liquidação do sistema colonial, conquista da independência por numerosos povos e nações, desenvolvimento do movimento operário e democrático nos países capitalistas. Estas transformações revolucionárias devem-se à luta heróica dos trabalhadores, dos povos e das vanguardas revolucionárias dos países respectivos. Mas todas elas são inseparáveis da vitória de Outubro, realizações e solidariedade do país dos soviets.

Sem dúvida que nem sempre há ligação directa e imediata entre os êxitos nos vários sectores da grande linha da frente das revolucionárias do mundo contemporâneo – países socialistas, movimento de libertação nacional, movimento operário dos países capitalistas. O processo revolucionário é extremamente irregular e em cada país e em cada momento pesam factores muito diferenciados.

Mas, na sua expressão geral, pode afirmar-se que, assim como os trabalhadores e as forças progressistas do mundo, pela sua luta e pela sua solidariedade activa para com a Revolução de Outubro e para com a União Soviética, podem justamente sentir a alegria de ter contribuído para a vitória definitiva e para os êxitos e realizações do primeiro Estado de operários e camponeses, assim também o povo soviético, a URSS e o PCUS podem justamente afirmar que deram uma contribuição decisiva para o desenvolvimento, os êxitos e as vitórias das forças revolucionárias dos outros países e para toda a transformação progressista do mundo dos últimos 60 anos.

No que se refere a Portugal, os comunistas portugueses sentem-se orgulhosos do seu próprio partido. Sentem orgulho na classe operária e no povo da sua pátria pela luta corajosa e heróica ao longo de quase meio século de ditadura fascista, luta que conduziu finalmente à revolução, ao derrubamento do fascismo, à liquidação do capitalismo monopolista, a transformações profundas nas estruturas socioeconómicas e à instauração de um regime democrático que, nos termos da Constituição, aponta o caminho do socialismo.

Mas, ao mesmo tempo, os comunistas portugueses sempre insistiram e continuam a insistir em que a criação e a actividade do PCP, o desenvolvimento do movimento operário português, a luta antifascista e o processo que conduziu à Revolução antifascista, são

inseparáveis das repercussões profundas da Revolução de Outubro, das modificações na situação Internacional dela resultantes, das realizações e vitórias do povo soviético, das experiências do partido de Lénine. Semelhante apreciação poderia ser feita em qualquer outro país.

Aparecem por vezes tendências segundo as quais uma tal apreciação teria sido válida no passado, mas teria deixado de sê-lo no presente. A verdade é que ela continua a ter plena actualidade.

É perigoso para qualquer força revolucionária pretender isolar a luta e a perspectiva no próprio país do processo revolucionário mundial e designadamente da URSS e outros países socialistas que, pelos exemplos da sua realidade e pelo seu potencial económico, cultural, militar e ideológico, continuam a constituir a maior fortaleza dos trabalhadores, dos povos oprimidos, de todas as forças anti-imperialistas da Terra.

Se a busca legítima e necessária do caminho para o socialismo em cada país tem de ter em conta as condições particulares e específicas nacionais, tem igualmente de ter em conta as leis gerais do desenvolvimento social e a experiência do movimento revolucionário internacional, designadamente a experiência da Revolução de Outubro compreendida na sua dimensão histórica.

Se o curso independente do processo revolucionário de um país exige sempre uma política nacional e patriótica que resolva os problemas específicos existentes, exige também posições internacionalistas que contribuam para o reforço da amizade, cooperação e unidade das forças revolucionárias do mundo.

Não existem esquemas, nem «modelos» de revoluções. A experiência histórica das revoluções socialistas claramente o mostra. O processo revolucionário em cada país oferece numerosas particularidades e irregularidades. Em correspondência com as condições concretas existentes, tanto de ordem objectiva, como subjectiva, o espírito criador das massas e das suas vanguardas revolucionárias encontra soluções apropriadas para os problemas económicos, sociais e políticos.

Mas a Revolução de Outubro e toda a ulterior experiência revolucionária mostram características e regras fundamentais comuns

para qualquer revolução verdadeiramente popular e particularmente para uma revolução socialista.

No que respeita a Portugal, a experiência comprova, por um lado, a necessidade que se coloca às forças revolucionárias de encontrarem as soluções adequadas às condições concretas do país, por outro lado, a necessidade de terem em conta as leis gerais do desenvolvimento social e as experiências do movimento revolucionário mundial.

A Revolução portuguesa apresenta numerosas particularidades, como a aliança Povo-Forças Armadas, expressão duma aliança social antimonopolista e força motora do processo revolucionário e a realização pela luta das massas e das forças revolucionárias que dispusessem do poder político, de transformações profundas das estruturas socioeconómicas: liquidação do capitalismo monopolista, nacionalização da banca e de sectores básicos, controlo operário em centenas de empresas, reforma agrária com a expropriação dos latifúndios e a criação de unidades colectivas de produção num quinto das terras cultiváveis do país.

O PCP, no seu Programa relativo tanto à revolução democrática como ao caminho para o socialismo, indica um processo e objectivos decorrentes das particularidades da situação portuguesa. Para o desenvolvimento da democracia rumo ao socialismo e à construção duma nova sociedade, o PCP indica diversas soluções novas tendo em conta tais particularidades. Mas insiste em considerar que as características fundamentais do socialismo, que se encontram na URSS e outros países socialistas, são gerais e universais. Não há socialismo com classes de interesses antagónicos. Não há socialismo com exploração por uns do trabalho dos outros. Não há socialismo sem propriedade social dos principais meios de produção. Não há socialismo sem um Estado que assegure a defesa do sistema contra os seus inimigos. Não há socialismo sem o poder dos trabalhadores.

Quaisquer soluções que o partido entenda dever apontar para o socialismo no seu próprio país contrapõem-se à realidade da sociedade capitalista e coincidem, em aspectos essenciais, com a realidade da sociedade socialista tal como existe nas experiências históricas vitoriosas até à data realizadas.

Contrapor num país as próprias ideias programáticas ao socialismo tal como existe, indo ao ponto de afirmar que «o verdadeiro socialismo» é aquele que se pretende e não aquele que existe, é minar a confiança dos trabalhadores do próprio país na causa do socialismo e afastá-los da luta por ele.

O imperialismo e as forças da reacção estão interessadas numa tal oposição, tanto para enfraquecer a luta pelo socialismo nos países capitalistas, como para introduzir fracturas e divisões nas forças revolucionárias e no movimento comunista, procurando designadamente afastar da URSS e de outros países socialistas, partidos comunistas dos países capitalistas e o movimento nacional libertador.

O imperialismo, as forças reaccionárias e conservadoras espreitam quaisquer diferenças de pontos de vista ou quaisquer aparentes contradições entre forças revolucionárias, para acentuar divergências e fomentar conflitos. São constantes as pressões ideológicas tanto do inimigo de classe como de aliados, designadamente de socialistas e social-democratas.

É particularmente significativa a este respeito a grande campanha em torno do suposto desrespeito pelos direitos do homem nos países socialistas. Também em Portugal, as forças reaccionárias conduzem activamente essa campanha.

Mas os trabalhadores portugueses sabem, por sua própria experiência pelo que conhecem dos países para onde emigram e pelo que conhecem da URSS e de outros países socialistas, que é o capitalismo que recusa e desrespeita os mais elementares direitos do homem e é a sociedade socialista que os reconhece e promove.

Sessenta anos atrás, a Revolução de Outubro inscreveu, como um dos seus objectivos essenciais, assegurar os justos direitos dos trabalhadores, os justos direitos do homem.

No caminho apontado pela Revolução de Outubro, o direito a não ser explorado por classes parasitárias, o direito ao trabalho, à instrução e ao repouso, o direito de ver respeitada a própria dignidade, o direito à vida democrática com o seu indissociável conteúdo político, económico e social são asseguradas nas sociedades

socialistas enquanto a sua violação é norma, princípio e prática das sociedades capitalistas.

É significativo que a nova Constituição da URSS, aprovada nas vésperas do 60.º aniversário, dê extraordinário relevo ao aprofundamento dos direitos socioeconómicos e políticos dos cidadãos soviéticos, na base da igualdade, independentemente do sexo, nacionalidade ou raça.

E que se assista, nos países capitalistas, incluindo aqueles onde existem democracias burguesas, não só à violação pelo próprio sistema capitalista de direitos elementares dos seres humanos, como a constantes violências, atropelos e arbitrariedades por parte das classes exploradoras contra as classes exploradas.

Aqueles que conduzem nos países capitalistas a campanha contra a suposta violação dos direitos do homem nos países socialistas, são aqueles mesmos que, nos seus próprios países, diariamente os violam.

Em Portugal ninguém mais do que os fascistas que planeiam reconduzir o país ao tenebroso passado de opressão e terror grita contra o que chamam a falta de democracia na União Soviética. E aqueles que, estando no Governo e participando nessa campanha anti-soviética, apregoam como seu objectivo o «socialismo em liberdade», conduzem hoje uma política que visa liquidar as conquistas do Povo português alcançadas desde 25 de Abril de 1974 e destruir a perspectiva socialista da Revolução portuguesa.

O Governo do PS entrega diariamente aos antigos grandes proprietários terras expropriadas pela Reforma Agrária que tinham passado a ser cultivadas pelos trabalhadores organizados em Unidades Colectivas de Produção e Cooperativas, entrega diariamente aos antigos patrões reaccionários, exploradores sem escrúpulos que cometeram toda a espécie de fraudes e ilegalidades, empresas que os trabalhadores conseguiram manter em laboração com o controlo operário e em muitos casos a autogestão.

Para estas operações, o Governo utiliza grandes forças militarizadas, com blindados, armas automáticas, cavalaria, cães, faz espancar e espadeirar os trabalhadores para impor tais decisões arbitrárias, e admite depois a repressão patronal nos campos e nas

empresas, despedindo trabalhadores, perseguindo, instalando verdadeiras milícias privadas para sufocar a resistência.

Os que em Portugal tanto insistem na campanha sobre os direitos do homem nos países socialistas e clamam pelo «socialismo em liberdade», violam diariamente, pela sua política e pela sua acção, os mais elementares direitos do homem, os direitos dos trabalhadores portugueses consagrados na própria Constituição. Portugal constitui actualmente um exemplo de alto significado de como a reacção e a social-democracia entendem as liberdades e direitos dos cidadãos.

O PCP não cede às pressões nem às ameaças que sobre ele se exercem para abandonar as suas posições internacionalistas, para «tomar distâncias» em relação à URSS e outros países socialistas, para participar directa ou indirectamente na campanha anti-soviética, para afrouxar os laços de amizade com os partidos irmãos em particular dos países socialistas e com os partidos revolucionários dos países independentes outrora submetidos ao colonialismo português.

No 60.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro, o PCP continua a considerar que a divulgação da exaltante realidade existente nos países socialistas e designadamente na URSS é um dos mais poderosos meios de atracção das massas aos ideais do socialismo. Assim foi desde a vitória da Revolução de Outubro. Assim foi ao longo dos 60 anos decorridos. Assim continua a ser na actualidade.

No 60.º aniversário da Revolução de Outubro, o PCP continua a considerar indissociáveis a sua política nacional e patriótica e as suas posições internacionalistas. Continua a sua luta ombro a ombro com o PCUS, com os partidos irmãos dos países socialistas e dos países capitalistas, com os partidos revolucionários que à frente dos seus povos libertados do colonialismo consolidam a independência e se lançam corajosamente à construção de novas sociedades, livres e progressistas.

Para fazer frente ao imperialismo e às forças reaccionárias do mundo, para assegurar o prosseguimento da evolução da Humanidade no caminho da democracia, da independência nacional e do socialismo, para defender com êxito a paz, a unidade das forças revolucionárias continua a ser uma tarefa de primordial importância.

No cerne da imensa frente anti-imperialista, como seiva que alimenta a unidade com objectivos, conceitos e sentimentos indestrutíveis, está a identidade de interesses e aspirações da classe operária e dos trabalhadores de todos os países, os laços de solidariedade daí decorrentes, os princípios do internacionalismo proletário que inspiraram os revolucionários de Outubro e os seus continuadores ao longo dos 60 anos decorridos desde então.

A Humanidade caminha irresistivelmente para a sua total libertação. A causa de Outubro é invencível.¹⁵

Por altura dessas comemorações, realizou-se na Escola Preparatória um concerto por alunos de vários países. Portugal esteve também representado. Acompanhados à viola pelo João, decidimos cantar canções revolucionárias como «Grândola, Vila Morena», «Avante», etc., mas as coisas correram muito mal. Estávamos muito desafinados e eu, enquanto solista, não conseguia afinar quando chegava à «Terra da fraternidade!». Talvez fosse por não estar habituado a actuar em palcos ou devido à acção funesta do tabaco nas cordas vocais. A plateia riu-se às gargalhadas, mas lá conseguimos chegar ao fim da nossa actuação. Uma autêntica vergonha...

Após o concerto, teve lugar um baile onde se encontravam, além de alunos e alunas estrangeiros, três jovens russas. Um dos portugueses começou a dançar com uma, o que irritou solenemente alguns dos estudantes árabes presentes que tinham o olho nelas. Eu e outro luso decidimos ir em ajuda do conterrâneo e pusemo-nos a dançar com as outras duas, coisa que desagradou ainda mais os nossos colegas. Frequentemente, este tipo de disputas terminava em pancada, mas nós conseguimos evitar isso ao não responder a provocações.

Noutra ocasião, tínhamos acabado de receber a bolsa e decidimos tirar a barriga da fome indo comprar massa, almôndegas e pasta de tomate. O prato ficou apetitoso e comemos tanto, que começámos a suar (o aquecimento central da residência já estava ligado pois tinha começado o longo Inverno), tirámos as camisas e desapertámos as calças para estar mais à vontade. Inesperadamente, uma jovem libanesa entrou no quarto sem pedir licença e solicitou a um de nós que lhe emprestasse o manual de Biologia para se preparar para o exame. Sem que lhe dessem autorização,

ela correu para uma secretária, pegou no livro e fugiu quarto fora. O nosso futuro biólogo, sem camisa e com as mãos a segurar as calças, foi atrás dela para recuperar o manual. No momento em que ele a apanhava pelas costas e lhe tirava o livro das mãos, passava pelo local um sírio. O português regressou ao quarto com o troféu, mas seguido pelo árabe enfurecido, que imaginou o pior. Valeu-nos o facto de no nosso quarto estarem várias portuguesas que começaram a rir-se histericamente ao acompanhar todo o espectáculo. O sírio ficou tão embaraçado, que decidiu retirar-se sem defender a honra da jovem muçulmana.

Alguns dias depois do baile na escola, fomos convidados por uma das jovens russas a visitar o apartamento dos pais dela, que, nessa altura, estavam fora de Moscovo. O que mais me impressionou nelas foi o seu apolitismo quase total, limitando-se a comentários cínicos sobre a política da direcção soviética. Interessavam-se apenas por roupas, cosméticos, música e outros produtos ocidentais, embora frequentassem escolas de ensino superior.

Bebemos umas cervejas alemãs e cigarros americanos, que tínhamos comprado numa Berioska (rede de lojas interditas a russos onde se comercializava em moedas convertíveis e apenas com estrangeiros), ouvimos e dançámos ao som de Joe Dassin, que era a única cassete de música estrangeira que as estudantes tinham.

Numa outra vez, fomos ver um filme soviético que acabara de chegar às salas de cinema de Moscovo e prometia ser um êxito: *Romance em Serviço*. Trata-se de uma brilhante e caustica comédia soviética, mas, na altura, o meu russo não me permitiu compreender essa obra do realizador soviético Eldar Riazanov. E o meu primeiro romance com uma jovem russa também ficou por ali.

Na Escola Preparatória os estudos continuavam dentro da normalidade. A pouco e pouco, fui começando a falar e a compreender a língua russa, o que me permitiu um cada vez maior número e variedade de contactos humanos. Alguns um tanto estranhos. No Inverno, a professora de russo perguntou-me a mim e a outro português da escola se podíamos ir jantar com um amigo dela que se interessava pela língua portuguesa e gostaria de nos conhecer. Aceitámos o convite de boa vontade e ele levou-nos a um bom restaurante de Moscovo onde era servida excelente cozinha russa e caucasiana. A refeição foi bem regada com vinho, champagne e vodka,

conversámos muito, o russo fez-nos bastantes perguntas e, no fim, prometeu voltar a entrar em contacto connosco. Suponho que se tratou de um agente do Comité de Segurança do Estado (KGB) da URSS, que quis verificar se poderíamos ser úteis à causa da «defesa do Estado socialista», mas, pelo menos comigo, ele nunca mais entrou em contacto.

Em Moscovo havia duas comunidades portuguesas que estavam proibidas de se cruzarem pela direcção do PCP. Uma era constituída por estudantes de universidades e institutos superiores, como eu, e da outra faziam parte alunos das escolas do Partido Comunista da União Soviética, da Juventude Comunista (Komsomol) e dos sindicatos. Mas estes não podiam contactar connosco, pois viviam na clandestinidade na «pátria do socialismo». Quando chegavam à URSS, mudavam de nome para dificultar ou impedir mesmo o trabalho da CIA norte-americana. Aconteciam coisas verdadeiramente ridículas. Num jogo entre o Dínamo de Moscovo e o Boavista, realizado na capital russa em Setembro de 1977 no âmbito da Taça UEFA, um grupo dos lusos legais estava sentado nas bancadas do Estádio Lénine ao lado de um grupo de «clandestinos». Torcemos todos pelo Boavista, mas não trocámos sequer uma palavra. O mesmo aconteceu em 1983, quando a selecção nacional perdeu frente à congénere soviética por uns humilhantes 5-0.

Mas houve outro episódio curioso ligado à passagem da equipa do Boavista em Moscovo. Eu e o Celso fomos ao Hotel Minsk, onde se encontravam alojados os jogadores da equipa portuguesa, para nos encontrarmos com dois deles. A mãe dele tinha aproveitado a oportunidade para enviar por eles bacalhau para o nosso Natal. Quando estávamos a conversar pacificamente, irrompeu o major Valentim Loureiro gritando: «Saíam daqui! São espiões do KGB, fora!» Ficámos estupefactos a olhar para ele e depois tencionámos reagir. Só a acção apaziguadora dos futebolistas impediu o pior.

Entretanto, a situação no seio da comunidade portuguesa complicava-se. À medida que o tempo ia avançando e o número de estudantes aumentava, uma parte deles não estava disposta a aceitar incondicionalmente as directrizes e posições do Partido Comunista, então representado por Joaquim Pires Jorge, membro da Comissão Política do PCP junto do PCUS. Tratava-se de uma pessoa arrogante, prepotente e que não aceitava qualquer crítica à linha do partido. Eu achava que talvez a sua longa vida e

actividade clandestina lhe tivessem arrancado grande parte do humanismo. Com o andar dos tempos, constatei que os funcionários do PCP pareciam sair da mesma forma. Um deles, meu conterrâneo e tio de amigos meus, fazia de conta que não me conhecia, talvez porque eu soubesse que ele tinha deixado a mulher e os filhos para se juntar a uma «companheira» do partido. Encontrei uma excepção: Romeu do Rosário, pessoa simples e mais comunicativa.

As reuniões do PCP, ao qual aderi em Moscovo, eram bastante monótonas, limitando-se a relatos do dirigente sobre as ofensivas contra-revolucionárias do CDS, PPD e PS, as «grandes perspectivas da aliança operário-camponesa», a «luta dos trabalhadores pelo socialismo». Por vezes, abordavam-se questões mais «sensíveis», como os casos amorosos dos estudantes. A direcção comunista portuguesa estava preocupada, nomeadamente, com o facto de os namoros e casamentos de portugueses e portuguesas com estudantes de outros países poderem conduzir «à perda de quadros para a revolução». Certa vez deixei escapar o comentário de que a existência de menos mulheres do que homens não era culpa nossa, tendo recebido uma valente ensaboada de Pires Jorge, que não surtiu grande efeito. Os sentimentos eram mais fortes do que as directrizes e os planos do PCP.

Como era natural, formavam-se grupos com ideias e conceitos diferentes de vida. Depois de algumas conversas entre alguns de nós, um pequeno grupo de militantes comunistas decidiu, com a melhor das intenções, propor a criação de uma organização de estudantes portugueses (nem todos os bolseiros eram militantes do PCP) numa das reuniões com Pires Jorge, que rejeitou veementemente tal proposta, acusando os proponentes de «divisionismo». Não ficámos surpreendidos porque, no fundo, ele receava o aparecimento de uma organização que ficasse fora do controlo do partido. Porém, para grande espanto de alguns de nós, esse membro da Comissão Política do Comité Central do PCP veio propor, na reunião seguinte, realizada 15 dias depois, a criação dessa organização, mas frisando que se tratava de uma iniciativa do partido «com vista a unir todos os bolseiros». Ninguém se opôs à ideia.

O tempo passava e a neve, que eu nunca antes vira na vida, começou a cair e a formar um espesso manto. Por vezes, fazia-me recordar postais e imagens do Natal. Corremos todos para a janela quando A. entrou no

nosso quarto a correr e gritou: «Está a cair neve! Vamos para a rua ver!» Fomos passear à noite e assisti a um espectáculo que mais parecia um conto de fadas, nas Colinas Lénine: árvores vestidas de branco, o brilho das luzes reflectido nos cristais gelados. Rolámos na neve, fizemos com ela bolas que atirávamos uns aos outros, ou seja, tudo o que é habitual para pessoas que habitam em terras frias, mas uma novidade para mim. E por falar em Natal, é minha opinião, por muito banal que possa parecer, que o Natal é sempre Natal, sejamos cristãos, agnósticos ou ateus, e estejamos onde estivermos no mundo. Por isso, e até porque já tínhamos bacalhau, os portugueses que viviam na residência da Faculdade Preparatória da Universidade de Moscovo decidiram fazer uma ceia como manda a tradição. Como éramos bastantes, não havia tachos para cozinhar todo o peixe, batatas e couves, obrigando-nos a recorrer a uma bacia metálica de lavar a roupa de estudantes cipriotas nossas vizinhas. (Não relato aqui as piadas jocosas sobre a bacia, mas foram muitas e deram alegria à festa.) As rabanadas à poveira ficaram a meu cargo.

Quando estávamos a preparar a mesa, apareceu um grupo de camaradas de outras residências para jantar, embora da nossa parte não tivesse havido convite, não porque não os quiséssemos ver, mas porque pensávamos que eles iam festejar noutros lugares. As diferentes posições políticas já se reflectiam também no campo das amizades. O nosso espanto foi provocado pelo facto de trazerem consigo um quilo de camarões congelados, «oferecidos pelo camarada Pires Jorge», para mais de dez pessoas!

Chegou o ano de 1978 e, com ele, a primeira época de exames e notas. As coisas não correram mal: não tive nenhum 3 (numa escala de 0-5), mas tive um 4 a língua russa. Para uma pessoa convencida de que tinha enormes dificuldades em aprender idiomas estrangeiros, não estava mal.

Depois, vieram as férias de Inverno. Praticamente todos os estudantes portugueses foram passar uns dias a casas de campo de Inverno, nos arredores de Moscovo. Eu e o J. decidimos ficar, pois, nessa altura, andávamos envolvidos com umas jovens russas. Uma delas era filha de um militar de alta patente, que nos aconselhou a afastar-nos delas. Naquela altura, não compreendia a posição do «pai tirano», mas, depois, entendi que namorar ou casar com um estrangeiro trazia, obrigatoriamente, sérios problemas à família soviética. Certo dia, o J.

chegou tão frustrado à residência, que decidiu afogar as mágoas numa garrafa de vinho, mas, depois de a ter bebido toda, deu conta de que o álcool não fizera efeito. Não fazia, nem podia fazer, porque se tratava de uma garrafa de sumo de maçã igual àquelas em que se engarrafa o vinho.

As nossas amigas russas decidiram convidar-nos para visitar Zagorsk (hoje, Serguiev Possad), uma espécie de Vaticano da Igreja Ortodoxa russa situado a cerca de cem quilómetros de Moscovo. As temperaturas estavam muito baixas e uma delas atrasou-se muito a chegar ao ponto de encontro: uma paragem de autocarro. Eu estava a ficar gelado e já amaldiçoava a ideia da excursão, tanto mais que já sabíamos que os estrangeiros não tinham direito a sair da capital russa sem autorização da polícia. Porém, a beleza da cidade, as suas igrejas e museus foram mais do que uma boa recompensa pelo frio e pelo risco.

Aqui é preciso fazer um parêntesis para explicar mais uma das originalidades do «socialismo desenvolvido»: as leis que proibiam os estrangeiros de sair das cidades onde estudavam ou trabalhavam sem o devido visto, sim, uma autorização especial. Caso se fosse abordado pela milícia (polícia), pagava-se uma multa de 200 rublos pela primeira infracção e era-se expulso do país à segunda. No que diz respeito aos soviéticos, começámos a compreender que eles tinham de ter residência fixa e só podiam ir trabalhar para outro lugar com autorização dos poderes locais. Por exemplo, os camponeses soviéticos só passaram a ter passaportes internos (bilhetes de identidade) a partir de 1974¹⁶. O regime de controlo das movimentações dos cidadãos pelo país era muito semelhante à servidão da gleba na Rússia, que tinha sido abolida em Fevereiro de 1861. Até aí, os servos só podiam ir trabalhar para outra região se recebessem uma autorização por escrito do seu senhor, que, em contrapartida, recebia parte daquilo que o servo ia ganhar. Alguns pensam que a revolução comunista de 1917 foi uma total ruptura com o passado czarista, mas, na realidade, parte da História repetia-se.

A isto é preciso acrescentar as muitas dezenas de cidades e regiões fechadas aos soviéticos e estrangeiros pelos mais variados motivos, principalmente militares. Hoje, na Rússia, ainda existem mais de 40¹⁷.

Havia explicações para tudo isto: as consequências catastróficas da Grande Guerra Pátria, como é conhecida a Segunda Guerra Mundial na Rússia, em todos os sectores da vida no país; a necessidade de ajudar os

«países irmãos» e os «movimentos de libertação nacional»; a planificação da economia; a segurança nacional contra os ataques do imperialismo; o combate à espionagem, etc. Devo reconhecer que, durante algum tempo, este tipo de explicações me satisfaz.

Ainda durante as férias de Inverno, realizou-se o congresso constituinte da Organização dos Estudantes Portugueses na URSS, que teve lugar na Universidade Lomonossov, com a presença de estudantes vindos das mais diversas cidades soviéticas. Foi na véspera desse evento que conheci P.B., hoje famoso agente de futebol. Ele e outros estudantes de fora de Moscovo tinham ficado alojados na nossa residência e, à noite, juntávamo-nos para conversar, ou melhor, para acesas discussões sobre o marxismo-leninismo, a sua realização prática na URSS, etc. Devo reconhecer que P.B. falava muito bem, mas frequentemente recorria à demagogia, por isso alguém lhe pôs a alcunha de «Paulinho dos Violinos», tal era a música que tentava dar.

Quanto à organização dos estudantes, rapidamente se dividiu, pois alguns, entre os quais eu, os «mencheviques» (minoria), estavam contra o controlo total por parte do PCP. Acho que vencemos apenas uma votação. Um dos estudantes propôs que se proibisse a venda de calças de ganga e outros produtos ocidentais no mercado negro, o que era difícil de cumprir porque a bolsa de estudo não dava para chegar ao fim do mês. Recebeu apenas o voto da esposa.

Ao conversar com os colegas portugueses de outras cidades, fiquei a saber que nelas havia senhas de racionamento para produtos essenciais: carne, queijo, manteiga. Durante as visitas que faziam a Moscovo, adquiriam também material escolar como cadernos, esferográficas, etc.

Quase no fim do Inverno, apanhei uma forte gripe que me pregou à cama durante mais de uma semana. Fui à médica da escola, que me passou algumas receitas e me disse que uma enfermeira me iria visitar. Assim aconteceu. Uma senhora já com alguma idade mandou-me virar de barriga para baixo, pegou em pequenas campânulas de vidro, sugou delas o ar com a ajuda de uma pinça com algodão a arder e colou-as nas minhas costas. Eu não vi como as costas ficaram, mas, quando os meus amigos me viram, começaram a perguntar com um ar espantado: «Mas foste torturado? O que te fizeram às costas?» Trouxeram um espelho e verifiquei que tinha as costas cobertas de pisaduras redondas. Segundo me

explicaram, aquilo apressava a circulação do sangue. Além disso, foram-me receitados emplastros de mostarda que tinham o mesmo efeito.

O certo é que comecei a recuperar as forças ao ponto de me sentir capaz de ir a um encontro romântico ao ar livre, quando Moscovo ainda estava coberta de neve. Tontice, porque vim a pagar muito caro por não prestar atenção à saúde, num país com um clima rigoroso como a Rússia, e por fumar um cigarro atrás do outro.

Na Escola Preparatória, tiveram lugar dois sérios acontecimentos que só ficaram sem consequências porque foram abafados. No dia em que a estudante laosiana festejava o seu aniversário, decidimos comprar garrafas de champagne no refeitório do estabelecimento de ensino. Não é que tivéssemos bebido muito, mas a aniversariante era muito jovem e rapidamente começou a cantar e a rir-se que nem uma desalmada nos corredores. Não fora a pronta intervenção da nossa professora de língua russa, que nos fechou numa sala, e poderíamos vir a ter graves problemas. O escândalo foi abafado e a única consequência foi que, a partir desse dia, o refeitório deixou de vender cerveja e champanhe.

O segundo acontecimento prendeu-se com uma visita à casa da nossa colega finlandesa, uma bela jovem loira, magra, que vivia com um funcionário da Embaixada da Colômbia em Moscovo. O jantar correu bem, despedimo-nos dela, mas nem todos saíram do apartamento. Lá ficou um português. A notícia chegou aos ouvidos do diplomata, que, sentindo-se ofendido na sua condição de macho latino, veio exigir explicações ao nosso conterrâneo para a porta da residência estudantil. Embora viesse acompanhado de seguranças, nós éramos mais. O diplomata gritou, nós ouvimos e a conversa ficou por ali. Nunca mais vimos nem tivemos notícias da finlandesa, que deixou de frequentar as aulas.

O ano lectivo aproximava-se do fim e o que mais me preocupava não eram os exames, mas a cidade para onde poderia ser enviado depois do fim da Faculdade Preparatória. Em Moscovo ficavam os melhores, mas acontecia que eles podiam ser sacrificados em prol de alguém que tivesse fortes cunhas. A minha professora de língua russa prometeu a mim e ao outro português da turma acompanhar o processo e informar-nos, mas o tempo ia avançando e o nervosismo aumentava. Por fim, foi-nos anunciado que seríamos estudantes da Faculdade de História da Universidade de Moscovo (Lomonossov).

[10](#) A universidade tem o nome de Mikhail Lomonossov, grande enciclopedista russo de meados do século XVIII e seu fundador. Como na cidade de Moscovo existiam numerosos institutos superiores, o nome que lhes era atribuído servia para os distinguir. Por exemplo, a universidade onde só estudavam jovens do Terceiro Mundo chamava-se Patrice Lumumba, em homenagem a um antigo primeiro-ministro congolês assinado depois de um golpe de Estado militar em 1961.

[11](#) Em 1977, na União Soviética existiam, de facto, dois câmbios. Segundo o câmbio oficial, 80 rublos equivaleriam a cerca de 6760 escudos, mas, no mercado negro, eram apenas 1352 escudos.

[12](#) Chegados à Morávia em 863 ou 864, região onde já existia o chamado alfabeto arcaico, um sistema de escrita elaborado e desenvolvido no Primeiro Império Búlgaro (633-1018) para escrever a liturgia para os eslavos, Cirilo e Metódio criaram, na sua base, o alfabeto glagolítico, influenciado pelos alfabetos grego, latino e hebraico, e que, mais tarde, deu origem ao alfabeto cirílico. Actualmente, este é composto por 33 caracteres.

[13](#) Pormenores em: José Milhazes, *Angola: o princípio do fim da União Soviética*, Lisboa, Nova Vega, 2009; José Milhazes, «*Golpe Nito Alves*» e outros momentos da história de Angola vistos do Kremlin, Lisboa, Alêtheia, 2013.

[14](#) <http://darussia.blogspot.pt/2007/11/o-meu-amigo-rachid-kaplov-partiu.html>

[15](#) Álvaro Cunhal, «Hoje como sempre ombro a ombro com o PCUS», *Avante!*, 31 de Novembro de 1977.

[16](#) Зона паспортного режима [Zona de acção do passaporte], *Kommersant*, 20 de Janeiro de 2003, em: <http://www.kommersant.ru/doc/359662>

[17](#) Mais pormenores em: <http://www.globalsecurity.org/wmd/world/russia/secret-cities.htm>

5.

FÉRIAS NA POLÓNIA

*A Polónia é o barracão mais feliz do campo [de concentração]
socialista.
(folclore do Leste da Europa)*

Todos os meus colegas e camaradas portugueses decidiram ir passar férias a Portugal, mas eu limitei-me a ficar pela Polónia por várias razões. Embora já ganhasse algum dinheiro nas traduções de filmes de ficção soviéticos para português, não tinha meios suficientes para pagar a viagem de comboio, para já não falar de avião, Moscovo-Lisboa-Moscovo. Mas o que tinha amealhado, mais alguns marcos alemães que o meu irmão me enviara dentro de uma carta, eram suficientes para visitar a Polónia, tanto mais – e este foi o principal motivo – porque era o país de origem da minha namorada.

Conheci-a na festa de aniversário de Vladislav Popov, um dos primeiros e melhores conhecedores da língua portuguesa, apaixonado pelo fado, poliglota. A M. era amiga das alunas de italiano de Popov. Baixa, tinha um ar tímido e estava sentada a um canto do sofá enquanto as outras dançavam. Sentei-me ao lado dela e começámos a tentar conversar.

Coisas do destino, mas a verdade é que a ida a esse aniversário foi accidental, tendo sido provocada por tédio, uma ressaca e um desencontro com outra jovem no dia anterior. Eu e o J., que já trabalhávamos com Popov na tradução de filmes soviéticos para português, telefonámos-lhe apenas para dar os parabéns, não tínhamos vontade de sair da residência,

mas ele insistiu em que participássemos na festa, considerando a resposta negativa uma «afronta».

Nessa altura ainda não era fácil para mim namorar em russo, não obstante algumas tentativas. Claro que a M. falava bem essa língua, porque estudava já há dois anos na Faculdade de Filologia da Universidade de Moscovo, além do polaco, mas esta última era uma língua de que eu fazia ainda menos ideia. Com os meus seis meses de aulas de russo, ainda tinha muito para aprender e pouco para dizer.

A M. vivia com os pais num daqueles edifícios de alta segurança onde moravam os diplomatas estrangeiros. O pai, antigo guerrilheiro na Segunda Guerra Mundial, trabalhava nos serviços de segurança da missão diplomática da Polónia na capital soviética. Ela deu-me o seu número de telefone e começámo-nos a encontrar com regularidade.

Esses encontros abriram-me portas para novos mundos, permitiram-me conhecer os amigos soviéticos dela, alguns filhos de membros da «nomenclatura» comunista¹⁸. À medida que o meu russo melhorava e eu entrava em contacto com os polacos e cidadãos de outros países do bloco comunista, comecei a compreender que a amizade entre esses povos não passava de mais uma artimanha populista tão mal encenada, que originava um grande número de anedotas.

Um guarda-fronteiriço polaco encontra uma pepita de ouro na linha de fronteira entre a URSS e a Polónia. Um soldado soviético aproxima-se e o polaco pergunta-lhe:

– Como vamos dividir isto?

– Como irmãos! – respondeu o russo.

– Não é melhor dividir a meias? – retorquiu o polaco.

Cheguei a Varsóvia num período em que a Polónia vivia um momento de prosperidade, em comparação com a União Soviética. Fiquei instalado durante duas semanas nas traseiras do Palácio Real de Varsóvia, que estava em obras de reconstrução, depois de ter sido fortemente danificado durante a Segunda Guerra Mundial. A capital polaca surpreendeu-me pela sua arquitectura, parques e transportes, bem como pelos restaurantes e

cafés privados. De comum com Moscovo só tinha a «prenda» de Estaline ao povo polaco: o edifício que albergava o Palácio da Cultura, semelhante às torres estalinistas que se erguem na capital russa. Quanto ao resto, parecíamos estar num país europeu ocidental.

É conhecida a histórica rivalidade entre polacos e russos, processo que continuou depois da Segunda Guerra Mundial. Na Conferência de Ialta, realizada em Fevereiro de 1945, o ditador soviético Estaline conseguiu impor a sua proposta de criação de um novo governo polaco provisório e pró-Moscovo, ignorando o governo que se encontrava exilado em Londres. Isso foi recebido por muitos polacos como uma traição da parte dos aliados, particularmente Estados Unidos e Inglaterra. Em 1944, Estaline prometera manter a soberania do país vizinho e fazer eleições democráticas, mas, tal como noutros países do Leste da Europa, organizou farsas eleitorais e instalou tropas suas nos territórios dos seus satélites.

Em 1956, três anos após a morte do ditador soviético, o Partido Operário Unido e a República Popular da Polónia passaram a ser dirigidos por Wladyslaw Gomulka (1905-1982), comunista polaco que estivera preso entre 1951 e 1954 por defender a «via polaca rumo ao socialismo». Chegado ao poder, começou a praticar essa política, que previa, nomeadamente, o fim da colectivização da agricultura e a manutenção da propriedade da terra por parte dos pequenos e médios camponeses, a normalização das relações com a Igreja Católica, instituição muito influente no país, e o desenvolvimento da autogestão operária.

Porém, em 1968, no país tem lugar uma crise provocada pela política de aumento da repressão. Gomulka, tentando dar provas de fidelidade ao Kremlin (numa altura em que a Primavera de Praga se intensificava na vizinha Checoslováquia), decidiu-se pela deterioração das relações com Israel e começou a censurar obras de clássicos polacos, tradicionalmente críticos do imperialismo russo. Foi proibida a apresentação nos teatros de peças do maior poeta polaco, Adam Mickiewicz (1798-1855). Esta última medida provocou levantamentos estudantis em Março de 1968. As autoridades polacas acusaram os «sionistas» de estarem por detrás dos distúrbios e desencadearam uma campanha anti-semita, que originou a partida de mais de 20 mil judeus para Israel¹⁹.

Em Dezembro de 1970, devido aos protestos estudantis e às greves e levantamentos populares contra o aumento do preço da carne em Gdansk e

noutras cidades do Norte do país, Gomulka foi substituído na liderança do partido e do Estado por Edward Gierek (1913-2001). Este dirigente começou a pedir créditos no Ocidente e na União Soviética, o que permitiu, inicialmente, o crescimento económico e o aumento do bem-estar da população.

Porém, mesmo numa situação de estabilidade relativa, constatava-se entre os polacos um desejo de se libertarem completamente do «internacionalismo» do irmão mais velho, um anti-sovietismo por vezes evidente, revelando-se, por exemplo, na recusa de muitos polacos falarem russo, embora o soubessem, porque era de estudo obrigatório nas escolas. Aos poucos e poucos, eu ia ficando com a ideia de que eles consideravam que, entre o comunismo e o nazismo, a diferença era pouca e que não viam no Exército Vermelho um libertador, mas um substituto dos invasores alemães.

Durante as férias empreendi, juntamente com amigos polacos, uma longa viagem de comboio e camioneta pelo Nordeste da Polónia, região belíssima de lagos e de florestas, lugar ideal para montar umas tendas, tomar banho, pescar e relaxar.

Passámos também uns dias na casa de uns camponeses, tios da minha namorada, onde tive a oportunidade de ver lavradores individuais que cultivavam as suas terras e colhiam os seus frutos, grupo social que tinha sido exterminado na União Soviética nos anos de 1930. Os camponeses e os meus amigos polacos ficavam muito surpreendidos, e às vezes até se riam, com o ardor com que eu defendia a colectivização da agricultura ou a nacionalização das empresas, lhes falava do êxito da reforma agrária ou das nacionalizações em Portugal. Tentavam explicar-me que isso, pelo menos na Polónia, tinha dado péssimos resultados.

A sociedade polaca era muito mais aberta do que a soviética, podendo os polacos viajar com mais facilidade para países ocidentais. A censura também era menor, o que permitia comprar, em algumas livrarias de Varsóvia, livros em russo que não se podiam encontrar em Moscovo. A liberdade religiosa era, ao contrário de na URSS, uma realidade, permitindo a actividade da Igreja Católica, um dos pilares da consciência nacional polaca. Recordo com que paixão e esperança os polacos receberam a notícia da eleição do cardeal Karol Wojtyla (1920-2005) para papa de Roma, mas só mais tarde se tornou evidente o que isso significou

não só para a Igreja Católica e para a Polónia, mas também para toda a Humanidade.

Quanto a bens materiais, a variedade e a qualidade dos produtos e serviços não se comparavam com o nível soviético: eram muito superiores. Podiam-se encontrar vinhos portugueses, cigarros de marcas norte-americanas fabricados na Polónia, roupas de ganga, Coca-Cola, etc. Fiquei com a impressão de que se tratava de uma sociedade mais equilibrada do que a existente na URSS, mas deixava-me ainda arrastar pela propaganda soviética de que o «irmão mais velho» se preocupava mais com o bem-estar dos mais novos do que com o seu próprio.

Aparentemente, nada fazia prever o que aconteceria ao país dentro em breve. Porém, o rápido endividamento do país (em 1980, a dívida externa da Polónia era superior a 20 mil milhões de dólares americanos), a deterioração do nível de vida dos cidadãos e o consequente aumento do descontentamento fizeram mergulhar o país numa profunda crise política.

Mas isso foi mais tarde. Passados dois meses de férias excelentes, regressei a Moscovo para iniciar os meus estudos de História. Fui viver para outra residência estudantil, melhor do que a anterior.

A minha nova residência, situada a uma paragem de metropolitano do edifício que albergava as Humanidades, tinha 22 andares e servia de tecto aos alunos das faculdades de Filosofia, História, Filologia e Direito.

Vivíamos em blocos de dois quartos para duas pessoas e de dois quartos para três, tendo um chuveiro e uma casa de banho para todos. Isto era um luxo, comparado com a residência em que viviam os alunos de Biologia e Física, onde havia apenas algumas casas de banho para as dezenas de estudantes que viviam num andar e em que o duche, de onde nem sempre corria água quente, ficava no subterrâneo. Tínhamos uma coisa em comum: um infinito número de baratas que nos esperavam à chegada das férias e que exigiam um combate permanente para que não se passeassem pelos lençóis. Por vezes eram tantas, que nos obrigavam a dormir com a luz acesa, pois, logo que ela se apagava, os insectos saíam de fendas e armários e espalhavam-se por todo o quarto. Também havia percevejos, mas eram bem mais raros. Certa vez, o A., jovem português estudante de História, entrou no meu quarto a queixar-se de que tinha comichão nas costas. Quando despiu a camisa, constatámos que tinha sido ferrado por

percevejos, insectos que ele desconhecia. Tivemos de desinfestar colchões, roupa da cama e quarto para pôr fim à bicharada.

Um estudante convida para o seu quarto da residência a jovem de uma família abastada. Claro que ela fica chocada com o ambiente e receia mesmo tocar no que quer que seja. Ele repara nisso e diz:

- Não sejas assim, vem ter comigo.*
- Na cama??? Deve ter percevejos!!!*
- Quais percevejos?! Há muito que foram devorados pelas baratas!*
(anedota soviética)

O ingresso na Faculdade de História levou-me a conhecer soviéticos das mais diferentes regiões e nacionalidades, ficando assim com uma melhor ideia das dimensões da URSS, que representava um sexto da superfície terrestre da Terra, bem como da sua diversidade étnica: mais de cem povos e etnias. Porém, ia-me também apercebendo de que as relações entre esses povos não eram pacíficas. Por exemplo, comecei a descobrir o que era o anti-semitismo num país onde a propaganda afirmava que o «problema nacional» estava resolvido.

Mas isso foi um processo gradual, lento e, por vezes, doloroso. Dizem que «há males que vêm por bem». No meu caso, passei a conhecer mais profundamente a sociedade soviética quando me vi confrontado com uma tuberculose pulmonar.

¹⁸ Assim se designava a «burocracia», ou «casta dirigente» da União Soviética e de outros países-satélites. Ela incluía altos funcionários do Partido Comunista da União Soviética e trabalhadores com cargos técnicos, artistas e outras pessoas que gozavam da simpatia do Partido Comunista. Na verdade, os membros da *nomenklatura* eram, na sua esmagadora maioria, filiados no Partido Comunista da União Soviética e gozavam de inúmeros privilégios e vantagens inacessíveis ao restante da população do país. Porém, a essa classe privilegiada pertencia, por exemplo, a direcção da Igreja Ortodoxa russa. Ver Mikhail Voslensky, *Nomenklatura: os privilegiados na U.R.S.S.*, Lisboa, Livros do Brasil, 1980.

¹⁹ <http://wiadomosci.gazeta.pl/wiadomosci/1,114873,4010132.html>

6.

HOSPITAL

A tuberculose era, para mim, uma doença ligada à recolha de fundos no tempo em que frequentava a escola primária, à literatura romântica e a alguns casos de pessoas conhecidas na infância. Na União Soviética, apenas ouvira falar do caso de uma colega iraquiana da Universidade Preparatória que deixou de frequentar as aulas durante muitos meses.

Por isso, quando me disseram que eu sofria de uma grave tuberculose pulmonar, fiquei completamente desorientado, sem saber como reagir.

Os primeiros sintomas começaram a surgir durante as férias de Verão na Polónia: cansaço, suores, uma pequena sensação de febre à noite, uma tosse fortíssima e perda de peso. Como eu fumava muito, considerava que tudo se devia aos malefícios do tabaco e jamais imaginei que a situação fosse tão grave.

Senti que o estado de saúde piorou no início do ano lectivo. Num dos fins-de-semana, uma conhecida professora de língua alemã, agente secreta soviética durante a Segunda Guerra Mundial e comunista ortodoxa, decidiu organizar entre os estudantes da Faculdade de História um «sábado comunista», ou seja, um dia de trabalho «voluntário» a que ninguém podia faltar. Era preciso lavar as paredes da residência de estudantes. Eu juntei-me aos restantes estudantes nos trabalhos de limpeza, mas comecei a sentir rapidamente falta de forças e suores, para já não falar da tosse. Os meus amigos brincavam comigo: «Tosses no primeiro andar e nós ouvimos-te no décimo.» Tive de parar e sentar-me várias vezes para respirar. Porém, só mandei chamar a médica à residência estudantil quando me vi de cama com febre muito alta. Ela auscultou-me

longamente, passou umas receitas e mandou-me ir à clínica da universidade quando a temperatura normalizasse.

Recordo-me de que isso ocorreu nas vésperas do 7 de Novembro, dia do 61.º aniversário da revolução comunista de 1917, e que me impediu de ir com um grupo de estudantes ver a parada militar e participar na grande manifestação que se realizava anualmente na Praça Vermelha. Os pais do Celso tinham vindo de férias a Moscovo, mas eu também não me pude encontrar com eles, pois estava de cama. Por isso, vieram fazer-me uma pequena visita e desejar-me as melhoras. Ficaram horrorizados com o meu aspecto esquelético, embora não tivessem observado nada a esse propósito.

Alguns dias depois, comecei a sentir-me melhor e já não tinha febre durante o dia, mas, ao início da noite, o mercúrio do termómetro rondava os 38 graus centígrados. Por pressão da minha namorada, dirigi-me à clínica da universidade, onde me fizeram radiografias. Comecei a estranhar quando não me deixaram ir para casa e me sujeitaram a novos testes. Depois de esperar longos minutos no corredor, o médico anunciou-me que eu devia ir a uma consulta no dispensário do bairro, pois tinha «sérios problemas nos pulmões».

Regressei à residência completamente desolado, pois parecia que tudo estava a chegar ao fim, e receava ser marginalizado. Nem todos me viraram as costas, mas houve casos que me marcaram. A reacção mais «proletária» veio de Pires Jorge. Numa das reuniões com os estudantes, não poupou palavras: «O Milhazes ficou tuberculoso porque andava a f... demais.» Esse dirigente do PCP nunca se dignou fazer-me uma visita ao hospital, talvez por medo de ser infectado. Apenas o J.M., então presidente da Associação dos Estudantes Portugueses, teve a gentileza de me visitar uma vez, em representação daquela organização, e até me levou um bolo.

Também o J., que estudara comigo na Faculdade Preparatória e residia no mesmo quarto que eu, veio visitar-me apenas uma vez. Por outros amigos vim a saber que se casara e conseguira um quarto maior naquele edifício estalinista que alberga parte da Universidade Estatal de Moscovo. Diz-se que se tratou de uma recompensa por ele bufar, mas nunca me interessei em aprofundar esse caso, pois trata-se de uma pessoa execrável,

que mais tarde veio a mostrar total ausência de princípios na relação com outros amigos.

Como, na União Soviética, o tratamento da tuberculose previa, em praticamente todos os casos, o internamento obrigatório em hospitais durante numerosos meses, e a minha primeira passagem por lá durou nove meses, claro que para mim era importante algum apoio humano, e tive-o. A minha namorada não me deixou e vinha visitar-me sempre que podia, muito frequentemente. Amigos como o Rachid, o Celso, o José «Pequeno» (era assim chamado para se distinguir de mim, o José «Grande»), o F.M., a Ana M. e outros arranjavam sempre tempo para umas conversas nos corredores do hospital ou na rua. Nunca apareciam de mãos vazias e o príncipe Rachid vinha sempre com uma garrafa de champanhe para me levantar o moral.

Quanto fui internado, os prognósticos não eram muito promissores. A escola soviética de tratamento da tuberculose recorria muito ao bisturi cirúrgico no tratamento da doença. Por isso, fui internado na enfermaria de cirurgia do 1.º Hospital Clínico Anti-Tuberculose de Moscovo, talvez a melhor instituição do género da URSS na altura. Os médicos estavam inclinados a operar-me, mas decidiram tratar-me com medicamentos durante três meses; comecei a melhorar e, desse modo, evitei ir à faca.

A primeira noite no hospital foi bastante traumatizante, pois internaram-me numa enfermaria onde se encontrava um doente em estado terminal e que chorava de dores, noite e dia. Tinha sido operado aos pulmões, mas já era impossível fazer o que quer que fosse para o salvar. No dia seguinte, transferiram-me para outra enfermaria. Poucos dias depois, esse doente falecia.

A pouco e pouco, a febre passou e comecei a entrar em contacto com um mundo novo para mim, povoado de pessoas das mais variadas origens sociais: desde um «Herói do Trabalho Socialista» até engenheiros, músicos, pintores, etc. Compreendi rapidamente que se tratava do melhor hospital da URSS no combate à tuberculose, país onde as estatísticas sobre a incidência da doença eram secretas, tal como muitas outras coisas.

Os médicos e o pessoal auxiliar eram excelentes. Embora os salários dos médicos soviéticos fossem mais baixos do que os da classe operária, para já não falar da nomenclatura, dedicavam-se de corpo e alma à sua profissão, com grande calor humano. Não posso deixar de recordar

especialmente a Dr.^a Lília Beniaminovna, que nos tratava como verdadeiros filhos. Era muito directa, mas sempre optimista. Foi graças a ela que comecei a recuperar peso, pois, quando entrei no hospital, pesava 54 quilos.

Igualmente no hospital apercebi-me, pela primeira vez, do anti-semitismo reinante na sociedade soviética.

Camarada Rabinovitch [um dos apelidos judaicos mais frequentes na

Rússia], vamos ser obrigados a despedi-lo!

– Mas no passaporte interno está escrito que sou russo.

– É precisamente por isso que vai ser despedido. Nós já despedimos nove judeus e, se não o despedirmos a si para equilibrar, daremos provas de anti-semitismo!

(anedota soviética)

O anti-semitismo na Rússia e na URSS estava praticamente sempre presente, em maior ou menor grau, na vida social e política. Oficialmente, os judeus deixaram de ser discriminados na Rússia depois da revolução de Fevereiro de 1917, quando passaram a ter iguais direitos aos dos outros cidadãos. A discriminação dessa minoria étnica é uma das explicações para o facto de um grande número dos seus membros se ter empenhado na luta contra o czarismo, nomeadamente no seio de partidos revolucionários socialistas. Porém, o regime comunista imposto no país em Outubro de 1917, embora promettesse a solução do «problema nacional» e o fim da discriminação de minorias étnicas, não só não conseguiu desenraizar o anti-semitismo entre os cidadãos comuns, ao nível mais vulgar, como começou a utilizá-lo para fins políticos. O ditador Estaline utilizou frequentes vezes essa praga para impor o seu poder e alcançar os seus objectivos. Por exemplo, quando da aproximação entre Estaline e Hitler (1939-1941), o dirigente soviético demitiu o judeu Maksim Litvinov do cargo de comissário do povo (ministro) dos Negócios Estrangeiros da URSS e substituiu-o por Viatcheslav Molotov, que prometeu «pôr aqui fim à sinagoga»²⁰. Depois de regressar de Moscovo, Joachim von

Ribbentrop informou Hitler de que Estaline lhe tinha dito que estava decidido a pôr fim ao «jugo judaico», principalmente entre os intelectuais, entregara aos nazis vários dirigentes comunistas judeus que tinham fugido da Alemanha²¹ e recusara a proposta de transferência de judeus alemães para o Extremo Oriente russo e para a Ucrânia²².

Após a guerra, quando Estaline já não precisava de judeus para a propaganda, ordenou o fuzilamento da direcção do Comité Antifascista Hebraico, organização que realizara um grande trabalho com vista a conquistar apoios no estrangeiro para a luta do povo soviético contra o nazismo alemão. Entre os assassinados estava Solomon Mikhoels (1890-1948), famoso actor e director artístico de teatro²³.

A 14 de Maio de 1948, foi proclamado o Estado de Israel. Inicialmente, a URSS apoiou-o politicamente e com armas, na esperança de que ganhasse um aliado no Médio Oriente, mas logo que as autoridades israelitas deram a entender que tinham outros objectivos, isso foi mais um motivo para atizar uma nova campanha contra o «sionismo»²⁴.

A paranóia estalinista anti-semita atingiu o seu ponto máximo no chamado «Processo dos Médicos». Em Outubro de 1952, o ditador soviético autorizou a sua polícia política a empregar torturas para arrancar «confissões» das ligações entre os médicos judeus e órgãos de espionagem norte-americanos e ingleses através da organização internacional de assistência humanitária American Jewish Joint Distribution Committee²⁵.

A 1 de Dezembro de 1952, Estaline escrevia a um membro do Presídio do Comité Central do PCUS: «Todo o judeu nacionalista é um agente da espionagem americana. Os nacionalistas judeus consideram que a sua nação foi salva pelos Estados Unidos [...]. Entre os médicos há muitos judeus nacionalistas.»

A campanha anti-semita aumentou rapidamente e foram detidas numerosas dezenas de pessoas. Em Março de 1953, começou a correr o boato da deportação dos judeus para o Extremo Oriente, mas a morte do ditador, no dia 5 desse mês, pôs fim ao processo e os detidos saíram em liberdade²⁶.

Sob a capa do combate ao sionismo, a política anti-semita continuou levando à saída de numerosos judeus da URSS para Israel e outros países. Segundo o recenseamento de 1970, na União Soviética viviam pouco mais de dois milhões de judeus. Mas, a partir desse ano, quando começou em

massa a emigração desse povo, e até 1989, terão emigrado cerca de 300 mil judeus soviéticos, o que causou ao país graves prejuízos no campo científico, tecnológico e cultural²⁷.

Os judeus não são um povo, mas um meio de transporte.
(anedota soviética)

Mas muitos foram os judeus que se recusaram a partir, vendo a URSS como seu país. Por exemplo, a minha médica, Lidia Beniaminovna, era daquelas pessoas que não olhavam a nacionalidades, embora soubesse que muitos dos seus doentes eram anti-semitas. Numa das enfermarias em que estive internado, conheci alguns casos de doentes que, pelas costas, não se cansavam de dizer mal dos judeus. Tive mesmo sérias discussões com alguns e foram também elas que me levaram ao estudo da presença dos judeus portugueses na Rússia: António de Vieira, João da Costa, Ribeiro Sanches, etc.²⁸

No que diz respeito a medicamentos para o tratamento da tuberculose pulmonar, pelo que vim a saber mais tarde, a URSS estava ao nível de qualquer país europeu.

Talvez uma das piores recordações da minha primeira passagem pelo hospital tenha sido o Natal solitário. Naquela altura, os soviéticos não assinalavam essa festa religiosa, porque o ateísmo era a ideologia oficial do Estado, e a direcção do hospital não me deixou ir celebrá-la com os meus amigos portugueses. Como me disse a minha médica, «talvez possas ir festejar o Ano Novo». E assim foi. Alguns foram autorizados a festejar a passagem de ano em casa, outros como eu puderam sair sorrateiramente do hospital no último dia do ano, mas na condição de estarem de volta às sete horas da manhã do dia seguinte.

O 31 de Dezembro de 1978 foi um dos dias mais frios que passei nos 38 anos em que vivi na Rússia. Em Moscovo, o mercúrio do termómetro aproximou-se dos 40 graus negativos. Mas nem isso me obrigou a renunciar à «fuga». Mais, eu e a minha namorada estivemos numa fila ao ar livre durante mais de uma hora para comprar um bolo. (As filas eram uma instituição nacional soviética. Devido à falta crónica de produtos

alimentares e outros, havia filas para tudo. Isso fazia com que todos andassem apetrechados com sacos de rede – os sacos de plástico eram uma raridade e até preciosidade, se tivessem impressa uma marca estrangeira – e pastas para colocar alguma coisa que aparecesse à venda. Para transportar o papel higiênico, utilizava-se um fio onde eram enfiados os rolos e dependurava-se a «fita» ao pescoço, como se faz com algumas condecorações. Nada era demais, porque se eu comprasse, por exemplo, latas de conservas ou outro produto em quantidades demasiadas, podia trocá-los por outros géneros.)

Um socialista, um capitalista e um comunista acordaram encontrar-se.

O socialista chega atrasado.

– Desculpem pelo atraso, estive numa fila para comprar mortadela – diz.

Capitalista: – O que é uma fila?

Comunista: – O que é mortadela?

(anedota soviética)

Depois, dirigimo-nos para casa de uma amiga polaca para festejar a chegada do novo ano e constatámos que os tubos do sistema de aquecimento central nalguns bairros de Moscovo tinham rebentado devido às baixas temperaturas. Este contratempo não estragou os festejos, mas obrigou a beber mais um copo e a dormir vestido por debaixo de todos os cobertores que havia naquele apartamento.

O pior aconteceu quando regressei de manhã ao hospital. Eu levava o pijama dentro de um saco de pele sintética com fecho *éclair*. Ora, devia mudar de roupa à entrada do hospital, mas o saco congelou e não consegui abrir o fecho, pelo que tive de o partir para retirar o pijama e guardar as calças e o sobretudo. Tive sorte, que ainda não havia grande movimento no hospital no dia de Ano Novo, pois arrisquei-me a apanhar algum raspanete de um médico ou enfermeira.

Os meses passavam e a minha saúde ia melhorando, ao ponto de os médicos decidirem não me operar. Tinha deixado de fumar e ia ganhando

peso. Mas há sempre alguma coisa que não corre bem: a minha namorada cansou-se de tantas visitas ao hospital, e eu, embora com grande amargura e tristeza, compreendi. Ela foi de férias para a Polónia e eu lá continuei durante a Primavera e o Verão no hospital.

O meu russo era cada vez melhor, pois fiz, entretanto, alguns amigos. Um deles, Vladimir, que trabalhava na alfândega de Moscovo, corrigia os meus erros em troca da minha ajuda na tradução da *Confissão*, peça de teatro de Bernardo Santareno. Num domingo de Verão, convidou-me para ir almoçar a casa dele e decidiu prender-me com uma surpresa: a mulher dele preparara um excelente pato assado com maçãs, fazendo acompanhar o repasto com vinho do Porto *D. José*, que, naquela altura, era exportado de Portugal por uma das empresas do Partido Comunista Português, a Importleste. Tal foi a simpatia com que ele e a sua mulher Tatiana me receberam, que eu não tive coragem de lhes dizer que esse vinho não era o melhor para acompanhar o pato; fora isso, embora a alimentação no hospital não fosse má, estávamos perante um autêntico banquete.

Noutra das saídas do hospital, decidi ir ao centro de Moscovo comprar num quiosque os jornais portugueses *Diário* e *Avante!* (às vezes, o *Diário de Notícias* aparecia à venda, mas apenas em alguns hotéis onde só podiam entrar estrangeiros). Quando ia na rua a folhear um dos jornais, um casal aproximou-se de mim e perguntou-me se eu era português. Respondi que sim e, após alguns minutos de conversa, quando eu mencionei que era da Póvoa de Varzim, disseram-me que entre os turistas do seu grupo estava um casal poveiro e convidaram-me a acompanhá-los até ao autocarro. Realmente estavam lá dois conterrâneos e amigos, mas pouco tempo tivemos para conversar, porque eu devia regressar ao hospital antes do jantar, às 19 horas. O mundo, como constatei depois numerosas vezes, é mesmo muito pequeno, até quando ainda não se falava em globalização.

No fim do Verão, a minha médica decidiu que eu poderia ter alta e continuar a ser acompanhado no dispensário do bairro onde se encontrava a minha residência estudantil.

²⁰ Энгель В. Евреи СССР накануне Второй мировой войны в феврале 1940 года [«Engel vs. judeus na URSS na véspera da Segunda Guerra Mundial, 1940»], em: <http://jhist.org/russ/russ001-16.htm>

- [21](#) Сталин Иосиф Электронная еврейская энциклопедия [«José Estaline, Enciclopédia Hebraica Electrónica»], em: <http://www.eleven.co.il/article/13935>
- [22](#) Как Гитлер пытался переселить евреев в Советский Союз [«Como Hitler tentou enviar os judeus para a União Soviética»], em: <http://web.archive.org/web/20080620053744/http://www.inopressa.ru/sueddeutsche/2005/06/14/15:48:06/evrei>
- [23](#) О так называемом «деле Еврейского антифашистского комитета», Известия ЦК КПСС, 1989 г., № 12 [«Sobre o chamado “Processo do Comité Antifascista Hebraico”», *Izvestia TSK KPSS*, 1989, n.º 2.
- [24](#) Костырченко Г. В. Тайная политика Сталина: власть и антисемитизм. — М.: Международные отношения, 2001. — 784 с. [G.V. Kostyrthenko, *Política Secreta de Estaline: o poder e o anti-semitismo*. — М., Mezhdunarodnie otnoshenia, 2001, p. 784]; Костырченко Г. В. Сталин против «космополитов». Власть и еврейская интеллигенция в СССР. — М.: Российская политическая энциклопедия, 2010. — 432 с. [G.V. Kostyrthenko, *Estaline contra os «Cosmopolitas»*. *Poder e intelectualidade hebraica na URSS*. — М.,: Rossiyskaia politicheskaya entsiklopedia, 2010, p. 432].
- [25](#) СОВЕТСКИЙ СОЮЗ. ЕВРЕИ В СОВЕТСКОМ СОЮЗЕ В 1945-53 гг [«União Soviética. Judeus na União Soviética entre 1945 e 1953»], em: <http://www.eleven.co.il/article/15418>
- [26](#) ДЕЛО ВРАЧЕЙ [«Processo dos Médicos»], em: <http://www.eleven.co.il/article/10978>
- [27](#) Лица России. Интеллектуальная элита России. База данных. Современная Россия [«Rostos da Rússia. Elite intelectual da Rússia. Base de Dados. Rússia Moderna»], em: http://www.allrus.info/main.php?ID=15389&arc_new=1; <http://polit.ru/article/2007/10/14/demoscope303/>
- [28](#) José Milhazes, *A Saga dos Portugueses na Rússia*, Lisboa, INCM, 2011.

7.

DE VOLTA À UNIVERSIDADE

A doença fez-me perder um ano de estudos, mas, por outro lado, permitiu-me conhecer aspectos da sociedade soviética que eu não teria podido contactar numa situação normal.

Regressado à Faculdade de História, foi tempo de começar a estudar e de definir a minha área de especialização. Tratou-se de um processo longo, pois, à medida que ia avançando, procurava a especialização que me poderia ser mais útil quando tivesse de regressar. Neste percurso, as surpresas foram muitas. Quando estudava História do Mundo Antigo no primeiro ano, precisei de escrever um trabalho sobre Jesus Cristo. Baseando-me em fontes históricas e literatura da especialidade, devia mostrar se ele realmente existiu ou se não passava de um mito religioso. Para realizar esse trabalho, era obrigatório recorrer à Bíblia Sagrada e qual não foi o meu espanto quando, ao tentar consultá-la na biblioteca da universidade, me foi dito que isso só seria possível com uma autorização escrita do decano da faculdade. Não queria acreditar, mas a bibliotecária era uma jovem simpática e explicou-me que havia livros com diferentes graus de acesso. Quanto à possibilidade de ler o livro sagrado dos judeus e cristãos, eu estava com sorte, pois os alunos de Filosofia só tinham acesso a ele a partir do quarto ano.

Também tive surpresas quando comecei a frequentar aulas de História de Arte Ocidental. O professor Sokolov era genial, envolvia-se e envolvia-nos completamente na matéria e falava de forma brilhante das obras-primas das belas-artes gregas, romanas, renascentistas, etc., mas eu não conseguia compreender como é que estudantes educados no espírito anti-religioso e ateu podiam compreender, por exemplo, quem eram Nossa

Senhora ou os santos presentes na pintura medieval europeia, ou interpretar os episódios bíblicos representados nas telas dos pintores europeus.

Muito rapidamente comecei também a compreender o que era o «partidarismo» da ciência, um dos princípios proclamados por Vladimir Lénine. Isso era particularmente evidente em disciplinas como História do Partido Comunista da União Soviética, disciplina que, no diploma de final de curso, vinha traduzida como História da Sociedade Soviética.

O leitor dessa cadeira seguia à risca o que estava escrito nos manuais oficiais e, além disso, falava de uma forma que só não afugentava metade do auditório porque a presença dos alunos nas aulas era obrigatória. Como o auditório era grande e em anfiteatro, alguns dos alunos aproveitavam o tempo para se sentarem por detrás da última fileira de cadeiras a beber cerveja ou dormir.

Porém, tive a sorte de alguns seminários dessa disciplina serem dirigidos por professores politicamente mais abertos e que, por vezes, até manifestavam ideias subversivas para a época. Então, o compêndio, oficial e único, de História do Partido Comunista da União Soviética era aquele que tinha sido escrito por Boris Ponomariov, um ideólogo ligado ao renascimento do neo-estalinismo nos anos 70 e 80 do século XX, mestre e protector de Álvaro Cunhal. Por exemplo, um dos professores foi buscar ao fundo reservado da biblioteca da faculdade três edições da *História da Revolução de Outubro*. Na primeira edição, editada antes da chegada de Estaline ao poder, os principais dirigentes do levantamento comunista eram Vladimir Lénine e Lev Trotski, sendo Estaline uma figura secundária. Na segunda, publicada no início da ditadura estalinista, as personagens principais são Lénine e Estaline, passando Trotski para o lado do inimigo. Na terceira edição, publicada durante as purgas dos anos 30, Estaline passa a ser o principal mentor da revolução, Lénine acompanha à distância e Trotski desaparece. Escusado será dizer que grande parte dos historiadores que participaram na elaboração das duas primeiras edições da obra foi alvo de repressões.

A 8 de Março, Dia Mundial da Mulher, Trotski ficava sempre furioso com Lénine, pois embora lhe chamasse «prostituta política», nunca

lhe oferecia um ramo de flores.

(anedota soviética)

Quanto à figura de Trotski, só os estudantes estrangeiros ousavam levantar questões sobre a real importância dessa personagem política na História da União Soviética e defender o seu verdadeiro papel nos acontecimentos, pois os estudantes soviéticos podiam ser acusados de «deslealdade» ideológica.

Foi mais ou menos por esta altura que conheci Satva Brandão, filha de Octávio Brandão, um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro. Foi-me apresentada por F.M., amigo e colega de universidade que trabalhava na redacção portuguesa da Rádio Moscovo.

Devido à sua luta política, Octávio Brandão, a sua mulher e três filhas foram obrigados a exilar-se na União Soviética em 1931. A filha Satva sempre se interessou por História e tinha uma excelente biblioteca. Eu traduzi numerosos filmes de ficção soviéticos com ela e, por isso, visitava-a muitas vezes. Não se começava a trabalhar antes de se beber um café torrado, moído e preparado por ela. Claro que o café vinha sempre acompanhado de biscoitos ou chocolates. Ela gostava muito de falar, de recordar o passado da sua família, que nem sempre foi fácil na União Soviética. Durante a Segunda Guerra Mundial, toda a família foi retirada de Moscovo e enviada para Ufá, na região dos Urais. Em 1941, faleceu a mãe, Laura Brandão. O pai acabou ostracizado dentro do Partido Comunista Brasileiro, em grande parte pelas críticas que fez ao dirigente Luís Carlos Prestes.

Satva casou-se com um físico soviético, de quem teve um filho, Serguei, e, por isso, ficou a viver em Moscovo. Além de trabalhar na Rádio Moscovo, ela dava aulas de português e participou na preparação do primeiro dicionário de português-russo, fazia traduções de literatura e de filmes soviéticos. Como tradutora-intérprete, trabalhou com o escritor brasileiro Jorge Amado, com Álvaro Cunhal, etc.

Quando a conheci, ela já não tinha ilusões quanto ao comunismo soviético e falava abertamente disso. Tinha uma grande biblioteca de livros de História, principalmente dedicados à História de Arte. Entre os

livros preciosos encontrava-se a *Grande Enciclopédia Soviética*, publicada na era de Estaline. Quando o ditador morreu, todos aqueles que tinham adquirido essa enciclopédia deviam substituir a página onde se encontrava a biografia do carrasco estalinista Lavrenti Béria por outra com a biografia do descobridor do Alasca, Vitus Bering. Satva não arrancou essa página.

Satva tinha sido colega de curso de Svetlana Aleluieva, filha de Estaline, na Faculdade de História e Literatura da Universidade de Moscovo, e testemunhou a época do «grande terror» estalinista. Por isso, conhecia bem o ambiente que reinava entre os comunistas estrangeiros que viviam na URSS, o medo da repressão que atingiu pessoas de numerosas nacionalidades, nomeadamente espanhóis que tinham procurado refúgio na União Soviética depois da guerra civil no seu país (1936-1939).

Esta mulher teve uma grande influência na minha evolução ideológica. Infelizmente, faleceu durante uma intervenção cirúrgica em meados dos anos 80.

* * *

A invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas no dia 25 de Dezembro de 1979 foi um dos momentos que me ficaram gravados na memória.

A origem da questão está no dia 27 de Abril de 1978, quando militares derrubaram o governo do ditador Muhammed Daud e ao poder chegou o Partido Popular Democrático do Afeganistão, que proclamou a criação da República Democrática do Afeganistão. Porém, as lutas intestinas no seio do novo poder e o aumento das actividades da oposição criaram um grave clima de instabilidade. A direcção soviética seguia com preocupação a situação, mas recusou numerosos pedidos de intervenção militar, lançados pelas várias facções do Partido Popular Democrático do Afeganistão. Porém, acabou por ceder, explicando assim essa fatal decisão, tomada numa reunião do Bureau Político do Comité Central do PCUS, para o futuro da União Soviética:

A situação na República Democrática do Afeganistão (RDA) continua a complicar-se. As acções das tribos revoltosas adquirem um carácter

mais amplo e organizado. O clero reaccionário aumenta a agitação antigovernamental e anti-soviética, pregando fortemente a ideia da criação na RDA uma «república islâmica livre» semelhante à iraniana.

Em grande parte, as dificuldades de afirmação da RDA têm um carácter objectivo. Elas estão ligadas ao atraso económico, ao reduzido número da classe operária, à fraqueza do Partido Popular Democrático do Afeganistão (PPDA). Essas dificuldades são agravadas, contudo, por razões subjectivas: no partido e no Estado não existe uma direcção colectiva, todo o poder está, de facto, concentrado nas mãos de N.M. Taraki e H. Amin, que, frequentemente, cometem erros e violações da legalidade; no país não existe uma Frente Popular, até agora não foram criados órgãos de poder local revolucionários. As recomendações dos nossos conselheiros à direcção afegã sobre estas questões praticamente não são aplicadas.

[...] Tendo em conta o que foi exposto, o MNE da URSS, o KGB da URSS, o Ministério da Defesa e a Secção Internacional do CC do PCUS consideram necessário:

1. Enviar em nome do Bureau Político do CC do PCUS uma carta ao Bureau Político do CC do PPDA, onde, como entre camaradas, se expresse abertamente a preocupação da direcção soviética face ao perigo real de perda das conquistas da Revolução de Abril e se recomende o aumento da luta contra a contra-revolução e pelo reforço do poder popular.

[...]

4. A fim de garantir a guarda e a defesa dos aviões da esquadrilha soviética no aeródromo «Bagram», enviar para a RDA, com a autorização da parte afegã, um batalhão de paraquedistas com uniforme de pessoal técnico de aviação. Enviar para a guarda da embaixada soviética em Cabul um destacamento especial do KGB da URSS (126-150 pessoas) disfarçado de funcionários da embaixada. No início de Agosto deste ano, depois de terminada a preparação, enviar para a RDA (aeródromo «Bagram») um destacamento especial da Direcção Especial de Reconhecimento do Estado-Maior para ser

empregue em caso de forte agudização, para guardar e defender edifícios governamentais particularmente importantes.²⁹

Esta decisão, tomada em Abril, foi apenas a primeira de um envolvimento militar cada vez maior da URSS no Afeganistão, que teve início com o envio, em conformidade com a decisão da direcção soviética de 12 de Dezembro de 1979, do chamado «batalhão muçulmano», constituído por cidadãos soviéticos das repúblicas da Ásia Central. Os líderes soviéticos esperavam que os seus soldados fossem recebidos da melhor forma, devido às afinidades religiosas e, nalguns casos, étnicas, mas tal não aconteceu³⁰. Este documento foi publicado apenas após o fim da União Soviética, pois a decisão de invasão do Afeganistão foi tomada no maior dos segredos.

Eu recebi a notícia da boca de Alexei Sobchenko, meu colega soviético que falava bem português e, na altura, considerou que os estudantes da universidade deviam organizar acções de protesto. Discutimos a situação. Comecei por tentar explicar o envio de tropas à luz do «internacionalismo proletário», o que não surpreendeu Alexei, que conhecia as minhas ideias políticas. Porém, a minha convicção ia rapidamente perdendo força face aos argumentos apresentados pelos adversários da acção militar soviética. Essa e outras conversas fizeram-me pensar se não seriam «missões de ajuda» a mais: Hungria, Checoslováquia, Angola, Etiópia, Afeganistão, etc.

Tinha também no meu curso alunos afegãos que pertenciam a facções rivais no interior do Partido Popular Democrático do Afeganistão e alguns deles não escondiam que se tratava de uma ingerência externa com consequências graves para o futuro da sua pátria.

No interior da organização comunista portuguesa em Moscovo, as opiniões dividiram-se. Eu e alguns colegas portugueses discutíamos essa questão entre nós e, nas reuniões de célula do PCP, interpelávamos o dirigente responsável, que se limitava a transmitir-nos a posição oficial comunista, que mais uma vez coincidia completamente com a soviética. Porém, a fim de «esclarecer» completamente a situação, foram enviados dois estudantes comunistas portugueses ao Afeganistão. Quando regressaram, reunimo-nos novamente para ouvir falar da forma «amigável» como eram recebidas as tropas soviéticas pelo povo afegão, as

«transformações revolucionárias» na sociedade, a emancipação da mulher, etc. A mim e a alguns outros, não convenceram.

Uma das consequências dessa invasão foi o boicote dos Jogos Olímpicos de Moscovo de 1980 por um numeroso grupo de países, o que desferiu um forte golpe não só nessa competição, como também nos planos da direcção soviética. Os Jogos foram de tal forma faraónicos, que deram origem a um grande número de anedotas, como, por exemplo: «Em lugar do comunismo que nos prometeram para os anos 80, deram-nos os Jogos Olímpicos.»

Nos anos 60, o dirigente comunista Nikita Khrushchov prometeu aos soviéticos que a geração seguinte viveria no comunismo.

A União Soviética tinha investido muito nos Jogos Olímpicos para mostrar a superioridade do socialismo e tomou medidas para que os estrangeiros, quando visitassem Moscovo, vissem uma cidade quase ideal. Embora caros, nas lojas e quiosques apareceram produtos ocidentais, principalmente finlandeses, e foram construídos, em cooperação com países ocidentais, vários hotéis. Numerosos operários portugueses participaram na edificação do Hotel Cosmos, através de empresas de construção francesas.

Além disso, as autoridades policiais limpavam a capital de prostitutas (exceptuando, claro está, as que trabalhavam para o KGB), dissidentes, pedintes, e nem sequer os estudantes estrangeiros que não tinham bilhetes para os Jogos puderam ficar. Algumas residências estudantis também foram transformadas em hotéis e, por isso, além de termos de antecipar a época de exames, gozámos de umas férias de Verão mais longas³¹.

Brejnev discursa na abertura dos Jogos Olímpicos de Moscovo:

– O-o-o-o-o – começa ele.

– Camarada secretário-geral, isso ainda não é o discurso, mas o símbolo olímpico – diz-lhe um dos assessores.

(anedota soviética)

Como já não visitava Portugal há três anos, decidi fazê-lo então. Estava cheio de saudades da família e dos amigos. Depois do demorado processo

para tirar um visto de trânsito nos consulados da Polónia e da RDA em Moscovo, chegou o dia da partida da Estação da Bielorrússia. Fiz a viagem com outros amigos portugueses e combinámos comprar conservas e outros produtos alimentares, para não gastarmos dinheiro nas carruagens-restaurante. A primeira paragem foi em Brest, cidade onde passava a fronteira entre a União Soviética e a Polónia. O controlo de passaportes e malas era feito enquanto se substituíam as rodas às carruagens, pois a bitola soviética era mais larga do que a da Europa Central e igual à bitola ibérica.

Os passageiros, fundamentalmente estrangeiros, que tinham sorte eram revistados dentro das carruagens, enquanto se procedia à mudança de rodas, mas alguns eram enviados para o edifício da estação, onde as malas e as roupas eram passadas a pente fino. A polícia alfandegária procurava artigos e produtos de contrabando, nomeadamente caviar preto em quantidades superiores a 200 gramas por pessoa, antiguidades de todo o tipo, jóias, objectos de ouro, bem como a saída ilegal de rublos soviéticos ou de moedas convertíveis. Os estudantes estrangeiros, principalmente africanos, árabes, latino-americanos, polacos e alguns portugueses recorriam a todos os esquemas possíveis para conseguir fazer passar essas coisas, que depois vendiam na Europa Ocidental para, com o dinheiro ganho, comprarem calças de ganga, *collants*, roupa interior feminina, calçado e cosméticos para revenderem na URSS. O lucro era bastante considerável. Por exemplo, umas calças de ganga que podiam custar 10 dólares numa feira eram vendidas por 200 rublos, ou seja, cerca de 65 dólares segundo o câmbio do mercado negro.

Durante a minha primeira viagem, fomos revistados na carruagem do comboio e não tivemos problemas, pois não levávamos nada de proibido. Eu tinha comprado umas recordações para a família, duas caixas de charutos cubanos para oferecer aos amigos, umas garrafas de vodca e uma máquina fotográfica *Zenit*. Esta tinha sido comprada por mim com o objectivo de a vender em Portugal pelo dinheiro suficiente para adquirir uma máquina de escrever, ferramenta indispensável para os meus trabalhos de tradução.

Mas alguns africanos que viajavam connosco tiveram azar. Como a polícia alfandegária descobriu que traziam várias latas de quilo de caviar preto, os estudantes foram colocados perante uma complicada escolha: ou

comiam o caviar até cada um ficar com 200 gramas, ou as latas eram confiscadas. Optaram por comer caviar com colheres de sopa, enquanto expeliam raios e coriscos dirigidos às autoridades soviéticas na sua língua natal.

O comboio fazia uma longa paragem na estação de Varsóvia, o que permitia passear no cais. Desta vez, notei que algo tinha mudado. Velhotas vendiam frangos e bebidas a um preço muito baixo, mas em moeda convertível, e não queriam złótis. As greves alastravam-se a todo o país e estávamos a poucos meses do nascimento do movimento Solidarnosc, chefiado por Lech Walesa. Ironia do destino ou talvez não, esse movimento, coveiro do comunismo na Polónia, nasceu nos estaleiros navais de Gdansk que tinham o nome de Vladimir Lénine, fundador da URSS.

Dessa vez, queria chegar rapidamente a Portugal e, por isso, não fiquei na Polónia, mas viajei rumo à República Democrática Alemã, cuja travessia fazia lembrar algo de kafkiano, principalmente no que diz respeito a passaportes e vistos. O primeiro controlo de documentos era feito na fronteira entre a Polónia e a RDA e, não obstante tratar-se de países «irmãos», era rigoroso. Mas o momento mais surrealista aconteceu quando, à noite, chegámos à fronteira entre Berlim Oriental e Ocidental, cidade separada por um muro tristemente famoso.

O Muro de Berlim, ou Muro da Vergonha, como lhe chamou o chanceler social-democrata alemão Willy Brandt, foi mandado construir em 1961, a fim de isolar a parte ocidental da cidade e impedir a fuga de cidadãos da RDA. Esta parede rapidamente se transformou num dos símbolos mais odiosos da Guerra Fria. Centenas de cidadãos da Alemanha do Leste morreram ao tentar atravessá-la ilegalmente, nada tendo acontecido de semelhante no sentido contrário. Por isso, o muro foi também visto como um sinal de que o socialismo «real» não conseguia competir com o regime democrático da República Federal Alemã.

Quando o comboio parava, o cais transformava-se em algo muito semelhante a um filme sobre a Segunda Guerra Mundial ou sobre espionagem. Guardas fronteiriços da RDA, acompanhados de pastores-alemães, passavam o comboio a pente fino, não só por dentro, mas também por fora. Lançavam os cães para debaixo das carruagens, para que ninguém atravessasse a fronteira escondido entre os eixos das rodas. Os

passaportes eram atentamente analisados e todos os compartimentos das carruagens, revistados. Realizado o controlo, que demorava mais de uma hora, o comboio dirigia-se para a parte ocidental de Berlim, ora passando ao lado do «metropolitano capitalista», ora correndo muito perto do muro, visível à noite, pois era iluminado por holofotes em algumas partes. Eu, que assisti e traduzi dezenas de filmes de guerra soviéticos, fiquei com a impressão de que os soldados alemães do Leste se assemelhavam aos destacamentos das SS nazis.

O controlo seguinte tinha lugar no posto fronteiriço que ligava Berlim Ocidental à RDA, sendo realizado também de forma muito rigorosa por parte dos alemães orientais. O mesmo ritual se repetia na travessia da fronteira entre a RDA e a RFA. Só a partir daí se podia dormir em paz, pois os controlos fronteiriços eram meramente formais.

A primeira parte da nossa viagem, que durou cerca de 48 horas, terminou na Gare du Nord, em Paris. Era preciso apanhar o metropolitano para chegar à Gare de Austerlitz, de onde partia o comboio rumo a Portugal. Mas decidimos ficar um dia na capital francesa, para visitar alguns dos seus lugares mais emblemáticos. O tempo era pouco e o dinheiro escasseava, por isso fomos ver de fora a Torre Eiffel, o bairro da Pigale, o Moulin Rouge, a Basílica de Sacré Coeur e pouco mais. Passámos a noite numa residência estudantil, onde dormimos em camas de campanha para pagarmos menos.

No dia seguinte, partimos em direcção ao Porto. Nas mochilas ainda levávamos conservas de peixe soviético, não porque fôssemos muito poupadinhos, que até o fomos, mas porque não conseguimos resistir à *fast food* capitalista, nem à cerveja e aos cigarros portugueses que encontrámos à venda num dos cafés lusos em Paris. Algumas das latas de conserva, oferecemo-las a uns curiosos que viajavam connosco e mostraram vontade de provar comida «comunista».

A viagem de comboio parecia não ter fim, tanta era a vontade de chegar a casa. A Estação de Campanhã ainda não era o destino final. Foi preciso ir até à Trindade e, daí, apanhar mais um trem até à Póvoa de Varzim.

²⁹ 1917 – 1940. Хрестоматия по истории России с древнейших времен до наших дней./Сост. А.С. Орлов и др. [«Colecta de Documentos sobre História da Rússia»] М., 2000.

³⁰ <http://dic.academic.ru/dic.nsf/ruwiki/850033>

[31](#) Sobre o tema da perseguição às prostitutas, recomendo a leitura da peça de teatro *Estrelas no Céu da Manhã*, do escritor russo Aleksandr Galine, publicada pela editora Cotovia em 1992.

8.

AS PRIMEIRAS FÉRIAS EM PORTUGAL

Cheguei a casa dos meus pais, de onde tinha saído três anos antes, de surpresa pois eles não sabiam em que dia eu chegaria, devido à demora da viagem. Fui recebido com lágrimas de alegria. Seguiram-se as perguntas sobre a saúde (em minha casa, o interesse pela situação política na União Soviética continuava a não ser muito grande), a distribuição de prendas e conversas sobre as mudanças ocorridas durante a minha ausência. Em casa tinham aparecido um frigorífico, um televisor a preto e branco e água canalizada. Tinham nascido mais sobrinhos: o Rui e a Andreia.

À noite, depois do jantar, dirigi-me ao Café Enseada, onde se costumavam reunir os meus camaradas comunistas. Fui recebido entre abraços e beijos, e trocámos logo as primeiras impressões, pois era muita a curiosidade deles em relação à União Soviética. Notei que, embora na brincadeira, os meus amigos comentavam «bocas da reacção!», sempre que eu fazia alguma crítica mais forte ao regime soviético. Por exemplo, achavam que eu exagerava ao afirmar que na União Soviética o aborto era o único contraceptivo existente para as mulheres, que os ginecologistas soviéticos não receitavam pílulas e que os preservativos soviéticos eram muito pouco seguros.

A Rússia comunista foi o primeiro país do mundo a legalizar o aborto em 1920. Porém, em 1936, o regime estalinista decidiu proibir a sua realização, esperando assim aumentar a população. Como não existiam meios anticonceptivos, essa medida teve inicialmente sucesso, mas, logo a seguir, fez dos abortos clandestinos uma importante esfera da economia paralela. Como eram realizados frequentemente por pessoas que não tinham a devida preparação, muitas das mulheres tornavam-se estéreis.

Além disso, as mulheres que tinham complicações não se dirigiam aos médicos, pois estes eram obrigados a informar as autoridades competentes do caso. No fim de contas, a proibição contribuiu não para o aumento, mas sim para a diminuição da natalidade.

A lei que proibia a realização de abortos deixou de vigorar na URSS em Novembro de 1953³². Em 1980, o prazo de realização de abortos foi alargado de 12 para 24 semanas, sendo a intervenção cirúrgica realizada, na maior parte dos casos, sem anestesia.

Os dados estatísticos sobre o número de abortos na URSS era um dos segredos mais bem guardados do país, pois tratava-se de números impressionantes. A primeira publicação de dados ocorreu apenas em 1987, já na era de Mikhail Gorbachov. Segundo estatísticas oficiais, na URSS realizavam-se anualmente até cinco milhões de abortos. Entre 1957 e 1990, foram realizados quase 240 milhões³³.

Se falava da falta de produtos essenciais, os meus camaradas também tinham explicação para isso: ou era uma consequência da Segunda Guerra Mundial, ou era o «cerco imperialista», ou era o «internacionalismo proletário», ou até «resquícios do passado capitalista», «manias burguesas». O diálogo não era fácil.

As conversas eram bem mais simples com o «reaccionário» Sr. Aurélio e outros amigos que não eram comunistas. É verdade que, com eles, eu era mais cuidadoso nas críticas ao sistema comunista soviético, pois ainda vivia na ilusão de que ele poderia ser aperfeiçoado. A boa organização e os resultados dos Jogos Olímpicos de Moscovo, altamente favoráveis à URSS e aos seus satélites devido ao boicote de numerosos países, eram utilizados para propagandear no mundo os êxitos desportivos do socialismo. A cerimónia de encerramento dos Jogos Olímpicos, com o urso Micha a deitar uma lágrima pelo canto do olho, foi o culminar dessa campanha de propaganda. Assisti a ela na casa de uns amigos comunistas que tinham um aparelho de televisão a cores, coisa nova em Portugal, e tive de ouvir críticas mordazes, por alguns dos defeitos que tinha apontado ao regime soviético.

Durante a realização dos Jogos Olímpicos, uma trágica notícia abalou a sociedade soviética: faleceu o bardo, poeta, escritor e actor russo Vladimir Vissotsky. Não obstante os órgãos de informação soviéticos praticamente terem escondido a notícia, muitos milhares de russos saíram para as ruas

de Moscovo para prestar a última homenagem a essa figura sem a qual é impossível compreender a vida na União Soviética.

Vissotsky nasceu em Moscovo, a 25 de Janeiro de 1938. Filho de um militar soviético que se cobriu de glória durante a Segunda Guerra Mundial, Vladimir não seguiu a carreira do pai, mas ingressou no Instituto de Engenharia da capital soviética, abandonando-a mais tarde para entrar na Escola-Estúdio do Teatro Artístico Académico de Moscovo (MKhAT), que terminou em 1960. Entre 1964 e 1980, foi actor do Teatro de Drama e Comédia na Taganka, onde desempenhou alguns dos seus mais conhecidos papéis.

Em 1959, começava a sua carreira de actor de cinema, durante a qual trabalhou com conhecidos realizadores soviéticos. Muitas canções suas foram compostas para filmes. Foi precisamente a mistura explosiva e rebelde da sua poesia, música e timbre de voz que o tornou popular. As mais das vezes, os seus concertos eram proibidos, nenhum canal televisivo soviético ousava gravar ou transmitir uma das suas actuações, mas, graças às fitas dos gravadores, as suas canções tornaram-se cada vez mais populares. A campanha lançada contra ele pela imprensa soviética em 1968 também não contribuiu para abafar a sua voz, pelo contrário, criou à volta dele uma aura de dissidente e de resistente. As comparações raramente são exactas, mas ousaria compará-lo a José Afonso durante a ditadura em Portugal.

Eu ouvi pela primeira vez as suas canções quando estava internado no hospital. Como tinha um pequeno gravador comigo, alguns dos internados vinham pedi-lo para ouvir Vissotsky. Naquela altura, o nível da minha língua russa era insuficiente para compreender as letras das canções dele e também não apreciava a sua voz pouco melódica. Por isso, só mais tarde comecei a apreciar a sua obra e a considerar que a enorme popularidade desse artista se devia ao facto de as suas canções serem um espelho da alma dos soviéticos. Para Vissotsky, não havia temas proibidos e as letras e músicas eram tão realistas, que muitos dos ouvintes consideravam que ele tinha passado pelas situações nelas descritas. Cantou a «Grande Guerra Patriótica», como é conhecida a Segunda Guerra Mundial na Rússia, com um realismo, que se acreditava que ele tinha estado realmente ao lado daquele soldado a quem pede «amigo, deixa-me a beata para fumar, e recebo o silêncio como resposta» na canção «Ele Não Voltou da Batalha»,

ou que tivesse passado pelos terríveis campos de concentração soviéticos, quando se ouvia a canção «Prepara-me Um Banho Muito Quente...».

Depois de se ter casado em terceiras núpcias com a atriz francesa de origem russa Marina Vlady (Catherine Marina de Poliakoff-Baïdaroff), foi autorizado a sair da União Soviética e a viajar para o estrangeiro, mas regressou sempre, pois era daqueles intelectuais russos que não sobreviviam longe da terra natal.

O escritor Fiodor Razzakov e um antigo agente dos serviços secretos soviéticos, Mikhail Krijanovsky, escreveram uma biografia não oficial do cantor, onde afirmam que Vladimir Vissotsky foi «superagente do KGB» e realizou até uma operação para essa organização em Portugal:

Na manhã de 31 de Março de 1976, Vissotsky e Vlady partiram no seu automóvel para mais uma viagem ao estrangeiro. O actor tinha pela frente umas férias de mês e meio, durante as quais tencionava fazer um cruzeiro marítimo Lisboa-Madeira-Canárias-Marrocos. À primeira vista, um cruzeiro turístico normal. Mas, na realidade, mais uma odisseia de espionagem.

Não foi por acaso que o famoso casal se viu em Portugal. Em Abril de 1974, aí ocorreu a «revolução dos cravos», um golpe militar. Foi derrubada uma ditadura que durara nesse país quase meio século. Organizou-se um governo provisório de coligação, recebido euforicamente em Moscovo. Tudo se inclinava para que Portugal saísse da NATO e começasse a construir o socialismo. Vissotsky e Vlady visitaram Portugal como turistas, mas, na realidade, cumpriam uma missão secreta: levar dinheiro para o Partido Comunista e encontrar-se com uma agente da nossa espionagem externa.³⁴

A família desmentiu semelhante acusação e, a julgar pelas datas da viagem, finais de Março de 1976, os autores do livro não estão ao corrente da situação política portuguesa na altura. Após o 25 de Novembro de 1975, Portugal deixou de correr o risco de abandonar a NATO ou construir o socialismo. Por outro lado, é sabido que o PCP recebia avultados meios financeiros das formas mais insólitas. Este é mais um caso que só a abertura dos arquivos dos serviços secretos soviéticos poderá esclarecer.

Vladimir Vissotsky escreveu os seus dois últimos versos a 11 de Junho de 1980. «Tenho o que cantar quando me apresentar perante o Todo-Poderoso/Tenho com que me justificar perante Ele.» No dia 25 do mês seguinte, falecia num dos hospitais de Moscovo. Não obstante as autoridades esconderem o facto, para não estragarem o ambiente de festa nos Jogos Olímpicos, milhares de pessoas foram despedir-se dele ao Teatro na Taganka. A sua mulher, Vlady, disse então a um amigo: «Vadim, vi funerais de príncipes, reis, mas nunca assisti a nada semelhante a isto.»

Só em 1987, quando a URSS era governada por Mikhail Gorbatchov, é que Vissotsky foi agraciado a título póstumo com o Prémio de Estado. Caso único.

* * *

A fim de descansar das discussões políticas, fui com um grupo de amigos acampar para o Parque Natural do Gerês. Fizemos várias caminhadas nas zonas da Carris, Pedra Bela e Pitões das Júnias. Uma delas ia acabando mal. Quando as provisões estavam a chegar ao fim, decidimos ir à aldeia mais próxima para comprar alguns produtos alimentares. Levantámo-nos muito cedo e pusemo-nos a caminho, no qual encontrámos um pastor que nos explicou a melhor forma de chegar ao local mais próximo. Andámos várias horas e acabámos por entrar numa pequena e remota povoação. Inicialmente, os habitantes olhavam para nós com desconfiança, pois não compreendiam o que andávamos a fazer ali. A situação desanuviou-se quando apareceu um homem que era taxista no Porto e que, nas férias, voltava à aldeia para ajudar na agricultura. Informou-nos que no local havia uma pequena loja onde podíamos comprar tabaco, bolachas e conservas.

Depois das compras, quando nos preparávamos para regressar às tendas, o taxista convidou-nos para beber uns copos de verde tinto e petiscar. Fiquei muito espantado quando se juntaram idosos que nunca tinham visto o mar e não faziam a mínima ideia do que se passava no mundo. Por isso, achei por bem não dizer que estudava em Moscovo, quando me perguntaram o que fazia na vida. Disse que estudava em Coimbra.

Palavra puxa palavra, mais um copo, mais uma fatia de presunto e de chouriço... e acabámos por adormecer à sombra de uma videira. Quando

acordámos, já o Sol se preparava para desaparecer por detrás das montanhas. Pusemo-nos rapidamente a caminho tentando cortar por atalhos, mas as tendas nunca mais apareciam. Corríamos o risco de ter de dormir ao relento e só uma noite de luar nos permitiu chegar ao nosso objectivo, embora já muito perto da meia-noite.

Durante essas férias em Portugal, tive de regularizar a minha situação militar. Quando parti para a URSS, recebi a devida dispensa por um ano, mas, depois, não me apresentei à inspecção. Tentei pedir adiamento no Consulado de Portugal em Moscovo, mas aí éramos tratados como uma espécie de leprosos, potenciais agentes do KGB. Resumindo, só lá ia quando precisava mesmo de algum documento indispensável. Por isso, não consegui legalizar a minha situação e decidi resolvê-la no nosso país.

Quando me apresentei no centro de recrutamento do Porto e disse quem era e que idade tinha, foi-me comunicado que já me encontrava na situação de refractário e que deveria rapidamente fazer a inspecção militar. Caso ficasse apurado, teria de me apresentar no mesmo dia no Quartel da Póvoa de Varzim para dar início ao serviço militar.

Este cenário não fazia parte dos meus planos e, por isso, dirigi-me para a inspecção com numerosas radiografias, a fim de provar que não estava em condições de prestar serviço militar por questões de saúde. Quando cheguei ao quartel no Porto, notei que quase metade dos mancebos trazia consigo radiografias e relatórios médicos para também ficarem livres do serviço militar. Depois de eu preencher um formulário, um dos oficiais olhou para ele e ficou surpreso ao constatar que eu estudava na URSS.

– Você fala russo? – perguntou-me ele.

– Sim, é verdade, estudo na União Soviética – respondi eu.

– Então não se safa, vai ter mesmo de se apresentar hoje no Quartel da Póvoa – replicou o oficial.

«Vai ser isso mesmo que vou fazer. Pode esperar sentado», pensei.

Antes de sair de casa, eu avisara a minha mãe para que me preparasse a mala, pois, caso ficasse apurado, os meus camaradas dar-me-iam boleia até à fronteira com Espanha. Estava tudo combinado até ao mais pequeno pormenor.

Depois dos testes técnicos e médicos, fomos almoçar à messe do quartel e devo dizer que fiquei muito surpreso com a qualidade da comida:

bife de vaca com ovo a cavalo, puré de batata e salada. Tivemos também direito a um copo de vinho e sobremesa.

No fim da refeição, fomos reunidos na parada e anunciaram os resultados finais, tendo eu sido enviado para o Hospital Militar do Porto, para que os médicos confirmassem o diagnóstico que estava escrito no relatório médico que acompanhava as radiografias. Realizadas numerosas análises e novas radiografias, fui à consulta médica. O doutor, um senhor de idade com ar de macho latino, recebeu-me com uma pergunta:

- Então, as mulheres russas são boas?
- Não me posso queixar – respondi eu, com toda a sinceridade.
- E queres mesmo voltar para a Rússia? – continuou ele.
- Claro que sim, preciso de continuar os estudos – retorqui.
- Então boa sorte e muitas mulheres boas e loiras – pronunciou o médico, sublinhando que eu ainda teria de passar por uma comissão médica, mas que não ia ter problemas. Assim aconteceu e pude regressar a Moscovo.

Na viagem de regresso, fiquei alguns dias em Varsóvia, onde tomei contacto directo com a crise económica e política na Polónia. A fim de conseguir meios financeiros para pagar a pesada dívida externa acumulada, as autoridades decidiram, a 1 de Julho de 1980, aumentar o preço da carne e derivados, tendo proibido a sua venda no comércio privado. Uma semana depois, grandes empresas da cidade de Lublin pararam devido a greves e milhares de trabalhadores saíram para a rua em protesto contra o aumento do preço da carne. Esse movimento de protesto alargou-se aos estaleiros navais de Gdansk, dando início ao primeiro sindicato livre no «campo socialista».

Esse movimento foi um dos factores que me levaram a começar a olhar de forma diferente para a natureza dos regimes instalados no Bloco Soviético.

Tudo isto coincidiu com mudanças dolorosas no campo pessoal, uma ruptura amorosa, mas não havia outro remédio senão olhar em frente, tanto mais que o futuro reservava ainda muitas surpresas.

³² РИА Новости [Ria Novosti], em: <http://ria.ru/spravka/20100803/261197627.html>

³³ Avdeev Alexandre, Alain Blum, Irina Troitskaja, *L'avortement et la contraception en Russie et dans l'ex USSR: histoire et present*, Paris, Institut National d'Etudes Demographiques, 1993, em:

<http://www.demoscope.ru/acrobat/ps48.pdf>

34 РАЗЗАКОВ, Федор е Михаил Крыжановский. «Владимир Высоцкий – супергент КГБ». Издательство: «Алгоритм» (2012) [Razzakov, Fiodor e Mikhail Kryjanovskyi, *Vladimir Vissotsky – superagente do KGB*, Algoritm, 2012], em: <http://www.msk.kp.ru/daily/26410.3/3283773/#close>

9.

MEDALHAS E BEIJOCAS

À medida que o tempo ia avançando, tornava-se cada vez mais claro para mim que a sociedade soviética era extremamente hipócrita e que nela existia uma grande distância entre as palavras e a realidade.

Um professor explica que o comunismo na URSS é como o horizonte.

– E o que é o horizonte? – pergunta-lhe um dos alunos.

– É uma linha imaginária onde o céu se encontra com a terra e que se afasta de nós à medida que nos tentamos aproximar dela.

(anedota soviética)

Eu estava disposto a assinar por baixo o *Código Moral do Construtor do Comunismo*, documento criado pelos ideólogos soviéticos em 1961 e que devia reger a vida dos soviéticos tal como um livro sagrado. Guennadi Ziuganov, actual dirigente do Partido Comunista da Federação da Rússia, defende-o afirmando que ele foi copiado do «Sermão da Montanha»³⁵.

Vale a pena analisar o código ponto a ponto, para que se compreenda a distância entre a propaganda oficial e a realidade.

1. Fidelidade à causa do comunismo, amor à Pátria socialista, aos países do socialismo.

Não exagero se afirmar que, entre os 19 487 822 membros do Partido Comunista da União Soviética (dados de 1 de Janeiro de 1989), com dificuldade se encontraria um milhão de comunistas sinceros, que realmente acreditavam nos princípios que apregoavam. A esmagadora maioria ingressava no partido único por só assim poder fazer carreira. Frequentemente, os mais incompetentes enveredavam pela militância na Juventude Comunista Soviética (Komsomol) e no PCUS, para atingirem cargos de direcção aos mais diferentes níveis. O carreirismo era a coisa mais comum na sociedade soviética.

Um sexólogo vai a um kolkhoz [unidade colectiva de produção agrícola] fazer uma palestra sobre os diversos tipos de amor.

– No mundo há vários tipos de amor. Há amor entre pessoas do mesmo sexo, mas isso é uma autêntica aberração capitalista. Existe também o sexo entre homem e mulher, mas ele é diferente no capitalismo e no socialismo, pois só este último garante a igualdade dos parceiros. E, finalmente, há o amor supremo entre o Partido Comunista e o povo.

Um camponês levanta o braço e pergunta timidamente: – No último caso, quem f... quem?

(anedota soviética)

Quanto ao amor à pátria socialista, eram muitos, principalmente entre os russos, os que acreditavam que viviam no mais feliz dos países do mundo, mas, na maioria das repúblicas soviéticas, existia sim o amor à sua pátria, ou seja, os estónios amavam a Estónia, os georgianos, a Geórgia, os lituanos, a Lituânia, etc., e poucos compreendiam o que significava «pátria soviética» ou «socialista». Quanto ao amor com os outros países socialistas, os soviéticos olhavam para eles como bocas a alimentar, que lhes tiravam o pouco que tinham.

Aliás, há quem diga que a ditadura comunista arrancou muitas das raízes e acabou com muitas das tradições e costumes dos povos da URSS.

Isso é particularmente verdade em relação ao povo russo, mas, noutras repúblicas, principalmente nas muçulmanas, essas tradições e costumes continuaram, incluindo alguns cujo desaparecimento não me deixaria triste. Um dos meus colegas de grupo na universidade era do Tajiquistão, uma das repúblicas islâmicas da Ásia Central soviética. Eu não quis acreditar quando ele me contou que não se podia casar com a mulher que amava por não ter dinheiro para o dote. Tinha de oferecer aos sogros um automóvel, coisa pouco acessível no país, bem como ovelhas, carneiros, etc. Porém, o pagamento do dote era habitual não só aí, mas em muitas regiões do Cáucaso. Não sei como, mas o facto é que o meu colega tadjique conseguiu juntar o dote, porque, no ano lectivo seguinte, trouxe para Moscovo a sua jovem esposa, que o acompanhava quando ele ia para as aulas, embora não frequentasse a universidade.

2. Trabalho aplicado a bem da sociedade: quem não trabalha, não come.

Segundo as estatísticas soviéticas, tudo corria às mil maravilhas. Os planos quinquenais eram cumpridos antecipadamente em quase todos os ramos da economia, mas as filas nas lojas não diminuía. Quando se via uma palete ou carrinho com algum produto, não se olhava à qualidade, isso ficava para depois de se conseguir tirar do monte o mais possível. Na província, a situação era ainda mais grave. Chegavam diariamente a Moscovo centenas de pessoas para tentarem comprar o que quer que fosse. Se fosse queijo, era queijo; se fosse mortadela, era mortadela; se fosse carne, era carne. Por isso, o comunismo soviético nunca conseguiu pôr fim às senhas de racionamento.

Nalgumas empresas, vendiam-se, uma vez por semana, alguns produtos alimentares, roupas ou calçado mais deficitários, mas, como as quantidades eram insuficientes, organizavam-se espécies de lotaria para atribuir os mais procurados. Depois do sorteio, se se tivesse sorte, podiam-se ceder produtos a um colega que festejasse o seu aniversário nos dias mais próximos; havia uma certa maleabilidade e compreensão.

<i>Eles fazem de conta que nos pagam, nós fazemos de conta que trabalhamos.</i>

Os salários eram baixos e, quando eram altos, não davam para comprar muito. Tudo isso fez a sociedade soviética transformar-se num «jogo do desenrasca», ou num «monumental esquema». Como cantava Alla Pugatchova, uma das grandes vozes da música ligeira soviética, «é melhor ter cem amigos do que cem rublos». Os directores das lojas de produtos alimentares, por exemplo, eram autênticos reis e senhores. Como tinham acesso a produtos deficitários, utilizavam-nos para os trocar por outros ou comprar favores: comprar roupas estrangeiras, melhores medicamentos, etc. Os directores de livrarias tinham acesso a livros de escritores soviéticos ou estrangeiros publicados com tiragens e distribuição limitadas, e também os trocavam por carne, ou outra coisa qualquer.

3. A preocupação de cada um consiste na conservação e multiplicação dos bens sociais.

O russo inclui palavras tão soviéticas, que são uma verdadeira dor de cabeça para os tradutores. Por exemplo: a palavra *nessun*, ou seja, aquele que rouba alguma coisa das empresas públicas para a levar para casa. Em maior ou menor medida, este fenómeno foi uma das grandes pragas na URSS e, talvez por tudo isso, quando se ia a casa de um soviético, ele desencantava sempre alguma coisa para comer e beber. Uma das justificações dos adeptos de «pegar em tudo o que estava mal pousado» consistia em que o que era do povo (Estado) não era de ninguém.

4. Alta consciência do dever social, intolerância para com a violação dos interesses sociais.

Ver os comentários aos princípios anteriores.

5. O colectivismo e a interajuda de camaradas: um por todos, todos por um.

Em resposta à palavra de ordem «tudo em prol do homem!», os soviéticos respondiam: «E até sabemos o nome desse homem, vi-o na tribuna!» Referiam-se a Leonid Brejnev.

6. Relações humanas e respeito entre pessoas: o homem é amigo, camarada e irmão do homem.

Desde o início que o regime comunista mostrou que cada homem podia ser um potencial inimigo do «colectivo», ou seja, do sistema. Os comunistas começaram por exterminar os monárquicos, burgueses, camponeses ricos, intelectuais contra-revolucionários, etc. Depois, chegou a vez dos seus aliados: anarquistas, socialistas revolucionários. Mais tarde, começaram-se a destruir uns aos outros: desvio de esquerda, desvio de direita, etc. Instalaram um regime de terror em que as pessoas tinham de tomar medidas para se protegerem uma das outras.

É verdade que encontrei soviéticos que seguiam esse princípio à regra. Tive e continuo a ter grandes amigos soviéticos, alguns dos quais até considero irmãos. Mas, em geral, as relações entre as pessoas tinham muito de interesseiro e cínico. Os estrangeiros eram frequentemente alvo de grandes amizades, mas só enquanto podiam fornecer ou oferecer cigarros *Marlboro* ou *Kent*, calças de ganga, cosméticos, bebidas alcoólicas que só podiam ser compradas em moeda estrangeira, etc. Quanto ao «camarada e irmão», nós, estudantes estrangeiros, éramos considerados potenciais espiões. Uma simples amizade, para já não falar de um namoro com as filhas ou os filhos de membros da nomenclatura, não podia ter desenvolvimento, transformar-se em casamento, pois a família soviética seria vítima de represálias.

Infelizmente, tive de enfrentar algumas vezes essa situação, ao ponto de pensar perguntar às jovens a história e o estatuto social da sua família antes de começar a namorar. Mesmo quando a paixão se concretizava, chegava-se a um ponto em que se colocava a questão: E o que fazer agora? E a resposta era sempre a mesma: Temos de nos separar.

Foi assim com a T., irmã de um grande amigo meu. Tudo corria às mil maravilhas. Eu tinha acabado de chegar de Portugal e uma nova paixão é sempre um bom remédio para o fim de uma paixão anterior. Ela trabalhava numa editora e os pais ocupavam cargos pertencentes à nomenclatura comunista, o que fazia com que a nossa relação não tivesse futuro. Era pedir-lhe demais que se prejudicasse a si própria e aos pais em prol de um caminho que acabaria num beco sem saída.

Depois veio a K., minha colega na Faculdade de História. Aqui o romance quase terminou de forma trágica, pois foi a primeira vez que me apaixonei por uma jovem que parecia saída das obras de Ivan Turgueniev. Não vivia na realidade, mas no seu mundo ideal. O pai, já falecido, tinha sido oficial do KGB no estrangeiro. Por isso, a mãe estava contra o namoro da filha. Mas não só por isso: ela achou-me muito escuro na primeira e única vez que me viu. O conflito entre filha e mãe chegou a um ponto que a filha se tentou suicidar duas vezes, o que me deixou profundamente preocupado. Tivemos de nos separar também.

A partir daí, comecei a ter mais cuidado e apaixonei-me por uma estudante portuguesa. Jovem com uma paciência infinita para me aturar, estivemos quase para casar, mas tal não chegou a acontecer.

Eu andava completamente perdido da cabeça. Foi um período muito complicado na minha vida. Até que, por fim, encontrei a minha mulher, a Siiri, e decidi tomar juízo de uma vez por todas.

7. Honestidade e verdade, pureza moral, simplicidade e humildade na vida social e privada.

Estes princípios eram desrespeitados amiúde. Como será possível falar dessas qualidades, se a maioria dos comunistas só o eram no papel e as pessoas eram obrigadas a transformar-se em autênticos camaleões para sobreviverem? Como podia um crente seguir esses «princípios» impostos por um poder ateu cuja doutrina oficial era a negação da existência de Deus? Como podia ser verdadeiramente honesta uma pessoa que sabia que, se dissesse o que pensava, podia ser expulsa do emprego, da universidade ou ir parar à prisão? Para a maioria dos soviéticos, era mais difícil ser simples e humilde porque não tinham acesso a muitos dos bens considerados normais na sociedade ocidental. Não havia apenas uma fila de dez anos para se poder adquirir um automóvel; havia filas para se comprarem móveis fabricados na Polónia ou na Roménia, botas de senhora produzidas em Portugal, etc.

Só por ignorância ou por desonestidade se podia chamar «armazém do povo» ao GUM n.º 1, Loja do Estado n.º 1, situado na Praça Vermelha. Do povo podia ser o rés-do-chão, porque os restantes pisos eram ocupados por lojas para os «camaradas de partidos comunistas e operários estrangeiros» ou por lojas para as famílias da nomenclatura soviética

(extremamente estratificada e em que cada estrato tinha direito a certos privilégios).

8. Respeito mútuo na família, preocupação pela educação dos filhos.

O respeito mútuo estava longe de existir em todas as famílias devido aos graves problemas sociais, como, por exemplo, o alcoolismo. As estatísticas oficiais sobre esta chaga social também eram secretas na URSS, tendo sido publicadas só após o fim do comunismo. Segundo elas, no início dos anos de 1970, o consumo de álcool puro anual *per capita* era de 8,77 litros, tendo, dez anos depois, atingido os 10,6 litros. Porém, os números do consumo de aguardente caseira ficavam ainda mais acima, tendo atingido os 13,8 litros por ano. Em 1980, na União Soviética existiam 40 milhões de alcoólicos, numa população de 250 milhões de habitantes. Anualmente, morriam devido ao álcool 335 mil homens e 135 mil mulheres³⁶.

A preocupação pela educação dos filhos era realmente muito grande nas famílias soviéticas, pois dela dependia, em grande parte, o seu futuro. E, verdade seja dita, não obstante a forte carga ideológica do sistema educativo, este era de alta qualidade em numerosas áreas. A ideologia acompanhava os cidadãos desde o infantário ao caixão. As crianças tinham de saber que, além dos avós paternos e maternos, tinham ainda o avô Vladimir Lénine. Quando passavam a ser «outubristas», tinham de seguir o exemplo do menino Volodia (diminutivo de Vladimir), menino de cabelos loiros encaracolados representado num emblema metálico que as crianças traziam ao peito. Depois, eram «pioneiros» e, finalmente, «jovens comunistas» (*komsomolets*). Todas estas organizações eram de frequência obrigatória para as crianças e os jovens soviéticos. Os pioneiros tinham como exemplo Pavel Morozov, um jovem assassinado por *kulaks* (camponeses abastados), por ter denunciado o seu próprio pai às autoridades soviéticas e estas o terem assassinado. Os jovens comunistas tinham como cartilha o romance *Assim Foi Temperado o Aço* de Nikolai Ostrovski ou *A Jovem Guarda* de Alexandre Fadeev.

Além dessas incubadoras do Partido Comunista da União Soviética, as crianças e os jovens podiam frequentar escolas ou círculos onde aprendiam música, pintura, se dedicavam ao desporto, etc. Pelo menos em Moscovo e nas grandes cidades, a escolha era variada.

A ausência quase total nas ruas de crianças e adultos com fortes deficiências físicas e mentais foi uma das coisas que me surpreenderam na URSS. Na universidade havia apenas uma jovem deficiente motora no curso que eu estudava. Não se viam cadeiras de rodas. Mais tarde, vim a compreender o fenómeno. Quando do parto, as autoridades médicas aconselhavam as mães a abandonar as crianças deficientes, que eram internadas em orfanatos especiais, onde tinham poucas possibilidades de reabilitação. Esta situação foi muito bem descrita no livro de contos *Branco sobre Preto*, de Rubén David Gonzalez Gallego. Trata-se de uma autobiografia. Depois de verem os graves defeitos com que a criança nascera – paralisia cerebral –, os médicos soviéticos comunicaram à mãe, filha do conhecido dirigente comunista espanhol Ignácio Gallego, que o filho tinha morrido e enviaram-no para um internato para inválidos. Com 15 anos, o rapaz conseguiu encontrar a mãe e foi viver para Espanha. Escreveu no conto «Herói»:

Sou um herói. É fácil ser-se herói. Se não tens braços ou pernas, és herói ou defunto. Se não tens pais, apoia-te nos teus braços e pernas. E sê herói. Se não tens nem braços, nem pernas, e, além disso, tiveste a esperteza de nascer órfão, estás feito. Estás condenado a ser herói até ao fim dos teus dias. Ou esticas o pernil. Eu sou herói. Simplesmente não tenho outra saída.

Eu era um rapazinho pequeno. Noite. Inverno. Precisava de ir à casa de banho. Era inútil chamar a ama. Apenas tinha uma saída: arrastar-me até à casa de banho.

Para começar, precisava de descer da cama. Eu próprio inventei uma forma de o fazer. Arrastava-me até à beira da cama e virava-me de costas, atirando o corpo para o chão. Queda. Dor.

Arrastava-me até à porta do corredor, empurrava-a com a cabeça e serpenteava de um quarto relativamente quente para o frio e a escuridão.

Durante a noite, todas as janelas do corredor estavam abertas. Fazia frio, muito frio. Eu estava nu.

Era preciso rastejar muito. Quando rastejava ao lado do quarto onde dormiam as amas, tentava pedir ajuda, batia à porta com a cabeça. Gritava. Ninguém respondia. Talvez gritasse em voz baixa.

Ficava completamente regelado, até que chegava à casa de banho. As janelas da casa de banho estavam abertas, no peitoril havia neve.

Chegava até ao penico. Descansava. Precisava obrigatoriamente de descansar antes de rastejar de volta. Enquanto descansava, o mijo no penico cobria-se com uma camada de gelo.

Rastejava de volta. Arrastava o cobertor da minha cama com os dentes, enrolava-me de qualquer forma nele e tentava adormecer.

Na manhã seguinte, vestiam-me e levavam-me para a escola. Na aula de História, eu falava resolutamente dos horrores dos campos de concentração fascistas. Recebi um cinco. Tinha sempre cinco a História. Tinha cinco a todas as disciplinas. Sou um herói.³⁷

No campo da ciência, avançavam as ciências que estavam em conformidade com os princípios do marxismo-leninismo ou eram úteis ao poderio militar soviético. Como o ditador Estaline considerou que a genética e a cibernética eram «pseudociências», esses ramos do conhecimento estiveram proibidos durante muitos anos na URSS, não obstante os êxitos soviéticos serem já significativos nessas áreas. Além do mais, as ciências exactas estavam totalmente viradas para a indústria militar, o que não permitia que os seus resultados fossem aplicados no melhoramento da vida das pessoas. Inventavam-se bombas atómicas e construía-se aviões supersónicos, fabricavam-se foguetões para conquistar o Espaço, mas na Terra não havia coisas elementares como uma máquina de lavar, um gravador ou um gira-discos. Ou, mais precisamente, isso também se produzia, mas, no fundamental, era mau e em quantidade insuficiente. O secretismo foi uma das causas principais do atraso da ciência soviética em relação à revolução científica que se ia operando no mundo.

No campo das ciências humanas, funcionava o «partidarismo das ciências», que limitavam fortemente a investigação e os estudos em campos como a História, a Filosofia e a Economia. Tudo tinha de estar de acordo com a linha política do partido.

Um militante comunista é chamado à direcção regional do Partido

por ter sido acusado de «desvio de direita».
– Alguma vez se desviou da linha política do Partido? – pergunta um dos chefes.
– Não, desviei-me sempre juntamente com a linha do Partido...
(anedota soviética)

Todavia, o comunismo não conseguiu criar um mundo completamente fechado: precisava de pessoas cultas, com conhecimento de outras civilizações e línguas. Principalmente após a morte de Estaline, a interação da União Soviética com o mundo aumentou. A pouco e pouco, os soviéticos compreendiam que andavam a ser enganados pela propaganda e que, afinal de contas, havia muitos países no mundo onde se vivia melhor do que na União Soviética. Tive alguns professores que combateram na Segunda Guerra Mundial e conheci outros veteranos desse conflito que não compreendiam como é que a Alemanha Ocidental podia viver melhor que o seu país. «Afinal, quem ganhou a guerra?», interrogavam-se eles.

Por isso, considero que a existência de um ensino razoavelmente bom na União Soviética foi uma das principais razões da queda do comunismo nesse país. No interior do próprio Partido Comunista da URSS surgiam forças que compreendiam que, como mais tarde confirmou Gorbatchov, «é impossível viver assim!».

9. Intransigência para com a injustiça, o parasitismo, a desonestidade, o carreirismo, a avareza.

Aqui chegou o momento de contar como foi criado o código. O jornalista Fiodor Burlatsky, um dos seus autores, recorda:

As coisas aconteceram nos arredores de Moscovo, na antiga casa de campo de Gorky, no ano de 1961. Eu trabalhava num grupo de consultores do PCUS que preparavam o programa do partido, desde o início até ao fim. O nosso grupo era dirigido por Boris Nikolaevitch Ponomariov, secretário do CC, mas os trabalhos eram dirigidos pelo seu adjunto, Elizar Ilitch Kuskov, pessoa com um espírito

extraordinário, um jornalista que escrevia de forma aguda e com um sentido refinado da palavra.

Certa manhã, depois de uma forte borracheira na noite anterior, estávamos sentados num caramanchão e bebíamos chá. Elizar disse-me:

– Sabes, Fiodor, telefonou-me o «nosso» (assim ele tratava Ponomariov) e disse «Nikita Sergueevitch Khrutschov viu tudo o que vocês escreveram e aconselhou a que se inventasse rapidamente um código moral dos comunistas. De preferência, ele deve ser enviado para Moscovo em três horas».

E nós começámos a fantasiar. Um dizia «paz», outro «liberdade», um terceiro «solidariedade» [...]. Eu disse que é preciso partir não só dos postulados comunistas, mas também dos mandamentos de Moisés, Cristo, então tudo «encaixaria» realmente na consciência social. Tratou-se de um acto consciente de inclusão de elementos religiosos na ideologia comunista.

Escrevemos em hora e meia o texto que foi unanimemente aprovado no Presídio do CC.³⁸

Permito-me duvidar aqui do «acto consciente» realizado num momento em que Khrutschov prometia mostrar aos soviéticos «o último padre pela televisão».

Quanto ao «parasitismo», recordo que era uma acusação frequentemente utilizada para perseguir os dissidentes soviéticos. O caso mais conhecido foi o de Iossif Brodsky, agraciado com o Prémio Nobel da Literatura de 1987. Depois de uma forte campanha contra ele na imprensa soviética, que o acusou, entre outras coisas, de «parasitismo», um dos maiores poetas do século XX foi condenado, por esse crime, a cinco anos de trabalhos forçados numa região remota do Norte da Rússia.

A dissidente Frida Vigdorova registou este diálogo entre o juiz e o poeta:

Juiz: Quantos anos trabalhou?

Brodsky: Aproximadamente...

J.: Não queremos saber «aproximadamente»!

B: Cinco anos.

J.: Onde trabalhou?

B.: Numa fábrica. Em expedições geológicas...

J.: Durante quanto tempo trabalhou na fábrica?

B.: Um ano.

J.: O que fazia?

B.: Era torneiro.

J.: Mas qual é a sua especialidade?

B.: Sou poeta, poeta-tradutor.

J.: Quem reconheceu que você é poeta? Quem o incluiu entre os poetas?

B.: Ninguém. Quem me incluiu entre a raça humana?

J.: Você estudou para isso?

B.: Para quê?

J.: Para ser poeta. Não tentou acabar uma universidade onde preparam... onde ensinam...

B.: Não imaginava... não imaginava que isso se pudesse aprender.

J.: Haverá outra forma?

B.: Penso que... se trata de um dom de Deus...

J.: Tem algum pedido a fazer ao tribunal?

B.: Gostaria de saber porque é que fui preso.

J.: Isso é uma pergunta, não é um pedido.

B.: Então não tenho pedidos a fazer.³⁹

Os que eram acusados de actividades subversivas eram despedidos do seu emprego e não eram aceites noutros locais de trabalho, o que permitia às autoridades acusá-los de «parasitismo». A crónica *Grupo de Helsínquia de Moscovo*, jornal clandestino dessa organização de defesa dos direitos humanos, publicou outros exemplos de perseguições de intelectuais:

Recentemente, representantes dos órgãos administrativos foram a casa de conhecidos escritores como Gueorgui Vladimov, que abandonou a União dos Escritores Soviéticos, Vladimir Voynovitch e Vladimir Kornilov, que foram expulsos da União, Alexandre Zinoviev, filósofo privado de todos os graus e despedido, e exigiram provas dos seus meios de subsistência. Até com Lev Kopeliov foi ter um oficial da

milícia [polícia], que se interessou porque é que ele não trabalha (Há muito que Kopeliov está reformado).⁴⁰

10. Amizade e irmandade de todos os povos da URSS, intolerância para com a inimizade nacional e racial.

Já abordei acima a questão do anti-semitismo na URSS, mas esse estava longe de ser o único caso de «inimizade social» existente no país. Por exemplo, povos como os estónios, lituanos e letões, que tinham sido integrados à força na União Soviética, não olhavam com bons olhos para os russos, pois viam-nos como ocupantes.

Depois da Segunda Guerra Mundial, Moscovo deportou dezenas de milhares de habitantes dessas três repúblicas do Báltico e enviou para lá milhares de russos, ucranianos e bielorrussos, para «criar e reforçar a classe operária», mas, na realidade, tratou-se de uma das formas de russificação.

(Numa das minhas frequentes visitas a Tallinn, em 1982, entrei numa loja onde vendiam discos de música, para comprar interpretações de obras europeias medievais por músicos estónios. Quando me dirigi à empregada do balcão em russo, ela recusou-se a atender-me alegando que não falava nessa língua. Fiquei furioso, mas não havia nada a fazer. Ou melhor, depois de uma escandaleira, lá consegui comprar o que queria.)

O racismo também era uma realidade na sociedade soviética. A Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba, frequentada por estudantes de países do Terceiro Mundo, era também conhecida como o ZOO-2 de Moscovo.

Uma vez, eu estava na fila da caixa de um supermercado. Quando chegou a minha vez de pagar, a empregada pronunciou em voz alta: «Não atendo pretos!» Depois de um instante de espanto, que me deixou sem palavras para responder, pronunciei em voz alta: «Ouve lá, sua malcriada, vamos fazer um teste. Tu e eu baixamos as cuecas, para que se veja quem tem o cu mais branco!» As pessoas que se encontravam na fila ficaram como que petrificadas; ninguém pronunciou uma só palavra. A jovem da caixa corou fortemente, levantou-se da caixa e desapareceu. Verdade seja dita, a maioria dos presentes apoiou-me com um sorriso.

11. Intolerância para com os inimigos do comunismo, da causa da paz e da liberdade dos povos.

Neste mandamento, só a primeira parte é verdadeira. Os dirigentes soviéticos não olhavam a meios para combater os «inimigos». Quantitativamente, esta talvez tenha sido a maior vitória do comunismo, pois o número das suas vítimas é incalculável, de muitos milhões. Na era soviética, foram editadas as *Obras Completas de Vladimir Lénine*, que, como se veio a saber mais tarde, estavam longe de estar completas. Foram censurados textos que até os comunistas consideravam demasiadamente descarados. Apenas alguns exemplos: «[...] enforcar *kulaks*, padres, latifundiários. Um prémio de cem mil rublos por cada enforcado»⁴¹; «Quanto maior número conseguirmos fuzilar por esse motivo, melhor»⁴²; «[...] fuzilar obrigatoriamente, para que o povo veja, mais de cem conhecidos *kulaks*, ricos, sanguessugas...»⁴³.

12. Solidariedade fraternal com os trabalhadores de todos os países, com todos os povos.

Isto, tal como outras expressões, como «internacionalismo proletário», servia apenas para encobrir o carácter imperialista da União Soviética. Não havia ajuda desinteressada e, se a geopolítica era considerada uma «pseudociência», isso não significava que a política externa da URSS visasse manter a paz mundial. Enquanto superpotência, a URSS disputava o controlo do mundo com os Estados Unidos, ingerindo-se em dezenas de confrontos e guerras fora do seu território.

Nas aulas de Política no exército checoslovaco, um oficial pergunta a um soldado o que sabe do imperialismo.

– Os imperialistas sempre quiseram conquistar a nossa pátria!

– Muito bem. E o que pode dizer mais?

– Que a União Soviética se antecipou a eles.

(anedota soviética)

Enquanto os ideólogos do regime escreviam novos mandamentos, o sistema soviético ia enfraquecendo, tendo em Leonid Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, o melhor exemplo desse processo. Decrépito, mal conseguia mover-se e falar, mas continuava a «escrever» obras como *Terra Pequena*, *Renascimento* e *Terras Virgens*. Os seus títulos e medalhas também aumentavam a ritmos vertiginosos; só não conseguiu receber a medalha de Mãe Heroína, condecoração atribuída às mulheres soviéticas que tinham dez filhos e mais, porque os comunistas ainda não tinham descoberto forma de mudar as leis da natureza. Mas não lhe faltavam estrelas de ouro: quatro de Herói da União Soviética e uma de Herói do Trabalho Socialista e dezenas de outras ordens e medalhas da URSS e de países estrangeiros. Ao todo, recebeu 117 medalhas e condecorações.

Ficaram também famosas as beijocas sonoras do dirigente soviético quando se encontrava com estadistas estrangeiros.

Brejnev despede-se no aeroporto de um político norte-americano. Abraçam-se e beijam-se durante muito tempo. Finalmente, o político sobe para o avião e parte. Brejnev chora. Suslov aproxima-se dele: – Então, camarada Leonid Ilitch, deixa-te disso. Ele não presta como político.

– Pode ser mau político, mas beija tão bem! – replica Brejnev.
(anedota soviética)

Numa situação destas, era triste e ridículo ler a seguinte notícia no *Pravda* a menos de cinco meses da sua morte:

Encontro de L.I. Brejnev com uma delegação do Partido Comunista Português, dirigida por A. Cunhal, secretário-geral do PCP

No dia 21 de Junho, L.I. Brejnev, Secretário-Geral do CC do PCUS, Presidente do Presídio do Soviete Supremo da URSS, encontrou-se com uma delegação do Partido Comunista Português, chefiada por A.

Cunhal, Secretário-Geral do PCP, que se encontra na União Soviética a convite do CC do PCUS.

Ao falar da situação no mundo, L.I. Brejnev considerou-a preocupante. A fonte de tensão crescente é, antes de tudo, a política dos EUA. Washington anuncia, um atrás de outro, novos programas de corrida ao armamento: nuclear, químico e convencional. Os estrategas americanos revelam abertamente o desejo de estabelecimento da hegemonia mundial dos EUA. A administração americana não pára a sua ingerência nos assuntos de outros países, provoca conflitos e crises perigosas em diversas regiões do globo terrestre.

Nestas condições complicadas, declarou L.I. Brejnev, a política externa da URSS, definida no XXVI Congresso do PCUS, é um facto de estabilização. Do lado dos países socialistas, está a verdade e a justiça. A União Soviética e os seus aliados defendem o principal interesse da humanidade: a conservação da paz. Nos últimos tempos, a URSS apresentou uma série de propostas sobre os problemas agudos da política mundial. Elas abarcam muitas questões, mas a sua direcção fulcral é o fim da corrida ao armamento, antes de tudo nuclear. A União Soviética defende invariavelmente conversações com os EUA.

A. Cunhal assinalou a relevante importância da política de amor à paz e de princípio da União Soviética. Sublinhou a grande importância das novas iniciativas de paz, avançadas por L.I. Brejnev nos congressos dos sindicatos soviéticos e da juventude comunista e na mensagem enviada à sessão especial da Assembleia Geral da ONU, para o melhoramento do clima internacional.

O camarada Cunhal falou do desenvolvimento em Portugal da luta pela paz, patente em grandes manifestações de massas tanto por objectivos comuns com outros povos, como por uma verdadeira política externa independente que vise o desenvolvimento das relações de amizade com todos os países.

[...] A. Cunhal transmitiu a nota elevada que os comunistas e trabalhadores portugueses dão aos êxitos históricos do povo soviético na construção do socialismo e do comunismo.

A conversa decorreu num ambiente de amizade fraternal e unanimidade de pontos de vista.⁴⁴

É impossível acreditar que uma conversa tão longa tenha tido lugar. L. Brejnev já há muito que estava incapacitado de a fazer.

Karen Brutentz, antigo vice-presidente da Secção Internacional do Comité Central do PCUS, recorda um encontro entre Agostinho Neto, Presidente de Angola, e Brejnev, realizado em Agosto de 1977. O dirigente angolano deslocou-se a Moscovo para pedir satisfações sobre a participação de militares e agentes secretos soviéticos no chamado «Golpe Nito Alves». Após Neto expor as suas suspeitas e fazer directamente a pergunta sobre se aquilo era verdade, os funcionários soviéticos esperavam que Brejnev desmentisse tal acusação, mas o líder soviético começou a ler um texto previamente preparado que nada tinha a ver com o tema: «a situação no nosso país é boa, as previsões sobre as colheitas são fantásticas, etc., etc.»⁴⁵.

* * *

Ao falar da era Brejnev, não posso passar ao lado do espancamento selvagem de que foi vítima o jornalista português Carlos Fino.

Não posso dizer que, nessa altura, fosse amigo dele, pois mal o conhecia, mas cruzávamo-nos nos estúdios de cinema onde traduzíamos filmes de russo para português. Além disso, ele fazia locução com o meu amigo F.M. Conversávamos, trocávamos algumas palavras e pouco mais.

O incidente ocorreu em Julho de 1982. Foi o F.M. que me deu a notícia de que o Carlos tinha sido espancado pela milícia (polícia) soviética à saída de um hotel de Moscovo e perguntou-me se eu não queria ir com ele para testemunhar as marcas do espancamento. Aceitei logo a proposta e dirigimo-nos para casa dele. Quando vi a forma como o Carlos fora maltratado, apoderou-se de mim uma mistura de perplexidade e indignação. Nada justificava uma coisa daquelas. Já tinha ouvido relatos de espancamentos de detidos pela polícia nas esquadras, mas não pensava que a crueldade fosse tanta. Por muito grande que pudesse ter sido a infracção cometida pelo jornalista português, nada justificava uma barbaridade daquelas. Não sei se se tratou de alguma provocação dos serviços secretos soviéticos, mas inclino-me a pensar que foi mais uma

daquelas arbitrariedades de agentes da polícia com vista a demonstrar o seu poder e a humilhar as pessoas.

Face a este incidente, não me surpreendeu a posição cobarde do Partido Comunista Português, que não se juntou a outras forças políticas na Assembleia da República na condenação do acto. No interior da organização do partido, alguns discordaram da decisão e manifestaram o seu apoio ao Carlos Fino, mas outros preferiram seguir a posição geral do PCP com piadas de muito mau gosto. O servilismo e a falta de coragem dos comunistas portugueses, que eles insistem em esconder sob a cara da «solidariedade» e do «internacionalismo proletário», voltavam a manifestar-se.

Este foi um daqueles momentos que me repugnaram e me fizeram pensar sobre a verdadeira natureza do regime soviético e a moral dos seus dirigentes e seguidores.

Felizmente, a pronta intervenção das autoridades portuguesas permitiu que o Carlos fosse transferido para Helsínquia para se tratar.

[35](http://www.rg.ru/2009/02/13/zyuganov.html) <http://www.rg.ru/2009/02/13/zyuganov.html>

[36](http://narkomaniy.net/news/news/alkogolizm-v-sssr-i-v-nashe-vremja/) <http://narkomaniy.net/news/news/alkogolizm-v-sssr-i-v-nashe-vremja/>

[37](http://loveread.ec/read_book.php?id=10163&p=3) Рубен Давид Гонсалес Гальего, Белое на черном, em: http://loveread.ec/read_book.php?id=10163&p=3

[38](#) Revista sociojurídica *Rossiyskiy advokat*, n.º 5, 2007.

[39](http://www.polit.ru/article/2004/03/14/brodsky1/) <http://www.polit.ru/article/2004/03/14/brodsky1/>

[40](http://rusplt.ru/society/tuneadstvo.html) <http://rusplt.ru/society/tuneadstvo.html>

[41](#) Ленин, Владимир. Российский Центр хранения и изучения документов новейшей истории Ф. 2., Оп. 2., Д. 380 [Vladimir Lénine, Centro de Conservação e Estudo de Documentos da História Contemporânea da Rússia, F. 2, Op. 2, d. 380].

[42](#) Ленин, Владимир. Известия ЦК КПСС. 1990, № 4., с. 193 [Vladimir Lénine, *Notícias do CC do PCUS*, 1990, n.º 4, p. 193].

[43](#) Ленин, Владимир. РХЧИДНИ Ф. 2., Оп. 2., Д. 6898 [Vladimir Lénine, Centro de Conservação e Estudo de Documentos da História Contemporânea da Rússia, F. 2, Op. 2, d. 6898].

[44](#) *Pravda*, 22 de Junho de 1982.

[45](#) José Milhazes, «*Golpe Nito Alves*» e outros momentos da história de Angola vistos do Kremlin, Lisboa, Alêtheia, 2013, p. 79.

10.

UM NASCIMENTO ENTRE UM CORTEJO DE FUNERAIS

Paradoxo: Brejnev estava caquético, mas a notícia da sua morte pareceu uma grande surpresa para muitos soviéticos. Os kremlinólogos desconfiaram de alguma coisa e com razão.

Brejnev faleceu na noite de 9 para 10 de Novembro, mas a notícia só foi tornada pública no dia 11. Nesse período, aconteceu algo de extraordinário, porque todas as estações de rádio transmitiam música clássica e a televisão não mostrou o concerto dedicado ao Dia da Milícia (Polícia), substituindo-o por um dos clássicos do cinema soviético, *Homem com Espingarda*, dedicado a Lénine. Além disso, notou-se um intenso movimento de limusines pretas na Praça Vermelha, fenómeno muito pouco frequente.

Eu recebi a notícia através do meu colega de quarto, o equatoriano Marco, que quase trazia lágrimas nos olhos. Alguns dos estudantes que encontrei nesse dia tinham ar carrancudo, mas, ao mesmo tempo, perplexo. O último secretário-geral do PCUS, José Estaline, morrera a 3 de Março de 1953 e as pessoas pareciam já se ter esquecido de que os seus dirigentes, mais tarde ou mais cedo, morriam.

Não fiquei triste nem alegre com a notícia, pois eu tinha um problema grave para resolver. A minha namorada (e futura mulher) estava grávida e eu tinha comprado, ou melhor, tinha pedido a um colega soviético que me comprasse, um bilhete para ir visitá-la a Tallinn, capital da Estónia. Como foram reforçadas as medidas de segurança em Moscovo, receei ser apanhado nalguma rusga pela polícia, pois não tinha autorização para deixar a capital soviética. Imperou a mais simples das lógicas: se eles vão

fechar a cidade durante os três dias das cerimónias fúnebres, então não deverá haver muito controlo sobre os que saem. E assim foi. Ao fim da tarde, sentei-me no comboio n.º 34 Moscovo-Tallinn, vestido com roupas soviéticas que me tornavam semelhante a um judeu ou caucasiano. Já andava de barba comprida nessa altura.

Foi ao lado da Siiri que assisti pela televisão às cerimónias fúnebres de Brejnev, muito semelhantes às do enterro de Estaline. Milhares de operários, camponeses, intelectuais, estudantes, militares – uns por vontade própria, outros por obrigação – participaram no funeral de Leonid Brejnev. Ouvi os apitos dos navios e das fábricas em Tallinn. Acabava uma época que ficou conhecida como *zastoi* (imobilidade, pântano).

* * *

Mas antes de continuar a «excursão» política, não posso deixar de revelar como é que uma jovem estoniana entrou na minha vida. A Siiri era uma jovem alta, magrinha, loira e com um penteado à Beatriz Costa. Tinha vindo estudar para a Faculdade de Filosofia da Universidade de Moscovo e vivia na mesma residência estudantil do que eu, apenas quatro andares mais abaixo.

A residência estudantil *obschejitie* era um mundo à parte. Aquela onde eu residia tinha 22 andares e albergava estudantes das faculdades de Direito, Filologia, História e Filosofia que não tinham residência em Moscovo. Era um microclima muito especial. Gente de todos os confins da URSS e do mundo, com as suas qualidades e defeitos.

Fugíamos a milhas quando sentíamos, pelo cheiro pouco habitual exalado por arenque salgado frito, que estavam vietnamitas na cozinha. Em cada andar havia uma cozinha, para quem não quisesse comer no refeitório. Era mais agradável quando da cozinha saía o cheiro de batatas fritas em banha de porco, a especialidade das estudantes ucranianas, principalmente no fim do mês, quando o dinheiro da bolsa estava a chegar ou já tinha chegado ao fim. Era sempre bem aceite um convite, nem que fosse apenas para beber chá, porque depois vinham o pão, os doces de fruta, etc.

Quando havia tempo livre, principalmente depois do jantar, alguns estudantes estrangeiros juntavam-se nalgum quarto ou nos corredores da

residência para tocar guitarra e cantar. Amigos cubanos, o espanhol Angel, o equatoriano Marco e outros pegavam em violas e íamos matando o tempo com canções espanholas e latino-americanas. A nós juntavam-se sempre estudantes soviéticos para ouvir música. Foi num desses concertos que notei pela primeira vez a minha futura mulher. Depois disso, cruzávamo-nos nos corredores e elevadores e participámos num convívio internacionalista organizado pela universidade, mas conhecemo-nos uns meses mais tarde, durante a festa de anos de um colega russo.

Naquela altura, como já referi, os soviéticos tinham difícil acesso a discos de música estrangeira: Rolling Stones, Genesis, Pink Floyd, etc. Por acaso, eu e os amigos portugueses possuíamos algumas dessas preciosidades e os nossos colegas soviéticos convidavam-nos para as festas de aniversário e outras, a fim de que levássemos a música. Às vezes, éramos convidados por pessoas completamente estranhas. Foi numa dessas festas que conheci a Siiri.

Quando a gravidez estava a chegar ao fim, ela decidiu dar à luz na sua terra natal e eu fui visitá-la também para conhecer a sua família, que me recebeu bem. Inicialmente, eu era um pouco escuro demais para a minha sogra, que não estava habituada a ver ao vivo portugueses depois do Verão.

Foi essa a primeira vez que visitei a Estónia e rapidamente compreendi que os estónios pouco ou nada queriam ter a ver com o poder comunista de Moscovo. A cidade de Tallinn era mais semelhante a uma qualquer cidade do Norte da Europa do que a uma cidade russa. Os habitantes das regiões costeiras dessa república ocupada pela URSS em 1939 tinham acesso à televisão da Finlândia. Como as línguas finlandesa e estónia são muito próximas, os estónios obtinham uma informação democrática e aberta, sabiam o que se passava no mundo, escapando à censura soviética. Nos primeiros contactos com os estónios, dei conta de que olhavam para mim como para um extraterrestre, quando eu defendia o regime comunista. Pensavam que já não existiam alienados assim.

* * *

Após a morte de Brejnev, o cargo de secretário-geral do CC do PCUS passou a ser ocupado por Iúri Andropov, homem que dirigira os serviços

secretos soviéticos entre 1967 e 1982. Este seu cargo fez nascer em certas camadas soviéticas a esperança de que ele ia «impor ordem e disciplina» no país. E as primeiras medidas apontavam para isso.

A fim de melhorar a situação da URSS, Andropov deu início a uma enorme campanha de reforço da disciplina laboral. Milícias, ajudados por voluntários civis (*drujiniki*) faziam rufas nos cinemas, nos grandes supermercados, nas estações de metro e noutros lugares, para verificar se as pessoas que aí se encontravam não deviam antes estar a trabalhar no seu escritório ou fábrica. Recordo-me de ver milícias a bloquear as saídas das lojas para controlar os documentos e assisti a várias detenções. Os directores mais fervorosos tentavam ganhar pontos a apanhar empregados que abandonavam os locais de trabalho para fazer compras nas lojas, tanto mais que sabiam que os trabalhadores não tinham alternativa senão escapar do local do trabalho para comprar alguns alimentos ou outros produtos.

Nas universidades não era necessário fazer isso, porque a presença nas aulas e nos seminários era obrigatória e as faltas injustificadas podiam criar sérios problemas aos alunos, incluindo a expulsão.

No ar pairava o receio do aparecimento de um regime neo-estalinista. Quando dirigia o KGB, Iúri Andropov esteve na origem da expulsão da União Soviética do escritor soviético Alexandre Soljenitsin, desterrou o académico Andrei Sakharov para a cidade de Gorky (hoje, Nijni Novgorod) e recorreu aos hospitais psiquiátricos para «tratar» dos dissidentes.

– *Ouviste a notícia? O Andropov partiu um braço!*
– *A quem?*

(anedota soviética)

A campanha, como acontecia com praticamente todas as campanhas realizadas no país, tomou formas tão extremas e caricatas, que Andropov se viu obrigado a recuar. Segundo as estatísticas soviéticas, ela permitiu um crescimento industrial de 4% em 1983, mas os dirigentes soviéticos compreenderam que esse tipo de medidas tinha um efeito de pouca

duração e que era necessário reformar radicalmente a economia e os métodos de gestão da produção. Para isso, Andropov encarregou Mikhail Gorbachov e Vladimir Dolguikh, então membros do Bureau Político do CC do PCUS, e Iúri Ryjkov, secretário do CC para a Economia, de prepararem uma profunda reforma económica.

Paralelamente, o dirigente soviético lançou uma campanha contra a corrupção nas altas esferas do poder, contra «os rendimentos não obtidos através do trabalho» e contra os «especuladores». Caíram como uma autêntica bomba a detenção, o julgamento e o fuzilamento do chefe da Direcção Principal do Comércio do Comité Executivo de Moscovo, bem como a detenção e a condenação a pesadas penas de prisão de 25 directores de grandes lojas da capital soviética, de Nikolai Cholokov, ministro do Interior, e do vice-ministro e genro de Brejnev, Iúri Tchurbanov. Estes processos eram muito populares, pois eram vistos como o regresso da «justiça».

– *Será preciso pagar as quotas do Partido tendo em conta os subornos recebidos?*
– *Se fores um verdadeiro comunista, sim!*
(anedota soviética)

No campo internacional, as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética deterioravam-se. Moscovo deixava-se envolver cada vez mais numa corrida ao armamento insuportável para a sua economia. As duas superpotências instalaram mísseis de médio alcance na Europa, o que azedou ainda mais as relações entre elas, ao ponto de o Presidente norte-americano Ronald Reagan ter rotulado a URSS de «Império do Mal».

Mas o pior estava para vir. No dia 1 de Setembro de 1983, um caça soviético abateu um Boeing-747 norte-coreano com 269 passageiros a bordo. Não obstante todos os esforços da propaganda soviética com vista a justificar essa matança, frisando que se tratava de um «avião de espionagem ao serviço da CIA», foram muitos os que se interrogaram sobre acção tão desumana e cínica.

Apesar de todo o secretismo, era visível que o estado de saúde de Andropov piorava rapidamente e que ele dirigia o país a partir de uma cama de hospital, onde estava ligado à máquina de hemodiálise. Por isso, não ficámos surpreendidos quando a sua morte foi anunciada a 9 de Fevereiro de 1984, nem com o funeral pomposo de mais um secretário-geral do PCUS.

– Porque é que o Brejnev fazia viagens ao estrangeiro e o Andropov não?

– Porque o primeiro trabalhava a pilhas e o segundo tinha de estar ligado à tomada!

(anedota soviética)

O mais espantoso foi ele ter sido substituído por outro idoso que mal se aguentava nas pernas: Konstantin Tchernenko. No dia 13 de Fevereiro de 1984, foi eleito por unanimidade secretário-geral do PCUS no Bureau Político. Este facto deu origem a um grande número de anedotas.

Comunicado à imprensa:

Hoje, às 9 horas, depois de uma grave e longa doença, Konstantin Tchernenko, secretário-geral do PCUS e Presidente do Presídio do Soviete Supremo da URSS, sem recuperar os sentidos, começou a executar as suas funções.

(anedota soviética)

Durante o breve reinado de Tchernenko, foi feita uma tentativa de reabilitação do ditador José Estaline, cuja política repressiva tinha sido condenada, mas não totalmente desmascarada, no XX Congresso do PCUS (1956). Viatcheslav Molotov, ministro dos Negócios Estrangeiros da União Soviética na era estalinista, foi readmitido no Partido Comunista e o novo cartão foi-lhe entregue por Tchernenko. Segundo comentários sarcásticos, desse modo, o líder soviético escolhia o seu sucessor na figura

de Molotov, então com 94 anos, ou seja, 21 anos mais velho do que Tchernenko.

Em Junho de 1984, o líder soviético lançou mais uma campanha contra os conjuntos de *rock*, que disse provocarem «prejuízos ideológicos e estéticos». Os concertos organizados não oficialmente em pequenos espaços eram equiparados a «iniciativa empresarial ilegal», que dava direito a pena de prisão.

Porém, essas suas campanhas não foram levadas até ao fim. O regime estava tão decrepito como o seu líder, por isso, os soviéticos já não sabiam se chorar ou rir quando viram Tchernenko votar poucos dias antes da sua morte, apoiado por camaradas seus. No hospital, foi montada uma mesa de voto para mostrar que ele era ainda capaz de «cumprir o seu dever cívico». Tchernenko pronunciou apenas algumas palavras com grande dificuldade. Como seria de esperar, foi eleito deputado do Soviete Supremo da Federação Soviética Socialista da Rússia com 100% dos votos.

Ninguém ficou surpreendido quando, a 10 de Março de 1985, foi anunciada a sua morte e se deu mais um (o último) funeral solene junto dos muros do Kremlin, na Praça Vermelha.

* * *

Entretanto, a 30 de Novembro de 1982, nascia a minha filha, em Tallinn. Na manhã desse dia, recebi um telegrama da minha sogra com a notícia feliz e decidi dirigir-me à Secção de Estudantes Estrangeiros da Faculdade de História, para que esta pedisse aos órgãos competentes um visto que me permitisse visitar a minha mulher e filha. Mas, como ainda não estava casado, fui mandado para a Secção de Estudantes Estrangeiros da universidade e, daí, para o Departamento Internacional do Ministério do Ensino Superior da União Soviética.

Nesta última instância, um burocrata, no sentido figurado e real, declarou com toda a seriedade que eu tinha de provar que a menina era minha filha, ao que lhe perguntei: «E como poderei fazer isso?» «Tem de trazer uma declaração do representante máximo do Partido Comunista Português em Moscovo que confirme que a menina é sua filha.»

Fiquei hirto de espanto e reagi com uma pergunta: «Mas você pensa que o meu partido me serviu de colchão ou segurava a vela? Vai imaginar a

reacção do membro do Comité Central do PCP quando eu lhe fizer esse pedido? Receio, camarada, que terá sérios problemas.» O funcionário corou e cedeu: «Concedo-lhe autorização para ir ver a sua filha, mas apenas dois dias e no fim-de-semana!» Aceitei imediatamente a proposta, mas acabei por ficar mais de uma semana, sem autorização, na Estónia.

O nascimento da minha filha abriu-me os olhos para aspectos da sociedade soviética até então desconhecidos. Eu não sabia que na URSS não se fabricavam fraldas descartáveis, nem sequer calças de plástico para segurar as fraldas de pano. Por isso, era preciso lavar as fraldas, fervê-las, secá-las e passá-las a ferro.

Outro dos problemas era a alimentação infantil, pois era uma raridade encontrar nas lojas algo mais além da farinha *Krepys* («Criança Robusta»), que não fazia senão engordar os bebés. Ajudavam a melhorar a situação o leite e o requeijão que eram distribuídos nas clínicas infantis de manhã cedo e os boiões finlandeses de papas de fruta. Quando estes últimos apareciam à venda, era preciso comprar para os próprios filhos e mais, para trocar com os vizinhos.

A ajuda dos amigos e familiares foi importante. As amigas finlandesas Päivi e Mariane, que estudavam com a minha mulher na universidade, foram incansáveis a apoiar-nos. Não perdiam uma oportunidade para facilitar a vida da minha mulher e da nossa filha. Traziam calças de plástico, roupas infantis de qualidade, o que também era uma raridade nas lojas soviéticas.

A minha mãe, como não podia deixar de ser, enviou-me uma encomenda com um lindo vestido cor-de-rosa e mais algumas peças de roupa para a menina, mas tive de pagar por elas direitos alfandegários, pois no correio alegavam que eu podia estar a fazer contrabando.

Quando a minha mulher regressou a Moscovo, as entidades universitárias recusaram-se a dar-nos um quarto apenas para nós, porque ainda não tínhamos registado o nosso casamento. Inicialmente, elas ficaram a viver no quarto em que eu morava com Marco, porque este conseguiu encontrar um refúgio temporário noutra quarto. Foi preciso percorrer um grande número de estâncias para resolver este problema.

A Universidade de Moscovo tinha um destacamento de segurança (Operativnyi otryad) constituído, no fundamental, por estudantes carreiristas e bufos, dispostos a tudo para mostrarem serviço. Uma das

suas funções era, periodicamente, bloquear por completo as entradas e saídas das residências estudantis por volta das cinco ou seis horas da manhã e controlar quem dormia com quem e onde. Normalmente, essas operações tinham lugar ao domingo.

Certa madrugada, fomos acordados por murros e pontapés na porta do quarto. Os gorilas, chefiados por Konstantin Zatulin, estudante odiado por muitos, devido à sua intensa actividade como bufo, actualmente defensor da anexação da Crimeia e do mundo russo de Putin, entraram e exigiram que mostrássemos os documentos, o que eu fiz sem qualquer tipo de comentário. Depois de os analisarem, comunicaram-me que eu e a minha filha podíamos continuar no quarto, mas que a minha mulher tinha de sair, pois não tinha autorização de residência. Recusámo-nos a acatar aquela decisão e o «defensor da moral comunista» começou a levantar a voz e acordou a minha filha. Criou-se uma situação tão vergonhosa, que os ajudantes que o acompanhavam, entre os quais estavam algumas jovens minhas conhecidas, aconselharam-no a acalmar-se e a retirar-se.

Durante um ano, Zatulin foi meu vizinho na residência estudantil e, quando lhe cheirava a bebidas alcoólicas, vinha bater à porta para não perder um copo. Nessa altura, eu vivia no mesmo quarto que o português F.M., pessoa que, tal como eu, gostava de convívio, mas sabíamos que se devia ter muito cuidado com as conversas na presença desse bufo. Ele era talvez das pessoas mais odiadas pelos seus concidadãos na universidade. Mais tarde, viemos a saber que ele tinha prejudicado vários alunos com a sua «vigilância revolucionária».

Depois de conseguir, através do Consulado de Portugal em Moscovo, todos os documentos necessários, eu e a Siiri casámo-nos a 10 de Maio de 1983. Tratou-se de uma cerimónia muito simples, com a participação de quatro ou cinco amigos no nosso quarto da residência estudantil. Naquela altura o dinheiro era muito pouco e o pequeno convívio foi pago com os cem rublos que a minha mulher recebera do Estado soviético para comprar a aliança. Era uma das formas de incentivar o crescimento demográfico. A aquisição das alianças ficou para depois.

Num país tão frio como a Rússia, as crianças deviam ser treinadas desde muito cedo a enfrentar o Inverno, e aqui tive muito a aprender e a que me habituar. Quando havia tempo, embrulhávamos a minha filha em vários cobertores, atávamo-los com uma fita, colocávamo-la num carro de bebé e

íamos passear para a rua, mesmo quando o mercúrio estava bastante abaixo do zero. Se o pai e a mãe estavam ocupados, agasalhávamos devidamente a Liina e levávamos o carrinho para uma das varandas da residência, onde ela dormia algum tempo ao ar livre. Quando a Liina começou a andar, foi preciso comprar um trenó para a levar para o infantário no Inverno ou para as muitas brincadeiras que as crianças fazem na neve: escorregar, rebolar, fazer bonecos, etc. Mas, como as temperaturas na rua são baixas, as roupas não ficam molhadas, antes formam, à superfície, pequenas camadas de gelo. Só quando as crianças entram nas casas aquecidas é que é preciso mudar rapidamente de roupa e pô-la a secar.

Logo a seguir ao casamento, decidi visitar os meus pais para lhes apresentar a família. Não obstante todas e mais algumas liberdades previstas pela Constituição Soviética, os cidadãos da URSS, na prática, estavam proibidos de viajar livremente ao estrangeiro. A propaganda comunista utilizava numerosas artimanhas para justificar a violação de um dos mais elementares direitos humanos, mas, de facto, os comunistas receavam que os soviéticos entrassem em contacto com outros mundos, que atiravam abaixo a tese de que em lugar algum se vivia melhor que no «socialismo desenvolvido». «Eu não conheço outro país onde o homem respire de forma mais livre», reza a letra de uma célebre canção soviética de 1937, o ano do grande terror estalinista.

Um cliente entra num restaurante de Moscovo, pede a ementa e encomenda o prato:

– Traga-me um bife de vaca!

– Não temos – responde o empregado.

– Então traga-me uma costeleta de porco! – pede o cliente.

– Também não temos.

– Mas isto é uma ementa de restaurante ou a Constituição Soviética?

– pergunta o cliente.

(anedota soviética)

Além do resto, todas as soviéticas que namoravam com estrangeiros eram imediatamente rotuladas de prostitutas pelos moralistas marxistas-leninistas e, se ainda ousassem casar com eles, passavam a ser «traidoras da pátria» e eram prejudicadas nas suas carreiras profissionais, a não ser que concordassem em trabalhar para os serviços secretos. Isto era mais um exemplo evidente da hipocrisia do «internacionalismo proletário».

Por isso, antes de se sentar no avião para Lisboa, a minha mulher, tal como muitas outras soviéticas, teve de atravessar vários purgatórios e infernos. A máquina burocrática soviética era implacável, cruel.

Primeiro passo: era preciso reunir todos os documentos para poder requerer um passaporte. A minha mulher recebeu um longo formulário onde tinha de responder a dezenas de perguntas sobre a sua família e a minha, se tinha parentes no estrangeiro, se algum membro da família tinha combatido do lado dos «brancos» contra os «vermelhos» na guerra civil russa de 1917-1922, se alguém tinha vivido nos territórios temporariamente ocupados pelos nazis, etc., etc.

Uma vez preenchido, o formulário tinha de ser analisado e aprovado por numerosas instâncias e organizações. A primeira prova, relativamente fácil de passar, era ganhar o apoio do comité de turma do Komsomol e, logo a seguir, do comité da Faculdade de Filosofia da Universidade de Moscovo, onde ela estudava. Paralelamente, tinham de se conseguir os carimbos das organizações sindicais, pois, na URSS, os estudantes eram obrigados a pertencer a sindicatos. Escusado será dizer que os sindicatos não serviam para defender os interesses de ninguém, antes eram mais uma forma de controlo dentro das empresas. Verdade seja dita, no caso dos estudantes, davam senhas para que pudessemos obter desconto nas refeições.

O primeiro problema começou com a obtenção da assinatura do decano da Faculdade de Filosofia, não porque ele se recusasse a pôr a sua assinatura no formulário, mas porque a sua secretária considerou que não lhe devia fazer chegar o papel.

A minha mulher chegou a casa nervosa e a chorar, maldizendo e amaldiçoando um poder que odiava desde a infância, pois vários membros da sua família tinham passado pelos campos de concentração da Sibéria. Tive de ser eu a resolver o problema. Entrei na sala que dava acesso ao escritório do decano e pedi à secretária que lhe entregasse o formulário

para assinar, mas ela recusou-se a fazê-lo, de forma brusca. Era hora de empregar uma arma pesada. Como eu sabia que o decano se encontrava no escritório, comecei a falar em voz alta, exigindo que fossem respeitados os direitos da minha mulher e dizendo que parecíamos estar perante fascistas e nazis. Quando o decano ouviu o barulho, abriu a porta, inteirou-se do caso e assinou imediatamente o papel.

A secretária ficou furiosa quando nos viu sair com um sorriso nos lábios. Isso era pior do que mil palavrões, mas ela não abriu a boca, antes engoliu em seco. No fundo, deve ter pensado: «Se esta pode viajar para o estrangeiro, porque é que eu não posso?»

A seguir, a luta passou para o nível da universidade. As coisas correram bem no comité do Komsomol, porque, através de dois grandes amigos, Vladimir e Oksana, conseguimos uma cunha para facilitar a obtenção de mais um carimbo. Finalmente, chegou o último obstáculo ideológico: o comité dos veteranos do PCUS, onde as coisas foram mais complicadas, porque a minha mulher teve de se sujeitar a um exame sobre «Política Externa da URSS» e «História do Partido Comunista Português». Não posso dizer que esta última disciplina tenha sido a melhor forma de começar a conhecer a História de Portugal, mas ela esforçou-se por decorar as datas e os nomes mais importantes da história do PCP. Escusado será dizer que a experiência não fez aumentar nela a simpatia por personalidades como Álvaro Cunhal ou outros dirigentes comunistas portugueses, bem pelo contrário.

A explicação para a prova era que os cidadãos soviéticos deviam conhecer bem a História do país que visitavam, para mostrarem que estavam informados sobre o que se passava no mundo. A Siiri receava tanto a prova – que constituía uma das formas mais frequentes de chumbar a saída mesmo que temporária de um soviético do país –, que confundiu o nome do ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, mas, nesse dia, os veteranos comunistas estavam misericordiosos e autorizaram-na a viajar.

Reunidos todos os formulários, assinaturas e carimbos, chegou a vez de apresentar tudo na milícia para requerer o passaporte soviético, processo que levou mais alguns meses e nervos. Depois de receber o passaporte, a Siiri teve de ser internada com urgência para ser operada. Uma doença, com base na fadiga e no *stress*, pregou-nos mais um grande susto, mas tudo acabou por correr bem.

Finalmente, chegou o dia em que a minha mulher e a minha filha puderam ver o país onde eu nasci.

Todavia, também em Lisboa não conseguimos escapar à burocracia soviética. Chegados ao Aeroporto da Portela, tivemos de nos dirigir ao Consulado da União Soviética, para aí inscrever a minha mulher e filha, prática comum em praticamente todos os países. É de muitos conhecido o aspecto interior das embaixadas soviéticas e a «simpatia» com que as pessoas eram aí recebidas. Hoje, nada parece ter mudado.

Mas o mais incrível é que nos abriram a porta e nos deixaram entrar, só para nos informarem de que já não se encontrava ninguém no consulado e que devíamos lá ir noutra altura para fazer o registo. Expliquei ao diplomata soviético em serviço que tínhamos ainda de viajar para a Póvoa de Varzim e que não havia possibilidade de voltar a Lisboa para as registar no prazo de três dias exigido pelas leis da URSS.

No início, o diplomata não recuou, a pretexto de que os funcionários consulares tinham ido para a praia, mas depois acedeu ser ele a inscrevê-las, ao ver em que estado se encontravam a minha mulher e a minha filha, após uma noite sem dormir e uma viagem de avião que demorava cerca de seis horas.

Tanto a minha mulher como a minha filha foram bem recebidas pela família, pelos vizinhos e amigos, mas não posso deixar de recordar um episódio que ocorreu no primeiro dia da sua estadia na Poça da Barca (lugar das Caxinas). Depois de nos conhecermos, eu contei à Siiri muito do que me lembrava da minha terra e dos seus costumes, dos homens do mar, da força das mulheres dos pescadores. Ela ouvira, mas não acreditara muito. Ora, quando estávamos a jantar, começaram-se a ouvir gritos na rua. Corremos para ver o que se passava e fomos dar com um episódio de pancadaria entre mulheres. A Siiri não queria acreditar no que via: puxões de cabelos, golpes com chinelos... E os homens assistindo ao longe, não intervindo na batalha campal. Tudo começou com uma discussão entre duas mulheres. A mais nervosa deixou escapar um insulto à virilidade do marido da outra, o que provocou a ira e a resposta física da ofendida. Depois, vieram as mães, irmãs, tias, primas, amigas... Bem, só visto. Mas esta primeira impressão não criou na minha mulher uma imagem negativa das gentes do mar, foi apenas um episódio insólito.

Regressados a Moscovo, chegou a fase terminal do curso universitário, durante a qual, entre outras coisas, tive de escrever a tese de licenciatura. Chegara a hora de escolher a especialização, o que não era de todo fácil. Como já referi, o ensino na URSS, principalmente no que diz respeito às ciências sociais, era extremamente ideologizado e, nessa altura, eu já tinha posto de parte a especialização em cadeiras como História do Partido Comunista da União Soviética ou História da União Soviética do período socialista. Como me queria afastar o mais possível da carga ideológica e interessava-me cada vez mais pela História da Rússia, fui especializar-me na cadeira de História da União Soviética do período feudal (o nome da cadeira era mesmo esse, não obstante a URSS não existir ainda nesse período), mais precisamente no século XVIII. Na minha tese debrucei-me sobre a política agrária de Catarina II e os projectos de libertação dos servos da gleba. Em poucas palavras, a czarina dizia-se muito «liberal» e «apoianta das Luzes», mas não admitia sequer o fim da servidão, bem pelo contrário, concedeu ainda maiores poderes aos nobres sobre os seus servos.

Durante a defesa da tese, aconteceu um caso muito curioso. Propositadamente, não citei nenhum clássico do marxismo-leninismo: Marx, Engels e Lênine, o que era obrigatório nesse tipo de trabalho ou em livros. Uma das professoras oponentes perguntou-me porque é que eu não os citara, tendo eu respondido que a minha tese nada tinha de antimarxismo-leninismo e que não precisava de os repetir sem razão.

Como tive boas notas, candidatei-me a uma bolsa de estudo para fazer uma pós-graduação em relações russo-portuguesas, mas depois tive de a abandonar, porque não tinha tempo para trabalhar e estudar. Verdade seja dita, continuei a aprofundar os meus conhecimentos de História da Rússia e da União Soviética, principalmente quando a situação se tornou mais propícia, com o acesso a arquivos, bibliotecas, etc.

Dediquei-me inteiramente à tradução de revistas e livros de russo para português. Em 1984, comecei a trabalhar para a editora Progresso, na altura uma das maiores do mundo, pois publicava revistas e livros em numerosas línguas do planeta. Naquela altura, a maioria das antigas colónias portuguesas fazia parte da esfera de influência soviética, por isso não faltava trabalho: desde manuais de filosofia marxista-leninista até livros para os comissários políticos das Forças Armadas, passando por

obras sobre a acção benéfica das relações entre a URSS e África e a acção maléfica dos imperialistas no mesmo continente. Verdade seja dita, a qualidade da propaganda deixava muito a desejar, era bastante primitiva.

Esse trabalho permitiu-me mudar da residência estudantil para um apartamento de duas assoalhadas situado no Sudoeste de Moscovo. Quando o meu filho nasceu em 1985, concederam-me outro de três assoalhadas. Pagávamos uma baixa renda de casa, o aquecimento central e a luz também eram baratos e a água, quente e fria, grátis.

Não regresssei a Portugal no fim da licenciatura porque sabia que teria grandes problemas no reconhecimento do meu curso por uma universidade portuguesa e em encontrar trabalho. Para receber a equivalência, tinha de fazer três exames de História de Portugal e um dos Descobrimentos Marítimos. A nota final atribuída era composta pela média desses quatro exames, não sendo levadas em conta as notas do curso na URSS. Era como não tivesse estudado durante cinco anos. Foi este o meu primeiro contacto com o corporativismo universitário português.

11.

«NÃO SE PODE VIVER MAIS ASSIM!»

Por muito banal que possa soar esta frase, é um facto que a eleição de Mikhail Gorbatchov para o cargo de secretário-geral do CC do PCUS despertou na maioria dos soviéticos uma réstia de esperança, embora poucos fossem os que imaginavam que a situação evoluísse de forma tão radical e dramática.

Sete paradoxos do poder soviético:

1 – Não há desemprego, mas ninguém trabalha.

2 – Ninguém trabalha, mas os planos são cumpridos.

3 – Os planos são cumpridos, mas não há nada para comprar.

4 – Não há nada para comprar, mas as filas estão em toda a parte.

5 – As filas estão em toda a parte, mas estamos no limiar da abundância.

6 – Estamos no limiar da abundância, mas só há descontentes.

7 – Só há descontentes, mas todos votam «a favor».

(anedota soviética)

No plenário do CC do PCUS de 10 de Março de 1985, onde Mikhail Gorbatchov foi eleito, por unanimidade, secretário-geral do PCUS, o novo (em todos os sentidos) líder soviético proclamou «Não se pode viver mais assim!», sentimento apoiado pela maioria dos cidadãos da URSS. Mas era preciso saber o que fazer para mudar a vida. Verdade seja dita, a maioria

dos soviéticos ficou feliz por ver eleito um líder não descartável devido à sua juventude. Não esperavam tão cedo outro funeral de Estado.

Gorbatchov recebera dos seus antecessores uma pesada herança no campo da política externa, nomeadamente: a guerra no Afeganistão, a crise na Polónia, a necessidade de canalizar 40% dos recursos internos para manter a paridade com os Estados Unidos, um crescimento económico de apenas 2,8%, e a queda brusca do preço do petróleo nos mercados internacionais, que fez diminuir em dois terços a entrada de moeda convertível na URSS.

A sua primeira intervenção nessa reunião nada prometia de novo, só a continuação da política que colocara o país numa situação de profunda crise:

A política estratégica elaborada no XXVI Congresso, nos posteriores plenários do CC, foi e continuará inalterável. Trata-se da política de aceleração do desenvolvimento socioeconómico do país, do aperfeiçoamento de todos os sectores da vida da sociedade. Trata-se da transformação da base técnico-material da produção. Trata-se do aperfeiçoamento do sistema de relações sociais, antes de tudo económicas. Trata-se também do desenvolvimento do próprio homem, do melhoramento qualitativo das condições materiais da sua vida e trabalho, da sua dimensão espiritual.⁴⁶

Gorbatchov defendeu também a necessidade de conquistar, no mais curto espaço de tempo, as posições técnico-científicas mais avançadas, o mais alto nível de produtividade. Para isso, era importante empregar de forma criativa os princípios fundamentais da economia socialista, cumprir à risca o desenvolvimento planeado da economia, reforçar a propriedade socialista, aumentar os direitos, alargar a autonomia e a responsabilidades das empresas, estimular o seu interesse pelos resultados finais, continuar a aperfeiçoar a democracia socialista, elevar a consciência socialista, aumentar a transparência no trabalho das organizações estatais e do Partido Comunista.

– *O que é a política de Gorbatchov: progresso ou engano?*

– *O progresso do engano.*

(anedota soviética)

Nessa altura, como escrevi, eu já tinha terminado a universidade e trabalhava como tradutor na redacção portuguesa das edições Progresso, um dos canais mais importantes de propaganda soviética para o estrangeiro, e realizava alguns trabalhos de tradução escrita (os estrangeiros não estavam autorizados a fazer tradução simultânea) no Comité Central do PCUS. Traduzir textos de Gorbatchov ou de outros dirigentes era muito fácil, porquanto o vocabulário era praticamente sempre o mesmo.

Porém, iam aparecendo, a pouco e pouco, palavras novas, como «aceleração» do progresso técnico-científico e «intensificação» do factor humano. Alguma coisa atraía naquele homem, que tinha um estilo diferente de falar com as pessoas, com as massas, não tinha medo de se aproximar delas e de ouvir as suas queixas e conselhos. Ia deixando avisos à gerontologia na direcção do partido: «Aquele que não tenciona reestruturar-se ou, pior ainda, tenciona travar a solução de novas tarefas, deve simplesmente afastar-se do caminho, não incomodar.»

Além disso, Gorbatchov decidiu convocar o XXVII Congresso do PCUS para o ano seguinte, mas, ao anunciá-lo, frisou que se tratava de um acontecimento que deveria dar continuidade à política dos seus antecessores, baseando-se sempre na «interpretação leninista»:

Hoje, confirmamos uma vez mais a continuidade da política estratégica elaborada pelo XXVI Congresso do partido e pelos posteriores plenários do CC. Na interpretação leninista, a continuidade significa o movimento ininterrupto em frente, a descoberta e solução de novos problemas, a liquidação de tudo o que dificulta o desenvolvimento. Devemos seguir à linha essa tradição leninista, enriquecendo e desenvolvendo a nossa política do partido, a nossa linha geral de aperfeiçoamento da sociedade do socialismo desenvolvido [...]. A vida e o seu dinamismo ditam a necessidade de posteriores mudanças e transformações, no sentido mais amplo da

palavra. Trata-se, antes de tudo, da renovação técnica da produção e da consecução do mais alto nível mundial de produtividade do trabalho. Trata-se do aperfeiçoamento das relações sociais e, em primeiro lugar, das económicas. Trata-se de profundas mudanças na esfera do trabalho, das condições de vida materiais e espirituais das pessoas. Trata-se da activação de todo o sistema de institutos políticos e sociais, do aprofundamento da democracia socialista, da autogestão do povo [...]. O PCUS vê o sentido supremo do aceleração do desenvolvimento socioeconómico do país no aumento ininterrupto, passo a passo, do bem-estar do povo, no melhoramento de todos os aspectos da vida dos soviéticos, na criação de condições favoráveis para o desenvolvimento da personalidade. Ao mesmo tempo, é necessário realizar consequentemente uma política de reforço da justiça social na distribuição de bens materiais e espirituais, de aumento da influência dos factores sociais no desenvolvimento da economia e de crescimento da sua eficácia [...]. As principais palavras do momento são: trabalho criador, unidade da palavra e da acção, iniciativa e responsabilidade, exigência para consigo mesmo e para com os camaradas.⁴⁷

Neste mesmo plenário, Gorbachov consegue que três dos seus apoiantes, Egor Ligatchov, Nikolai Rijkov e Vladimir Tchebrikov, sejam eleitos para o Bureau Político do CC do PCUS. Ainda antes, o reformador russo começara a afastar os membros mais velhos do Comité Central do PCUS e a substituí-los por mais novos. É nesta onda de rejuvenescimento que surge Boris Ieltsin. No dia 11 de Abril de 1985, é chamado de Sverdlovsk, sua terra natal nos montes Urais, e colocado à frente da Secção de Construção do CC do PCUS.

A 7 de Maio, o CC do PCUS publica a decisão «Sobre medidas para superar a embriaguez e o alcoolismo», texto que continua a provocar polémica ainda hoje. Por um lado, tratava-se de uma medida fundamental para tentar tratar uma das maiores chagas da sociedade soviética: o alcoolismo. Nos finais dos anos de 1970, o consumo de bebidas alcoólicas bateu recordes históricos. Se, no Império Russo ou durante a época de Estaline, o consumo anual era de cinco litros por pessoa, em 1984 esse número subiu para 10 litros, se contarmos apenas com as bebidas

alcoólicas legais, e 15 litros, se contarmos com as ilegais. Ou seja, cada homem adulto consumia, em média, entre 90 e 110 garrafas de vodka por ano. Isto, por um lado, trazia muito dinheiro em impostos para o Orçamento de Estado, mas, por outro lado, provocava sérios prejuízos à economia nacional, à saúde das pessoas e ao ambiente no seio das próprias famílias. O frio não era a principal razão do alcoolismo; talvez fossem mais importantes outras causas, como o vazio social, a falta de perspectivas, bem como a política do regime de manter embriagados os seus cidadãos para não pensarem nos problemas.

Esta medida, claramente positiva, foi transformada pela burocracia soviética numa campanha que rapidamente virou os cidadãos contra ela. Em Moscovo, as autoridades encerraram numerosas lojas. Por todo o país foram reduzidos os horários de venda de bebidas alcoólicas e organizados casamentos «sóbrios» em que durante o banquete não se podiam servir bebidas alcoólicas. Surgiram «regiões sóbrias», à semelhança de «zonas livres de armas nucleares».

Os funcionários anunciaram o início da campanha antialcoolismo e fizeram um brinde ao seu êxito.

(anedota soviética)

Nem as artes escaparam à campanha desenfreada. Com a ajuda de cortes da censura, as personagens do cinema e do teatro deixaram de beber álcool e alguns fragmentos dos clássicos da literatura russa foram adaptados à nova realidade.

Mas a parte mais trágica desta campanha foi a destruição de milhares de hectares de vinhedos em várias regiões da URSS. Na Moldávia foram arrancadas videiras em 80 mil hectares, quase um terço do que havia; na Rússia, destruíram-se quase 40 mil hectares de videiras; a Ucrânia perdeu 60 mil hectares. Quase não escapava à fúria antialcoólica a famosa colecção de vinhos Massandra, na Crimeia. Egor Ligatchov, membro do Bureau Político do PCUS que dirigia a campanha, ordenou a destruição da Vinoteca Massandra, onde, durante 150 anos, foram reunidas garrafas dos mais conhecidos vinhos, incluindo autênticos vinhos do Porto e da

Madeira. A decisão só não foi passada à prática porque Vladimir Scherbitskii, líder comunista da Ucrânia, telefonou a Gorbachov, que respondeu: «Está bem, conservem-na!»⁴⁸

Comprar qualquer bebida alcoólica era um problema. Tínhamos de ir para a porta das lojas onde se vendiam bebidas alcoólicas bem antes de elas abrirem e de ficar mais umas horas na fila para comprar garrafas de vinho. Aqui, a solidariedade e a interajuda entre vizinhos e amigos eram importantes.

Nessa altura, já tinha como vizinho o José Sampaio Marinho, poeta de Fafe que também trabalhava como tradutor na Progresso. Na verdade, foi ele que me levou para trabalhar nessa empresa. Ele gostava de beber um copo à refeição.

Faço aqui um parênteses. O Sampaio foi um dos amigos que conheci por acaso em Moscovo. Só depois vim a saber, para grande surpresa minha, que era irmão de uma antiga professora minha de Língua Inglesa no Liceu da Póvoa. Não sei que motivos o levaram à Rússia, pois ele não gostava de falar muito do seu passado. Eu sabia apenas que ele tinha leccionado Língua Portuguesa em Lisboa, publicado livros de poesia sua e traduções de obras literárias estrangeiras.

Além de boa pessoa (embora se apresentasse às vezes carrancudo), era um brilhante tradutor. Em Moscovo, tinha horários muito rígidos. Levantava-se às sete da manhã e trabalhava até às seis da tarde, com intervalo para almoço cozinhado por ele, porque vivia sozinho. Depois, preparava os seus *cocktails* e passava o resto do tempo sentado no seu cadeirão preferido a ver televisão ou a falar com alguns amigos por telefone. Frequentemente, vinha a minha casa jantar. Os meus filhos gostavam muito dele e eu, muitas vezes, ia-lhe fazer companhia depois do jantar. Conversávamos sobre os mais diversos temas, nomeadamente de poesia, pois eu sabia que ele estava a fazer a tradução de poetas russos e soviéticos com vista a organizar uma colectânea.

Sampaio era militante do PCP, mas a sua militância ia diminuindo à medida que a situação evoluía na URSS. Tivemos muitas conversas sobre isso. Ele e eu íamos para as reuniões de célula cada vez com menor vontade e, mais tarde, ele acabou por abandonar o PCP.

Regressado a Portugal, ainda deu aulas no liceu da Póvoa de Varzim. No último jantar em casa dele, chamou por mim à parte e entregou-me uma

saca de plástico com o texto dactilografado das suas traduções de poesia russa e soviética para português, pedindo-me para encontrar um editor. Eu já sabia que ele se encontrava doente, pois em Moscovo tinha-lhe sido diagnosticado um cancro dos pulmões. Fumava muito, mas os médicos soviéticos tinham conseguido travar a doença e, portanto, quando desse nosso último encontro, eu não pensava que o seu estado fosse muito grave. Prometi-lhe que ia fazer todos os possíveis para editar o seu trabalho de muitos anos. Ele acabou por falecer em 1987 e eu cumpri o prometido em 2010, 23 anos depois.

Em 2009, fui a Fafe fazer uma palestra sobre as transformações na Rússia, a convite do Rotary Clube local. Aproveitando a presença de alguns dirigentes municipais, manifestei perplexidade por José Sampaio Marinho ter sido esquecido na sua terra natal e disse que seria um bom tributo a publicação do seu livro, o que acabou por acontecer no ano seguinte, sob o título *Poesia Soviética Russa (séculos XIX-XX)*.

* * *

Ora, mas voltando à campanha antialcoolismo, às vezes, eu e o Sampaio íamos juntos para a fila, mas, quando nalguma loja punham inesperadamente à venda garrafas de vinho e um de nós estava lá, comprava o máximo autorizado, ia a uma cabine telefónica com a carga e telefonava para pedir ajuda. Iúri, um dos nossos amigos comuns russos, também contribuía com a sua ajuda. Mas, mesmo assim, comprar uma garrafa de vinho transformava-se numa autêntica aventura.

Muito do comércio do álcool passou para as mãos de especuladores, que fizeram verdadeiras fortunas com o negócio. A qualquer hora do dia ou da noite, os táxis tinham sempre à disposição dos clientes garrafas de vodka, vinho ou champagne para venda. O preço era duas ou três vezes maior do que nas lojas, mas pouco ou nada havia a fazer.

Voltou a aumentar o fabrico caseiro de bebidas alcoólicas. A televisão soviética mostrava diariamente imagens da luta contra a aguardente e exibia alguns alambiques fabricados em casa que, pela sua qualidade e *design*, faziam inveja a muitos electrodomésticos soviéticos.

A forma como se concretizou a campanha, que durou vários anos, desacreditou-a completamente e, como Gorbatchov era o dirigente do

país, aos olhos do povo era ele o culpado do desastre.

Uma fila de vários quilómetros para comprar vodca. No meio está um proletário. Esperou uma hora, duas horas, e não aguentou mais:

– Vou matar esse Gorbatchov! Amigos, vou mesmo matá-lo!

A fila:

– Muito bem! Força, irmão, mata essa víbora!!!

O homem afasta-se e regressa uma hora depois. A multidão pergunta-lhe:

– Então, mataste-o?

– Estão malucos, lá a fila é ainda maior!

(anedota soviética)

Esta foi uma das muitas medidas lançadas por Gorbatchov com a melhor das intenções e cujo resultado foi catastrófico. Era impossível mudar o que quer que fosse sem primeiro pôr fim ao monopólio comunista do poder, à todo-poderosa nomenclatura comunista.

O mês de Julho de 1987 foi importante, pois teve lugar uma nova renovação de quadros nas altas esferas do poder, as mais importantes das quais a nomeação de Alexandre Iakovlev (um dos mentores das reformas no país) para membro do Bureau Político e chefe da Secção de Propaganda do CC do PCUS, e a substituição de Andrei Gromyko (conhecido por «Mister Niet» no Ocidente, devido às suas posições irredutíveis no campo da política externa) por Eduard Chevarnadzé no cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS.

Estas alterações no Bureau Político provocaram acesas discussões na sociedade. Constituíam motivo para os amigos se reunirem e conversarem durante horas a fio à volta de uma mesa. E era cada vez menor o número de soviéticos que deixavam correr a água da torneira para dificultar as escutas dos serviços secretos. Na maioria dos casos, o KGB não estava à escuta, pois era impossível ter tanta aparelhagem e agentes para ouvir tal número (cada vez maior) de descontentes e de sedentos de mudanças. Mas o medo imperava na sociedade e ninguém duvidava de que também os telefones estavam sob escuta.

Não obstante, e com a ajuda de estações de rádio ocidentais como a Voz da América e a BBC, tentava-se adivinhar o que significava tudo isto. Por exemplo, Chevarnadzé tinha dirigido o Partido Comunista da Geórgia, uma das repúblicas mais corruptas da URSS, e chegou a Moscovo com a fama de ser um combatente incansável contra essa praga social. Contava-se que, numa das reuniões da direcção do seu partido, Chevarnadzé teria pedido aos participantes que mostrassem os relógios que traziam no pulso e constatara que se tratava de relógios de ouro de marcas estrangeiras, que só podiam ter sido adquiridos com dinheiro conseguido ilegalmente. Em 1978, quando milhares de manifestantes saíram para as ruas de Tbilissi para exigirem que a língua georgiana continuasse a ser considerada língua de Estado na Constituição da república, Chevarnadzé conseguiu convencer Moscovo a desistir da perigosa ideia de retirar esse princípio da Lei Suprema.

É de salientar que, na altura, nem todos os discursos saíam do esquema ideológico soviético clássico. Havia, sim, uma linha cada vez mais notória de viragem para os escritos do último período da vida de Lénine, para o «verdadeiro» leninismo, em contraposição às distorções estalinistas do conceito. A resistência às reformas foi grande dentro do aparelho do PCUS e foi preciso «embrulhá-las na ideologia clássica», para que se realizassem.

Alexandre Iakovlev recordou mais tarde:

Estudei muito e meticulosamente as obras de Marx, Engels, Lénine e Estaline, de Mao e de outros «clássicos» do marxismo, fundadores de uma nova religião: uma religião de ódio, vingança e ateísmo [...]. Há mais de 40 anos, compreendi que o marxismo-leninismo não era uma ciência, mas publicismo canibal. Como vivi e trabalhei nas órbitas altas do regime, nomeadamente na mais alta – o Bureau Político do CC do PCUS na era de Gorbatchov –, compreendia bem que todas essas teorias e planos não passavam de absurdos, e que o principal era que nela se mantinha de pé o regime: nomenclatura, quadros, pessoas, activistas. Havia activistas de vários tipos: inteligentes, tontos e simplesmente idiotas. Mas todos eram cínicos. Todos até ao último, incluindo eu.

Depois do XX Congresso, num círculo ultra-estrito de amigos próximos e de pessoas que pensavam como eu, discutíamos frequentemente os problemas da democratização do país e da sociedade. Escolhemos um método muito simples, como uma marreta, de propaganda das «ideias» da última parte da vida de Lénine [...]. Um grupo de verdadeiros, e não supostos, reformadores elaboraram (claro que oralmente) o seguinte plano: lançar contra Estaline e o estalinismo a autoridade de Lénine. Depois, em caso de êxito, atacar Lénine com Plekhanov e a social-democracia, atacar o revolucionarismo em geral através do liberalismo e do «socialismo moral». O regime totalitário soviético e a disciplina totalitária do partido só poderiam ser destruídos através da transparência, encobrendo-nos ao mesmo tempo com os interesses do aperfeiçoamento do socialismo [...]. Ao olhar para trás, posso afirmar com orgulho que uma tática hábil, mas bastante simples – utilizar os mecanismos do totalitarismo contra o sistema de totalitarismo –, funcionou.⁴⁹

E, realmente, na primeira etapa da *perestroika*, que vai até Janeiro de 1987, o tema central no jornalismo, no teatro e no cinema, na cultura em geral, era o regresso ao «verdadeiro socialismo», «ao leninismo puro».

Com a nomeação de Eduard Chevardnadze para o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, a política externa soviética começou a dar passos no sentido da aproximação aos Estados Unidos. O primeiro avanço foi dado com o encontro de Mikhail Gorbatchov com o Presidente norte-americano Ronald Reagan, realizado em Genebra no Outono de 1985, e que terminou com a assinatura de um acordo muito vago: «Declaração da Inadmissibilidade de Uma Guerra Nuclear».

Porém, no dia 15 de Janeiro de 1986, Gorbatchov tornou público um programa de liquidação das armas nucleares até 2000⁵⁰. A proposta era extremamente radical e, por isso, utópica, além de ter também uma forte componente de propaganda soviética, mas causou um grande impacto internacional e as autoridades norte-americanas tiveram de reagir. Numa carta escrita a Gorbatchov, Reagan escreveu a 22 de Fevereiro de 1986: «Considero que ela constitui um importante e positivo passo em frente.»

Nessa altura, pareceu-me possível reformar o sistema soviético de forma a humanizá-lo. Começava, a pouco e pouco, a discussão séria, não encenada como antes acontecia, sobre os problemas internos e externos da URSS. Já começava a valer a pena levantar-me de manhã cedo e ficar na fila para comprar os jornais e revistas nos quiosques. Até então, a leitura do *Pravda* podia provocar uma dose de tédio mortal.

No entanto, estava para chegar um momento de viragem no sistema soviético, instigado, infelizmente, por uma das maiores catástrofes tecnológicas da História da Humanidade: a explosão na central nuclear de Chernobil, na Ucrânia.

* * *

O ano de 1985 foi especialmente feliz para mim, porque nasceu o meu filho. Foi nessa ocasião que tive oportunidade de entrar em contacto com o funcionamento das maternidades em Moscovo. Quando a minha mulher começou a sentir dores de parto, chamei uma ambulância e acompanhei-a até à porta da maternidade. A partir daí e durante uma semana, só a vi através dos vidros de uma janela. Na URSS, os familiares da parturiente não a podiam visitar ao interior da maternidade. Por isso, eu ia ver a Siiri todos os dias, olhávamos um para o outro através dos vidros da janela fechada da enfermaria onde ela se encontrava internada e eu deixava fruta na recepção, pois nada mais podia entregar-lhe.

Os recém-nascidos eram retirados às mães e levados para outra enfermaria. As mães só os viam quando era necessário dar-lhes de mamar. Os familiares não podiam entregar roupa para as crianças, porque não havia roupas para recém-nascidos e a maternidade fornecia camisas, fraldas e cobertores para enfaixar as crianças. Não é por acaso que utilizo o verbo «enfaixar», porque as crianças ficavam com os membros completamente amarrados. As amigas e conhecidas russas da minha mulher ficavam espantadas quando viam o meu filho vestido com normal roupa de criança. Os médicos soviéticos explicavam o enfaixamento como forma de as crianças não poderem arranhar o rosto com os movimentos das mãos e não poderem interromper o sono com movimentos bruscos.

A Siiri ficou impressionada quando, durante uma visita a Portugal, viu toda a nossa numerosa família visitar um dos meus sobrinhos no dia

seguinte ao seu nascimento, pegar nele ao colo e discutir se era parecido com o pai ou a mãe.

O Olev foi uma criança extremamente calma até começar a gatinhar e andar. Depois, estava sempre em movimento. Como vivíamos num prédio onde moravam dezenas de tradutores dos mais diversos países, os meus filhos viveram sempre num ambiente cosmopolita. No apartamento em frente do meu, vivia uma família indiana já de idade. A minha filha adorava-os e visitava-os frequentemente. Certa vez, entrou em casa trajando um belíssimo sari indiano e com uma pinta vermelha na testa, como aquela que trazem as mulheres indianas.

Durante o dia, havia momentos de sossego em casa, pois ambos os filhos frequentavam um jardim-de-infância, mas, ao fim da tarde e fins-de-semana, a porta de entrada não parava de abrir e fechar. O número de crianças aumentou ainda mais quando a minha mulher teve a ideia de comprar um aparelho de ginástica com cordas, argolas, baloiço, etc. Nessa altura, as autoridades soviéticas começavam a autorizar alguma actividade empresarial individual e foi um desses «desvendadores» da economia de mercado que fabricou o aparelho. Indianos, paquistaneses, franceses e dinamarqueses, italianos e portugueses, era um autêntico corrupio para ter lugar no baloiço ou nas cordas. Além da língua russa, que era o elo de comunicação entre as crianças, ouviam-se pelo meio expressões nas mais diferentes línguas e era simpático quando algum hinduzinho (a propósito, um deles, o Papuni, é hoje deputado no Parlamento de um Estado indiano) ou francesinho nos dirigia uma palavra ou frase em português ou estónio. «Tule siia!» («Anda cá!») era das expressões mais repetidas, pois soava muitas vezes da boca da minha mulher, para chamar os filhos.

Com o aparecimento de mais um filho, as dificuldades aumentaram, mas não por falta de dinheiro. Eu trabalhava em vários lugares como tradutor e o salário chegava bem. O problema é que as lojas ficavam cada vez mais vazias e aumentavam as dificuldades em encontrar produtos alimentares infantis de qualidade e outros. As amigas finlandesas da minha mulher, Päivi e Marianne, ajudaram-nos novamente. Quando vinham a Moscovo em visitas de trabalho ou de turismo, traziam sempre prendas úteis, como cuecas plásticas ou boiões com comida infantil. A minha sogra também enviava de Tallinn alguns produtos alimentares que era difícil adquirir em Moscovo: salchichas, fiambre, carne, café em grão.

Como as duas cidades estão separadas por mais de 900 quilómetros, ela dispunha os alimentos numa mala térmica, que enviava por uma hospedeira de comboio. Claro que a minha sogra tinha de recompensar a «transportadora» pelo favor. Embora ilegal, o gesto era muito usual e as hospedeiras ganhavam mais algum com esses biscates.

Em determinadas alturas do ano, o problema alimentar agudizava-se, devido ao aumento brusco de bocas à mesa. É que, quando terminavam as aulas, muitos estudantes de outras cidades tinham de passar por Moscovo a caminho de Portugal, ou porque tinham de apanhar o avião ou porque precisavam de vistos para atravessar as fronteiras da Polónia e da RDA, que só podiam ser conseguidos nos consulados desses países na capital soviética. Ora, como não tinham outro lugar onde ficar, pediam-nos para pernoitar na nossa casa. Às vezes, alguns tinham de dormir no chão, mas ninguém ficava na rua. Perto do meu apartamento, viviam a Conceição e o Raul, que também albergavam quem podiam, mas, por vezes, tínhamos de repartir os hóspedes. Além da dormida, era preciso pôr na mesa alguma coisa para o pequeno-almoço e para outras refeições e muitos dos hóspedes não se lembravam de que não era fácil encontrar carne ou peixe. Além disso, esqueciam-se também de que alguém tinha de lavar toda a louça. De forma que, a partir de determinada altura, quando começava a «época da migração», comecei a enviar a minha mulher e os meus filhos para a Estónia, principalmente para poupar as forças da Siiri.

[46](#) КПСС, том 15, стр. 17; М.С.Горбачев, том 2, стр. 129-131 [*História do PCUS*, vol. 15, p. 17; M.S. Gorbachov, vol. 2, pp. 129-131].

[47](#) М.С.Горбачев, том 2, стр.152 и след.; КПСС, том 15, стр.18 и след [M.S. Gorbachov, vol. 2, p. 152; *História do PCUS*, vol. 15, p. 17].

[48](#) <http://fakty.ua>

[49](#) Яковлев А. Н. Большевизм — социальная болезнь XX века. Вступительная статья. «Чёрная книга коммунизма» Москва, издательство «Три века истории», 2001 год, 2-е издание [A.N. Iakovlev, «Bolchevismo – doença do séc. xx. Introdução», *Livro Negro do Comunismo*, Moscovo, Tri veka istorii, 2001].

[50](#) Заявление Генерального секретаря ЦК КПСС М. С. Горбачёва // Правда. 1986, 16 января [Declaração do Secretário-Geral do CC do PCUS, M. Gorbachov, *Pravda*, 16 de Janeiro de 1986].

12.

DA TRANSPARÊNCIA À LIBERDADE DE IMPRENSA

O ano de 1986 começou com uma grande novidade. Pela primeira vez na História, Gorbatchov dirigiu uma mensagem directa ao povo americano através da televisão, e Ronald Reagan, Presidente dos Estados Unidos, fez o mesmo em relação ao auditório soviético. A pouco e pouco, o gelo entre as grandes superpotências nucleares ia derretendo, mas as desconfianças mútuas ainda eram muitas.

O dirigente soviético fazia, uma atrás de outra, novas propostas de desarmamento e de solução dos graves problemas internacionais. Ora propunha um programa de destruição total das armas nucleares em 15 anos, ora anunciava o prolongamento da suspensão dos ensaios com armas atómicas, ora apelava a medidas para impedir a corrida ao armamento no Espaço, ora realizava consultas com cubanos e angolanos com vista a pôr fim ao conflito no Sul de África. Era um sinal de que Gorbatchov necessitava de travar os gastos com a corrida ao armamento para concentrar recursos na recuperação da economia soviética. Dispunha de cada vez menos meios financeiros para concretizar os seus planos no campo da política externa. Por exemplo, nessa altura registou-se uma queda brusca do preço do petróleo nos mercados mundiais. Sendo a URSS um dos grandes exportadores de hidrocarbonetos, a queda provocou uma redução da entrada de moeda convertível no orçamento soviético na ordem de 30% entre 1985 e 1986.

Pelas razões apontadas, o XXVII Congresso do PCUS foi, sem dúvida, um dos mais importantes acontecimentos do ano de 1986, no sentido tanto da política externa como da interna.

Do ponto de vista pessoal, tratou-se também do primeiro acontecimento do género em que tive a oportunidade de trabalhar como tradutor. Pouco mais de uma semana antes do início da reunião dos comunistas soviéticos, dezenas de tradutores, redactores e dactilógrafas eram transportados para uma das muitas casas de campo do partido existentes nos arredores de Moscovo. Os autocarros apanhavam-nos junto do edifício do Comité Central do PCUS, a umas dezenas de metros do Kremlin, e levavam-nos para um local desconhecido no meio da floresta.

O território onde nos encontrávamos estava completamente isolado do mundo. Além de um muro que cercava as casas onde estávamos instalados, havia fios eléctricos de baixa tensão que não matavam nem feriam se lhes mexêssemos, mas imitiam sinais de alarme se lhes tocássemos. Soldados do KGB e cães controlavam os nossos movimentos sempre que saíamos de casa para o jardim.

As instalações onde vivíamos eram boas e tínhamos todas as condições para fazer o nosso trabalho, que consistia em verter o relatório do secretário-geral do PCUS e a lista de convidados estrangeiros para as mais diversas línguas estrangeiras, incluindo o português.

Cada língua tinha a sua «redacção»: uma casa separada, com vários quartos para dormir, uma grande sala onde trabalhávamos juntos, uma cozinha e uma casa de banho.

As refeições eram servidas gratuitamente num refeitório para todos. A ementa mais parecia um conto de fadas, tanto pela quantidade de pratos, como pela variedade de produtos: peixes exóticos como lampreia e enguia, para já não falar em esturjão e salmão fumados, carne de qualidade que era impossível encontrar nos talhos e supermercados soviéticos. (Depois do congresso, o meu saudoso amigo Sasha decidiu consultar o *Livro Vermelho da URSS*, onde estavam registadas as espécies animais em vias de extinção, e constatou que alguns dos peixes servidos lá se encontravam.)

No campo das bebidas, as coisas eram bem mais complicadas. Segundo os tradutores mais experientes naquelas andanças, já ali se servira cerveja e vinho, podendo-se também comprar vodca e conhaque. Porém, como estávamos em plena luta contra o alcoolismo, tínhamo-nos de nos limitar a beber sumos de fruta ou água.

Mas havia sempre forma de dar a volta ao problema. O funcionário do PCUS que nos dirigia não passava um dia sem beber, sendo especial admirador de bons conhaques. O meu amigo José Sampaio Marinho, eu e outros colegas russos fomos ter com ele e protestámos, porquanto não havermos sido prevenidos de que a «lei seca» tinha chegado ali. Konstantin, o dito funcionário, acabou resolvendo o problema: diariamente, trazia-nos conhaque dentro de uma chaleira. Depois das refeições, preparávamos café ou chá e bebíamos calmamente o nosso cálice de conhaque.

Porém, tudo tinha de ser feito no maior dos segredos, porque as redacções eram inesperadamente invadidas por agentes do KGB que vasculhavam até os caixotes do lixo, para ver se nós não atirávamos para lá papéis importantes que pudessem cair nas mãos do inimigo. O chefe da redacção portuguesa tinha muito receio de ver comprometida a sua carreira política e, por isso, não se juntava a nós em momento tão «perigoso», mas, como também não dispensava conhaque de qualidade, deixávamos-lhe algum na chaleira e saíamos todos da cozinha para ele beber sozinho o seu café reforçado. Desse modo, ele considerava não correr o risco de se comprometer.

Depois, era só esperar o texto do discurso de Gorbatchov para dar início ao trabalho de tradução. Como se tratava de um secretário-geral novo em todos os sentidos, esperávamos novidades. E assim aconteceu. O volumoso discurso chegou a poucos dias da abertura do congresso, o que nos sobrecarregou com mais trabalho e responsabilidade.

A parte mais difícil do texto residia nas palavras novas introduzidas por Mikhail Gorbatchov no léxico político soviético: *perestroika*, *glasnost*, *novoe michlenie*. A busca de equivalentes nas várias línguas estrangeiras foi tarefa difícil e motivo de discussões.

Como já assinalei acima, o chefe da «redacção» portuguesa era um daqueles militantes do partido que, não sendo ortodoxo, nem talvez sequer comunista convicto, receava muito pelo futuro da sua carreira e temia dar passos em falso.

Entre os tradutores e redactores, rapidamente acordámos que *glasnost* seria traduzido por «transparência», *perestroika* por «reestruturação», e *novoe michlenie* por «novo pensamento», mas o chefe tinha dúvidas. «A palavra *perestroika* não significará reconstrução?», perguntou ele.

José Sampaio Marinho, eu e outros tradutores replicámos que a palavra «reconstrução» podia ser mal interpretada como necessidade de alterar as bases do regime socialista. O chefe foi pedir consultas a outros chefes e acabou por nos dar razão. A palavra *glasnost* também deu algum trabalho a traduzir, pois não se sabia ainda bem o sentido que incutiam nela os dirigentes soviéticos, mas acabou por ser traduzida por «transparência». A tradução da terceira expressão foi mais consensual.

Na «redacção» espanhola, trabalhavam alguns espanhóis que tinham ido para a União Soviética após a guerra civil no seu país e um judeu brasileiro que falava russo, castelhano e português na perfeição. Ambos já tinham muitos anos de experiência na área, tendo mesmo traduzido discursos de José Estaline e de outros líderes soviéticos. O brasileiro traduzira várias vezes Álvaro Cunhal durante as visitas deste à URSS, mas não compartilhou comigo recordações sobre esses contactos.

Esse brasileiro contou-nos também que alguns tradutores de inglês para russo e vice-versa tinham sofrido repressões e que alguns tinham acabado fuzilados, porque os discursos do ditador ocupavam menos espaço em inglês do que em russo, o que levava os carrascos a concluir que os tradutores tinham escondido ou deturpado as ideias de Estaline.

O texto do discurso de Gorbatchov chegou a poucos dias do congresso, um sinal de que em torno dele houvera grande discussão no Bureau Político do PCUS. Todavia, as ideias do discurso transportavam em si muita ambiguidade.

Quanto à política interna, o congresso aprovou uma nova redacção do programa do partido e alterações aos seus estatutos, e definiu as direcções fundamentais do desenvolvimento económico e social da URSS para 1986-1990 e até ao ano 2000. Quanto à resolução da reunião máxima dos comunistas soviéticos no que respeita à política interna, ela suscitava numerosas tarefas: «superar, rápida e definitivamente, as tendências desfavoráveis no desenvolvimento da economia, incutir-lhe um alto dinamismo, abrir campo para verdadeiras transformações revolucionárias, incluir nestes processos as amplas massas trabalhadoras»; acelerar o desenvolvimento socioeconómico do país e, com esse objectivo, realizar uma reestruturação profunda do mecanismo económico, levar a cabo uma política social completa. Foi definida também uma política de posterior aperfeiçoamento das relações sociais, de renovação de formas e métodos

de trabalho dos institutos políticos e ideológicos, de aprofundamento da democracia socialista. Foi assinalada a necessidade de aumento do papel dirigente do partido. «A estratégia do PCUS é a estratégia de luta pela vitória dos ideais do comunismo, paz e progresso», sublinhava-se na resolução⁵¹.

Esse documento do XXVII Congresso do PCUS era ainda, claramente, um compromisso entre o comunismo ortodoxo e as tentativas de reconstrução e modernização do sistema. Daí que as propostas de Gorbatchov continuassem embrulhadas no léxico marxista-leninista clássico. Frequentemente, eram de fora das estruturas partidárias que vinham as ideias mais audaciosas de mudança. Recordo-me do grande impacto que teve a publicação de um artigo do escritor Serguei Zalyguin, na revista *Questões da Filosofia*, que defendia o estudo da Nova Política Económica (NEP) de Lénine para realizar a aceleração económica proposta por Gorbatchov⁵². Depois do período do «comunismo de guerra», o dirigente bolchevique realizou, entre 1921 e 1924, algumas importantes reformas económicas com vista a salvar o seu regime, permitindo, nomeadamente, a economia de mercado, diferentes formas de propriedade e a abertura aos investimentos estrangeiros.

Esta ambiguidade era também característica da sua política externa. Gorbatchov, no citado congresso, desenha uma situação internacional que poderia ser feita por quase todos os seus antecessores:

As mudanças no desenvolvimento mundial actual são tão profundas e significativas que exigem o repensamento, a análise multilateral de todos os seus factores. A situação de confronto nuclear obriga a novas abordagens, métodos e formas de acção entre diferentes sistemas sociais, Estados e regiões. A corrida aos armamentos, desencadeada pelo imperialismo, levou a que o século XX termine na política mundial sob o signo da pergunta: poderá a Humanidade escapar ao perigo nuclear ou vencerá ela a política de confronto que conduz ao aumento da probabilidade de um conflito nuclear? O mundo do capital não renunciou à ideologia e à política do hegemonismo; os seus dirigentes ainda não abandonaram a esperança de uma desforra social, continuam a alimentar ilusões de uma supremacia através da força.

[...] O desenvolvimento mundial confirma a conclusão fundamental do marxismo-leninismo de que a História da sociedade não é uma soma de condições ocasionais, não é um «movimento browniano», mas um processo natural em frente. As suas contradições não só ditam a sentença ao velho mundo, a tudo o que dificulta o movimento em frente, mas são também a fonte, a força motora do progresso social. Progresso, esse, que ocorre nas condições de uma luta inevitável enquanto existirem a exploração e as classes exploradoras. As revoluções de libertação, iniciadas pelo Grande Outubro, definem o rosto do século XX.

Porém, no discurso de Gorbachov encontrámos pelo menos uma grande surpresa: o anúncio da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.

A URSS apoia os esforços desse país com vista à defesa da sua soberania. Gostaríamos de, num futuro o mais próximo possível, fazer regressar à pátria as tropas soviéticas que se encontram no Afeganistão a pedido do governo desse país. Serão também acordados com a parte afegã os prazos da sua retirada por etapas, logo que seja conseguida a regularização política que garanta a suspensão real e sólida do não-reinício da ingerência militar do exterior nos assuntos internos da República Democrática do Afeganistão.⁵³

Durante a nossa estadia na casa de campo, só raramente nos davam autorização para telefonar para casa e, quando a recebíamos, éramos acompanhados de um agente e só podíamos falar russo. Porém, logo que o secretário-geral começava a discursar às 10 horas da manhã, as limitações eram levantadas e chegava o momento de anunciarmos às nossas famílias que íamos regressar a casa. Nem todos, porque alguns ficavam de piquete, para «alguma eventualidade», no edifício do Comité Central do PCUS em Moscovo.

Aí também tínhamos oportunidade de comprar nos bares produtos de qualidade, como mortadela, salsichas, bananas ou laranjas, mas as empregadas recusavam-se quase sempre a vender quantidades que pudéssemos levar para casa. Não obstante, sempre se conseguia comprar chocolates ou bombons, para alegria dos filhos.

O PCUS pagava-nos muito bem por este tipo de trabalho. Recordo-me de que o dinheiro que ganhei nesse mês (4500 rublos) daria para comprar um automóvel soviético Jiguli (Lada), mas o problema é que não havia carros à venda. Era preciso inscrevermo-nos numa lista no local de emprego e esperar muitos anos.

* * *

Ainda os ecos do XXVII Congresso do PCUS se faziam sentir, quando uma explosão veio abalar fortemente, no sentido real do termo, o sistema comunista na URSS.

Na madrugada de 26 para 27 de Abril de 1986, ocorreu uma forte explosão no quarto reactor da central nuclear de Chernobil, na Ucrânia. A direcção da Ucrânia recebeu rapidamente um quadro real da situação, mas as informações que enviou para Moscovo foram de que o nível de radioactividade, e a situação na central e na cidade de Pripiat, onde vivia a maioria dos especialistas, estavam dentro das normas.

A falta de informação começou a originar boatos, tanto mais que, através de rádios como a Voz da América e a BBC, por entre as enormes interferências criadas pelos serviços secretos soviéticos, chegavam notícias de que algo grave tinha acontecido na Ucrânia e que os países nórdicos registavam níveis anormais de radioactividade.

No dia 28 de Abril, o programa Vremia, canal de transmissão da informação oficial, noticiava: «Ocorreu uma avaria na central nuclear de Chernobil: avariou-se um dos reactores nucleares. Estão a ser tomadas medidas para liquidar as consequências da avaria. As vítimas estão a receber ajuda. Foi criada uma comissão governamental...»⁵⁴

Nessa altura, veio a minha casa uma ex-estudante portuguesa que acompanhava uma excursão de turistas portugueses que deveriam partir para Kiev depois de Moscovo. Mostrava-se extremamente optimista e considerava que não havia qualquer perigo nessa viagem. Na capital ucraniana, os meus amigos ucranianos e russos tinham uma opinião diferente, porquanto compreenderam que a situação era perigosa, quando deram conta de que a elite comunista local estava a retirar as famílias para Moscovo e outras cidades distantes do epicentro da catástrofe.

O meu amigo Vladimir Dolin, que na época leccionava História numa das escolas médias de Kiev, recordou assim esses dias:

Só se pode compreender o que se passou na cidade depois de se ler o *Decameron*. Borracheiras e sexo com fartura. As pessoas viviam como se o mundo estivesse a acabar.

Não tínhamos informação além da que chegava, via rádio, das «vozes inimigas» [assim eram conhecidas na URSS as redacções russas da Voz da América, da BBC, da Deutsche Well e da Rádio Israel]. Começaram a surgir numerosos boatos e as pessoas corriam para as lojas a fim de comprar vinho tinto, pois tinham ouvido dizer que ele era servido nos submarinos nucleares soviéticos para neutralizar o efeito da radioactividade, mas, à falta dele, rapidamente se passou ao conhaque e à vodca. As crianças desapareceram das ruas das cidades, porquanto os pais as começaram a enviar para outras regiões; os comboios estavam sobrelotados.

Mas o mais incrível é que, possuindo dados sobre a real situação em Chernobil, onde a explosão deu origem a uma gigantesca nuvem radioactiva que atingiu numerosos países da Europa, e sabendo que o nível de radioactividade subira bruscamente em Kiev, as autoridades comunistas ucranianas não suspenderam a manifestação do 1.º de Maio, Dia Mundial dos Trabalhadores, durante a qual milhares de pessoas desfilaram ao ar livre.

«As autoridades não sabiam o que fazer. Ora davam ordens para preparar a saída das crianças da cidade, ora suspendiam-nas logo a seguir. A retirada organizada começou em Maio e terminou em finais de Junho», recordou Vladimir Dolin. «Enquanto isso, os agentes do KGB continuavam atrás dos dissidentes, à procura de livros proibidos... Um absurdo.»

Nessa altura, Aníbal Cavaco Silva, primeiro-ministro português, mostrou-se disposto a apoiar a retirada dos portugueses que se encontravam na Ucrânia. A Embaixada de Portugal em Moscovo deu início a contactos nesse sentido e alguns dos alunos e alunas portugueses decidiram aceitar a proposta e retirar pelo menos os seus filhos pequenos, mas receberam uma ordem do Partido Comunista Português para

renunciarem a isso, pois estariam a «fazer o jogo da reacção». Nas conversas existentes nas reuniões de célula do PCP em Moscovo, pelo menos naquela que reuniu os tradutores, a resposta às apreensões foi a mesma. Vinha uma vez mais ao de cima o princípio comunista de que, em comparação com a «causa», a vida humana não vale absolutamente nada.

Eu e a minha mulher também ficámos preocupados, principalmente com a saúde dos nossos filhos, mas tivemos sorte, porque os ventos sopraram para norte e oeste e não para leste, levando as nuvens radioactivas para a Europa Central e do Norte. Procurámos informações de todas as formas e por todos os meios, mas, como ela faltava e a que existia não correspondia à realidade, havia receio geral e muitos boatos, pois não se sabia o que mais poderia acontecer.

Em Abril de 2011, visitei Chernobil por altura do 25.º aniversário da tragédia, integrado num grupo de jornalistas estrangeiros. Tratou-se de uma experiência inesquecível. Diria mesmo que me pareceu entrar num mundo que se encontrava noutra dimensão, uma espécie de paraíso terrestre. Densas florestas de pinheiros e bétulas dominavam uma paisagem bucólica e só um *check-point* na estrada que liga Kiev à central de Chernobil e o ruído dos dosímetros nos obrigaram a voltar à tragédia de 26 de Abril de 1986.

Os dosímetros, aparelhos que detectam o nível das radiações, assinalavam em Kiev 12-13 *miliröntgen*/hora, ou seja um valor normal. Mas no *check-point* Ditiatkin, a cerca de 30 quilómetros da central, os ponteiros subiam para 30. Depois de um rigoroso controlo de passaportes, tal como numa fronteira entre dois países, entrava-se na chamada «zona restrita» de Chernobil, dominada por casas e edifícios abandonados, alguns deles já em ruínas.

O Sol brilhava, fazia calor e o céu estava limpo. A primeira paragem foi no estádio de futebol de Chernobil, para ver os primeiros carros blindados que combateram, após a explosão, o incêndio e a fuga da radioactividade. Os funcionários da central recomendaram aos jornalistas que não se aproximassem das máquinas devido ao nível de radioactividade, mas muitos, principalmente operadores de câmara e fotógrafos, não acataram as ordens.

Ao lado do estádio, estendia-se uma alameda ladeada de lápides com nomes de heróis soviéticos que combateram nessa região durante a

Segunda Guerra Mundial. Ao fundo, viam-se as cúpulas douradas de um templo ortodoxo e as casas abandonadas da Rua Soviética.

As ruas estavam completamente desertas e limpas (são lavadas todos os dias para não permitir a concentração de radioactividade). No meio de tanto silêncio, o canto dos pássaros parecia música num lugar encantado. Ficava-se com um sentimento de paz interior. Como chegámos cedo a Chernobil, parecia que, dentro de algum tempo, as pessoas sairiam de suas casas para passear na alameda, fazer compras nas lojas ou ir para o emprego. Mas não, estávamos mesmo numa cidade-fantasma. Apenas no chão se viam numerosos pequenos escaravelhos vermelhos.

Chegámos a um novo *check-point*: Kopatchi, a dez quilómetros de distância da central. Depois, veio a «floresta ruiva», assim chamada porque o elevado nível de radioactividade tingia os cones das árvores dessa cor.

Entrámos na cidade de Pripiati, ou melhor, naquilo que restava do lugar onde residiram milhares de funcionários da central de Chernobil e suas famílias. À entrada, na parede de um dos prédios, ainda se conseguiam ler algumas letras enormes de uma quadra do hino soviético: «O Partido de Lénine, força do povo, conduz-nos para a vitória do comunismo.»

«Era uma cidade de habitantes maioritariamente jovens, muitos engenheiros, intelectuais, com um nível de vida mais alto do que noutras regiões da Ucrânia», recordou Alexandre, um dos motoristas que participaram na retirada dos habitantes após a explosão na central.

«Neste momento, o nível de radioactividade aqui é cem vezes superior à norma. Não toquem nas plantas, nem pisem a relva, andem pelo asfalto», preveniu Iúri, funcionário do Ministério para Situações de Emergência da Ucrânia, que acompanhou quase uma centena de jornalistas.

«Restaurante», «Casa da Cultura Energuetik», «Hotel Polessia»... tudo edifícios em ruínas com aspecto de terem sido frequentemente pilhados.

«A rede que isola a zona não travou os pilhadores. Faziam e fazem buracos, entram e levam dos edifícios tudo o que podem: móveis, aquecedores, tudo o que é feito de metal, para vender, não obstante tratar-se de materiais radioactivos», disse-nos Andrei, um dos guardas.

Numa das entradas do Hotel Polessia, via-se no chão a fotografia de um actor de Hollywood cuja carreira se realizou depois de Chernobil, o que significava que alguém continuava a entrar ilegalmente na cidade. Em

Kiev, vim a saber que várias agências de turismo organizavam excursões radicais ao território afectado pela radioactividade, onde ainda vivem milhares de pessoas que se recusaram a abandonar os seus lares logo após a tragédia ou voltaram para eles algum tempo depois dela.

A paragem seguinte foi o quarto reactor da central nuclear. Coberto por uma pesada couraça de betão e metal, edificada à pressa pouco depois da explosão em 1986 para travar a fuga da radioactividade, necessitava de uma nova cobertura. Por enquanto, apenas estavam lançados os alicerces do novo sarcófago.

Depois de conversarmos com o ministro para Situações de Emergência da Ucrânia e com o director da central, fomos almoçar no edifício principal. Foi-nos garantido que os alimentos eram ecologicamente puros. Pelo menos no gosto, não senti nada de especial.

Após o almoço, chegou a hora de sair da «zona restrita». Novamente os *check-points*, onde as máquinas de controlo mostraram que os níveis de radioactividade eram mais baixos e que nós estávamos «limpos». Era o regresso à zona da normalidade.

Foi uma das mais memoráveis viagens da minha vida. É muito difícil explicar o que se sente em situações dessas, mas acho que o filme *Stalker*, do famoso realizador russo Andrei Tarkovski, pode ajudar a imaginar a cena.

* * *

A pouco e pouco, os órgãos de informação acrescentavam pormenores que permitiam considerar que estávamos perante uma catástrofe de enormes dimensões. Na televisão, começaram a aparecer imagens daqueles que foram lançados para uma luta desigual contra a radioactividade que saía dos escombros do quarto reactor de Chernobil. Foram baptizados «liquidadores» da avaria, mas talvez fosse mais preciso chamar-lhes «condenados», porquanto a maioria não sabia que estava a correr perigo mortal.

Só no dia 14 de Maio é que Mikhail Gorbachov se apresentou perante as câmaras de televisão para falar aos soviéticos sobre a tragédia: «Fomos atingidos por uma desgraça. Pela primeira vez enfrentamos uma força tão terrível como a energia nuclear descontrolada.» Sublinhou que «o pior já

passou» e propôs a criação de «um sistema internacional de informação operativa e de tomada de medidas coordenadas no caso de avarias»⁵⁵.

«A falta de informação entre a população levou a que muitas pessoas tenham perdido confiança nas autoridades. Por isso, considero que a tragédia de Chernobil foi um daqueles golpes que acabaram por levar à derrocada da União Soviética», considera o meu amigo Vladimir.

Não será por acaso que, nessa altura, se assiste a uma abertura nunca antes vista do regime comunista soviético, no campo da cultura e da informação, embora ainda envolta em muitas contradições, notando-se já que entre os reformadores começava a haver divergências sobre o rumo a dar ao país.

A 13 de Abril, os delegados do Congresso dos Cinematógrafos da URSS foram autorizados a ver o filme *Arrependimento*, do realizador georgiano Tengiz Abuladzé, filmado em 1984, mas exibido pela primeira vez nessa reunião. A sua rodagem só foi possível graças ao apoio que Eduard Chevarnadzé prestou ao realizador.

No filme, o presidente da câmara de uma cidade soviética morre e, após o funeral, o seu cadáver começa a aparecer seguidamente, mesmo depois de ser enterrado diversas vezes. A polícia acaba por descobrir o culpado: uma moradora que afirma que ele não deve descansar, pois foi responsável por um regime autoritário e pelo desaparecimento de diversas pessoas. Numa das mais belas e emocionantes cenas, as mulheres de um vilarejo procuram, nos troncos de madeira que descem pelo rio, uma mensagem de seus maridos, que cortaram esses troncos num campo de concentração estalinista. Ao olharmos para a personagem principal, apercebemo-nos da sua semelhança com Lavrenti Béria, um dos mais sanguinários chefes dos serviços secretos soviéticos da época de Estaline. Mas este último e os seus crimes eram o principal alvo das alegorias.

O filme começou a ser exibido no país a 13 de Novembro, mas, em algumas regiões, continuou proibido. Eu vi-o logo a seguir ao citado congresso nos estúdios onde traduzia filmes para português e fiquei impressionado com a força da mensagem antitotalitária, cristã, contida nessa obra. O cinema georgiano era conhecido não só pela sua beleza de imagem e pelo desempenho dos actores, mas também pelo seu profundo carácter filosófico rebelde. Basta recordar os nomes de realizadores como Sergei Paradjanov ou Otar Iosseliani.

Além dessa obra, foram «reabilitados» filmes como *Agonia* de Elem Klimov, *Controlo nos Caminhos* de Alexei Guerman, *Tema* de Gleb Panfilov, *Comissária* de Alexandre Askoldov. Todas grandes obras cinematográficas soviéticas proibidas apenas porque suscitavam questões incômodas.

Outro exemplo de que algo estava a mudar foi a substituição do redactor-chefe da revista *Ogoniok*. O novo chefe transformou rapidamente essa revista num dos mais populares órgãos de informação soviéticos. Entre 1986 e 1990, a tiragem desse semanário subiu de 1,5 para 4,5 milhões de exemplares. Não obstante, era preciso ter um acordo especial com a vendedora do quiosque, ou ser um dos primeiros a chegar de manhã à fila para a comprar, ou então pedi-la emprestada aos vizinhos. Cada número novo continha surpresas sobre a história do regime comunista soviético e novos olhares sobre o momento político. Mudanças de direcção na revista literária *Noviy Mir* e nos semanários *Moskovskie Novosti* e *Argumenti i Fakti* contribuíram também para abrir caminho à liberdade de expressão. Como era muito difícil adquirir essas publicações, recordo-me da enorme multidão que se reunia junto da redacção do *Moskovskie Novosti*, situada na Praça Pushkin, para ler os jornais em exemplares colados em *placards*. E a leitura era seguida de discussões acesas sobre as matérias publicadas, a política do PCUS e o futuro do país.

No dia 29 de Maio, Mikhail Gorbatchov declara numa reunião do Bureau Político do PCUS acerca da catástrofe de Chernobil:

Esbarrámos com o efeito do hábito e de uma irresponsabilidade impressionante. Devemos olhar para isto com toda a seriedade. Estamos sob o controlo do nosso povo e sob o controlo de todo o mundo. O que aconteceu diz respeito a todos... Diremos sinceramente a todo o mundo o que aconteceu. Agora é preciso, antes de mais, pôr em ordem a segurança nas centrais nucleares em funcionamento...⁵⁶

Porém, era evidente que as coisas não avançavam como Gorbatchov queria e a principal razão era a resistência dentro do próprio Partido Comunista. Uns resistiam porque temiam mexer no que quer que fosse da estrutura soviética, outros porque não sabiam como o fazer e até que ponto

se podia ir. Ao mesmo tempo, a população sentia cada vez mais dificuldades no acesso a produtos alimentares e outros.

No relatório apresentado no Plenário do CC do PCUS de 16 Junho, Gorbatchov constatou:

Na vida real, como estamos a ver, não só se desenvolvem tendências positivas – claro que elas dominam na sociedade –, mas também se fazem sentir factores de frenagem em que esbarra o processo de reestruturação. Às vezes, têm carácter objectivo, mas, as mais das vezes, são originados pela inércia, por velhos hábitos, pela psicologia congelada. Hoje manifestam-se os que estão firmemente do lado das posições do XXVII Congresso [...]. Não são poucos também os camaradas que compreendem politicamente a necessidade de trabalhar de forma nova, mas não sabem como se realiza isso na prática [...]. Não podemos deixar de notar os que ainda não compreenderam a essência das actuais transformações, os que estão na expectativa ou não acreditam no êxito da viragem económica e política planeada pelo partido [...]. Eu diria mesmo que a própria reestruturação avança, por enquanto, devagar.⁵⁷

Estas hesitações eram também visíveis na atitude face à catástrofe de Chernobil. Em mais uma reunião do Bureau Político do CC do PCUS de 3 de Julho, onde foi analisado o relatório da comissão governamental que investigou as causas da avaria na central nuclear de Chernobil, Gorbatchov declarou:

Sofremos perdas enormes, e não apenas na economia. Houve e continuará a haver vítimas. Sofremos um prejuízo político. O que aconteceu desacredita a nossa ciência e tecnologia. A situação é muito séria. Em caso algum concordaremos esconder a verdade, tanto na solução de questões práticas como nas explicações a dar à opinião pública [...]. É preciso informação completa do sucedido. Uma posição cobarde é uma política indigna [...].⁵⁸

Porém, como já se desconfiava na altura e se veio a confirmar mais tarde, muita informação continuava a ser escondida. Nikolai Rijkov, então

primeiro-ministro soviético, reconheceu mais tarde: «Claro que aquele secretismo todo não tinha justificação. Era preciso, claro, explicar melhor ao povo. Mas, naquela altura, eram as regras que existiam.»⁵⁹

Então, o dirigente soviético já empregava frequentemente o termo «democratização», mas isso estava longe de ser democracia.

Um canal está para uma canalização como a democracia está para a democratização.

(anedota soviética)

Mas seria injusto afirmar que as coisas não avançavam nada. Embora, em muitos casos, os avanços se devessem a catástrofes e tragédias. Por exemplo, os órgãos de informação soviéticos foram mais operativos e precisos quando noticiaram o choque do paquete de passageiros *Admiral Nakhimov* com o navio de carga *Piotr Vassiov*, que ocorreu a 31 de Agosto e provocou a morte de 389 pessoas. Porém, só a partir de 2 de Setembro se começaram a conhecer as reais dimensões da tragédia.

Esta voltou a chamar a atenção para a disciplina e organização da actividade produtiva, para a segurança dos cidadãos, para o estado obsoleto em que se encontravam muitos ramos da economia soviética. Uns meses ou anos antes, a imprensa soviética talvez tivesse encoberto grande parte da informação, mas, a partir dessa catástrofe, a porta para a liberdade de expressão abriu-se mais um pouquinho.

Foi também por esta altura que a posição das autoridades face aos dissidentes começou a mudar. Foi libertada a poetisa Irina Ratuchinskaia, que, em 1982, tinha sido condenada a sete anos de prisão numa colónia penal de alta segurança, por «agitação e propaganda anti-soviética». Um pouco mais tarde, foi deixado sair em liberdade Gueorgui Mikhailov, físico e coleccionador de obras de arte que fora condenado a quatro anos de campo de concentração, por «negociar quadros de artistas informais». Em Dezembro de 1986, o conhecido físico e dissidente Andrei Sakharov, que se encontrava exilado com a esposa, Elena Boner, em Gorky, foi autorizado a regressar a Moscovo, tendo este último gesto incutido

grandes esperanças naqueles que acreditavam que Mikhail Gorbatchov queria realmente transformar o seu país.

É difícil acreditar que o dirigente soviético tivesse consciência de que, ao libertar os dissidentes, estava a criar condições para o aparecimento de uma oposição democrática legal ao regime comunista. Pelos vistos, ele e outros dirigentes comunistas pensavam conseguir controlá-los. A 31 de Dezembro, com base numa nota de Vladimir Tchebrikov, presidente do KGB, o Bureau Político do PCUS decidiu libertar quem tivesse sido condenado por «actividades anti-soviéticas», sublinhando que esse passo traria ganhos políticos para a URSS e mostraria o humanismo do poder comunista. Porém, os amnistiados deviam declarar que não iam participar em mais «actividades hostis»⁶⁰.

Também não posso deixar de sublinhar o facto de tudo isto coincidir com a publicação legal do romance *Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, na URSS.

A este livro está ligado um episódio que se passou comigo e que podia ter tido consequências funestas. Em 1981, quando regressava de Portugal, passei por Paris e decidi comprar dois exemplares do *Doutor Jivago* numa livraria russa do centro da capital francesa. A obra estava impressa em papel de Bíblia, para poder ser transportado de forma mais discreta. Como viajava com outro português, pedi-lhe para esconder um exemplar na mala dele e eu escondi o outro na minha mochila. Ao atravessar a fronteira polaco-soviética, um dos guardas fronteiriços soviéticos decidiu revistar com todo o cuidado os meus haveres. Depois de virar o conteúdo da mochila na cama da minha carruagem, deparou com o livro, pegou nele, abriu-o várias vezes e perguntou-me: «Você leva mais biografias de outros doutores?» Tentei manter o sangue-frio e respondi: «Não, só levo desse!» E não é que ele me devolveu o livro e me deixou seguir viagem em paz!? Se ele soubesse de que obra se tratava, talvez eu não pudesse continuar a estudar mais na União Soviética! Um dos exemplares, ofereci-o à minha nova namorada e o outro, reconheço, vendi-o num momento financeiro apertado por 200 rublos, ou seja, o equivalente a mais de dois meses de bolsa de estudo.

O ano de 1986 ficou igualmente marcado pelo facto de, depois do Verão, terem sido criadas as primeiras organizações informais

independentes: «Reestruturação» e «Comunidade» na Universidade de Moscovo, «Dignidade do Cidadão», «Socialismo e Democracia».

Voltando à política externa, era notória uma forte ofensiva soviética no que respeitava à proposta de desarmamento e desanuviamento internacional. Por isso, as cimeiras soviético-americanas eram seguidas com muita atenção pelos soviéticos, que ansiavam um melhoramento das relações entre a URSS e os Estados Unidos. Nessa altura, a propaganda de Moscovo já não mostrava Ronald Reagan como um «cowboy de filmes de segunda categoria», mas ele ainda era aquele que tinha baptizado a União Soviética de «Império do Mal».

Brejnev e Reagan decidem fazer uma corrida. Reagan vence. Os jornais americanos escrevem: «Reagan venceu, Brejnev foi derrotado.» Os jornais soviéticos informam: «Brejnev chegou em segundo lugar e Reagan em penúltimo.»

(anedota soviética)

Ainda havia muita desconfiança dos dois lados, mas Gorbatchov insistia. Na Cimeira de Reiquiavique, realizada entre 11 e 13 de Outubro, os líderes soviético e norte-americano deram mais alguns passos no sentido do desanuviamento: chegaram a acordo sobre a necessidade de reduzir em 50% os armamentos estratégicos ofensivos, sobre a liquidação de todos os mísseis de médio alcance na Europa, mas continuou a existir uma forte divergência no que respeitava à Iniciativa Estratégica de Defesa norte-americana, um sistema de defesa proposto por Reagan para impedir um ataque nuclear contra o território dos Estados Unidos, mas que os soviéticos apelidaram de «Guerra das Estrelas», pois poderia transpor a corrida ao armamento para o Espaço⁶¹.

Nos finais de Novembro, Gorbatchov visitou a Índia e assinou com Rajiv Gandhi a Declaração de Dili, sobre os princípios de um mundo pacífico e livre de armas nucleares.

Aqui, não posso deixar de referir o aparecimento de Raísa Gorbatchova na cena política soviética. Pela primeira vez na História da URSS, um líder soviético fazia-se acompanhar da mulher nas suas visitas dentro e

fora do país e a primeira-dama era uma senhora que se sabia apresentar, ofuscando por vezes a imagem do marido. Isso tornou-a muito popular no Ocidente, mas, na União Soviética, era malvista pela grande maioria das mulheres, que viam nela uma vaidosa, presunçosa. Talvez a inveja seja a melhor das explicações para esse fenómeno, porque a maioria das mulheres soviéticas não tinha a possibilidade de aceder aos vestidos, calçado e perfumes utilizados por Raísa Gorbachova. Esta ainda irritava solenemente, não só as mulheres, mas também os homens, pelo facto de, por vezes, falar quando acompanhava o marido a algum encontro.

– Mikhail, Mikhail, acorda! – grita Raísa Gorbachova e pergunta-lhe:

– Alguma vez te imaginarias na cama com a mulher do secretário-geral do Partido Comunista?

(anedota soviética)

[51](#) М.С.Горбачев, том 3, стр. 390 и след.

[52](#) Вопросы философии, N.º 4, 1986.

[53](#) КПСС, том 15, стр. 66-254.

[54](#) *Novidades de Moscovo*, n.º 8, 1987.

[55](#) Черняев А.С., ств. 86-87.

[56](#) Горбачев М.С., том 3, стр. 419 и след.

[57](#) Черняев А.С., стр. 87-88.

[58](#) Труд, 1993, 10 апреля.

[59](#) КПСС, том 15, стр. 66-254.

[60](#) *Pravda*, 26 de Fevereiro de 1986.

[61](#) *Pravda*, 14 de Outubro de 1986.

13.

A FASE DE OURO DA *PERESTROIKA*

O ano de 1987 começou com boas notícias no campo económico: o governo soviético autorizou que cerca de 70 empresas estatais e 21 ministérios tivessem relações económicas e comerciais com países estrangeiros e a criação de empresas mistas na URSS, esperando assim a entrada de investimentos vindos de fora do país. Em Novembro de 1986, foi aprovada a lei «sobre a actividade laboral individual», que timidamente permitia a iniciativa privada. Mas tudo dentro do «sistema económico socialista».

Ainda assim, era visível que no país não havia quadros preparados para realizar essas actividades, nem investidores a sério. Um exemplo: em Novembro de 1987, Mário Soares, então Presidente da República, visitou Moscovo, fazendo-se acompanhar de um grande número de empresários que procuravam novas oportunidades no imenso mercado soviético. Eu fui contratado para trabalhar como tradutor do patrão de uma grande empresa de confecções portuguesa da altura. Este encontrou-se com o ministro da Indústria Ligeira da URSS, com vista à possibilidade de exportar roupas para o mercado soviético ou até mesmo montar uma fábrica para a produção de fatos de lã para homem, para serem vendidos ali. O soviético mostrou-se muito interessado, mas tentou transmitir a ideia de que o objectivo não era tanto produzir fatos de lã para o mercado interno, quanto exportar para Portugal ou países terceiros. O mais surpreendente é que o ministro considerava que as ex-colónias portuguesas poderiam ser um bom mercado para o escoamento desse produto. O empresário português perguntou-me se eu estava a traduzir bem e pediu-me para explicar com

muito cuidado que África não é mercado para fatos de lã devido ao calor, o que eu fiz, mas sem efeito.

O problema é que os próprios dirigentes soviéticos não tinham conhecimento do país real, herdado dos seus antecessores. As cúpulas do regime comunista recebiam informações deturpadas sobre o estado real das coisas, em grande parte fruto da falsificação de dados feita pelos elos mais baixos do poder. Quase todos mentiam a quase todos e os que tinham a coragem de falar verdade acabavam por ter sérios problemas.

Ano após ano, as autoridades recorriam à mão-de-obra barata dos estudantes e militares para a colheita de batatas, repolhos, cenouras e vários legumes. Depois das férias, os estudantes universitários passavam um mês a trabalhar em condições difíceis. Eu ofereci-me várias vezes voluntariamente para participar nesses trabalhos, queria compreender a sua razão, mas havia instruções de que os estrangeiros não podiam ajudar na tarefa. A proibição não se devia ao facto de as autoridades quererem poupar os nossos esforços, mas sim ao seu receio de que víssemos mais um quadro da desorganização reinante na agricultura soviética. Depois, quando os legumes estavam armazenados, estudantes e funcionários públicos eram mandados para os armazéns a fim de separar os sãos dos podres, pois o sistema de conservação era mau. As perdas eram enormes. Quando chegavam às lojas, as batatas, cenouras e beterrabas vinham cobertas de terra, húmidas e, muitas vezes, já impróprias para consumo.

Anatoli Tcherniaiev, assessor de Mikhail Gorbatchov, cita alguns números de caracterizam bem a situação no ramo agropecuário da URSS:

O trabalho manual na transformação de produtos alimentares situa-se entre os 50 e os 60%. A produtividade do trabalho na indústria de transformação de produtos agrícolas é duas vezes menor do que nos países capitalistas. Só existem frigoríficos – e os existentes não correspondem às exigências modernas – para guardar 26% dos legumes e batatas colhidos. Como resultado de tudo isso, as perdas de produtos agrícolas rondam os 25%. Anualmente, durante a conservação e o transporte de produtos alimentares, perde-se um milhão de toneladas de batata, cerca de 1,3 milhões de toneladas de legumes, 3 a 4 milhões de toneladas de beterraba açucareira e 100 000 toneladas de carne.⁶²

O próprio Gorbatchov reconheceu que o estado das coisas era muito pior do que se imaginava. Afirmou no Plenário do CC do PCUS a 28 de Janeiro:

Pode-se afirmar com certeza: na vida da sociedade soviética ocorrem grandes mudanças, ganham força tendências positivas [...]. Ao mesmo tempo, vemos que as mudanças para melhor decorrem de forma lenta, a causa da *perestroika* mostrou ser muito mais difícil, as razões dos problemas acumulados na sociedade são mais profundas do que antes pensávamos [...]. A principal causa [...] consistiu em que o CC do PCUS, a direcção do país, antes de tudo devido a razões subjectivas, não souberam atempada e claramente avaliar a necessidade de mudanças, o perigo de aumento dos fenómenos de crise na sociedade, elaborar uma política clara para a sua superação, para uma maior utilização das possibilidades contidas no sistema socialista...⁶³

Alexandre Bovin, conhecido jornalista e conselheiro do CC do PCUS, lança um sério aviso ao reformador soviético na revista *Novoe Vremia*: «Se não se acelerar as mudanças, as reformas terão o destino das reformas da época de N. Khrushchov.»⁶⁴ O redactor-chefe da revista foi chamado ao gabinete de Egor Ligatchov, que se tornava cada vez mais o líder dos conservadores no interior do PCUS. Ao saber que o texto não tinha sido acordado com as instâncias superiores, pronunciou: «É pena que agora não se demitam redactores-chefes.»⁶⁵

Tornava-se já evidente que o discurso de Mikhail Gorbatchov começava a atrasar-se em relação aos anseios da sociedade soviética. Mas ele continuava a insistir no mesmo discurso. Num encontro com os dirigentes dos *media* e da propaganda, afirmou: «O principal plano do plenário de Janeiro é o desenvolvimento da democracia com vista à solução de todos os problemas. Deve-se desenvolver democraticamente a economia, a política e o próprio partido. Mas numa base socialista. Não nos afastando do socialismo, mas com mais socialismo, não nos afastando da democracia, mas com mais democracia, não nos afastando da moral socialista, mas pela moral socialista.»⁶⁶

Não obstante todas as declarações do líder soviético em defesa do socialismo, a sua política suscitava cada vez maiores dúvidas também na direcção de numerosos partidos comunistas estrangeiros, nomeadamente o PCP. Por isso, o Kremlin enviou a Lisboa Nikolai Sliunkov, membro suplente do Bureau Político do Comité Central do PCUS, a fim de esclarecer a política de reformas. Na véspera da sua partida, eu estava em casa a descansar depois de ter passado o dia a traduzir as respostas que ele daria ao *Diário* e ao *Avante!*. Um funcionário do CC do PCUS deveria vir recolher o trabalho ao princípio da noite, mas, em vez disso, bateu-me à porta para dizer que me vestisse, pois estava à minha espera um automóvel que me levaria à sede do PCUS para fazer uma nova tradução dessas entrevistas.

Não discuti e, quando lá cheguei, encontrei dois colegas soviéticos que trabalhariam comigo durante toda a noite. O trabalho tinha de estar pronto às nove da manhã, porque Sliunkov partiria para Lisboa uma hora depois.

Fiquei surpreendido com o facto de as perguntas e as respostas terem sido escritas em Moscovo, na Secção Internacional do CC do PCUS. Mas rapidamente compreendi que isso visava evitar surpresas e controlar a situação. Não obstante o comício de amizade PCP-PCUS, realizado em Lisboa, Sliunkov parece não ter convencido os seus camaradas portugueses e dissipado as dúvidas deles quanto à natureza das reformas.

Entretanto, na URSS, todos os dias traziam novidades, pequenas ou grandes. No dia 3 de Março teve lugar em Moscovo o lançamento da revista feminina alemã *Burda* em russo, que conquistou rapidamente os corações das mulheres soviéticas, de tal forma que só com cunhas é que se conseguia adquirir um exemplar dela. As soviéticas procuravam na revista os modelos de roupa que poderiam costurar em casa ou encomendar a alguma modista. Só se conhecendo a moda feminina soviética se pode compreender a lufada de ar fresco que a revista constituiu.

Foi também por esta altura que se publicaram obras literárias que foram mais longe na crítica ao estalinismo: *Os Filhos de Arbat*, de Anatoli Ribakov; *Requiem*, de Anna Akhmatova; *Vida e Destino*, de Vassili Grossman. No filme *Assa*, do realizador Serguei Soloviov, soou pela primeira vez o «hino» da *perestroika*, a canção «Khotim Peremen!» («Queremos Mudanças!»), do compositor e intérprete Victor Tsoi:

Em vez de calor, vidro verde,
Em vez de fogo, fumo.
Do calendário foi arrancado um dia.
O Sol vermelho queima tudo,
O dia arde com ele.
Na cidade em chamas cai a sombra.

Refrão:

Mudanças exigem nossos corações.
Mudanças exigem nossos olhos.
No nosso riso e nas lágrimas,
No pulsar das veias
Há mudanças!
Esperamos mudanças.

A luz eléctrica prolonga o nosso dia
E a caixa de fósforos está vazia.
Mas na cozinha arde a chama azul do gás.
Há cigarros, e chá sobre a mesa,
O esquema é simples.
E nada mais há, tudo está em nós.
Não podemos orgulhar-nos do olho da sabedoria
E de gestos hábeis das mãos,
Não precisamos de nada disso para nos compreender.
Há cigarros, e chá sobre a mesa,
Assim se fecha o círculo.
E, de repente, tememos mudar algo.

Alguns meses depois, à medida que os discursos se multiplicavam na proporção do desaparecimento dos produtos alimentares das lojas e supermercados, eram mais os que, em vez de cantarem «Khotim peremen!» («Queremos Mudanças!»), clamavam «Khotim pelemeni!» («Queremos *pelemeni*!», que são pequenos bolinhos de carne envoltos em massa, muito populares na cozinha russa).

Por esta altura teve lugar um dos episódios mais trágico-cômicos das relações entre Portugal e a URSS. Entre 10 e 15 de Março, realizou-se

uma visita de deputados portugueses à União Soviética, constituída por representantes do CDS, PRD, PSD, PS e PCP. Não sei se por acaso ou de propósito, o programa previa uma visita à Estónia, que a diplomacia portuguesa sempre considerou um Estado ocupado pela União Soviética e cuja anexação nunca reconheceu. Eu e a minha mulher ficámos perplexos com essa iniciativa completamente descabida de qualquer lógica, pois pouco tinha mudado no destino da Estónia.

Prevenido sobre os efeitos nocivos da visita pela diplomacia norte-americana, o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal conseguiu cancelá-la quando os deputados já se preparavam para partir de Moscovo para Tallinn, mas isso saiu caro ao governo português de então, dirigido por Aníbal Cavaco Silva. Logo que a delegação regressou a Lisboa, o Partido Renovador Democrático (PRD) – partido criado sob inspiração do general Ramalho Eanes, ex-Presidente da República – apresentou no Parlamento uma moção de censura ao governo de Cavaco Silva.

Segundo os dirigentes de então do PRD, a moção foi apresentada na sequência do «clima de confrontação» entre o governo e a delegação parlamentar que tinha viajado para a União Soviética. Toda a oposição, desde o CDS ao PCP, criticou duramente a alegada «interferência» do primeiro-ministro na esfera de outro órgão de soberania.

Durante um convívio na Embaixada de Portugal na URSS, o Presidente Mário Soares perguntou-me se a minha mulher era russa, ao que lhe respondi: «Não, Senhor Presidente, é da república que o levou a demitir o governo!» Ele esboçou um sorriso e retorquiu: «Não, não foi só por isso.»

* * *

Como as plantas abrem caminho por entre pedras e rochedos, iam surgindo forças políticas de vários sectores ideológicos na sociedade soviética. Uma das primeiras foi a Pamiat (Memória), organização ultranacionalista e xenófoba, que se manifestou pela primeira vez a 6 de Maio na capital russa. Uma delegação de dirigentes foi recebida por Boris Ieltsin, então líder da organização comunista de Moscovo, numa das suas muitas iniciativas populistas para minar o poder de Gorbatchov.

Depois de uma série de conflitos com a direcção do Bureau Político do CC do PCUS, Ieltsin lançou, a 21 de Outubro, um forte ataque contra

alguns dirigentes soviéticos, nomeadamente Egor Ligatchov, a encarnação dos conservadores no país, contra os ritmos da reestruturação e contra o aparecimento do «culto da personalidade» de Gorbatchov.

Porém, depois das críticas de alguns daqueles que o apoiavam, pediu desculpa e reconheceu os seus erros. O plenário decidiu que fosse estudada a possibilidade de Ieltsin ser substituído à frente da organização comunista de Moscovo, cargo que lhe permitia dirigir a capital soviética, mas Gorbatchov, ou melhor, a máquina do PCUS, cometeu um grave erro: o discurso de Ieltsin na citada reunião não foi atempadamente publicado na imprensa, provocou uma série de boatos e o aparecimento de versões diferentes, todas elas mais radicais na crítica ao PCUS do que a original. Mais tarde, veio a saber-se que uma das versões fora redigida por Mikhail Poltoranin, director do *Moskovskoe Pravda*, que dependia directamente de Ieltsin.

Para este político, a chegada ao poder era tudo. Não tinha qualquer tipo de escrúpulos, e foi isso que Mikhail Gorbatchov não conseguiu discernir. Ieltsin não perdia nenhuma oportunidade para se apresentar como vítima dos conservadores dentro do PCUS e a sua popularidade aumentava ao mesmo ritmo que descia a do dirigente soviético.

Mas da Alemanha não chegou só a revista *Burda*. No Dia do Guarda Fronteiriço, a 28 de Maio, a URSS, principalmente as suas chefias militares, foi severamente humilhada: o piloto amador alemão Marthin Rust, que partira de Hamburgo, fez aterrar uma avioneta *Cessna* na Praça Vermelha, demonstrando que a cortina de defesa antiaérea soviética tinha graves falhas. A primeira reacção à notícia foi de espanto e incredulidade, mas rapidamente o acontecimento se tornou motivo de anedotas.

Na Praça Vermelha, junta-se uma multidão com malas. Quando lhes perguntam o que fazem ali, as pessoas respondem:

– Estamos à espera de um avião para Hamburgo!

– Instalaram um posto de polícia junto da fonte adiante do Teatro Bolshoi.

- *Para quê?*
 - *É para o caso de lá emergir um submarino americano.*

Mikhail Gorbatchov aproveitou-se do incidente para reduzir as Forças Armadas. Foram demitidos o marechal Serguei Sokolov do cargo de ministro da Defesa da URSS e o general Alexandre Koldunov, comandante da Defesa Antiaérea, ambos seus adversários políticos. O primeiro foi substituído por Dmitri Iazov, que, quatro anos depois, o traiu. Antecipando um pouco os acontecimentos, digo que o líder reformador não era forte a escolher quadros ou talvez não existissem pessoas capazes e preparadas para resolver os graves problemas do país.

Entretanto, na imprensa soviética discutia-se já sobre a questão «Plano ou mercado?» e começaram a ser pronunciadas autênticas heresias do ponto de vista do marxismo-leninismo. O economista e académico Stanislav Chatalin defendia que o «socialismo de mercado» não passava de capitalismo. Outro economista, Nikolai Chmeliiov, que reconhecia a necessidade do desemprego e da limitação de outros direitos sociais, mereceu o seguinte comentário de Gorbatchov: «Há problemas por resolver, mas não nos devemos esquecer de que o socialismo deu a cada um o direito ao trabalho, à instrução, à assistência médica gratuita, a habitação acessível. Isto são valores reais da nossa sociedade onde o homem está socialmente defendido.»⁶⁷ Não obstante tentar manobrar, Gorbatchov era alvo de críticas de todas as partes. Isto provocava situações paradoxais do ponto de vista da ciência política. Os progressistas estão tradicionalmente associados às ideias socialistas e comunistas, mas, naquela altura, na URSS, todos queriam profundas mudanças económicas do regime, com vista a afastar a rigidez marxista-leninista, o que, segundo a ideologia progressista, constituía um retrocesso político e social. Os conservadores eram todos aqueles que defendiam a manutenção do regime, admitindo apenas algumas mudanças de fachada.

A 26 de Agosto, Egor Ligatchov, principal símbolo dos conservadores, manifestou-se publicamente contra as tentativas de denegrir o socialismo, de esconder o heroísmo do povo com as repressões estalinistas, contra «o

recuo da União Soviética do socialismo para a economia de mercado, para o pluralismo ideológico, para a democracia ocidental»⁶⁸.

As declarações de ambos os lados não só atiçaram as discussões entre os cidadãos, como os levaram a criar organizações sob a forma de clubes operários e profissionais, alguns dos quais estiveram, mais tarde, na base da criação de movimentos e partidos na URSS.

As discussões também eram cada vez mais acesas no interior da célula dos tradutores comunistas do PCP na URSS, bem como entre os estudantes portugueses no país. Crescia o receio de que as reformas não iam «melhorar o socialismo» e as críticas a Gorbatchov aumentavam de tom no interior do PCP, mas a ideia que a direcção comunista portuguesa fazia transparecer era a de que apoiava completamente a *perestroika*. Álvaro Cunhal declarou numa cerimónia dedicada ao 70.º aniversário da revolução comunista de 1917:

Os ideais de Outubro e o progresso do socialismo no mundo inspiram os comunistas portugueses na luta. A construção da sociedade socialista é a realização social mais criativa, a transformação revolucionária mais complexa e nobre na história da humanidade. O cumprimento de tarefa tão complexa, que exige novas soluções em caminhos desconhecidos, não podia passar sem dificuldades e obstáculos tanto de carácter externo, como interno.

Todos esses obstáculos serão superados porque no socialismo não existem contradições antagónicas, porque o marxismo-leninismo dá as bases teóricas que permitem abordar, de forma criativa e correcta, novas situações e fenómenos, resolver novos problemas.

Queremos felicitar-vos pela reestruturação realizada na União Soviética, que, ao acelerar o desenvolvimento socioeconómico e ao aprofundar a democracia na vida partidária e social, enriquece a experiência e aperfeiçoa a sociedade socialista. A reestruturação não é um recuo, mas um novo passo em frente do socialismo.⁶⁹

Num encontro em Dezembro com Gorbatchov, Cunhal queixou-se de algumas publicações soviéticas em português que «não explicam a *perestroika*, mas deturpam-na». Isto foi motivo de discussão também dentro da célula dos tradutores, mas, felizmente, não era o PCP que

decidia. Revistas como *Sputnik*, *Mulher Soviética*, *União Soviética* e *Vida Soviética* ainda estavam muito atrás de jornais como o *Novidades de Moscovo* ou a revista *Ogoniok* na publicação de artigos ousados, principalmente no que dizia respeito à mal contada história da Rússia e da União Soviética pelos comunistas.

Durante as cerimónias solenes do 70.º aniversário da revolução comunista, eu e outros tradutores tivemos oportunidade de trabalhar no interior do próprio Kremlin e, num dos intervalos dos trabalhos, foi-nos permitido visitar algumas das salas do palácio que só eram, como ainda hoje, utilizadas para recepções oficiais, estando, infelizmente, fechadas ao público. Fui apoderado por vários sentimentos ao mesmo tempo: espanto pela riqueza e grandiosidade das salas, surpresa com a beleza de todas elas, com as suas variadas decorações. Impressionaram-me especialmente a Sala de Catarina, decorada com colunas de malaquita, e a Câmara dos Bicos, enorme sala cujas paredes estão completamente cobertas de frescos e onde os czares russos recebiam os embaixadores estrangeiros. Depois, tive várias vezes oportunidade de visitar o Kremlin, mas a primeira ficou-me na memória para sempre.

Logo que Gorbatchov deu sinais de alguma abertura do regime soviético, começou a revelar-se um problema que os comunistas diziam estar há muito tempo resolvido: o problema nacional. Este estava longe de encerrado e, na verdade, começava a constatar-se que, ao retalharem administrativamente a URSS, Lénine e Estaline tinham deixado uma série de «minas» nas relações entre os diferentes povos que habitavam o país. Os primeiros sinais chegaram em Dezembro de 1986, do Cazaquistão, quando Moscovo demitiu o dirigente comunista local, Dinmukhamed Kunaev, e nomeou para o seu lugar Guennadi Kolbin, russo que nada tinha a ver com aquela república soviética. Jovens cazaques saíram para a rua em sinal de protesto, mas o movimento foi rapidamente neutralizado.

A seguir, em Agosto de 1987, explodiu a situação em Nahorno-Karabach, região autónoma do Azerbaijão, cuja maioria da população é arménia. Milhares de arménios enviaram uma petição para Moscovo exigindo a incorporação daquela região na Arménia. A partir daí, o problema só se complicou e até hoje não foi resolvido.

No mesmo mês, por altura do aniversário da assinatura do Pacto Molotov-Ribentropp de 1939, documento que dividiu a Polónia entre a

Alemanha nazi e a URSS estalinista e pôs fim ao breve período de independência da Estónia, Lituânia e Letónia, realizaram-se nestas três repúblicas do Báltico as primeiras manifestações, cujas principais reivindicações eram a publicação dos protocolos secretos contidos nesse pacto e a condenação das deportações maciças de cidadãos dessas repúblicas para a Sibéria e o Cazaquistão. As repúblicas do Báltico também começaram a pedir a Moscovo mais autonomia no campo da economia, mas o objectivo final da luta ia muito além disso.

Na altura, por questões familiares, eu visitava frequentemente a Estónia e constatei, nas conversas com amigos e vizinhos, intelectuais e políticos, que, no fundo, eles queriam o restabelecimento do Estado estónio independente. As reivindicações passo a passo serviam para sentir até que ponto o Kremlin estava disposto a ir. Por isso, as frentes populares nessas três repúblicas passaram a ser a principal força organizada dos cidadãos.

(Quando íamos no Verão passar férias à Estónia, ficávamos alojados numa casa de campo que a minha sogra tem na costa do mar Báltico, a 25 quilómetros de Tallinn. Toda a parte costeira soviética era zona fronteiriça e, por isso, os estrangeiros estavam proibidos de aí entrar. E nem sequer os locais tinham completa liberdade de movimentos. À entrada da praia que fica perto da casa de campo havia um aviso em russo: «Aberta das 9 às 19 horas.» Perguntei aos meus familiares o que significava aquilo e foi-me explicado que as pessoas só podiam estar na praia nesse horário porque, depois, ela passava a ser patrulhada por guardas fronteiriços soviéticos e cães. Desse modo, impediam as tentativas de entrada e saída ilegais da URSS. No caso da Estónia, os vigilantes guardadores falharam uma vez, quando deixaram escapar para a Suécia dois estónios, numa lancha rápida que tinha servido aos árbitros da regata olímpica de Tallinn, em 1980. Escusado será dizer que esses dois corajosos se transformaram em heróis nacionais.)

Em Dezembro, na Geórgia, foram criadas as primeiras organizações nacionalistas e começou a surgir cada vez mais na imprensa o nome do dissidente georgiano Zviad Gamsakhurdia. Receou-se que o fenómeno se alastrasse a outras repúblicas da União Soviética, o que veio a ocorrer no ano seguinte. Então, não imaginava eu até que ponto é que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas estava colada pela repressão.

Nesta situação interna cada vez mais deteriorada, Gorbatchov virava-se com maior ímpeto e coragem para a política externa, procurando aí uma forma não só e não tanto de prestigiar o seu país quanto de criar melhores condições internacionais para as suas reformas. Por isso, tentou acelerar a solução dos conflitos em que o seu país estava profundamente envolvido e onde eram gastos meios financeiros significativos.

A 29 de Abril, encontrou-se com representantes dos Estados da Linha da Frente – Zâmbia, Zimbabué, Tanzânia, Angola e Moçambique – e disse-lhes que a URSS não tinha «interesses especiais»⁷⁰.

Mas um dos pontos altos da política externa desse ano foi a publicação do livro de Gorbatchov *Restruturação e Novo Pensamento para o Nosso País*, onde o reformador precisava os objectivos da sua diplomacia: «Sim, estamos interessados em condições internacionais normais para o nosso progresso interno. Mas nós somos pela paz sem guerras, sem corrida ao armamento, por um mundo desnuclearizado e não violento, e não só porque é a condição ideal para o nosso desenvolvimento interno. Trata-se de uma necessidade objectiva de envergadura universal que advém das realidades actuais.»⁷¹

O corolário desta insistência foi a assinatura, por Reagan e Gorbatchov, do «Tratado de Liquidação dos Mísseis de Médio e Curto Alcance», durante a visita a Washington do líder soviético, entre 7 e 10 de Dezembro de 1987.

As mudanças na URSS continuavam a provocar sentimentos ambíguos. Uns queriam a aceleração da liberalização do regime, outros queriam a realização de reformas pontuais, terceiros consideravam que tudo devia ficar na mesma e quartos defendiam que o país precisava de um «novo Estaline». Era cada vez maior o número de nuvens negras que pairavam na política interna. Reinava um receio de que os ortodoxos tentassem travar o processo de abertura do regime comunista.

⁶² Черняев А. С. Совместный исход. Дневник двух эпох. 1972-1991. М., 2008.

⁶³ Горбачев М.С., том 4, стр. 299 и след.; КПСС, том 15, стр. 352 и след [M.S. Gorbachov, vol. 4, p. 299; *História do PCUS*, vol. 15, pp. 352 e seg.].

⁶⁴ *Novoe Vremia*, n.º 5, 1987.

⁶⁵ *Novoe Vremia*, n.º 16, 1992.

[66](#) Горбачев М.С., том 4, стр. 368 и след [M.S. Gorbachov, vol. 4, pp. 368 e seg.].

[67](#) *Pravda*, 22 de Junho de 1987.

[68](#) Е.К.Лигачев, Избранные речи и статьи, М., 1989, стр. 205-211 [E.K. Ligatchov, *Discursos e Artigos Escolhidos*, Moscovo, 1989, pp. 205-211].

[69](#) Семидесятилетие Великой Октябрьской социалистической революции: Стеногр. отчет/ Совместное торжеств. заседание ЦК КПСС, Верховного Совета СССР и Верховного Совета РСФСР, 2-3 ноября 1987 г.– М.: Политиздат, 1988.– 512 [70.º Aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro: Relatório/Sessão Conjunta do CC do PCUS e do Soviete Supremo da URSS e do Soviete Supremo da RSFSR, 2-3 de Novembro de 1987. M., Politizdat, 1988, p. 512].

[70](#) *Pravda*, 30 de Abril de 1987.

[71](#) М. Gorbachev, *Restruturação e Novo Pensamento para o Nosso País*, Mem Martins, Edições Europa-América, 1986.

14.

BATALHAS COM IDEIAS, BATALHAS COM ARMAS

Os primeiros meses de 1988 ficaram marcados por fortes discussões ideológicas entre reformadores e ortodoxos. Tudo começou com a encenação da peça de teatro *Mais além... Mais além... Mais além*, do dramaturgo Mikhail Shatrov. O escritor aborda, tal como já tinha feito em peças teatrais anteriores, o papel dos vários dirigentes bolcheviques na revolução comunista de 1917, fazendo de Estaline um antípoda de Lénine e responsabilizando-o pela deturpação e violação dos ideais socialistas. Além disso, na peça Lénine faz sérias considerações sobre o estado das coisas no país e sobre as reformas realizadas por Mikhail Gorbachov.

Tantas pessoas queriam vê-los, que era quase impossível arranjar bilhetes para espectáculos desse tipo, que punham em causa a doutrina oficial comunista, o que fazia aumentar ainda mais as preocupações dos defensores do estalinismo. E estes tinham razões para estarem preocupados, pois a revelação de muitos dos hediondos crimes de Estaline ainda estava para vir.

«Shatrov defende insistentemente a ideia de que Estaline, personalidade demoníaca, conseguiu resistir às leis e necessidades naturais da construção socialista, desviar o país da via histórica principal, degenerar o país, fazendo com que a voz da Revolução “fosse esmagada ou se ouvisse muito mal”. É difícil concordar com semelhante interpretação das leis fundamentais do desenvolvimento social»⁷², escreveram dois historiadores soviéticos numa carta dirigida ao jornal *Sovietskaia Rossia*, um dos principais órgãos de informação dos conservadores nesse período.

A carta mereceu uma resposta de conhecidos actores e realizadores de teatro e cinema soviéticos, publicada no *Pravda*:

O nosso país mereceu verdadeiramente a *perestroika* e a *glasnost*, por isso quaisquer tentativas de fazer o processo retroceder, por muito nobres que sejam as palavras de ordem que o escondem, provocam profunda preocupação. Sentimento semelhante deixou em nós a nova peça de M. Shatrov, *Mais além... Mais além... Mais além...* Ao contrário de alguns historiadores, consideramos que, numa obra de ficção, Lénine não só pode, mas também deve avaliar o actual socialismo e tudo o que fazemos.⁷³

No dia 13 de Março, quando Mikhail Gorbatchov se encontrava de visita oficial à Jugoslávia, o diário *Sovietskaia Rossia* publica uma carta aberta intitulada: «Não posso renunciar aos princípios», de Nina Andreevna, professora do Instituto Tecnológico de Leninegrado. Tratava-se não só de um ataque à citada peça de Shatrov, mas também de um manifesto dos neo-estalinistas:

Tomemos a questão do papel de J.V. Estaline na história do nosso país. É precisamente ao seu nome que está ligada toda a ofensiva dos ataques críticos, a qual, segundo a minha opinião, não se dirige tanto contra a personalidade histórica quanto contra toda a complicada época de transição – época que tem relação com o heroísmo ímpar de toda uma geração de homens soviéticos, os quais se vão hoje aos poucos afastando de toda a acção do trabalho, da actividade política e social. Na fórmula «culto da personalidade» são introduzidas de maneira forçada a industrialização, a colectivização, a revolução cultural, que levaram o nosso país às fileiras das grandes nações do mundo. E tudo isto é posto em dúvida. As coisas chegaram ao ponto de aos «estalinistas» (e, no número deles, pode-se pôr quem queira) se começar a exigir com insistência o «arrependimento»... Apressadamente, são tidos em alta conta romances e filmes em que se critica a época da tempestade, apresentada como «tragédia dos povos».

E Nina Andreevna tenta justificar as suas ideias com declarações de Gorbatchov, a fim de dar legitimidade e peso às suas palavras:

Como disse M.S. Gorbatchov no plenário de Fevereiro do Comité Central do PCUS, «nós devemos agir também na vida espiritual e, possivelmente, precisamente aqui, em primeiro lugar, guiando-nos pelos nossos princípios marxistas-leninistas. Aos princípios, camaradas, nós não devemos renunciar por nenhum motivo».

Somos e seremos por isto. Os princípios, não os recebemos de presente, antes os conquistámos com sofrimentos e com as impetuosas viragens da história da pátria.⁷⁴

A carta caiu como uma bomba, tanto mais que, durante alguns dias, foi apresentada à opinião pública como uma posição quase oficial do PCUS. Numa reunião no Comité Central com directores de órgãos de informação, Egor Ligatchov, que organizara a publicação da carta, recomendou a todos a leitura do «fantástico documento, desde todos os pontos de vista»⁷⁵. Alguns ortodoxos esfregavam as mãos de contentamento, enquanto circulavam boatos de todo o tipo.

Devido a fortes discussões dentro da direcção soviética, a reacção oficial foi publicada apenas no dia 5 do mês seguinte, no jornal *Pravda*, sob o título «Os princípios da *perestroika*: revolução do pensamento e das acções». O artigo não era assinado, como forma de mostrar que se tratava da posição do CC do PCUS, mas rapidamente se veio a saber que fora escrito por Alexandre Iakovlev. É uma resposta que faz uma dura crítica do estalinismo e uma defesa da liberdade de pensamento e de opção, enquanto qualidades de uma verdadeira sociedade democrática. Porém, essa crítica continua a ser feita à luz do marxismo-leninismo:

Mais luz. Mais iniciativas. Mais responsabilidade. Dominar mais rapidamente toda a profundidade da concepção marxista-leninista da *perestroika*, do novo pensamento político. Nós podemos e devemos fazer renascer a prática leninista da sociedade socialista, a mais humana, a mais justa. Iremos seguir, firme e invariavelmente, os princípios revolucionários da *perestroika*: mais transparência, mais democracia, mais socialismo.⁷⁶

É no meio desta acesa discussão ideológica que se dá outro grande acontecimento: o reinício da liberdade religiosa na URSS. No dia 29 de Abril de 1988, no Kremlin, Gorbatchov recebe Pimen, patriarca de Moscovo e de toda a Rússia, e membros do Sínodo da Igreja Ortodoxa Russa, e põe fim a uma guerra que se travava desde o início da era comunista no país:

São emendados erros cometidos em relação à Igreja e aos crentes nos anos 30 e seguintes [...]. Tornou-se possível um amplo diálogo social [...]. A atitude para com a Igreja, para com os crentes, deve ser determinada pelos interesses do reforço da unidade de todos os trabalhadores, de todo o nosso povo.²⁷

Esta aproximação entre a Igreja Ortodoxa e o regime comunista não teve lugar por acaso naquele período, antes se deveu ao facto de os ortodoxos celebrarem o Milénio do Baptismo da Rússia. Era a causa ideal para Gorbatchov dar mais uma prova de que as reformas visavam transformar o seu país. Além disso, a Igreja Ortodoxa era mais um importante aliado na luta contra os conservadores comunistas, que sempre fizeram do ateísmo um cavalo-de-batalha contra a religião. A Igreja Ortodoxa viu-lhe serem devolvidos alguns dos seus lugares mais sagrados. Muitos deles, depois da revolução bolchevique, foram transformados, nos melhores dos casos, em *ateliers* de escultores, museus ou até, como em Moscovo, num estúdio de filmes de animação. Mas, nos piores casos, foram destruídos à bomba ou transformados em armazéns ou pocilgas. Perto do apartamento onde eu habitava conservou-se um belo templo dedicado a São João Baptista. Quando reabriu ao culto, tive oportunidade de ver que os numerosos frescos que cobriam as paredes tinham sido totalmente destruídos.

A abertura do regime começou a revelar-se também na reabilitação de pessoas que haviam sido vítimas de repressão do regime comunista, especialmente da sua parte mais sanguinária: o estalinismo. Porém, se as repressões começaram pela prisão e assassinio dos adversários políticos, dos aliados temporários e, por fim, dos próprios comunistas, a reabilitação fez o percurso contrário. No dia 13 de Junho, o Supremo Tribunal da

URSS anulou sentenças e reabilitou conhecidos dirigentes comunistas condenados à morte nos processos políticos de 1936-37: Grigori Zinoviev, Lev Kamenev, Gueorgui Piatakov e Karl Radek.

No campo das questões nacionais, os problemas agravavam-se rapidamente e foi derramado o primeiro sangue no conflito entre a Arménia e o Azerbaijão. A 13 de Fevereiro de 1988, em Stepanakert, capital de Nagorno-Karabach, realiza-se o primeiro comício onde se exige a adesão desse território à Arménia. No dia 20 do mesmo mês, os deputados do Soviete (Parlamento) de Nagorno-Karabach dirigem o mesmo pedido aos Sovietes Supremos da Arménia, do Azerbaijão e da URSS. Moscovo recusou a proposta, mas não avançou imediatamente para o terreno a fim de travar o agravamento da situação.

Era com enorme preocupação que seguíamos esse conflito, pois voltava a vir à tona a política reactiva e não preventiva do Kremlin. A 22 de Fevereiro, têm lugar os primeiros confrontos entre arménios e azeris na aldeia de Askeran, tendo morrido dois azeris. Em Erevan, capital da Arménia, cerca de 50 mil pessoas saem à rua em apoio aos arménios de Karabach. A televisão soviética atira achas para a fogueira, pois atribui essas acções a «pessoas com intenções extremistas e nacionalistas», respondendo os arménios com um comício de cerca de um milhão de manifestantes. Os azeris reagem com um ataque contra a população arménia de Sumgaít, cidade do Azerbaijão, provocando dezenas de mortos, centenas de feridos. Milhares de arménios dessa e doutras cidades azeris vêm-se obrigados a procurar refúgio na Arménia e na Rússia. Conheci e conheço vários arménios que foram vítimas de perseguições nessa altura e ouvi da boca deles relatos que me fizeram pensar nas perseguições dos judeus na Idade Média. Não foram poupadas mulheres e crianças.

Este conflito em torno de Nagorno-Karabach provocou muitas mais vítimas e continua por resolver.

* * *

A XIX Conferência do Partido Comunista da União Soviética, realizada entre 28 de Junho e 1 de Julho de 1988, foi um dos marcos mais decisivos da história de toda a *perestroika*. Antes de mais, porque aí se começaram a

ouvir fortes críticas ao monopolismo do PCUS no espaço político soviético e porque as sessões foram transmitidas em directo pela televisão e pela rádio.

As eleições dos delegados da conferência transformaram-se num autêntico campo de batalha entre vários grupos do PCUS. Pela primeira vez na história do comunismo soviético, o CC desse partido decidiu que os delegados deveriam ser eleitos, numa base alternativa, nas conferências locais e regionais, enquanto, antes, eles eram escolhidos pela direcção do PCUS. Só assim foi possível a participação nesse fórum de Boris Ieltsin, eleito delegado da organização comunista da Carélia, região vizinha da Finlândia com a qual ele nada tinha a ver. O conhecido historiador Iúri Afanassiev só foi eleito delegado por Moscovo por imposição de Gorbatchov, pois, à primeira tentativa, a sua candidatura foi chumbada pelos conservadores. Isto aconteceu com outros delegados de Moscovo e Leninegrado que, durante a conferência, entraram em linha de ruptura com o dirigente soviético, por considerarem que o ritmo das reformas era insuficiente.

Numa das conferências de imprensa dedicadas a este acontecimento, Gueorgui Smirnov, director do Instituto de Marxismo-Leninismo da URSS, respondeu à pergunta se na União Soviética existiam condições para o aparecimento de um sistema pluripartidário: «[...] Actualmente, no nosso país não existem premissas para o aparecimento de um segundo ou terceiro partido.»⁷⁸ Na realidade, a XIX Conferência mostrou que dentro do PCUS já havia pelo menos três partidos.

As transmissões em directo dos trabalhos da conferência pela televisão e pela rádio fizeram praticamente paralisar o país. Nos locais de trabalho, em casa, os soviéticos não afastavam os olhos do palco onde se disputava uma inédita luta aberta entre políticos no seu país. Não era na América, nem na Europa, mas na capital da URSS. As discussões não tinham fim.

O escritor soviético Iúri Bondarev apareceu como um símbolo do passado: «Não faz sentido destruir o velho mundo até aos alicerces [...]. Não precisamos de, ao destruir o nosso passado, fazer desmoronar o nosso futuro [...]. Os extremistas conseguiram muito na sua estratégia, que tem origem numa posição minuciosamente pensada. E, agora, foi fortemente minada a confiança na História, em quase todo o nosso passado, na

geração mais velha, na honra interna humana, naquilo a que se chama consciência, na justiça.»⁷⁹

A segunda corrente incluía adeptos da *perestroika* e alguns dos seus iniciadores que, contudo, estavam descontentes com o ritmo impetuoso da *glasnost* e com processos incontrolláveis na economia, cultura e vida social. Defendiam a necessidade de lutar energeticamente contra a corrupção e a burocracia, mas queriam continuar a ver o PCUS como força política hegemónica. Nesta corrente, estavam homens como Egor Ligatchov ou Andrei Gromiko, que deixaram no ar a ameaça a Gorbatchov: «Nós elegemos-te em 1985, mas podemos tirar-te do lugar.»

A terceira corrente juntava os «reformadores», ou seja, os delegados que pretendiam uma aceleração da *perestroika* e da transparência.

Gorbatchov vacilava entre a segunda e a terceira correntes, a maioria dos delegados apoiava a primeira e a segunda, enquanto a rua estava com a terceira. Ieltsin era cada vez mais o herói das massas e aproveitava muito bem a tribuna para fazer propostas inovadoras. Ao discursar na XIX Conferência, começou por afirmar que era preciso começar a democratização da sociedade a partir do interior do PCUS. Por isso, propôs a realização de um referendo popular sobre a divisão de competências entre os líderes das organizações comunistas e os dirigentes dos soviets (órgãos do poder local, regional e central); a eleição obrigatória por voto secreto dos dirigentes comunistas a todos os níveis; a limitação da permanência dos cargos a dois mandatos; a responsabilidade dos membros do Bureau Político do PCUS pelas dificuldades criadas e a demissão dos culpados, etc.

Na mesma reunião, Ieltsin pediu a sua «reabilitação política», depois de ter sido afastado de todos os cargos no PCUS, o que lhe foi negado. Mas o mais importante para ele era manter as atenções das pessoas concentradas em si⁸⁰.

Após a conferência, o historiador Iúri Afanassiev deu início a uma das mais vivas discussões sobre a natureza do regime construído na URSS, ao chamar-lhe «socialismo de caserna», tendo em conta o seu carácter repressivo. A resposta do outro lado foi rápida, mas as reabilitações permanentes de políticos vítimas da repressão estalinista e a denúncia cada vez mais profunda dos crimes cometidos pelo regime comunista davam-lhe razão.

Foi por essa altura que conheci pessoalmente o professor Iúri Afanassiev, com quem tive oportunidade de conversar e que entrevistei várias vezes depois. Especialista em História de França, falava perfeitamente francês, pois estagiara duas vezes na Sorbonne de Paris. Em 1991, fundou a Universidade Humanitária Estatal de Moscovo, que deu um grande contributo para a renovação do estudo das ciências sociais na Rússia. Não tinha papas na língua e, por isso, não poupava críticas a Boris Ieltsin e a Vladimir Putin. Foi um dos que nunca utilizaram o seu cargo para enriquecer, como fizeram tantos outros.

A discussão sobre o papel do mercado continuou, mas, agora, com a participação de altos membros da nomenclatura comunista. De um lado, o conservador Egor Ligatchov manifestou-se contra a «cópia do modelo ocidental de mercado, baseado na propriedade privada, porque o fundamento da economia socialista é a propriedade social»⁸¹.

Do outro lado, o reformador Alexandre Iakovlev respondeu a Ligatchov: «Claro que, quando existe propriedade privada e antagonismo social, o mercado origina inevitavelmente crises, convulsões e numerosas consequências negativas para o homem do trabalho [...]. Todavia, a culpa não é do mercado, mas da direcção social do seu emprego [...]»⁸²

No campo externo, o ritmo de trabalho do líder soviético era vertiginoso. A pouco e pouco, abriam-se à democracia e ao pluralismo político países da zona de influência soviética como a Polónia e a Hungria. O governo comunista polaco foi obrigado a sentar-se à mesa das conversações com o movimento Solidarnosc e a aceitar eleições pluralistas e transparentes em 1989. Mas o acontecimento mais importante do ano foi, talvez, a visita de Ronald Reagan a Moscovo entre 29 de Maio e 2 de Junho. O passeio dos dois líderes na Praça Vermelha, as suas conversas com simples cidadãos, sem qualquer tipo de encenação, ajudaram a criar um clima mais favorável nas relações entre as duas superpotências.

Reagan vai visitar Gorbatchov. Quando passeiam por Moscovo, vêem uma longa fila à porta de um edifício, onde se encontra uma loja de bebidas alcoólicas.

*– Mas que ajuntamento tão grande é este? – pergunta Reagan.
Gorbatchov reflecte um pouco e diz: – Trata-se de um instituto pedagógico.
– E porque é que os estudantes têm as mãos a tremer e cara de poucos amigos? – insiste o Presidente norte-americano.
– Porque às duas da tarde começam os exames de admissão! – responde Gorbatchov.*

(anedota soviética)

Infelizmente, a situação continuava dramática. Gorbatchov impunha-se na direcção do PCUS, mas a sua popularidade e prestígio entre os cidadãos desciam de forma abismal, à mesma velocidade a que o nível de vida se deteriorava. As filas madrugadoras começaram a aparecer não só junto dos quiosques, mas também às portas de lojas e supermercados, pois faltava praticamente tudo: açúcar, queijo, conservas, detergente, etc.

Não obstante a sua proclamação, as reformas económicas não eram realizadas, não tanto devido à resistência da burocracia, quanto ao desconhecimento das formas de as levar à prática e de quais os seus objectivos. Discutia-se muito, mas sem resultados práticos. Como a liberdade de expressão era talvez o processo mais bem-sucedido, os soviéticos diziam então: «No nosso país há melhores condições para ler do que para viver.»

Certo dia, no Inverno, os pais de duas crianças que frequentavam o mesmo jardim-de-infância do meu filho, telefonaram-nos para perguntar se não queríamos comprar um quarto de uma vitela que ia ser abatida num dos *kolkhozes* dos arredores de Moscovo, porque não havia o que dar de comer ao gado. Claro que aceitámos imediatamente a proposta.

Alguns dias depois, ao princípio da noite, voltaram a telefonar para dizer que a encomenda tinha chegado. Quando abrimos a porta e vimos que várias pessoas carregavam não um quarto de vitela, mas metade de uma vaca, quase perdemos o dom da palavra.

Pousada no chão da cozinha, foi preciso fazer alguma coisa com ela. Tentámos cortá-la com facas de cozinha, mas sem êxito. Era preciso

recorrer ao machado e à serra.

As crianças e a nossa gata *Liisu* ficaram felizes e contentes. As primeiras, porque havia grande alvoroço, e a segunda, por razões óbvias. Chamámos os vizinhos para virem em ajuda e tivemos sorte porque um deles, o biólogo Micha, hoje grande homem de negócios, tinha todos os instrumentos e prática para cortar a metade da vaca e separar a carne dos ossos. Enchemos os congeladores dos dois frigoríficos que tínhamos em casa e colocámos sacos com carne na varanda, pois as temperaturas de Inverno são muito baixas. Além disso, ainda houve carne para recompensar o Micha pelo seu trabalho e para distribuir por outros vizinhos.

Termino o capítulo com algumas palavras sobre a nossa gata *Liisu*. Eu e a Siiri tínhamos combinado com os filhos que não podíamos ter animais em casa, porquanto viajávamos muito e não os podíamos levar atrás. Porém, certo dia, eles vieram pedir-nos para ver uma pequena gatinha que aparecera junto da porta do prédio onde vivíamos. O resultado foi que o bicho passou a fazer parte da família e recebeu o nome estónio *Liisu*.

Tratava-se de um animal admirável e surpreendente. Rapidamente se achou rainha e senhora do apartamento. Quando não gostava de algum convidado ou hóspede, não descansava enquanto ele não se fosse embora. Certa vez, foi deitar-se na banheira vazia, para impedir que uma das hóspedes tomasse banho. Era ela que escolhia o lugar onde dormia. Ralhei uma vez com ela e o resultado foi ter de mandar um par de sapatos para o lixo, porque ela urinou num deles.

Quando saíamos de Moscovo, deixávamos ficar a *Liisu* em casa de uma amiga, mas, quando a minha mulher e os meus filhos se mudaram definitivamente para Portugal, trouxe-mo-la connosco. As pessoas que nos visitavam pensavam tratar-se de uma gata de raça, pois tinha um longo pêlo, mas não passava de uma gata sem antepassados notáveis, embora muito querida. Viveu tantos anos, que até parecia eterna, mas, um dia, adoeceu e deixou-nos no meio de grandes saudades.

[⁷²](#) *Sovietskaia Rossia*, 28 de Janeiro de 1988.

[⁷³](#) *Pravda*, 29 de Fevereiro de 1988.

[⁷⁴](#) *Sovietskaia Rossia*, 13 de Março de 1988.

[75](#) *Vtchernii klub*, 13 de Março de 1993.

[76](#) *Pravda*, 5 de Abril de 1988.

[77](#) М.С.Горбачев, том 6, стр. 201 и след [M.S. Gorbachov, vol. 6, pp. 201 e seg.].

[78](#) *Argumenti i Fakty*, n.º 27, 2-8 de Julho de 1988.

[79](#) <http://ulpressa.ru/2014/10/23/prorocheskoe-vyistuplenie-pisatelya-yuriya-bondareva-na-xix-vsesoyuznoy-konferentsii-kpss-29-iyunya-1988-goda/>

[80](#) XIX Всесоюзная конференция КПСС. Стенографический отчет, том 2, стр. 55 и след [XIX Conferência Nacional do PCUS. Relatório, vol. 2, pp. 55 e seg.].

[81](#) Е.К.Лигачев, стр. 281 и след. [E.K. Ligatchov, pp. 281 e seg.].

[82](#) Яковлев, А.Н. Реализм – земля перестройки, стр. 340 [A.N. Iakovlev, *Realismo – terra da reestruturação*, p. 340].

15.

A AGONIA DO SISTEMA E DAS ILUSÕES

Há iniciativas que, hoje realizadas, poderiam ser consideradas banais, mas em 1989 constituíam verdadeiras revoluções. Entre 6 de Janeiro e 12 de Fevereiro, a famosa galeria de pintura russa Tretiakovskaia realizou uma exposição de obras de Konstantin Malevich, autor de obras mundialmente conhecidas, como o *Quadrado Preto*, pai do suprematismo e impulsionador de novas correntes da pintura. O avanço do estalinismo nas belas-artes, mais conhecido por realismo socialista, esmagou completamente quaisquer outras correntes artísticas: cubismo, futurismo, etc.

Praticamente todas as pessoas que visitam Moscovo vão admirar as obras de arte da pintura russa na galeria Tretiakovskaia-1, mas recomendo também a visita da Tretiakovskaia-2, em frente do famoso Parque Gorky. Depois de se verem obras representativas das correntes existentes na pintura russa do início do século XX, fica-se com uma ideia melhor da razia provocada pelo comunismo nesta área da cultura. É verdade que algumas se desenvolveram na era soviética, mas isso foi sol de pouca duração. O estalinismo cilindrou tudo à sua volta, impondo o realismo socialista como «método artístico profundamente vivo, científico e mais avançado, que se desenvolveu como resultado dos êxitos da construção socialista e da educação dos soviéticos no espírito do comunismo. Os princípios do realismo socialista [...] foram o posterior desenvolvimento da teoria leninista sobre o partidarismo da literatura»⁸³.



- *Para que foi inventado o realismo socialista?*
- *Para que ninguém tenha a ideia de descrever realisticamente o socialismo.*

(anedota soviética)

Digo isto porque 1989 foi o ano de charneira, o princípio da terceira e última etapa da *perestroika*. E o símbolo dessa mudança foi o I Congresso dos Deputados do Povo da URSS em Março. Acompanhei muito de perto esse acontecimento, porquanto vivi por dentro a campanha eleitoral para o órgão que veio a pôr fim ao monopólio do PCUS na vida política soviética.

Numa das noites frias de Fevereiro, tocou o telefone no apartamento. Percebi que a chamada era do estrangeiro porque se tratava de um toque longo. Não fiquei muito surpreendido quando ouvi a voz da A.M., minha amiga e colega de universidade, do outro lado. Depois das normais saudações, ela rapidamente passou à questão principal: «Há uma pessoa que quer ir aí a Moscovo fazer um trabalho para o jornal *Expresso* e precisa de alguém que lhe dê apoio. Estás disponível?» Eu respondi-lhe que estava, mas ela acrescentou: «Mas sabes que é a Zita Seabra que vai aí. Não vais ter problemas?» «Nenhuns, para mim tanto faz.»

Nessa altura, eu não conhecia a Zita pessoalmente e tentava apenas acompanhar o desenrolar do conflito entre ela e o Partido Comunista Português através de alguma imprensa portuguesa que chegava a Moscovo e dos raios e coriscos que se ouviam da boca do representante do CC do PCP na capital soviética. Durante a minha estadia em Portugal em 1988, também tive contactos com Silva Graça, um dos participantes do Grupo dos Seis, que me deu algumas informações sobre a sua luta para modernizar o PCP.

Zita telefonou-me para Moscovo e falou-me das suas intenções, e eu prometi-lhe criar as melhores condições possíveis. Fui esperá-la ao aeroporto e conduzi-a ao Hotel Intourist, a poucos metros da Praça Vermelha. Não preparei nenhum programa especial para ela, mas tentei que pudesse tomar contacto com a situação que se vivia em Moscovo. Começámos pela minúscula sede da Memorial, organização não

governamental acabada de criar para reunir dados sobre as vítimas estalinistas e as reabilitar politicamente. Notei rapidamente que Zita se sentiu chocada ao ouvir os relatos e ao pegar em documentos relacionados com processos políticos. Pareceu-me também que ela não fazia uma ideia ainda muito clara das dimensões de uma das maiores tragédias humanas do século XX. Visitámos também lojas, cafés e restaurantes onde já era bem notória a crise, não só económica, mas alimentar.

Entrevistou numerosas pessoas de diferentes campos políticos, algumas das quais candidatas a Deputados do Povo, mas para mim e alguns portugueses o mais importante foi o facto de ela ter estado em minha casa e no apartamento de Rui Onofre, outro português que vivia e trabalhava em Moscovo. Ela falou-nos da situação no interior do PCP, da luta dos que defendiam a renovação dessa força política, e nós falámos das nossas experiências e percepções das reformas na URSS. Uma conversa animada e descontraída.

Durante esse período, conheci ainda os jornalistas portugueses José Alberto Lemos e Carlos Santos Pereira, que também foram cobrir a campanha eleitoral. O segundo tinha trabalhado alguns anos na URSS e falava fluentemente russo. Foi ele que, uns meses depois, me convidou para colaborar com o jornal *Público*.

Antes de regressar a Portugal, Zita ofereceu-me o seu livro *O Nome das Coisas: reflexão em tempo de mudança*, que li com bastante rapidez, e ainda bem, porque o levei para a reunião de célula seguinte e o emprestei a um dos mais assanhados críticos de Zita Seabra, que nunca mais me devolveu. Fui criticado por ter colaborado com uma «traidora», mas, na altura, já não prestava atenção a esse tipo de vocabulário.

Mas isso foi depois. Antes, assistimos à primeira campanha eleitoral relativamente livre, mas ainda desigual em termos de oportunidades na URSS. Os candidatos que não tinham o apoio do Partido Comunista só podiam contar com o dos seus apoiantes para as disputas eleitorais. Isto contra uma máquina poderosíssima que lutava desesperadamente por manter o monopólio do poder. Por exemplo, um terço dos 2250 deputados não foi eleito, mas antes nomeado pelo PCUS ou por organizações por ele controladas.

Não obstante, foram eleitos conhecidos reformadores: Iúri Afanassiev, Anatoli Sobtchak, Galina Starovoita. Quanto a Boris Ieltsin, estas eleições

foram mais um passo importante na sua luta pelo poder. No dia 26 de Março, foi eleito deputado do povo da URSS, com o apoio de 91,53% dos votos do círculo territorial n.º 1 de Moscovo, desferindo uma pesada e humilhante derrota ao candidato comunista Evgueni Brakov, director-geral da fábrica de automóveis ZIL.

E quanto mais escandalosas eram as histórias em torno de Ieltsin, mais a sua popularidade aumentava. Quando o *Pravda* traduziu e reproduziu um artigo do diário italiano *La Repubblica* sobre Ieltsin ter aparecido embriagado em público durante uma viagem aos Estados Unidos, isso foi considerado uma manobra da direcção comunista para denegrir o «dissidente». Em Setembro de 1989, Ieltsin caiu de uma ponte em condições pouco claras, mas os seus apoiantes apresentaram o sucedido como mais uma tentativa dos comunistas ortodoxos de o neutralizar. Na altura, porém, correu o boato de que ele se dirigia simplesmente embriagado para a casa de uma amante e caíra ao rio.

Em finais de Março, devido ao seu grande número de participantes, o I Congresso dos Deputados do Povo realizou-se no Grande Palácio do Kremlin, feio e cinzento edifício gigantesco, construído entre belíssimas igrejas e palácios antigos, para acolher os congressos do Partido Comunista da União Soviética. As suas sessões voltaram a bater todos os recordes de audiências na televisão e na rádio, pois cada uma trazia algo de novo e surpreendente.

A primeira reunião ficou marcada pela criação do Grupo Inter-Regional de Deputados, que reuniu aqueles que exigiam reformas económicas, políticas e sociais mais rápidas e produtivas, acusando Gorbatchov de indefinição e de tentar agradar a gregos e troianos. Embora minoritário no congresso, esse grupo tinha o apoio das dezenas e centenas de milhares de manifestantes que se reuniam nas praças de Moscovo, São Petersburgo e outras cidades russas. A ideia de que Gorbatchov se transformava num travão cada vez maior às reformas foi rapidamente ganhando força.

Decorre o I Congresso dos Deputados da URSS. Entra um homem a correr com uma metralhadora na mão:

– Quem é o Boris Ieltsin?!

*A sala aponta unanimemente o dedo na direcção de Ieltsin.
Levantam-se e apontaram:*

– Está ali! Está ali!

O homem destrava o gatilho de segurança e grita:

– Boris, baixa-te!

(anedota soviética)

Também no movimento comunista internacional as divergências face à *perestroika* eram cada vez maiores. Enquanto um dos seus membros mais sectários e ortodoxos, o Partido Comunista Português olhava com uma desconfiança crescente para a política de liberalização de Gorbatchov. Para o exterior, transparecia que as relações entre o PCP e o PCUS eram as melhores e que os comunistas portugueses continuavam a ser uma das forças políticas mais financiadas por Moscovo. Porém, no interior do PCP a posição em relação a Gorbatchov era cada vez mais negativa.

Num encontro realizado no dia 27 de Junho de 1989, Álvaro Cunhal recusou-se a aprovar o comunicado final preparado pelos seus camaradas soviéticos. Leonid Kravtchenko, então director da Rádio e Televisão da URSS, recorda um episódio curioso e sintomático nas suas memórias, *O Canto do Cisne do Comité de Estado para Situações de Emergência* (o comité foi constituído por comunistas ortodoxos para derrubar o Presidente Gorbatchov na URSS a 19 de Agosto de 1991).

Segundo ele, o programa «Vremia», que começava religiosamente às 21 horas, abria sempre com informações vindas do Bureau Político do Comité Central do PCUS e, nesse dia, uma das notícias dizia respeito ao encontro, em Moscovo, entre o dirigente soviético e Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP. Porém, nesse dia, às 20 horas e 50 minutos, Kravtchenko recebeu um telefonema urgente de Egor Ligatchov, então número dois da hierarquia soviética, para que retirasse do comunicado do Bureau Político qualquer referência ao encontro com Cunhal.

«Enviámos-vos o texto do comunicado do Bureau Político, onde há uma parte relativa ao encontro com Cunhal. Acabou de ser enviado por fax para o programa “Vremia”. Peço-te, Leonid Petrovitch [Kravtchenko], que tires do comunicado as considerações sobre as conversas com Cunhal. Ele

está categoricamente contra essas avaliações e ameaça convocar para amanhã uma conferência de imprensa escandalosa», escreve ele e acrescenta: «as conversações estavam a decorrer com grande dificuldade. Cunhal tinha acusado abertamente a nossa direcção do partido de deslizamento para o oportunismo.»

A julgar pelos documentos publicados dos arquivos soviéticos, nunca o dirigente comunista português ousara falar assim com um líder soviético. Depois da conversa entre Ligatchov e Kravtchenko, restavam apenas três minutos para o início do programa televisivo mais visto na União Soviética. Kravtchenko conseguiu telefonar para o redactor-chefe, que, por sua vez, teve de ir a correr para os estúdios que ficavam noutra andar. A três segundos das 21 horas, quando nos ecrãs surgia por detrás de um globo terrestre uma das estrelas vermelhas do Kremlin, ele só teve tempo de dizer ao apresentador que «nada lesse sobre Cunhal no texto do Bureau Político». Mas, como as alterações aos textos eram gravemente castigadas e constituíam um crime político, o apresentador ainda teve tempo de perguntar «Quem é o responsável?» e o redactor-chefe de responder: «É o Kravtchenko!»

«Comecei a ver o programa aterrorizado. Notava-se nervosismo nos olhos de Suslov [apresentador], que normalmente era imperturbável. Quando começou a ler a notícia “No Bureau Político do CC do PCUS”, era notório que procurava com o olhar o apelido de Cunhal! Conseguiu! Não leu nada sobre Cunhal. Exultei de alegria», recorda Kravtchenko.

Pouco tempo depois, Gorbatchov telefonou-lhe para agradecer: «Sabes, Leonid, estava a preparar-se um grande escândalo e vocês ajudaram-nos. Obrigado!»⁸⁴

* * *

No II Congresso dos Deputados da URSS, realizado entre 12 e 24 de Dezembro, um grupo de deputados, dirigido por Boris Ieltsin, exigiu a supressão do artigo 6.º da Constituição Soviética, que dava o monopólio do poder ao PCUS. Essa reunião foi acompanhada por gigantescas manifestações na Praça Manejnaia, a poucos metros do Kremlin. Acompanhei várias e notei claramente a radicalização das palavras de

ordem dos manifestantes, como por exemplo: «PCUS para a Central Nuclear de Chernobil!»

No campo da economia, o dirigente soviético procurava desesperadamente formas de pelo menos não deixar deteriorar a situação. As coisas chegaram ao ponto de terem começado a circular senhas de racionamento em Moscovo. Em numerosas regiões e cidades soviéticas, elas existiram praticamente durante toda a era comunista, mas na capital só foram utilizadas até ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Contudo, receber senhas de racionamento não significava que os produtos ficassem garantidos. Por exemplo, eram necessários grandes esforços para comprar açúcar, que era açambarcado pelos produtores de aguardente caseira.

Depois de eleito o I Congresso dos Deputados do Povo, foi nomeado um novo primeiro-ministro, Nikolai Rijkov, que formou governo com a participação de oito membros da Academia das Ciências da URSS e 20 doutorados. O novo executivo propunha-se realizar o «Programa Abalkin», do nome de um dos mais conceituados economistas soviéticos, que visava fazer uma transição da economia rigidamente planeada e dirigida para uma economia de mercado regulada. O plano previa reduzir a máquina estatal central pela diminuição do número de ministérios de 52 para 32.

Ao apresentar o programa aos deputados, Rijkov anunciou uma «revisão de preços», que foi imediatamente interpretada como «aumento de preços» e levou a que os moscovitas limpassem as prateleiras das lojas. Surgiu uma tal onda de protestos em todo o país, que Gorbatchov suspendeu a realização do programa, prolongando assim o decrépito sistema económico russo.

A situação também ia de mal a pior no campo das relações nacionais, havendo cada vez mais sangue derramado em várias repúblicas soviéticas. Enquanto Gorbatchov se encontrava no estrangeiro, o CC do PCUS decidiu, no dia 7 de Abril de 1989, enviar tropas para Tbilissi, capital da Geórgia, onde há vários dias decorriam manifestações a favor da independência dessa república soviética. Quando o líder soviético chegou ao país, enviou o georgiano Chevarnadzé para resolver o problema, mas este acabou por ficar em Moscovo, porque os dirigentes comunistas georgianos informaram que a situação estava normalizada. Porém, na

noite de 8 para 9 de Abril, militares soviéticos tentaram dispersar a manifestação e provocaram a morte de 16 pessoas e centenas de feridos. Os problemas relativos ao separatismo aprofundaram-se nas três repúblicas do Báltico e chegaram à Moldávia. No Uzbequistão, república da Ásia Central, deram-se os primeiros confrontos entre uzbeques e turcos da Meskhétia, que tinham sido deportados da Geórgia para essa república na era estalinista.

Nos dias 19 e 20 de Setembro, um plenário do CC do PCUS decidiu convocar o XXVIII Congresso do partido para Setembro do ano seguinte e tomou medidas para travar a desintegração do país, medidas essas que já vinham atrasadas demais para resolver os graves problemas nacionais. Mikhail Gorbatchov propôs-se então: «garantir condições para o desenvolvimento livre e multilateral de cada nação e para o reforço da União, que é a fonte do bem-estar de todos os nossos povos. A questão fulcral é a via da realização do princípio leninista da autodeterminação das nações, que sofreu numerosas deturpações quando foi levado à prática. Hoje, trata-se do reforço da autonomia política das repúblicas da União, da concessão de um conteúdo real à sua soberania e de novas formas de união voluntária das repúblicas em nome da solução das tarefas comuns»⁸⁵.

O líder soviético não tinha em conta a pretensão ao poder dos dirigentes locais nas suas repúblicas e até regiões. Começou abertamente uma discussão sobre que repúblicas financiavam as outras e em quanto. Nas repúblicas, criava-se a ideia de que a libertação do jugo do poder central abriria caminho ao desenvolvimento e à prosperidade. A ideia era particularmente perigosa na Rússia, que continuava a ser a espinha dorsal da União Soviética, mas avançou sob a forma da criação de um Partido Comunista da Federação da Rússia e, como veremos mais à frente, com as tentativas de Boris Ieltsin consolidar o seu papel de dirigente da Rússia, que tinham apenas um objectivo: retirar o tapete a Gorbatchov.

No campo internacional, o massacre de Tiananmen, a 4 de Junho de 1989 em Pequim, foi um momento importante na minha revisão ideológica, pois deixou bem claro que o comunismo e a democracia eram incompatíveis. As manifestações de protesto que o precederam ocorreram durante a visita de Gorbatchov à China, onde o líder soviético gozava de simpatia entre parte da intelectualidade e dos estudantes chineses.

A reacção brutal da direcção comunista chinesa fez nascer, entre alguns políticos soviéticos, a esperança de que se pudesse empregar no seu país o mesmo método para resolver os problemas políticos que a URSS enfrentava. Porém, era evidente que, se Gorbatchov enveredasse pela mesma solução de Deng Xiaoping, a União Soviética se afogaria em sangue e se desintegraria de forma muito mais violenta do que a que veio a acontecer. O PCUS já estava em agonia e, ao contrário da China, a URSS estava irremediavelmente minada pelo desejo de independência de uma boa parte das repúblicas que a constituíam. Ao líder soviético não restava outra via senão a continuação das reformas.

Esta questão colocou-se em relação aos países que faziam parte do chamado «campo socialista». Algumas cabeças delirantes continuavam a pensar que Gorbatchov poderia manter na sua órbita os satélites soviéticos na Europa, mas a crise tinha atingido dimensões tais, que era impossível evitar o afastamento. Se o dirigente soviético tivesse decidido recorrer às forças repressivas, onde encontraria tantos exércitos e polícia para apagar os incêndios cada vez mais numerosos? No mês de Junho, o movimento Solidarnosc impôs uma humilhante derrota eleitoral aos comunistas na Polónia; pouco tempo depois, os dirigentes húngaros foram obrigados a sentar-se à mesa com as forças da oposição, o mesmo acontecendo na Checoslováquia, etc.

Nicolae Ceausescu foi o único que tentou travar com repressão e derrame de sangue a vontade de mudança dos romenos e pagou caro por isso. As ditaduras comunistas na Europa baseavam-se no terror e no medo e não resistiram à necessidade de mudanças.

O processo de desintegração do bloco socialista ganhou tal ritmo que, a determinada altura, os próprios políticos já tinham dificuldade em acompanhá-lo. O exemplo mais evidente disso foi a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha. No início do mês de Outubro, Gorbatchov afirmava durante a visita à República Democrática Alemã:

Pedem-nos frequentemente que tomemos medidas com vista ao fim dessa divisão [da Alemanha]. Já ouvi também o seguinte apelo: «A URSS que derrube o Muro de Berlim, então acreditaremos definitivamente nas suas intenções pacíficas...» Antes de tudo, quero recordar aos nossos parceiros ocidentais que as questões relativas à

RDA não devem ser resolvidas nem em Moscovo, nem em Berlim. A RDA é um Estado soberano que toma independentemente as medidas que dizem respeito às várias tarefas de defesa dos seus interesses, da sua política interna e externa.⁸⁶

Só e apenas um mês depois, o Muro ruía. A partir do momento em que começaram a sentir que os tanques soviéticos não seriam utilizados, as pessoas organizaram-se em grupos e movimentos que passaram a ditar o ritmo das mudanças.

E aqui surgiu uma série de questões. Poderia a União Soviética ter tirado mais frutos económicos e políticos desses processos, nomeadamente chantageando o chamado Ocidente com o atraso da retirada das tropas soviéticas dos países do bloco socialista? Poderia, mas não o fez, pois Gorbatchov era daqueles políticos raros que acreditavam que existe moralidade nas relações internacionais.

O mesmo pode ser dito em relação ao futuro da NATO e do Tratado de Varsóvia. Segundo a versão do líder soviético, bastou-lhe a palavra do chanceler alemão Helmut Kohl e de outros dirigentes ocidentais para que ele acreditasse que a Aliança Atlântica não se alargaria a leste da Europa. Esse espírito de confiança no Ocidente – diria mesmo, de fé num futuro brilhante das relações entre a URSS e o Ocidente – apoderou-se dos espíritos de parte considerável da população soviética. Já nessa altura constatei que as expectativas iam muito além da realidade dura que são as relações internacionais. Ficou mais uma vez patente que, nessa área, não há amigos, mas apenas interesses, e, por vezes, muito mesquinhos.

* * *

Entretanto, o lema da TSF, «Vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo», tantas vezes repetido pela voz de David Borges, tornou-se também meu, mas por mero acaso. Nunca sonhei ser jornalista, mas o destino é imprevisível.

No Verão de 1989, visitei Portugal e eu e a minha família encontrámo-nos com Zita Seabra no Centro Comercial das Amoreiras, pois, na época, eu mal conhecia Lisboa. Foi a nossa amiga Ana Mourão, que nos acolhera no seu apartamento de Telheiras, que nos levou lá.

Quando a Zita chegou, perguntou-me se eu queria ser jornalista. Respondi-lhe que não tinha pensado muito a sério nisso, até porque a minha experiência era praticamente nula. Deixei a minha mulher e os meus filhos a verem montras do centro comercial, que lhes faziam extrema confusão, devido à abundância de lojas, cores e produtos, e subi com a Zita a uma das torres das Amoreiras, onde naquela altura estava instalada a redacção da TSF.

Entrámos e ela apresentou-me a Emídio Rangel, perguntando-lhe logo a seguir se a TSF não precisava de um correspondente em Moscovo. Ele respondeu afirmativamente.

«Então tens aqui um, o Zé Milhazes», pronunciou ela.

Fiquei um pouco atrapalhado, mas, quando Emídio Rangel me perguntou se eu queria trabalhar para a TSF, respondi: «Posso tentar, mas previno que nunca fiz jornalismo.» «Não faz mal, isso aprende-se», respondeu ele e passou imediatamente às condições de colaboração: nada de contratos, pagamento à peça, exclusividade e 24 horas de disponibilidade.

Aceitei tudo, porque, na altura, tratava-se de uma proposta que eu não podia recusar. Além das dificuldades económicas crescentes que era preciso superar, gostei do desafio.

Regressei a Moscovo imaginando que a conversa com Emídio Rangel poderia ter continuidade, mas não de forma tão rápida e intensa como veio a suceder. O dia seguinte, 8 de Agosto de 1989, foi o dia do meu baptizado como jornalista. O telefone tocou e foi-me pedida uma peça sobre a visita de Eduard Chevarnadzé ao Irão. Pedi uma hora para me preparar, o que parece ter surpreendido muito o camarada que estava do outro lado da linha. Concordámos em 30 minutos. Suei muito, para dizer tudo o que achava necessário em 1 minuto e 30 segundos. Começava a escrever, não gostava, rasgava a folha, e assim gastei umas seis ou sete folhas. Quando me telefonaram para gravar, estava nervosíssimo e, se bem me lembro, não consegui gravar à primeira. Depois, foram 16 anos de colaboração ininterrupta com a TSF, incluindo os dias em que estive internado no hospital pela segunda vez.

Tratava-se de um trabalho que exigia grandes esforços, pois, naquela altura, a TSF não estava em condições de me fornecer um telex nem um fax. Tinha de me levantar cedo para comprar o maior número possível de

jornais e revistas, ouvir constantemente rádio e televisão, telefonar e telefonar para fontes ou simplesmente para pessoas que me pudessem ajudar a compreender um ou outro assunto.

A pouco e pouco, a minha voz fanhosa e o forte sotaque do Norte começaram a tornar-se conhecidos em Portugal e não passaram despercebidos ao PCP. Quando à célula do PCP de que eu fazia parte em Moscovo chegou a informação de que eu trabalhava para a TSF e, numa das reuniões, me perguntaram porque é que eu não falara com o partido antes de aceitar o trabalho, respondi que não o fizera, porquanto não achava necessário. Um dos camaradas presentes perguntou-me se eu não achava bem pôr à consideração da célula os meus trabalhos antes de os enviar para Lisboa, ao que respondi que, se assim fizesse, a TSF não necessitaria da minha colaboração, simplesmente porque não ficaria à espera da decisão do partido. E por aqui ficámos neste ponto.

Pouco tempo depois do início da minha colaboração com a TSF, veio a Moscovo a jornalista Elisabete Caramelo, para fazer uma série de reportagens sobre a situação na URSS. O objectivo era transmitir uma reportagem em cada serviço de notícias durante um dia. Realizámos numerosas entrevistas, tivemos variados encontros e, quando se colocou a questão do envio das peças preparadas pela Elisabete, começaram a surgir problemas. Ela vivia no Cosmos, hotel de Moscovo situado a cerca de 30 quilómetros de minha casa, e constatou que não podia enviar as peças porque a direcção do hotel desligava a central telefónica durante a noite. Apanhei um táxi para a ir buscar e trazer para minha casa, a fim de enviarmos os trabalhos que já estavam a ser anunciados há vários dias. Embora não pudéssemos ligar directamente do meu apartamento para Lisboa, os jornalistas da TSF podiam ligar para nós.

Porém, quando nos preparávamos para o envio, constatámos que as tomadas telefónicas soviéticas eram incompatíveis com a aparelhagem da TSF e valeu-nos o Carlos Caseiro, português que estudava jornalismo em Minsk, capital da Bielorrússia, que sabia manejar bem material eléctrico e montar e desmontar tomadas. Os nervos aumentaram à medida que a madrugada avançava e se aproximava o início da transmissão das reportagens. Por fim, conseguimos terminar o trabalho às três horas da manhã em Moscovo.

Quando a Elisabete chegou à capital soviética, tinha acabado de abrir o primeiro restaurante da cadeia McDonald's. Fomos fazer uma reportagem, mas tornou-se impossível entrar no restaurante, porque a fila dava várias voltas à Praça Pushkin. Num só dia, eram servidas mais de 30 mil refeições. Um autêntico milagre numa cidade onde havia falta de praticamente tudo.

Depois da TSF, veio o convite para trabalhar no *Público*, que aceitei porque se tratava de um novo projecto com grande aposta na política internacional e com uma vasta rede de correspondentes. Tenho religiosamente guardado o número 1, que deveria ter saído a 1 de Janeiro de 1990, mas se ficou pela redacção. Aí foi publicado um artigo meu, muito curto, sobre a proibição do programa televisivo «Vzgliad», assaz popular durante a época da *perestroika*.

Os momentos mais difíceis, mas também mais apaixonantes, da minha actividade jornalística estavam ainda por chegar.

Nesse mesmo Verão, os meus camaradas organizaram um encontro no centro de trabalho do PCP da Póvoa de Varzim, para eu falar das reformas na URSS: «A União Soviética em tempo de mudanças». Falei da forma mais objectiva possível: como via os problemas no país, as discussões ideológicas em torno do passado e do presente, e o fracasso da experiência soviética de construção do socialismo. Uma das coisas que sublinhei foi o enorme precipício entre a teoria e a prática, mas, se o assunto foi compreendido, foi-o por muito poucos. A maioria pensava que Gorbatchov era um «traidor», «vendido à CIA», etc.

E nesse encontro senti que tinha chegado o momento da ruptura completa com o Partido Comunista Português, cuja ideologia não ia mudar mesmo perante argumentos tão evidentes como a rápida desintegração do bloco socialista ou a situação degradante a que chegara a URSS graças à política do PCUS. Foi um processo amargo, doloroso, mas a ruptura tinha de ser feita. A minha mulher ficava surpreendida por as pessoas não quererem compreender o que se estava a passar, mas ficava ainda mais espantada quando eu lhe dizia que ainda havia possibilidade de criar um «socialismo de rosto humano».

[83](#) БСЭ. 1-е издание, Т. 52, 1947, стр. 239 [*Grande Enciclopédia Soviética*, vol. 52, 1.^a ed., 1947, p. 239].

[84](#) Кравченко, Леонид. ЛЕБЕДИНАЯ ПЕСНЯ ГКЧП. М.: Эксмо: Алгоритм, 2010, с. 39 [Leonid Kravtchenko, Lebedinaia pesnia GKTchP. M., Eksmo: Algoritm, 2010, p. 39], em: <https://www.litmir.co/br/?b=177723&p=39>

[85](#) Материалы пленума ЦК КПСС 19-20 сентября 1989 года. – М. 1989 [Materiais do Plenário do CC do PCUS de 19-20 de Setembro de 1989, M., 1989].

[86](#) Вестник МИД СССР, 1989, № 20, стр. 2-5 [Vestnik MID SSSR, 1989, n.º 20, pp. 2-5].

16.

PARADA DE SOBERANIAS

O ano de 1990 foi o ano das soberanias na URSS. As repúblicas proclamaram uma após outra a supremacia das suas leis em relação às leis federais e tornava-se cada vez mais frequente a palavra «independência», até então escondida por detrás da palavra «soberania».

O ano praticamente começou com derramamento de sangue. A 12 de Janeiro, manifestantes azeris, com a tolerância das autoridades de Baku, deram início a perseguições sangrentas dos arménios que residiam na capital do Azerbaijão. Não se sabe ao certo quantas pessoas foram assassinadas, variando o número entre 48 e 300. Milhares de arménios tiveram de fugir apressadamente da cidade. A matança só terminou a 20 do mesmo mês, quando as tropas soviéticas ocuparam Baku. Esta intervenção provocou 134 mortos, entre os quais mais de 20 soldados soviéticos, e cerca de 700 feridos⁸⁷.

A 11 de Março de 1990, menos de dois meses depois da visita de Gorbatchov a Vilnius, o Soviete Supremo da Lituânia proclamou a independência do país, que se tornou a primeira república soviética a dar esse arriscado passo. Moscovo respondeu com sanções económicas que fracassaram.

Em Abril do mesmo ano, o líder soviético reconhece: «Não prestaram [os lituanos] a devida atenção aos conselhos dados em nome da direcção do país, por isso venceu o partido separatista.»⁸⁸

A 30 de Março, o Soviete Supremo da Estónia seguiu o exemplo da república vizinha e proclamou o restabelecimento da República da Estónia, que deixara de existir em 1940, depois da ocupação soviética.

Encontrava-me então em Tallinn e acompanhei por dentro esse processo, assisti à histórica votação. Tudo foi feito com a maior das naturalidades e das calmas, como se tratasse de um acontecimento normal. É verdade que os estónios são um povo muito calmo e de poucas falas.

Conversei com vários deputados e entrevistei Indrek Toome, então primeiro-ministro do governo da Estónia, e todos estavam confiantes de que a independência era um facto consumado, mas que tudo devia decorrer de forma pacífica.

Entretanto, o KGB soviético deu início à criação de movimentos que defendiam a continuação das repúblicas do Báltico na União Soviética. Esses movimentos eram maioritariamente constituídos pelos russos, ucranianos e bielorrussos aí residentes. Com efeito, em 1940, após a ocupação das três repúblicas, Estónia, Letónia e Lituânia, Moscovo começara o envio em massa de russos, ucranianos e bielorrussos. No caso da Estónia, os colonos foram trabalhar nas grandes fábricas construídas pela União Soviética, pois os estónios dedicavam-se mais à agricultura. Desse modo, o regime soviético criou a classe operária, mais progressista do que o campesinato, e realizou a sua política de russificação. Além disso, só em 1941, Estaline deportou mais de 10 mil estónios para a Sibéria e o Cazaquistão⁸⁹. Quando o país proclamou a sua independência, os estónios constituíam cerca de 61% da população do país⁹⁰.

Após a independência, as autoridades da Estónia não souberam resolver da melhor forma o problema da integração da população russófona. Foi concedida cidadania do novo Estado apenas àqueles que tinham nascido na República da Estónia até à ocupação e aos seus descendentes. Os restantes passaram a ter autorização de residência, sendo-lhes permitido requerer a cidadania. O processo de integração dos russos é muito lento, podendo constituir um problema para Tallinn, caso Vladimir Putin chame a si o direito de «proteger» os russos na Estónia em particular e no mundo em geral.

Mas a machadada mais profunda na integridade da URSS foi desferida pela República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR). Em Junho de 1990, realizaram-se eleições para o Soviete Supremo da Rússia, onde os apoiantes de Boris Ieltsin conseguiram uma importante vitória. A 12 do mesmo mês, o I Congresso dos Deputados do Povo da Federação da Rússia, com 907 votos a favor e 13 contra, aprovou a «Declaração de

Soberania Estatal da RSFSR», que proclamou, entre outras coisas, «a supremacia da Constituição e das leis da RSFSR em todo o seu território».

É de assinalar que, tendo em conta a correlação de forças nesse órgão de poder, a declaração recebeu apenas 13 votos contra, porque contou também com o apoio dos comunistas ortodoxos, que tinham um objectivo comum com Ieltsin: derrubar Gorbatchov. A favor dessa decisão votou Guennadi Ziuganov, actual dirigente do Partido Comunista da Federação da Rússia e fervoroso adepto da reconstrução da União Soviética.

Recordo-me de que, na altura, prometi a uma colega do *Público*, Clara Viana, que iria para padre se Ieltsin fosse eleito Presidente do Soviete Supremo da Federação da Rússia, pois considerava que os comunistas ortodoxos bloqueariam essa decisão. Só não fui para padre porque tinha família, pois Ieltsin e os seus homens conseguiram comprar os votos de alguns dos «defensores» da União Soviética.

A 31 de Março, num referendo organizado na Geórgia, 98,93% dos eleitores manifestaram-se a favor da independência dessa república da Transcaucásia, que foi proclamada a 9 de Abril. Porém, duas regiões autónomas, a Abecásia e Ossétia do Sul, optaram por continuar a fazer parte da URSS, o que originou longos conflitos armados. O mesmo aconteceu com a Moldávia, que se viu sem parte do seu território: a Transnístria.

A situação degradou-se a olhos vistos, uma vez o bichinho da independência penetrado na Federação Russa. A 6 de Agosto, durante uma visita pela Rússia, Boris Ieltsin afirmou em Kazan que as repúblicas e regiões da Federação Russa podiam chamar a si «tanta autonomia quanto elas queiram chamar». A Chechénia tentou essa receita e pagou com milhares de mortos, feridos e deslocados.

Entretanto, Gorbatchov continuava a dar uma no cravo, outra na ferradura. Na véspera do III Congresso dos Deputados do Povo da URSS, Moscovo assistiu a uma das mais numerosas manifestações contra o monopólio do PCUS na vida política. Entre 400 mil e 500 mil pessoas encheram a Praça Manejnaia, no centro da capital soviética, para exigir o pluripartidarismo e a aceleração do ritmo das reformas. Mais uma vez, o líder soviético não se soube antecipar aos acontecimentos, vendo-se obrigado a fazer figura de fraco, cedendo apenas à pressão da rua. A 15 de

Março, concordou com o fim do monopólio do poder do PCUS, abrindo caminho ao pluripartidarismo.

Aqui não se pode deixar de abordar a simbologia da Praça Manejnaia (oficialmente, Praça do 50.º Aniversário de Outubro, até 1990) nesse momento crucial para a União Soviética. Situada à porta da Praça Vermelha e junto das paredes do Kremlin, essa praça foi palco de gigantescas manifestações, até ao fim da União Soviética. Embora elas tenham contribuído em muito para a vitória de Boris Ieltsin, a praça deixou de ser palco de concentrações populares quando Ieltsin passou a ocupar o Kremlin e Iúri Lujkov, então presidente da Câmara Municipal de Moscovo, ali mandou construir um luxuoso centro comercial.

Em todo o caso, Gorbatchov, nesse congresso, conseguiu reforçar ainda mais os seus poderes, pois propôs a criação do cargo de Presidente da URSS, para o qual foi eleito pelos deputados. Porém, cometeu o grave erro de não se sujeitar ao sufrágio universal. Se isso tivesse acontecido, Gorbatchov seria certamente eleito por larga maioria e reforçaria a sua legitimidade face aos 15 dirigentes das repúblicas da União Soviética.

Era evidente que o país estava irremediavelmente a caminho da desintegração, o que acabou com as minhas já poucas ilusões sobre a política nacional dos bolcheviques. Na altura em que era aluno da Universidade de Moscovo lia frequentemente, em manuais universitários e livros, sobre a adesão voluntária do Cazaquistão, Uzbequistão,

Quirguízia, etc., etc. à Rússia no século XIX, mas isso causava-me muita confusão, pois ia contra a tese de Lénine de que a Rússia czarista era uma «prisão de povos». Ou será que esses povos entraram voluntariamente na prisão?, perguntava eu, como outros estudantes, aos professores, recebendo como resposta apenas um sorriso matreiro. Tornava-se evidente que a URSS não passava de um império colado pela força. À primeira prova de fraqueza, foi irremediavelmente abalado.

As manifestações do 1 de Maio na Praça Vermelha eram, tradicionalmente, organizadas pelas autoridades soviéticas, como mostra do apoio de que gozavam entre as massas trabalhadoras. Grande parte dos manifestantes eram obrigados a comparecer e cada organização, fábrica, empresa tinha de garantir um determinado número de pessoas, que recebiam os cartazes ou faixas que deviam transportar durante o desfile.

Em 1990 também deveria ser assim, mas não foi. Muitos dos manifestantes foram ao desfile especialmente para mostrarem as suas verdadeiras posições. Tal como mandava a tradição, Gorbatchov e os membros do Bureau Político do PCUS estavam instalados na tribuna montada em cima do mausoléu de Lénine. Eu encontrava-me a cerca de 50 metros do mausoléu e vi como se aproximavam e aumentavam de número aqueles que estavam em desacordo com a direcção soviética. Ao passarem ao lado da tribuna, paravam e gritavam palavras de ordem, «Abaixo Gorbatchov!», «Abaixo o Partido Comunista!», acompanhadas de assobiadelas. Depois de se aconselharem entre si, os líderes soviéticos abandonaram a tribuna, coisa nunca vista na história do país. Esta deve ter sido uma das maiores humilhações por que Gorbatchov passou.

O dirigente soviético comentou esse incidente mais tarde, num encontro com militantes comunistas de um dos bairros de Moscovo: «Devemos travar um combate decisivo contra todos os “raivosos”, tanto da direita como da esquerda. Eles juntaram-se contra o principal: a política da *perestroika* e os seus responsáveis. Lembrem-se do 1 de Maio, do fim da manifestação. Não se pode subestimar o que é uma espécie de sinal e sinal sério.»⁹¹

Entre 2 e 13 de Julho realizou-se o último congresso do PCUS: o XXVIII. Fui novamente chamado para traduzir para português o relatório do secretário-geral. Dessa vez, estivemos uma semana sem fazer nada e recebemos o texto a menos de 48 horas do início da reunião máxima dos comunistas soviéticos. Começámos a trabalhar a todo o gás, mas a principal surpresa estava para vir. Quando o nosso trabalho estava quase a chegar ao fim, fomos prevenidos de que poderia haver alterações de última hora, e foi o que aconteceu. Eram 10 horas da noite quando recebemos numerosas alterações ao texto, que visavam a sua radicalização. No entanto, não eram suficientes para travar o ímpeto do processo de mudanças. O discurso continuava cheio de chavões ideológicos sem real conteúdo. Constatava os problemas no campo da economia e das relações nacionais, mas como solução propunha «uma revolução pacífica, levando o país, no âmbito da opção socialista, sem convulsões, cuja vítima é sempre o povo»⁹².

Porém, essa intervenção não agradou a ninguém. Os conservadores consideravam que Gorbatchov estava a perder a União Soviética, a fazer

demasiadas cedências ao Ocidente, enquanto os progressistas aumentavam as críticas à indecisão daquele.

Logo após o início do discurso, regressámos da casa de campo para Moscovo e eu dirigi-me ao centro de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros, para começar a enviar crónicas para a TSF. Quando cheguei, Gorbatchov ainda não tinha pronunciado todo o seu discurso, pois fora anunciado um intervalo para o almoço. Mas, como eu já tinha o texto integral nas mãos, antecipei-me e fiz uma crónica com a parte do discurso que ele ainda não pronunciara. Quando se reiniciaram os trabalhos, entrei num verdadeiro corrupio entre a sala onde estava o ecrã que transmitia o congresso e a cabine telefónica. Um dos pontos mais altos da reunião deu-se quando Boris Ieltsin anunciou a sua saída do PCUS e abandonou os trabalhos do congresso.

Por esses dias, passou por Moscovo Eduardo Dâmaso, meu camarada do *Público* que vinha de fazer a viagem do transiberiano e se preparava para regressar a Lisboa. Estava acompanhado de jovens de outros países e duas holandesas vieram pernoitar a minha casa. Mal entraram no apartamento, mostraram a intenção de se dirigir a uma loja para comprar alguma coisa para comer. Eu tinha coisas em casa (não muitas porque a minha mulher e filhos estavam a passar férias na Estónia), mas eles acharam por bem dar um contributo para o jantar, não obstante eu os ter prevenido de que não iam ter muita sorte.

Passado cerca de uma hora, entraram em casa felizes e contentes, pois, além de pão, disseram-me que tinham conseguido comprar queijo fresco, facto que me deixou de boca aberta. Quando retiraram os produtos do saco, constatei que tinham confundido queijo fresco com banha de porco.

Como não conheciam ainda Moscovo e iam ficar poucos dias na capital soviética, fui mostrar-lhes a Praça Vermelha, onde encontrámos outros jovens, que tinham feito com eles a viagem de comboio entre Pequim e Moscovo. Fiz de guia a todos, mas, por volta das nove e meia da noite, perguntaram-me onde se podia jantar. Comecei a pensar, porque, naquela altura e àquela hora, era difícil encontrar um restaurante que desse de comer a tanta gente (devíamos ser 10 ou 15 pessoas). Lembrei-me de um refeitório para taxistas que trabalhava noite e dia, mas servia apenas *pelemeni* (espécie de *ravioli*) e de qualidade duvidosa. Porém, a fome era tanta que até os taxistas ficaram surpreendidos com o nosso apetite.

Quando saímos do refeitório, mostrei-lhes pela janela aberta a cozinha, que tinha um aspecto muito pouco higiénico e onde trabalhavam umas senhoras gordas com batas e aventais que outrora tinham sido brancos.

Acabámos a noite a beber cerveja num bar do Hotel Intourist, que só servia bebidas a estrangeiros e em moeda convertível. Para fazer uma limpeza ao estômago, alguns optaram por uns cálices de vodka.

* * *

A situação política, económica e social do país tornava-se incontrolável e insuportável. Não havia dia que uma república ou região não proclamasse a sua soberania e independência, comportando-se os líderes locais como verdadeiros senhores da situação. Assinavam-se os acordos mais inimagináveis. No dia 19 de Novembro, a Rússia e a Ucrânia assinaram um acordo em Kiev sobre o reconhecimento mútuo da soberania. Dois dias depois, a Rússia assinou com o Cazaquistão um tratado onde se reafirmava a «imutabilidade das fronteiras dos dois Estados».

No campo económico, os governos russo e soviético não conseguiam chegar a acordo sobre que tipo de medidas era preciso tomar para travar o descalabro. Anunciavam-se programas atrás de programas, mas estes não saíam do papel. Foi então que se começaram a fazer grandes fortunas, com a desestatização caótica da economia.

Todos exigiam estabilidade e paz, mesmo que para isso fosse necessário derramar mais sangue. Anatoli Lukianov, presidente do Soviete Supremo da URSS que Gorbatchov tinha como seu braço-direito, propôs: «Deve-se analisar também a experiência de Pinochet. É necessário estabilizar a economia, mas é impossível introduzir a economia de mercado sem fortes institutos.» O marechal Sergei Akhromeyev, conselheiro militar de Gorbatchov, escreveu um artigo no diário conservador *Sovietskaia Rossia* em que abordava os perigos que ameaçavam a URSS e não excluía a possibilidade da intervenção das Forças Armadas contra as forças que «ameaçam a unidade do país e o seu sistema pessoal»⁹³.

O IV Congresso dos Deputados do Povo da URSS, realizado entre 17 e 27 de Novembro, trouxe à tona as verdadeiras intenções das várias forças políticas. No início do fórum, a deputada Saja Umalatova, que pertencia

ao grupo parlamentar conservador Soyuz (União), propôs que se pusesse à discussão a aprovação de um voto de desconfiança ao Presidente Gorbatchov. Anatoli Lukianov, considerado pelo dirigente russo um dos seus melhores camaradas, aceitou a proposta, não obstante isso contrariar o regulamento do Congresso. Para que pudesse ser votada, a proposta tinha de receber o parecer prévio do Comité de Controlo Constitucional. O resultado da votação foi 426 deputados a favor da discussão, 1288 contra e 183 abstenções. Teria certamente sido mais desfavorável a Gorbatchov se a votação fosse secreta, mas, mesmo assim, mostrou-se que a oposição conservadora à sua política aumentava.

Durante os trabalhos do congresso, Dmitri Iazov, ministro da Defesa da URSS, convocou uma conferência de imprensa em que defendeu a necessidade de «impor a ordem» e a participação das Forças Armadas na política interna do país.

Eduard Chevarnadzé respondeu com a demissão do cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros e, num discurso dramático, chamou a atenção para o perigo de uma ditadura. Estas declarações caíram como uma autêntica bomba entre os soviéticos, que acompanhavam o drama pela televisão⁸⁷.

Vladimir Kriutchkov, chefe do KGB soviético, tomou a palavra no congresso para dizer que tudo não passava de «um conluio da CIA».

Resumindo, ficou no ar a ideia de que o desfecho do drama estava para chegar, embora Gorbatchov continuasse com a sua política de indefinição.

Na política externa, a actividade do líder soviético e do seu ministro dos Negócios Estrangeiros era frenética e recompensada pela comunidade internacional. A 15 de Outubro, Gorbatchov recebeu o Prémio Nobel da Paz, «pelo seu notável papel no processo de paz que hoje caracteriza uma importante parte da comunidade internacional»⁸⁸. Não obstante ser o primeiro dirigente soviético galardoado com o prémio, este em nada contribuiu para o aumento da sua popularidade na URSS. Talvez pelo contrário.

⁸⁷ http://news.bbc.co.uk/hi/russian/in_depth/newsid_4664000/4664799.stm

⁸⁸ *Pravda*, 11 de Abril de 1990.

[89](http://www.memo.ru/history/polacy/g_2.htm) http://www.memo.ru/history/polacy/g_2.htm

[90](http://demoscope.ru/weekly/ssp/sng_nac_89.php?reg=15) Всесоюзная перепись населения 1989 года [recenseamento de 1989], em: http://demoscope.ru/weekly/ssp/sng_nac_89.php?reg=15

[91](#) *Pravda*, 14 de Maio de 1990.

[92](#) *Pravda*, 3 de Julho de 1990.

[93](#) *Sovietskaia Rossia*, 14 de Novembro de 1990.

[94](#) *Izvestia*, 21 de Dezembro de 1990.

[95](#) *Pravda*, 16 de Outubro de 1990.

17.

E DE NOVO O HOSPITAL

O trabalho intenso e a falta de férias voltaram a fazer-se sentir na minha saúde e, no início de Novembro, fui internado, novamente com problemas pulmonares e no mesmo hospital.

As diferenças em relação à primeira vez foram grandes. O hospital, entretanto, recebia também pessoas que tinham passado por prisões e campos de concentração soviéticos por motivos criminais ou políticos. Neste sentido, o meu internamento foi-me muito útil, pois entrei em contacto com outras realidades. Tive longas conversas com presos de delito comum que me contaram episódios elucidativos da actuação da polícia nas prisões, da violência exercida por uns prisioneiros sobre os outros, da hierarquia existente.

Certa vez, ao conversar com um deles, Nikolai, chamei-lhe «galo», como elogio do seu êxito junto das mulheres e ia-me arrependendo disso, não fosse a intervenção de um antigo preso político por todos respeitado. Isto porque «galo» (*petukh*), no calão do submundo do crime, significa o prisioneiro que se encontra na casta mais baixa da hierarquia prisional, aquele que já foi violado por outros reclusos e que se transforma em «intocável».

Esse antigo preso político era Valeri Abramkin, destacado dissidente e defensor dos direitos humanos na URSS. Mesmo a partir do hospital, não abandonou um dos objectivos da sua vida: a humanização das prisões soviéticas e russas. Vi-o e ouvi-o muitas vezes dar conselhos a antigos prisioneiros de delito comum sobre a forma de defenderem os seus direitos.

Ele tinha cumprido seis meses em várias prisões, onde apanhara tuberculose, doença que afectava praticamente cem por cento das pessoas que passavam pelas cadeias soviéticas. Foi um dos autores do livro *Como Sobreviver numa Prisão Soviética*, uma espécie de manual de como os prisioneiros se deviam comportar entre si e com os guardas prisionais.

Foi com ele que aprendi os significados de algumas tatuagens que via no corpo dos antigos reclusos de delito comum. Alguns tinham o corpo coberto de desenhos e inscrições.

Estava também internado um jovem caucasiano que passara vários anos na prisão. Nunca me disse o crime que cometeu, mas pareceu-me algo de grave. Quando foi internado, sabia que os médicos pouco podiam fazer por ele, pois a doença estava já num estado avançado. Certo dia, chamou os doentes da sua enfermaria, pegou no dinheiro que tinha guardado e pediu-lhes que fossem comprar alguma coisa para organizar uma festa («se eu morrer, o dinheiro será levado pelas enfermeiras, por isso é melhor fazer uma grande despedida», disse ele). Para beber, já tinha escondido um frasco de três litros de álcool medicinal, que tinha comprado às enfermeiras. Na era soviética, as farmácias estavam proibidas de vender álcool sem receita, pois este era utilizado para beber.

Os colegas organizaram tudo e, às 11 da noite, quando as luzes das enfermarias foram desligadas, juntaram-se à mesa, sob a luz de um pequeno candeeiro, e comeram e beberam tal como lhes tinha pedido o jovem caucasiano. Depois do banquete, foram-se deitar e, no dia seguinte, viram que ele tinha falecido.

Durante o meu internamento no hospital, o jornalista Santos Pereira veio visitar-me, falou com o Valeri e outros antigos reclusos e reuniu aí muito material para um trabalho seu sobre as prisões soviéticas que saiu na revista do *Público*.

O estado da assistência hospitalar tinha-se degradado bastante em comparação com a primeira vez que estive internado. Por um lado, os médicos continuavam a ser excelentes e eu tive a sorte de cair novamente nas mãos da Dr.^a Lídia Beniaminovna. Além do mais apareceram aparelhos novos para o tratamento da tuberculose como, por exemplo, máquinas de raios *laser*. Mas, por outro lado, havia falta de funcionários especializados e eram os doentes que se tinham de ajudar uns aos outros. No caso dos raios *laser*, uma enfermeira marcava no corpo com uma cruz,

a tinta, o lugar onde era preciso aplicá-los e era um doente que segurava na «pistola», pois ela tinha de fazer vários trabalhos ao mesmo tempo.

Continuavam a não existir seringas e outros materiais descartáveis nos hospitais soviéticos. Isto não obstante já grassar uma autêntica epidemia de sida no país. Valeram-me novamente amigos portugueses como o Celso Cunha e Jorge Lemos, que me enviaram de Portugal seringas descartáveis e multivitaminas de qualidade, que, na altura, não havia nos hospitais, nem se vendiam nas farmácias soviéticas. (A propósito da sida, a propaganda soviética afirmou, durante alguns anos, que se tratava de um vírus criado pela CIA que só atingia prostitutas e homossexuais.)

Como eu estava internado no hospital e não queria perder a minha ligação à TSF e ao *Público* (o trabalho de tradutor já não dava para sustentar a família), tive de arranjar uma solução para ter acesso a um aparelho telefónico, pois os doentes só podiam fazer chamadas locais das cabines telefónicas e não tinham possibilidade de receber chamadas. Falei com a minha médica, que me prometeu discutir o assunto com o director do hospital. Ainda não tinha passado uma hora e ela já me estava a comunicar que os órgãos de informação portugueses podiam ligar para a recepção e as enfermeiras chamariam por mim. Como a recepção ficava no rés-do-chão e eu estava internado no primeiro andar, a enfermeira de serviço no andar de baixo ligava para a enfermeira do andar de cima por um sistema telefónico interno e esta vinha chamar-me.

O mais curioso é que, como as enfermeiras não falavam mais língua nenhuma além do russo, existia uma grande dificuldade no contacto com as telefonistas ou jornalistas do *Público* e da TSF, mas quase sempre se acabavam por entender. Com a redacção da TSF, havia um acordo de que só me telefonariam em caso de extrema necessidade até às 23 horas de Moscovo (20 horas em Lisboa), pois eu devia dormir a partir dessa hora. Contudo, foram muitas as vezes em que tive de me levantar da cama e ir a correr para o telefone. Por exemplo, quando da primeira intervenção militar dos Estados Unidos contra o Iraque, devido à invasão do Kuwait pelas tropas de Saddam Hussein.

No hospital, havia um pequeno quiosque onde uma velha enfermeira vendia jornais e revistas. Cheguei a acordo com ela para que me guardasse algumas revistas e jornais, o que ela cumpriu à risca. Uma caixa de

bombons ou outra pequena lembrança eram o selo simbólico do nosso acordo.

A direcção do hospital também me autorizou a sair, sempre que se realizassem manifestações ou reuniões políticas importantes em Moscovo, para que eu pudesse estar a par dos acontecimentos. Em compensação, tinha de partilhar com os outros doentes e, às vezes, com a minha médica e enfermeiras opiniões sobre aquilo que tinha visto e ouvido.

Como a minha tuberculose não era contagiosa, estava autorizado a passar o fim-de-semana com a minha mulher e os meus filhos. Os tratamentos, o trabalho, as visitas à família e o facto de eu já não fumar há mais de um ano devem ter contribuído para me terem dado alta no mês de Maio.

A propósito do tabaco, deixei de fumar de uma forma que eu diria rocambolesca. Depois de sair do hospital em 1978, aguentei poucos meses sem fumar e só abandonei definitivamente esse maldito vício no início de 1990. A minha mulher e os meus filhos queixavam-se, e com toda a razão, de o meu escritório estar sempre envolto numa nuvem de fumo. Quando lhes pergunto hoje como se lembram do pai na infância, descrevem-me sentado à mesa a escrever à máquina e a fumar.

Numa das vezes que a minha mulher foi à médica de família com o meu filho, por causa de um pequeno problema de saúde, a doutora recomendou sentá-lo em frente do ecrã da televisão para assistir às sessões de tratamento colectivo de Anatoli Kaspirovski.

Este homem, que dizia ser psicoterapeuta, reunia milhões de soviéticos à volta dos ecrãs e prometia cura para todos os males físicos: desde o desaparecimento de tumores e cataratas à normalização da tensão. Para tal, era preciso assistir ao seu programa ou a sessões ao vivo em salas e pavilhões a abarrotar. Segundo ele, bastava que os espectadores «ligassem» o seu sistema de autocontrolo, que se garantiria o fabrico no organismo dos medicamentos indispensáveis para lutar contra as dores e as doenças. Havia outros psicoterapeutas a fazer sessões noutros canais. Por exemplo, Anatoli Tchumak, que aconselhava as pessoas a colocarem garrafas e canecas com água em frente dos ecrãs de televisão, para elas «ficarem carregadas de energia», ou seja, a água transformava-se numa espécie de água benta que permitia curar todas as maleitas. Mas Kaspirovski era, de longe, o mais popular.

Uma das coisas que ele prometia era a cura do tabaco e do alcoolismo. Por isso, há muito que a minha mulher e os meus filhos insistiam para que eu assistisse também às sessões. Eu ficava irritado, recusava-me terminantemente a alinhar em obscurantismos, dizia raios e coriscos, mas, como a médica tinha receitado isso ao meu filho, a minha mulher achou por bem que eu estivesse ao lado dele, para que ele não fugisse para ir brincar. Sentámo-nos na cama a ver o psicoterapeuta e, não sei se por cansaço ou tédio, adormeci profundamente e, quando acordei, claro que não vi o meu filho, porque ele tinha escapado para o apartamento de um dos amigos. Levantei-me e fui fumar um cigarro, mas não consegui. O desejo de fumar não desapareceu, mas senti repulsa pelo tabaco. Nos primeiros três meses sem fumo, senti-me extremamente nervoso e desconfortável, mas, com o tempo, nunca mais me apeteceu pegar num cigarro. Não sei se foi o efeito de Kaspirovski, mas o facto é que o vício desapareceu depois de eu assistir àquela sua sessão televisiva.

Nessa altura, a desorientação na sociedade soviética era tão grande, que as pessoas se agarravam a videntes, bruxas, feiticeiros ou seitas. O comunismo ruía a olhos vistos e formou-se um vácuo ideológico que foi rapidamente ocupado pelas mais estranhas ideias.

18.

A CAMINHO DA DERROCADA FINAL

O último ano do império soviético decorreu da mesma forma que o ano do seu início: com derramamento de sangue. Desta vez, nas ruas de Vilnius, capital da Lituânia.

Essa república avançava rapidamente para a independência, mas Moscovo tentou travar o processo pela força. Pode-se dizer que os confrontos em Vilnius foram o último e principal ensaio dos acontecimentos de 19 de Agosto de 1991, em Moscovo. A pretexto de garantir a mobilização dos mancebos para as Forças Armadas soviéticas, Dmitri Iazov, ministro da Defesa, enviou para a Lituânia destacamentos de paraquedistas, que começaram a ocupar lugares estratégicos da cidade de Vilnius. Na noite de 13 de Janeiro, os militares soviéticos tomaram de assalto a antena de televisão e os confrontos com civis provocaram 14 mortos e mais de 500 feridos.

Boris Ieltsin lançou um dramático apelo aos militares soviéticos aquartelados nas três repúblicas do Báltico: «Antes de participarem na tomada de edifícios civis, pensem no vosso lar, no presente e do futuro da vossa república, do vosso povo. A violência contra a realidade, contra os povos do Báltico originará novas crises sérias tanto na Rússia, como na situação dos russos que vivem noutras repúblicas, incluindo nas repúblicas do Báltico.»⁹⁶ No mesmo dia, o dirigente russo viajou para Tallinn, onde assinou acordos com os dirigentes da Estónia, da Letónia e da Lituânia, em reconhecimento da independência dessas repúblicas pela Rússia.

Gorbatchov limitou-se a sacudir água do capote: «Soube do que aconteceu de manhã cedo. A notícia da tragédia apanhou-nos a todos de surpresa.»⁹⁷

Ieltsin bateu mais uma vez Gorbatchov. Acompanhei os acontecimentos de Vilnius através da Eco de Moscovo, a primeira estação de rádio independente, que fora criada menos de dois anos antes, e de numerosos telefonemas para jornalistas e lituanos que se encontravam ou viviam na capital lituana. Enviei vários trabalhos e entrei mais de uma vez em directo para a TSF. Se eu e muitos outros jornalistas conseguimos acompanhar a situação, por que razão é que o Presidente de uma superpotência não é acordado durante a noite quando é derramado sangue? Talvez ele já não controlasse o país.

No dia 20 de Janeiro, várias centenas de milhares de moscovitas reuniram-se na Praça Manejnaia para apoiar a luta pela independência dos povos do Báltico e exigir a demissão de Gorbatchov, dos ministros da Defesa Interior e da Defesa. Além das bandeiras tricolores russas, proibidas na era soviética, os manifestantes agitaram várias bandeiras das três repúblicas bálticas.

Tudo parecia estar contra Gorbatchov. A fim de tentar melhorar a situação económica e social, este decide substituir Nikolai Rijkov no cargo de primeiro-ministro por Valentin Pavlov, até então ministro das Finanças. Pavlov começou com uma reforma monetária extremamente impopular, mas o decreto sobre a sua aplicação foi assinado pelo líder soviético. Às 21 horas de Moscovo (18 horas em Lisboa), o *pivot* do programa de informação Vremia anunciou que, a partir da meia-noite, as notas de 50 e 100 rublos emitidas após 1961 deixavam de poder circular na União Soviética. Cada cidadão soviético poderia trocar, num prazo de três dias, até mil rublos por notas mais pequenas ou por notas de 50 e 100 rublos acabadas de emitir. A justificação era o combate contra os especuladores e aqueles que ganhavam fortunas no mercado negro, cada vez maior no país.

Gorbatchov visita um kolkhoz. Interessa-se pelo estado das coisas.

– Estão más, Mikhail Sergueevitch!

– Mas o que está mal? Contem!

– As galinhas deixaram de pôr ovos...

– Colocai uma tabuleta verde à frente delas!...

Colocaram. Um mês depois, Gorbatchov pergunta como correm as coisas.

– As galinhas continuam a não pôr...

– Desenhem na tabuleta um triângulo branco.

Algum tempo depois:

– Mikhail Sergueevitch, as galinhas morreram todas.

– Todas? É pena, eu tinha tantas ideias novas!

(anedota soviética)

Os soviéticos comuns receberam essa notícia a uma hora em que as lojas e bancos estavam encerrados e, por isso, muitos deles entraram em pânico, porque tinham as suas poupanças guardadas em casa em notas de 50 e 100 rublos. Alguns dirigiram-se para as bilheteiras do metropolitano, das estações de caminho-de-ferro e dos aeroportos para comprar bilhetes em qualquer direcção, que devolviam depois para receber de volta parte do dinheiro «novo». Outros foram a correr para os postos de correio que trabalhavam 24 horas, nas estações e aeroportos, a fim de enviar dinheiro para si próprios ou para parentes.

A minha família, por exemplo, tinha direito a trocar notas de 50 e 100 até um total de 4000 rublos, mas, como não tínhamos esse dinheiro em casa, utilizámos a nossa quota para ajudar os amigos e conhecidos. Alguns ofereceram-nos uma percentagem pela ajuda, mas recusámo-la: amigos são amigos.

É difícil imaginar os nomes que as pessoas chamaram a Pavlov e a Gorbatchov por essa medida que, no fundo, não passava de uma forma de lhes confiscar dinheiro.

No dia seguinte, Boris Ieltsin demarcou-se publicamente da política do Presidente soviético e exigiu a sua demissão, pois considerou que a política da *perestroika* não passava de um «logro».

Por muito que se simpatizasse com Gorbatchov, era difícil compreender quais os seus principais objectivos. A impressão era de que ele estava cada vez mais isolado, refém dos comunistas ortodoxos, que, por sua vez, estavam em sintonia com Ieltsin na vontade de afastar o líder soviético do poder.

No dia 20 de Maio, começou uma visita a Moscovo do Presidente Mário Soares, cujo objectivo principal era participar numa cerimónia de homenagem a Andrei Sakharov. Além de se encontrar com Gorbatchov, Soares visitou também Boris Ieltsin no edifício do Soviete Supremo da RSFSR no Kremlin, embora, no programa de visita, este último encontro estivesse marcado para a Embaixada de Portugal na Rússia⁹⁸. Pelos vistos, Ieltsin tentava mostrar não só a sua influência na política interna soviética, mas também afirmar-se na política externa.

A cerimónia de homenagem a Andrei Sakharov só não terminou em escândalo porque nela estava presente Mário Soares. Anatoli Tcherniaiev, conselheiro do dirigente soviético, escreveu nas suas memórias: «Ontem, M.S. [Gorbatchov] foi à sessão de homenagem a Sakharov [...]. À noite, telefonou-me e disse: se no camarote ao meu lado não estivesse Soares, eu ter-me-ia levantado e saído. Bonner [Elena, mulher de Sakharov] enfureceu-me completamente: Sungait, Baku, Karabach, Lituânia, sangue, ditadura, “prisioneiro da direita”, da nomenclatura [...]. Imagina só isto: entrou o chefe de Estado no camarote e ninguém mexeu a cabeça. Ontem apenas mostraram de passagem na televisão [...]. Como tratar pessoas destas? Quem pensam eles que libertou Sakharov?»⁹⁹

Não posso deixar de dizer que, durante as visitas a Moscovo, o Presidente Mário Soares sempre se interessou pela vida dos portugueses na URSS, nomeadamente dos estudantes. Na sua visita anterior, pedimos-lhe que conseguisse junto de alguma fundação que fossem enviados livros portugueses com vista à organização de uma biblioteca de literatura portuguesa na embaixada. A Fundação Gulbenkian enviou centenas de livros, mas, infelizmente, alegando a embaixada que não tinha lugar para eles, a biblioteca acabou por não abrir e os livros foram desaparecendo a pouco e pouco.

Porém, desta vez, quando nos juntámos na embaixada, eu já na qualidade de jornalista (o Carlos Fino também estava presente), perguntámos ao Presidente se conseguia reunir em Portugal apoios para ajudar os estudantes da Guiné-Bissau em Moscovo, pois alguns já passavam fome. Pouco tempo depois, Soares enviou esse apoio. Outra qualidade de Mário Soares consistia em gostar de ouvir a opinião dos presentes sobre o que se estava a passar na URSS, o mesmo se podendo dizer da sua mulher, a Dr.ª Maria Barroso.

Durante essa sua segunda visita, deu-se um caso curioso e caricato que não posso deixar de contar. O fotógrafo do Presidente, e meu camarada no jornal *Público*, disse-me, por mero acaso, que os membros da comitiva tinham ouvido dizer que em Moscovo se podiam comprar tapetes feitos à mão bons e baratos. Eu disse-lhe que era verdade e combinámos a ida de alguns membros, durante o tempo livre, a uma loja de obras de arte decorativas próxima do Hotel Ucrânia, perto do centro de Moscovo. Quando entrámos, os admiradores de tapetes do Cáucaso e da Ásia Central ficaram surpreendidos com a qualidade e os preços e, por conseguinte, compraram alguns. No mesmo dia, o fotógrafo disse-me que o Presidente também se interessara pelos tapetes e, depois de eu falar com a directora da loja para lhe explicar que andávamos à procura de tapetes para o Senhor Presidente, decidimos voltar lá no dia seguinte.

Enquanto escolhíamos, o tempo ia passando, até que o fotógrafo deu conta de que já estávamos atrasados para o encontro de Mário Soares com Boris Ieltsin no Kremlin. Enfiámos os tapetes no automóvel oficial e dirigimo-nos imediatamente para lá. O problema é que eu não tive tempo de mudar de roupa, pelo que fui de fato de ganga e sapatilhas vermelhas.

Tudo correu bem e, à noite, durante a recepção na embaixada, um dos assessores de Mário Soares dirigiu-se a mim para me transmitir um recado do Presidente: «Ele diz que, se o Milhazes precisar de mandar fazer um fato, ele tem bons alfaiates em Lisboa para o aconselhar.» Não fiquei nada ofendido com ele, porque sabia que o comentário não tinha sido feito com a intenção de ofender, mas não deixei o conselho sem resposta: «Fiz tudo para que o Presidente pudesse comprar os tapetes e espero que goste deles. Quanto à proposta do alfaiate, vou pensar, embora não goste muito de usar fato.»

Foi por essa altura que abandonei o Partido Comunista Português. Cheguei a uma das reuniões dominicais de célula, pedi a palavra e anunciei que deixaria de ser militante do PCP, por não concordar com a sua linha ideológica. O controleiro indicou-me que devia pedir a saída por escrito, o que eu fiz imediatamente. Depois, levantei-me e abandonei a reunião sem olhar para trás. Respirei de alívio, mas, ao mesmo tempo, com alguma frustração na alma, pois tinha seguido durante 17 anos uma das mais cruéis ideologias do século xx.

Teria sido tempo perdido? Acho que não, pelo contrário, foi uma lição de vida muito grande e uma vacina definitiva contra regimes totalitários, sejam eles de esquerda ou de direita.

A notícia da minha saída do PCP foi muito bem recebida pela minha mulher, que, por questões familiares, era uma anticomunista convicta e não entendia como podia haver pessoas com ideias semelhantes, embora sempre as respeitasse.

[96](#) *Kuranty*, 17 de Janeiro de 1991.

[97](#) *Pravda*, 15 de Janeiro de 1991.

[98](#) <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=01482.001>

[99](#) <http://lib.ru/MEMUARY/GORBACHEV/chernow.txt> (22 de Maio).

19.

19 DE AGOSTO DE 1991

Tinha acabado de chegar com a família de Lisboa. No dia anterior ao voo e durante este, aconteceram coisas muito desagradáveis. Nos últimos dias da nossa estadia em Portugal, ficámos no apartamento do Celso, em Oeiras. Na noite da véspera da partida, fomos jantar a um restaurante e, quando regressávamos a casa, o irrequieto do meu filho afastou-se de nós e assistiu ao suicídio de uma senhora, que se atirou de um andar para a rua. Não compreendeu, porém, o que se passou porque estava já escuro. Durante o voo de Lisboa para Moscovo, um dos muitos portugueses que viajavam para a URSS para participarem na construção de uma fábrica de tubos de grande dimensão, para gasodutos e oleodutos na cidade de Volski, começou a sentir-se mal. Foi pedido apoio às hospedeiras de bordo, que não conseguiram fazer nada, porquanto não tinham quaisquer meios para isso, e, por fim, um passageiro com alguns conhecimentos de primeiros socorros aproximou-se do jovem trabalhador, deitou-o no chão e começou a fazer-lhe massagens cardíacas. Porém, ele não reagia. Emprestei os meus óculos, a fim de que os encostassem à boca do trabalhador para ver se ele ainda respirava, mas constatou-se que não. Os pilotos pensaram voltar a Lisboa, mas, como o avião já tinha feito cerca de metade do percurso, foi decidido pegar no cadáver, sentá-lo num dos bancos de trás e tratar do caso em Moscovo.

Chegados à capital russa, pensávamos que a vida ia continuar agitada e esperávamos o desfecho da luta política. Restava apenas saber que forma o desfecho tomaria. Até que chegou o dia 19 de Agosto.

O dia não começou de forma usual. O telefone tocou às seis da manhã (três em Portugal), mas isso nada tinha de estranho, porque os meus

camaradas da TSF costumavam ligar a qualquer hora. Algumas vezes tratava-se de notícias importantes, mas, às vezes, perguntavam-me se não tinha nada de interessante, pois havia falta de notícias.

Saltei da cama, levantei o auscultador e, do outro lado, ouvi a voz da Gabriela Baptista, que me disse que havia informações de que Gorbatchov teria sido isolado e que algo de anormal se passava na URSS.

Tonto de sono, pensei tratar-se de uma brincadeira. Por isso, a minha resposta foi um tanto ou quanto brusca e parece que acompanhada de alguns impropérios. Desliguei mesmo o telefone e ia voltar à cama, quando o aparelho voltou a tocar. A Gabriela, com notas de preocupação na voz, disse que não estava a brincar e que as notícias que chegavam da URSS pelas agências eram preocupantes. Respondi-lhe que ia apurar rapidamente o que se passava e marcámos um directo para a hora certa.

A minha primeira reacção foi ligar a televisão. Todos os canais (naquela altura eram quatro), exibiam o bailado *Lago dos Cisnes*, do grande compositor russo Piotr Tchaikovsky, o que se tratava claramente de uma anormalidade.

Sintonizei a Rádio Eco de Moscovo, uma espécie de TSF soviética, e confirmei as piores apreensões: algo estava mal com Mikhail Gorbatchov. Os dirigentes do recém-criado Comité para Situações de Emergência da URSS anunciaram que o Presidente soviético, que nessa altura passava férias na Crimeia, se encontrava doente e, por isso, fora substituído pelo vice-presidente da URSS, Guennadi Ianaev.

Já vi muitos políticos cinzentos, medíocres, mas nenhum como Guennadi Ianaev. A sua eleição para o cargo de vice-presidente, por proposta de Gorbatchov, surpreendeu muita gente, pois tratava-se de um dos muitos comunistas que mais não fizeram na vida senão carreira política na Juventude Comunista, em associações de amizade com países estrangeiros, em sindicatos e no PCUS. Além disso, o seu rosto mostrava que ele pertencia claramente ao grupo dos que não tinham aderido à campanha do seu chefe contra o alcoolismo. Um colega de trabalho dele escreveu que só se podia tratar de assuntos com Ianaev antes do almoço, porque, depois, ele «já estava pronto» e era «inútil falar com ele»¹⁰⁰.

A explicação dos golpistas não era muito convincente. Trouxe-me à memória o golpe de 1964 que levou ao derrube de Nikita Khrushchov do cargo de secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética.

Estava-se em pleno Verão, um dia quente, não só do ponto de vista político. Quando me aproximei da janela para a abrir, vi na rua um ajuntamento de camiões militares e numerosos soldados. O edifício onde vivia situava-se no bairro Iugo-Zapadnaia (sudoeste), perto de uma das principais artérias rodoviárias que conduziam dos arredores ao centro da cidade.

Ao ouvir as notícias, a minha mulher ficou preocupada, mas tentou manter calma aparente. A história da sua família, alguns membros da qual tinham sido vítimas das repressões estalinistas e deportados para a Sibéria, levou-a a recear que a História se repetisse, caso os golpistas levassem avante os seus intuitos. Além disso, como a Estónia estava entre as repúblicas que lutavam pela independência, seria possível também uma onda de repressão militar para travar o processo.

Os nossos dois filhos eram a nossa principal preocupação. Que fazer com eles caso acontecesse o pior dos cenários, ou seja a detenção e expulsão dos jornalistas estrangeiros? A resposta veio de onde menos esperávamos. Uma nossa vizinha e amiga russa veio a nossa casa dizer-nos que estaria disposta a ficar e a proteger os nossos filhos caso sucedesse alguma coisa. Aliás, nesse dia, a solidariedade entre vizinhos, amigos e pessoas em geral não foi uma palavra vã.

Depois do primeiro directo para a TSF, trabalhei durante três dias seguidos quase sem dormir. Na altura, não tinha nem telemóvel, nem aparelho telefónico via satélite, nem sequer ligações directas com Portugal. Ficava cheio de inveja quando via nas mãos de alguns jornalistas, principalmente americanos e japoneses, as caixas dos telefones por via satélite. Nem sequer tinha fax em casa. Os artigos para o *Público* eram ditados por telefone. Nunca compreendi bem a política de investimentos de alguns órgãos de informação para os quais trabalhei. Por exemplo, no caso do fax, penso que o preço gasto em chamadas telefónicas seria suficiente para comprar vários aparelhos de fax, mas só bem mais tarde é que o *Público* aceitou dar-me um, o mesmo se passando com o computador, etc. Naquela altura, já havia na URSS empresas mistas que prestavam serviços no campo das ligações directas por telefone, mas as direcções da TSF e do *Público* não as consideravam uma necessidade. Fiquei sempre com a sensação de que os directores dos órgãos de informação privados portugueses nunca olharam muito a sério para os

seus correspondentes internacionais, vendo neles jornalistas de segunda classe. Já os correspondentes da Rádio Televisão Portuguesa tinham condições incomparavelmente melhores do que as minhas.

Para entrar em contacto com a TSF e o *Público*, era preciso encomendar uma conversa telefónica através de uma telefonista, o que poderia exigir horas de espera. Verdade seja dita, no dia do golpe comunista, todas aquelas com quem contactei pareciam estar contra o Comité de Estado para Situações de Emergência, pois faziam ligações imediatas.

Depois de duas horas de directos telefónicos a partir de casa, decidi dirigir-me ao centro da cidade, para estar no meio dos acontecimentos. Levei comigo um gravador rudimentar com o qual pretendia enviar reportagens de uma cabine telefónica da cidade para casa e daí, com a ajuda da minha mulher, fazê-las chegar a Lisboa, mas não tive êxito.

Dirigi-me para a Praça Manejnia. Nesse dia, por volta do meio-dia, já aí estavam concentradas algumas centenas de pessoas que esperavam o desenrolar dos acontecimentos, nomeadamente a chegada de camiões e tanques militares ao centro da cidade. Os tanques começaram a aparecer no lado sul da praça e a avançar para norte com as escotilhas abertas, muito lentamente. As pessoas aproximavam-se deles e tentavam literalmente travá-los com as mãos, mas as lagartas continuavam a avançar lentamente. De súbito, um dos manifestantes deitou-se no caminho dos blindados, mas foi rapidamente agarrado por outros e arrancado do lugar, porquanto ia ser esmagado. Talvez o condutor do tanque não o tenha visto deitado, devido à proximidade.

Porém, perante os gritos das pessoas, cujo número aumentava rapidamente, os tanques pararam e das escotilhas saíram oficiais que começaram a dialogar com os manifestantes. O momento mais importante foi quando mostraram que as suas armas estavam descarregadas e os tanques não transportavam munições.

Entretanto, ainda antes de sair de casa, eu tinha transmitido a notícia de que Boris Ieltsin não fora detido e apelava aos russos que oferecessem resistência. Mais tarde, às 12,15 horas de Moscovo (9,15 em Lisboa), subiu a um dos tanques enviados pelos golpistas para o cercar juntamente com o Soviete Supremo da Rússia e lançou mais um apelo aos cidadãos, «para dar uma resposta digna aos golpistas e exigir o regresso do país ao desenvolvimento constitucional normal»¹⁰¹.

Depois de vários directos para a TSF, Emídio Rangel telefonou-me para me agradecer pelos esforços e para me dizer que eu era o único jornalista português em Moscovo. Claro que essas palavras me deram força, mas, em prol da verdade, tenho de dizer que em Moscovo se encontrava também a jornalista Alexandra Lucas Coelho, que, naquela altura, trabalhava para a RDP. Carlos Fino estava ainda de férias em Portugal.

Até hoje não consegui compreender porque é que o jornal *Público* decidiu, nesses dias, prescindir da minha colaboração a favor da Alexandra. Talvez alguém tenha decidido permitir que eu concentrasse todas as forças na TSF... Com isto não quero criticar uma camarada jornalista com quem sempre mantive excelentes relações de trabalho e com quem trabalhei, posteriormente, na Rússia para o *Público*.

A posição do Partido Comunista Português face ao golpe constituiu um dos maiores estímulos para o meu trabalho nessa altura. Quando recebi a notícia de que o PCP apoiava o golpe, através de um jornalista da TSF, fiquei indignado. Não duvidava de que os comunistas portugueses apoiariam os golpistas, mas não pensei que o fizessem tão cedo. Devem ter calculado mal a situação, tal como fizeram os organizadores do golpe. Uns e outros não esperavam que os soviéticos saíssem para as ruas das grandes cidades e defendessem a sua liberdade, que não a trocassem pelas promessas de «ordem», «disciplina» e de regresso ao passado. Talvez considerassem que os cidadãos não ousariam enfrentar os militares.

Além do mais, os golpistas não prenderam Ieltsin, o grande impulsionador da resistência, não cortaram as ligações telefónicas, o que facilitou a mobilização, e tentaram amedrontar os opositores com as Forças Armadas soviéticas, que, naquela altura, já estavam extremamente divididas e desmoralizadas com as trágicas experiências de intervenção em Tbilissi, Vilnius, etc.

A conferência de imprensa dos principais dirigentes do CESE, realizada na tarde de 19 de Agosto, transformou-se numa autêntica tragicomédia. O primeiro-ministro Valentin Pavlov não estava presente, porque, na véspera, se tinha emborrachado. Guennadi Ianaev tremia perante os jornalistas e as câmaras de televisão. Uma jovem jornalista russa, Tatiana Malkina, perguntou aos dirigentes do CESE se o que tinham feito era um golpe de Estado mais semelhante ao golpe bolchevique de 1917 ou ao golpe palaciano de 1964, que levou ao derrube de Khrushchov. Ianaev

sentiu-se claramente incomodado e começou a justificar-se dizendo que as reformas iam continuar, que Gorbatchov estava doente, mas não corria perigo de vida, e que o líder soviético haveria de regressar e que voltariam a trabalhar juntos.

A transmissão deste espectáculo ridículo constituiu mais um golpe para desacreditar o CESE, mas o perigo não tinha passado para aqueles que estavam reunidos em redor do edifício do Soviete Supremo da Rússia. Os boatos sobre os preparativos do assalto por militares da Casa Branca eram cada vez fortes, porque se dirigiam tanques, carros blindados e camiões militares nessa direcção. A noite foi, portanto, passada em claro. No meu apartamento ninguém dormiu e alguns vizinhos vinham saber notícias ou trazê-las, pois tinham amigos e parentes nas barricadas que telefonavam regularmente para dar informações.

De madrugada, confrontos civis a algumas centenas de metros da Casa Branca provocaram a morte de três jovens. Seria o início do assalto armado ao Parlamento russo? Nessa mesma altura, a Rádio Eco de Moscovo começou a emitir programas estranhos. Telefonei para amigos meus que lá trabalhavam, que me disseram que o KGB tinha ocupado a redacção. Calava-se a única voz independente...

Aquela noite deve ter sido uma das mais confusas e surrealistas que tive na vida. Os militares impuseram o recolher obrigatório em Moscovo, mas, durante a noite, não detiveram ninguém. Tornou-se cada vez mais evidente a falta de coordenação no seio das Forças Armadas soviéticas e a incompetência dos organizadores do golpe.

Vendo o charco em que se tinham metido, o ministro da Defesa Dmitri Iazov, um dos dirigentes do golpe, propôs o envio de uma delegação para conversações com Gorbatchov. Alguns consideraram tal coisa como traição. Vladimir Kriutchkov, chefe do KGB, não gostou da proposta ao início, mas depois apoiou-a: «Talvez não seja uma má ideia. Ele [Gorbatchov] deve compreender que sem nós não é nada!»¹⁰²

Claro que o líder soviético não foi louco em aceitar semelhante proposta, tanto mais compreendendo que os golpistas tinham perdido. Mas Gorbatchov talvez ainda não tivesse percebido que já não era nada, com ou sem eles.

O CESE afirmou que um dos seus principais objectivos era impedir a desintegração da URSS e a assinatura de um novo tratado que ia

transformar a União Soviética numa confederação: a União de Estados Soberanos, cuja cerimónia estava prevista para 20 de Agosto com a participação de representantes da Bielorrússia, do Cazaquistão, da Rússia, do Tajiquistão e do Uzbequistão. A Quirguízia, o Azerbaijão, a Ucrânia e a Turqueménia deveriam juntar-se a essa união no Outono. Se o documento fosse para a frente, praticamente todos os golpistas perderiam os seus cargos. Afinal, não só não impediram o fim da URSS com a golpada, como também não permitiram que se fizesse uma última tentativa de salvar o que ainda era possível. As repúblicas soviéticas começaram, uma após outra, a proclamar a sua independência.

Além disso, após o regresso de Gorbatchov a Moscovo, tudo fizeram para lhe retirar qualquer tipo de poder tanto dentro do PCUS como enquanto Presidente da URSS. O líder soviético foi publicamente humilhado por Ieltsin ao ser obrigado a assinar, a 23 de Agosto, a proibição do PCUS. Gorbatchov mostrou discordância, mas acabou por ter de aceitar pôr a sua assinatura nesse documento.

Não que o PCUS não merecesse ser dissolvido e proibido, mas era preciso fazê-lo no quadro da lei e num processo de «descomunização» do país, tal como aconteceu com o nazismo depois da Segunda Guerra Mundial. Mas o problema é que a esmagadora maioria dos novos dirigentes russos tinha saído desse partido e não estava interessada em investigações profundas. Uma das razões que me levam a tirar esta conclusão é que o Arquivo do Partido Comunista Soviético se mantém praticamente encerrado até hoje, tendo-se registado apenas algumas fugas de documentos. Até o Arquivo da Internacional Comunista, onde estão guardados os documentos dessa organização até à Segunda Guerra Mundial, só é parcialmente acessível aos estudiosos.

Durante a confusão revolucionária, alguns jornalistas e novos dirigentes russos conseguiram fazer fotocópias de documentos importantes. Comprei alguns deles, para os publicar no *Público*, principalmente os que diziam respeito ao financiamento ilegal do PCP pelos seus camaradas soviéticos e ao papel de Octávio Pato nesse esquema. A outros, acedi porque foram utilizados no Tribunal Constitucional da Rússia quando alguns comunistas contestaram a proibição assinada por Gorbatchov.

Os milhões de militantes comunistas rapidamente abandonaram o seu partido, mas alguns guardaram o cartão do partido, para o que desse e

viesse.

Poder-se-iam esperar actos de vandalismo contra os símbolos soviéticos, mas, na generalidade, não foi isso que aconteceu. Em Moscovo, vários monumentos a dirigentes soviéticos foram transportados para um parque onde ainda hoje se encontram, numa espécie de parque jurássico do comunismo. Presenciei a desmontagem de um dos primeiros: a estátua de Felix Dzerjinski, fundador da polícia política soviética. A enorme estátua encontrava-se à frente do edifício do KGB e foi um dos principais centros das manifestações de júbilo em Moscovo.

A determinada altura, apercebi-me de que Alexandre Soljenitsin, prémio Nobel da Literatura que tinha sido expulso da URSS por Brejnev e autorizado a regressar por Gorbatchov, subira até perto do pedestal e se preparava para falar a uma multidão eufórica, delirante. Aproximei-me dele com o microfone da TSF para gravar as suas palavras de felicidade. Dezassete anos depois, no dia da sua morte, a SIC mostrou imagens de arquivo desse momento e lá estava um jovem jornalista português com o microfone da TSF na mão. Foi uma surpresa agradável.

No dia 22 de Agosto, tive talvez uma das minhas mais difíceis tarefas enquanto jornalista: traduzir em directo para a TSF a conferência de imprensa de Mikhail Gorbatchov, que durou cerca de 90 minutos. Tinha de ter os ouvidos atentos ao que ele dizia pela televisão e, simultaneamente, transmitir da melhor forma as palavras em português. O nervosismo era muito, porque, além da dificuldade de traduzir durante tanto tempo, ainda havia o receio de que a linha telefónica não aguentasse (as ligações entre Portugal e a URSS nem sempre eram as melhores), mas tudo correu bem. Fiquei exausto.

Esses dias foram, talvez, dos mais importantes na minha carreira de jornalista. A única crítica que recebi de Emídio Rangel foi que não estava a ser imparcial quando fazia afirmações como «este é o último prego no caixão do comunismo», ao que respondi que ia tentar manter o máximo de objectividade, embora fosse praticamente impossível fazê-lo em situações dramáticas como aquelas.

No fim do mês, comuniquei à direcção da TSF as peças que tinha feito. Costumo apontar tudo até ao mais ínfimo pormenor, pois contas são contas. Como eu trabalhava à peça, a rádio tinha de me pagar uma

pequena fortuna, mas tal não aconteceu. Chegámos a um compromisso: a TSF ia passar a pagar-me uma avença mensal fixa.

Entretanto, mas numa situação de isolamento quase completo, tanto interno como externo, Mikhail Gorbatchov tentou levar para a frente a sua ideia de transformar a URSS numa confederação de Estados. Desdobrava-se em visitas às repúblicas ainda soviéticas, em contactos com líderes mundiais, mas tudo em vão. O Ocidente já há muito que vinha apostando na desintegração da URSS e apoiando Boris Ieltsin no seu duelo com Gorbatchov. A única preocupação consistia em garantir uma transição pacífica de poderes, pois a União Soviética era uma superpotência nuclear e qualquer falha no controlo das armas de destruição maciça podia ter consequências funestas para toda a Humanidade. Tal não aconteceu, porque Gorbatchov era daqueles políticos que põem os interesses do país e do mundo acima das suas próprias ambições.

No dia 8 de Dezembro, depois de uma noite de intensas conversações bem regadas, numa das antigas casas de campo da nomenclatura comunista bielorrussa, os líderes da Bielorrússia, da Rússia e da Ucrânia assinaram o Acordo de Bielovejskoe, que pôs fim à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e fundou a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Mais uma impiedosa traição a Mikhail Gorbatchov, desta vez fatal para os seus objectivos políticos. Tinha apenas uma saída: a sua demissão como Presidente.

Gorbatchov demitiu-se no dia 25 de Dezembro, numa curta, mas forte, comunicação ao país, de que sublinho as seguintes palavras: «A sociedade recebeu a liberdade, libertou-se política e espiritualmente. E esta é a principal conquista de que ainda não tomámos consciência até ao fim, porque ainda não aprendemos a utilizar a liberdade.»¹⁰³

Às 19 horas e 38 minutos, a bandeira vermelha com a foice e o martelo foi arriada no Kremlin e substituída pela tricolor russa. Um momento emocionante, o fim de um império que muitos consideravam eterno. Uma mistura de sentimentos contraditórios apoderou-se de mim: ruíram alguns dos meus sonhos passados, levantaram-se incógnitas. O futuro era incerto e pouco radioso.

De uma coisa não tive dúvida: a História não terminou, como profetizou Francis Fukuyama...

[100](#) Евгений Бажанов. «Вознесенные на Олимп» [Evgueni Bajanov, Voznessionie na Olimp], em: <http://magazines.russ.ru/znamia/2007/4/ba8.html>

[101](#) http://news.bbc.co.uk/hi/russian/russia/newsid_5261000/5261982.stm

[102](#) http://news.bbc.co.uk/hi/russian/russia/newsid_5268000/5268010.stm

[103](#) Gazeta *Rossiiskaya*, 26 de Dezembro de 1991.

20.

OS «MALDITOS ANOS 90»

Boris Ieltsin e os jovens políticos de que se rodeou – Egor Gaidar, Anatoli Tchubais, Piotr Aven, etc. – prometiam reformas muito duras, mas rápidas, e os russos pareciam dispostos a apertar ainda mais o cinto. A situação económica e social da Rússia estava perto do abismo. As «coxas de frango de Bush» foram um dos símbolos do fim da URSS e do início da Federação da Rússia. Enviadas como ajuda humanitária americana, essas pernas de frango gigantes (era difícil imaginar as dimensões dos frangos de onde elas tinham sido retiradas) eram dos poucos produtos alimentares que se podiam encontrar nas lojas a preços acessíveis. Até hoje o meu filho não consegue esconder a repulsa pelas «coxas de Bush» que era obrigado a comer quase todos os dias.

A direcção da Rússia, bem como das 14 restantes repúblicas da URSS, herdou uma pesada herança em todos os sectores. A hiperinflação, ligada ao excesso de liquidez em circulação herdado da União Soviética, era apontada pelos reformistas como o maior risco da economia russa. Eles sabiam, também, que a situação económica se ia deteriorar, pela mais que provável queda da produção, provocada pela reconversão da indústria nacional. Temendo que a população russa não apoiasse as reformas por muito tempo, Egor Gaidar, então vice-primeiro-ministro do Governo da Federação da Rússia para a Política Económica decidiu – aconselhado por conhecidos economistas liberais ocidentais como Andrei Shleifer, Jeffrey Sachs, David Lipton ou Anders Åslund – realizar um conjunto de mudanças consideráveis no mínimo de tempo possível, a chamada «Terapia de Choque».

Este programa baseava-se em quatro pilares: a liberalização dos preços, que devia acabar com a falta de produtos alimentares nas lojas; a abertura à economia mundial, acabando com os obstáculos administrativos e tarifários que existiam do tempo da URSS (o objectivo era um aumento das exportações, que devia comprimir o mercado interno a fim de lutar contra a inflação); a política de restrições financeiras duras, cuja finalidade era reduzir o risco de inflação que podia ser criado pela liberalização dos preços (o racionamento do crédito, que seria a consequência de tal política, devia acelerar o processo de reestruturação das empresas); e a privatização das firmas estatais, que devia aumentar a competitividade das empresas russas, introduzindo a concorrência. A privatização dos activos produtivos devia ser acompanhada da introdução de um sistema de direitos de propriedade e da elaboração do devido aparato legal, para que fosse respeitado.

Os resultados negativos não se fizeram esperar. A excessiva exposição da indústria russa à concorrência internacional explica a queda dramática dos índices de produção de vários sectores (menos 56%, em média). Por outro lado, o aumento das exportações que se esperava após a abertura comercial não aconteceu, porque muitos países impuseram barreiras à entrada dos produtos russos.

Com a liberalização dos preços, o poder de compra dos russos caiu e o número de pobres subiu em flecha. Dessa forma, na Rússia de 1998, 50% das transacções eram realizadas por troca directa, fenómeno sem precedentes na economia moderna.

Ocorreu também uma redução considerável da procura efectiva, devido à política monetária contraccionista e ao colapso da procura do governo. No novo sistema económico, os bancos privados deviam, presumia-se, substituir o Estado, para ajudar as empresas a financiar os seus investimentos. Isso não aconteceu e o crédito conheceu um grande racionamento, dramático para o investimento, que caiu 81% entre 1991 e 1998.

Além disso, a forma como foi realizada a privatização da propriedade pública fez aparecer um novo conceito na língua e na realidade russas: «prikhvatização», que junta o verbo «pilhar» e «privatizar». É curioso o facto de, neste processo, se juntarem os gestores soviéticos das empresas públicas, altos funcionários públicos que conseguiram manter os seus

cargos, jovens empresários que tinham começado a ganhar fortunas com as dificuldades criadas pela *perestroika*, e bandidos. Foi deste caldo que nasceu a classe dos novos-ricos e dos oligarcas.

O esquema de «prikhvatização» das empresas públicas foi, talvez, das vigarices mais geniais na história da economia mundial, tendo em conta as suas dimensões. O seu autor, Anatoli Tchubais, que continua hoje a criar «novas ideias» à frente da Corporação de Nanotecnologias da Rússia, achou por bem devolver a propriedade do povo a este de uma forma «extremamente justa». Na era soviética, dizia-se que «o que é do Estado é de todos e o que é de todos não é de ninguém». Por isso, em 1992, Tchubais distribuiu um *voucher* de 10 000 rublos a cada cidadão da Federação da Rússia, ou seja, a parte a que cada um tinha direito da propriedade pública. Como na minha família havia três cidadãos da Rússia, recebemos três *vouchers*.

Segundo anunciou Tchubais, cada um desses cheques valeria dois Volgas, marca de automóvel da nomenclatura soviética. Menos de dois anos depois, a minha família teve necessidade de trocar esses *vouchers* no mercado negro, porque eles não eram suficientes para comprar acções do que quer que fosse, e conseguimos 75 rublos! (Contava-se uma história, não sei se verdadeira ou não, mas possível de acontecer na realidade: durante a reconversão da indústria militar, uma das fábricas começou a produzir salsichas em vez de balas porque a forma desses dois produtos era semelhante.)

Foi também a época do aparecimento dos oligarcas e da formação do sistema oligárquico russo. Todos começaram com pequenos negócios, mas as suas fortunas cresceram à medida que se aproximaram do poder político, neste caso, de Boris Ieltsin e sua família. Roman Abramovitch começou com uma pequena empresa de fabrico de brinquedos, depois virou-se para o sector petrolífero, envolvendo-se em operações pouco transparentes. Em 1992, foi processado por ter desviado 55 cisternas de petróleo de uma empresa pública, mas o processo não chegou aos tribunais. A partir daí, foi-se apoderando de novas empresas do ramo petrolífero e aumentando a fortuna.

No início dos anos 90, a editora Progresso também foi alvo das privatizações selvagens. Claro que a Rússia não tinha meios financeiros para continuar a manter uma máquina de propaganda como a soviética,

mas isso não era razão para a editora ser pilhada. Estava instalada num enorme edifício do centro de Moscovo que valia muitos milhões de euros e foi essa a causa do seu desaparecimento quase completo.

Os funcionários da editora receberam acções no quadro da «política de justiça de devolução da propriedade ao povo», mas a direcção fez empréstimos bancários a juros tão altos que, dois anos depois, não teve capacidade de devolver a dívida e perdeu o edifício. Claro que o negócio não podia ter sido feito sem o conhecimento e o apoio dos gerentes da Progresso.

Algumas das fatias mais apetitosas da propriedade pública, principalmente o sector petrolífero, foram vendidas em leilões pouco transparentes e a troco de *vouchers* adquiridos por alguns bancos e oligarcas a preços ridículos, o que permitia comprar ao desbarato. Isso só não aconteceu à Gazprom, a maior empresa pública, porque ela foi protegida pelo seu fundador e primeiro-ministro russo Victor Tchernomirdin.

Enquanto uns poucos próximos do poder enriqueciam a olhos vistos, os salários em atraso nas empresas públicas atingiam níveis inauditos. Os salários, já de si miseráveis, não foram pagos durante muitos meses.

A política económica de Ieltsin e da sua equipa deteriorou ainda mais o nível de vida dos russos. Tornou-se normal ver pessoas a remexer caixotes de lixo nas ruas, à procura de comida. Milhares de intelectuais, principalmente formados em ciências exactas, viram-se confrontados com as seguintes opções: viver uma vida cheia de privações na Rússia, tentar entrar no mundo dos negócios, ou emigrar para países como Estados Unidos, Inglaterra, etc.

Ana, uma das amigas portuguesas que tinham estudado comigo, enviava através de mim medicamentos, chá e outros produtos para um seu professor de Matemática que leccionava na Universidade de Moscovo. Na altura, esse professor catedrático recebia um salário mensal inferior a 100 euros. Fui visitá-lo várias vezes e era difícil acreditar como é que uma pessoa que tanto dera à ciência vivia em condições tão humildes.

Foram muitos os intelectuais que abandonaram universidades e institutos de investigação e se dedicaram à profissão de *челноками* («vaivém»), assim conhecidos porque iam comprar mercadoria barata a países como a Turquia, China, etc., para a vender na Rússia.

Esta política incentivou a formação de fortes oposições nacionais-comunistas e antiliberais, que entraram num confronto de vida ou de morte com Ieltsin e o seu regime. O dirigente russo respondeu ao ataque com a realização, a 25 de Abril de 1993, de um referendo com quatro perguntas pouco claras para tentar «clarificar» a situação: «Confia no Presidente da Federação da Rússia, B.N. Ieltsin? Aprova a política socioeconómica realizada pelo Presidente da Federação da Rússia, B.N. Ieltsin? Considera necessária a realização de eleições antecipadas para a Presidência da Federação da Rússia? Considera necessária a realização de eleições antecipadas dos deputados do povo da Federação da Rússia?» O Kremlin queria receber a estas perguntas as respostas sim, sim, não, sim, mas os eleitores optaram pelo sim, sim, não, não, o que fez com que tudo ficasse na mesma.

A tensão subiu e o primeiro sangue foi derramado no dia 1 de Maio de 1993, quando manifestantes comunistas e nacionalistas se envolveram em confrontos com a polícia russa. Eu estive nessa manifestação. Era evidente que os opositores iam com vontade de provocar desordem: traziam pedras, rolamentos, paus, etc. A determinada altura, os manifestantes tomaram de assalto um camião da polícia e tentaram atropelar os agentes. Eu e Pepe, correspondente do diário espanhol *El Mundo*, estávamos a poucos metros do local quando esse veículo esmagou um dos polícias, matando-o instantaneamente. Muito perto de nós voaram pedras e rolamentos. A polícia conseguiu controlar a situação e não permitir que os nacionais-comunistas avançassem para a Casa Branca, onde se encontrava a sede do Parlamento da Federação da Rússia.

O banditismo, a criminalidade organizada e a prostituição tomavam dimensões tais, que um grande número de alunos e alunas respondiam que queriam ser bandidos e prostitutas nas composições escolares de resposta à pergunta «O que queres ser quando fores grande?». No edifício em que eu vivia com a minha família, seis apartamentos foram assaltados à mão armada em alguns meses. Uma das vizinhas, cujo apartamento foi assaltado quando ela se encontrava em casa, deu-se por feliz por não ter sido violada e por a filha não se encontrar em casa no momento do assalto. Como no prédio viviam famílias, parcial ou totalmente, estrangeiras, talvez os ladrões pensassem que havia muito para roubar.

Várias empresas estrangeiras, incluindo portuguesas, tentaram aproveitar-se da abertura do mercado russo. Na Rússia havia falta de praticamente tudo e alguns estrangeiros consideraram que era uma boa altura para venderem gato por lebre. Por exemplo, alguns vendedores de calçado mostravam belos modelos, mas a mercadoria que chegava era de muito baixa qualidade. Depois, corriam para a Embaixada Portuguesa com as costelas partidas e a pedir ajuda para receber o dinheiro perdido nos negócios. Negócios desse tipo contribuíram para denegrir a imagem do calçado português na Rússia durante muitos anos. Lembro-me de um escândalo que teve forte repercussão na imprensa russa. Uma empresa luso-russa pôs à venda em Moscovo e noutras cidades russas frascos de café solúvel que, afinal, mais não eram que frascos de cevada.

A crise política, económica e social teve um dos seus momentos mais dramáticos em Setembro-Outubro de 1993. Os acontecimentos trágicos começaram no dia 21, quando Ieltsin anunciou a dissolução do Soviete Supremo da Rússia e a convocação de eleições parlamentares antecipadas, decisão que o Tribunal Constitucional considerou não estar conforme a Lei Suprema.

Recordo-me bem desse dia, não só pela decisão, mas também pelo derrube de um avião de passageiros que voava para Moscovo de Sukhumi e transportava principalmente jornalistas. O aparelho georgiano foi abatido pelos separatistas abecásios. Eu sabia que Carlos Fino devia estar entre os passageiros e fiquei preocupadíssimo. Ao início da noite, ele telefonou-me para trocarmos impressões sobre o decreto de Ieltsin e, quando ouvi a voz dele, perguntei-lhe: «Não estavas no avião que foi abatido?» E ele respondeu-me: «Atrasei-me para esse voo.» Respirei de alívio.

Depois de receber a decisão do Tribunal Constitucional, o Soviete Supremo destituiu Boris Ieltsin do cargo de Presidente e substituiu-o pelo vice-presidente Alexandre Rudskoi. Prevvia-se uma grande possibilidade de confronto armado, pois ambos os lados apelavam à intervenção das Forças Armadas e da polícia. Alexis II, patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, ofereceu-se para mediar o conflito e as conversações começaram no dia 1 de Outubro. No primeiro encontro foi decidido continuar o diálogo às 16 horas de domingo (13 horas em Portugal), mas apoiantes do Soviete Supremo começaram a provocar distúrbios em Moscovo, atacando

edifícios estratégicos como a Câmara de Moscovo e o centro de transmissão de vários canais de televisão. Conseguiram tomar o primeiro, mas, no segundo, receberam resposta de tropas especiais. Os confrontos provocaram vários mortos.

Quando os distúrbios começaram, eu encontrava-me perto da Câmara de Moscovo e tive de ir a casa para telefonar para a TSF. Quando liguei para Lisboa, foi-me dito que estava no ar relato de futebol e só haveria noticiário algumas horas depois. Fiquei furioso, disse tudo o que pensava sobre o facto de não se interromper um relato, não obstante a gravidade do que estava a acontecer na capital russa e desliguei o telefone. Estes são dos momentos mais difíceis na carreira de um jornalista. Qual seria o acontecimento capaz de interromper um relato de futebol por três ou quatro minutos? Em prol da verdade, os camaradas da redacção da TSF em Lisboa reconsideraram a sua posição, telefonaram e pediram-me para contar em três minutos o que estava a acontecer em Moscovo, o que eu fiz de bom grado.

Os acontecimentos precipitaram-se: Boris Ieltsin decretou o recolher obrigatório e enviou tanques para cercar o edifício do Soviete Supremo da Rússia. O medo voltava às ruas de Moscovo. Nessa altura, os meus filhos frequentavam uma escola estónia, criada pela Siiri e por outros cidadãos da Estónia residentes na capital russa. A escola encontrava-se instalada no edifício da Embaixada da Estónia, situada a algumas centenas de metros do epicentro dos acontecimentos. Foi decidido encerrar temporariamente a escola e levar para nossa casa, ou seja para longe do conflito, a professora de língua estónia. Tanto mais que começaram a correr boatos de que naquela zona se tinham instalado franco-atiradores que disparavam sem prevenir.

Mas o pior estava ainda por vir. No dia seguinte, 4 de Outubro, o mundo assistiu em directo, através da CNN, ao bombardeamento da Casa Branca, operação que matou e feriu um número até hoje indeterminado de pessoas. Sabia-se que a oposição a Ieltsin não era pêra doce (eu, pelo menos, não tinha a mínima simpatia por aquelas forças políticas), mas recorrer a tanques para a derrotar foi claramente um crime, uma demonstração de força ao velho estilo imperial e comunista.

Boris Ieltsin venceu e este facto foi apresentado à Rússia e ao mundo como o triunfo da democracia. Os governos ocidentais aplaudiram

efusivamente uma das operações que mais contribuíram para desacreditar a democracia aos olhos dos russos.

Recordo aqui uma conversa com Francisco Assis Pacheco, grande jornalista e poeta, com quem tive a sorte de conversar e fazer amizade em Moscovo no mês de Abril de 1993, na véspera do referendo acima citado. Tal como eu fazia com praticamente todos os jornalistas portugueses que visitavam Moscovo e me contactavam, convidei-o a minha casa para jantar. Abordámos muitos temas, pois ele era um grande conversador, e recordo aqui uma pequena parte da nossa conversa que ele citou na sua reportagem: «Ele [Ieltsin] é louco, conta José Milhazes... Tão louco que, no dia seguinte a derrotar os golpistas [Agosto de 1991] foi de férias. De maneira que ficou tudo na mesma.»¹⁰⁴

O resultado destas loucuras de Ieltsin foi que, nas eleições parlamentares de Dezembro de 1993, a força política mais votada nos círculos maioritários (23% dos votos) foi o Partido Liberal-Democrático da Rússia, dirigido pelo palhaço nacional Vladimir Jirinovski, que fazia as promessas mais extravagantes: desde a garantia de um homem para cada mulher na política interna até as tropas russas lavarem as botas no oceano Índico no campo externo.

Isto foi um autêntico banho de água fria para o senhor do Kremlin e os seus conselheiros, que já tinham o champagne preparado e organizado um banquete e um espectáculo para festejar a vitória. Durante o espectáculo, Iúri Kariakin, conhecido filósofo russo, subiu ao palco para dizer: «Rússia, toma juízo, enlouqueceste!» Mas não eram a Rússia e os russos que precisavam de tomar juízo.

Foi por essa altura que eu e a minha mulher decidimos que ela e os meus filhos viriam viver para Portugal, pois era impossível manter as crianças sob uma pressão permanente. O ambiente tornava-se realmente insuportável. Além disso, preferíamos que os nossos filhos estudassem e organizassem a sua vida no meu país, incomparavelmente mais calmo do que a Rússia. É verdade que não fazia parte dos nossos planos a minha continuação em Moscovo durante muito mais tempo, mas foi o que aconteceu. Eu continuava a não ter o meu curso universitário reconhecido em Portugal e não eram muitas as perspectivas de trabalho, por isso, fui adiando o regresso...

Em finais de 1994, Boris Ieltsin deu ordem às tropas russas para «restabelecer a ordem constitucional na Chechénia». Como já escrevi acima, quando precisou de apoio para derrubar Mikhail Gorbatchov, o líder russo mostrou-se disposto a dar às repúblicas da Federação da Rússia a autonomia que conseguissem engolir. Os dirigentes da República da Chechénia-Itchkéria levaram as palavras a sério e proclamaram a independência desse território no Cáucaso do Norte. Os chechenos e inguches não se tinham esquecido dos seus antepassados deportados por Estaline em 1944 para a Ásia Central e a Sibéria: quase 500 mil pessoas. Moscovo, porém, não reconheceu a independência.

Inicialmente, entre 1991 e 1994, o Kremlin utilizou a tática do dividir para reinar, lançando os chechenos uns contra outros, mas os independentistas levaram a melhor. Por isso, em finais de 1994, Ieltsin ordenou aos generais russos que tomassem Grozni, capital da Chechénia, o que foi conseguido à segunda tentativa e à custa da destruição total da cidade e de muitos milhares de mortos e feridos, não tendo a população civil sido poupada.

Na História não há «ses», mas, naquela altura, tive a impressão de que era possível uma solução política para uma guerra que durou até 2004. O facto é que essa guerra tornou impopular Boris Ieltsin também entre amplos sectores liberais da sociedade russa.

Em 1995, a fim de cobrir as despesas da guerra e de pagar salários em atraso, o governo russo decidiu pedir grandes empréstimos aos maiores bancos privados, completamente controlados por um punhado de oligarcas. Estes aceitaram, mas exigiram que, na qualidade de garantia, o Estado entregasse aos bancos a gestão do pacote maioritário de acções das empresas públicas que se encontravam sob o seu controlo e não tinham sido privatizadas através de *vouchers*: empresas petrolíferas, de navegação marítima, de siderurgia e de metalurgia. Havia mais uma condição: se o Estado não conseguisse devolver os empréstimos ao fim de um ano, essas empresas seriam vendidas em leilão, onde a prioridade seria dada aos banqueiros, que já tinham tudo combinado entre si.

Mais um forte sinal de descontentamento dos russos foi a vitória dos comunistas nas eleições parlamentares de Dezembro de 1995 com 34,9% dos mandatos, enquanto o principal partido que apoiava Boris Ieltsin, «A Rússia É a Nossa Casa», se ficou pelos 12,2%. No total, a oposição ao

Presidente tinha a maioria e isso punha em perigo a reeleição de Boris Ieltsin nas presidenciais de 1996. Nestas, os principais candidatos eram, além de Ieltsin, Guennadi Ziuganov, dirigente do Partido Comunista da Federação da Rússia, e o general Aleksandr Lebedev, conhecido por ter conseguido congelar o conflito na Transnístria.

A popularidade de Boris Ieltsin andava pelas ruas da amargura e, por isso, os seus conselheiros decidiram fazer uma autêntica limpeza ao cérebro dos eleitores, bem como comprá-los com promessas e dinheiro real. A ideia principal da campanha era que, se Ziuganov vencesse, se regressaria ao comunismo e à repressão. Foram criados órgãos de informação especialmente destinados a denegrir a imagem do líder comunista.

Durante a campanha eleitoral, trabalhei com o Paulo Moura, que tinha sido especificamente enviado pelo *Público* para a cobrir. Perto do edifício onde eu vivia encontravam-se um refeitório e uma discoteca que pertenciam a um instituto de química. Fomos lá os dois, por ocasião de uma festa organizada pela campanha de Ieltsin para os jovens. À entrada, era distribuído dinheiro para que eles apoiassem a reeleição do Presidente. Não foi a única vez que vi a distribuição de dinheiro para comprar votos.

Aconteciam coisas absolutamente surrealistas. Por exemplo, decidimos sair de Moscovo e ver a Rússia rural, visitando a vila de Zolotukhin, na região de Kursk, local onde se deu o maior combate de tanques da Segunda Guerra Mundial. Fomos lá levados por uma jovem local que apoiava o Presidente Ieltsin. Inicialmente, fomos a casa de um camponês, que nos falou do seu trabalho difícil e dos problemas burocráticos que tinha de enfrentar, da política de preços dos combustíveis, produtos agrícolas, etc. Embora muito longe de estar satisfeito com a situação no país, disse-nos que ia votar em Ieltsin porque não queria voltar a trabalhar em *kolkhozes*. Construiu uma casa nova, a terra era propriedade sua, trabalhava para si próprio.

A seguir, fomos visitar uma vila onde ainda existia um *kolkhoz*. O aspecto da maioria das casas mostrava que estávamos numa zona pobre, desorganizada. Fomos recebidos pelos dirigentes locais que, durante três horas, nos disseram raios e coriscos de Ieltsin, recordaram nostalgicamente a União Soviética e se queixaram do abandono em que estava uma grande fábrica de conservas de produtos agrícolas que outrora

garantira um grande número de postos de trabalho. O director da fábrica, presente na conversa, apontou o dedo acusador ao Kremlin, pelas suas desgraças, pela falta de subsídios, pelos salários em atraso, etc.

Já cansados de ouvir tantas lamúrias, muitas delas justas, mas outras tantas provocadas pela incompetência das autoridades locais, decidimos despedir-nos dos interlocutores, e aqui chegou a surpresa.

«Então vão embora sem petiscar alguma coisinha?», perguntou-nos o dirigente local, e acrescentou: «Isso é um desrespeito à hospitalidade russa!»

Respeitadores da dita hospitalidade, fomos levados para uma sala onde se encontrava uma enorme mesa coberta de manjares russos e decorada com várias garrafas de vodca. Era impossível recusar. Os hospitaleiros dirigentes fizeram brindes ao «internacionalismo proletário», à «saúde de Álvaro Cunhal» e à «amizade entre os povos».

Coisa estranha, nas palavras não havia nada, mas, na realidade, sempre havia alguma coisa, pelo menos para os dirigentes e os seus convidados.

Depois, fomos também a Novossibirsk e Kemerovo, duas cidades na Sibéria. Na primeira, ficámos instalados no Hotel Intourist e, mal entrámos nos quartos, os telefones começaram a tocar. Do outro lado da linha vozes femininas propunham todo o tipo de serviços íntimos. O hotel tinha ficado como herança da era soviética, não devendo ter sofrido obras, mas o principal era que havia água fria e quente, embora esta última demorasse 20 minutos a subir até ao 14.º andar, onde ficámos.

No dia da chegada a Novossibirsk, fomos jantar com um médio empresário local que, entre outras coisas, vendia revestimentos de cortiça exportados pela Corticeira Amorim. Foi ele que nos aconselhou a visitar a famosa Cidade Académica e nos arranjou contactos nela.

A Cidade Académica começou a ser construída em 1957 e visava reunir os melhores cientistas da União Soviética, transformando-se num dos principais centros de investigação científica. Como se tratava de uma cidade fechada, as condições de vida eram muito melhores do que noutras regiões da URSS.

Porém, quando a visitámos, estava em profundo declínio. Os salários dos cientistas eram miseráveis, alguns abaixo do salário mínimo, e numerosos foram os que a abandonaram e emigraram. A nossa anfitriã foi uma física natural de Moscovo que tinha sido atraída para a Cidade

Académica pelo «romantismo científico» nos anos 60 do século XX, mas estava completamente desiludida com o estado das coisas. Acreditou na *perestroika* e ainda tencionava votar em Ieltsin, mas sem grandes esperanças.

Fizemos também uma viagem de Novossibirsk até Kemerovo, região onde se haviam registado grandes greves entre os trabalhadores das numerosas minas de carvão. Contratámos um *Jiguli* (Lada) e pusemo-nos a caminho. Era preciso percorrer cerca de 300 quilómetros. A estrada estava asfaltada, mas tinha buracos que pareciam crateras lunares. Devido à grande amplitude de temperaturas registadas no Inverno e no Verão, o solo, gelado no Inverno, aquecia e cedia juntamente com o alcatrão durante o Verão. Mas, não obstante o estado do piso, o condutor carregava no acelerador e fazia autênticos malabarismos para evitar covas e buracos. Ainda bem que tudo correu sem avarias, porque as aldeias na região eram muito raras e na estrada passavam pouquíssimos veículos.

Quando chegámos a Kemerovo, o condutor foi parado por um desconhecido, que exigiu que pagássemos pela utilização de parte da estrada, mas, depois de acesas discussões, recusámos a fazê-lo, alegando que isso era uma ladroagem, e deixou-nos passar. Fomo-nos instalar no único hotel que havia na cidade. Embora pagássemos 60 dólares americanos por quarto, o que constituía uma verdadeira fortuna naquela região, não tivemos direito a água quente porque a canalização estava em obras há muitos meses. Tivemos sorte porque corria o mês de Junho e as temperaturas eram muito agradáveis.

Tivemos um encontro com mineiros de uma das minas de carvão local, que nos relataram as suas difíceis condições de vida, os salários baixos e nem sempre pagos atempadamente. A maioria das casas perto da mina era construída em madeira, facto normal em muitas regiões russas, mas encontrava-se num estado deplorável.

À noite, procurámos um restaurante para jantar no centro de Kemerovo, mas não havia o que escolher. Entrámos no único restaurante aberto, que, por sinal, tinha um aspecto agradável e uma comida siberiana excelente, mas o preço da refeição ficou acima de todas as expectativas... Compreendemos rapidamente porque é que a maioria dos clientes eram homens muscudos, de cabeça quadrada rapada, acompanhados de jovens

com pernas até às orelhas. Eram cópias fiéis das personagens de filmes de *gangsters* russos.

De Kemerovo para Novossibirsk regressámos de camioneta, numa viagem longa e cansativa, mas com o sentimento de dever cumprido. Mas as surpresas ainda não tinham acabado. Chegados ao aeroporto, despachámos as malas e entrámos para um avião cujo estado deixava muito a desejar. O *Tupolev* vinha da Iacútia, no Nordeste extremo da Rússia, e fez uma paragem em Novossibirsk. Vinha praticamente cheio e o assento que me estava reservado não se encontrava na melhor condição: a parte do encosto não ia sequer fixa. Mas o mais extraordinário foi a refeição: tratou-se de uma «coxa de Bush» cozida, servida num pacote de plástico, e um pedaço de pão.

A situação no país indiciava que Boris Ieltsin não ia ganhar as presidenciais à primeira, não obstante a intensa campanha eleitoral que o levou ao internamento hospitalar, com graves problemas cardíacos. E assim aconteceu: Ieltsin conseguiu 35,28% e Ziuganov, 32,03%. A grande surpresa foi o terceiro lugar conquistado pelo general Alexandre Lebed. A monumental derrota de Mikhail Gorbatchov, que conquistou 0,51% dos votos, não surpreendeu ninguém.

Durante a segunda volta, Ieltsin conseguiu o apoio de Alexandre Lebedev, diz-se que a troco da promessa de lhe suceder no cargo de Presidente da Rússia. O general foi nomeado dirigente do Conselho de Segurança. Não obstante, foi necessário recorrer aos mais variados meios legais e ilegais para que Boris Ieltsin fosse reeleito à segunda volta. Ainda hoje se discute se foi preciso ou não recorrer à falsificação de dados para conseguir esse resultado.

No dia após as eleições presidenciais, o primeiro-ministro vai falar com Ieltsin.

– Boris Nikolaevitch, tenho duas notícias: uma boa e uma má. Por onde começo?

– Huuuummmm, começa pela má.

– Ziuganov obteve 73% dos votos.

– E a boa?

– Tu conquistaste 87%...

Estas eleições também não trouxeram a tão esperada estabilidade. Depois da segunda volta, Ieltsin deixou de aparecer em público e, quando aparecia, era visível o grave estado da sua saúde. A cerimónia de tomada de posse, realizada a 9 de Agosto, teve de ser mais curta por esse motivo.

O general Lebedev deixou de ser necessário e foi demitido do cargo, enquanto alguns dos que tinham organizado e financiado a campanha eleitoral foram nomeados para altos cargos no aparelho de Estado: Anatoli Tchubais foi nomeado dirigente da administração do Presidente e os oligarcas Vladimir Potanin e Boris Berezovski passaram a ocupar respectivamente os cargos de vice-primeiro-ministro e vice-secretário do Conselho de Segurança da Rússia.

O confronto entre o Presidente e a Duma Estatal da Rússia continuou a ser uma constante, tanto mais que o primeiro tencionava governar a seu bel-prazer, ou melhor, se transformara numa autêntica marionete da chamada «família», constituída por parentes e membros da corte do «czar».

A crise financeira de Agosto de 1998 foi mais um sinal da incompetência das elites governativas russas. Dois dias depois de Ieltsin ter jurado em público que o rublo não corria o risco de desvalorização, a moeda russa sofreu uma queda brutal. Se, a 15 de Agosto, 1 dólar equivalia a 6,3 rublos, no dia 1 de Setembro o dólar já valia 9,33 rublos e, no dia 1 de Outubro, 15,9. Milhões de pessoas viram as suas parcas economias desaparecer.

Os restaurantes, cafés e muitas lojas vendiam os seus produtos em «unidades condicionais», para não perderem dinheiro. Como não podiam afixar os preços em dólares americanos, afixavam-no nessa nova «moeda», sendo 1 dólar equivalente a 1 «unidade condicional». Isto fazia com que, às vezes, se começasse a comer a um preço e se acabasse a pagar outro em rublos. O desgaste político do dirigente russo era tal que 248 dos 450 deputados da Duma lhe pediram para se demitir voluntariamente do cargo de Presidente, tendo ele recebido apenas o apoio de 32 deputados.

Mas a saída de Ieltsin não fazia parte dos planos da «família». Em Setembro do mesmo ano, Ieltsin nomeou Evgueni Primakov, político formado nos serviços secretos soviéticos para o cargo de primeiro-ministro, a fim de acalmar a oposição comunista, mas sem resultado. Em Maio de 1999, a Duma deu início a um processo de afastamento de Ieltsin, que só não terminou com a sua queda por 17 votos. É curioso assinalar que 46 boletins de votos foram considerados nulos. O mais provável é ele só não ter sido legalmente derrubado por alguns deputados recearem ser alvo de represálias ou terem sido mesmo comprados.

O círculo mais próximo do czar Boris não podia continuar a apostar nele: necessitava de encontrar alguém que o substituísse, mas que continuasse a ser fiel aos interesses da oligarquia. A escolha recaiu em Vladimir Putin, um político pouco conhecido, poderíamos dizer mesmo cinzentão.

Porém, como acontece frequentemente na História, o feitiço virou-se contra o feiticeiro.

Manhã cedo de 1 de Janeiro de 2000. Ieltsin está às portas do Kremlin a saltar e a repetir: – É preciso beber menos... É preciso beber menos...

(anedota russa)

21.

VLADIMIR, O JUSTICEIRO

A 30 de Dezembro de 1999, na véspera de ser nomeado Presidente interino da Rússia, Vladimir Putin publicou na imprensa russa um artigo programático sobre o futuro do país, onde, entre outras coisas, prometeu: «Para atingir o PIB *per capita* de Portugal ou de Espanha, que não são considerados líderes da economia mundial, precisaremos de cerca de 15 anos.»¹⁰⁵

Hoje, 31 de Dezembro de 2015, quando escrevo estas linhas, posso constatar que isso não passou de promessa. Não obstante as pesadas crises económicas atravessadas por Portugal e pela Espanha, essa promessa de Putin não foi cumprida, como não foram muitas outras¹⁰⁶.

(Na era de Khrushchov, a direcção soviética lançou a palavra de ordem «alcançar e ultrapassar a América» e os soviéticos responderam com uma regra do código da estrada: «Se não tens a certeza, não ultrapasses!»)

Vladimir Putin começou a sua carreira política na cidade de Leninegrado (São Petersburgo), depois de ter trabalhado longos anos nos serviços secretos soviéticos.

Em 1996, após a derrota do seu chefe Anatoli Sobtchak nas eleições municipais, Putin foi para Moscovo, onde passou a ocupar cargos de responsabilidade na administração de Ieltsin. Em Julho de 1998, foi nomeado director do Serviço Federal de Segurança da Rússia. Foi a partir desse momento que começou a rodear-se de homens dos serviços secretos e de São Petersburgo. A 16 de Agosto do ano seguinte, foi nomeado primeiro-ministro da Rússia e, nesse mesmo dia, o «czar» Boris anunciou pela televisão que o queria ver como seu sucessor:

E, agora, decidi revelar o nome do homem que, penso eu, será capaz de consolidar a sociedade, apoiando-se nas mais amplas forças políticas, e garantir a continuação das reformas na Rússia. Ele poderá unir à sua volta os que deverão renovar a grande Rússia. Trata-se de Vladimir Vladimirovitch Putin, secretário do Conselho de Segurança, director do Serviço Federal de Segurança.^{[107](#)}

Anteriormente, de forma directa ou indirecta, o Presidente já tinha nomeado vários sucessores, nomeadamente o liberal Boris Nemtsov, e, como um verdadeiro déspota cada vez mais caquético, mudara de ideias, ou talvez seja mais plausível que a sua corte o tenha feito mudar de ideias. Boris Berezovski, oligarca e eminência parda do Kremlin, um daqueles políticos convencidos de que é «o dono disto tudo», esteve entre os impulsionadores dessa decisão. As eleições parlamentares e presidenciais aproximavam-se e era preciso alguém que substituísse Ieltsin e continuasse a ser manipulado.

Estas manobras políticas coincidiram com o recrudescimento do conflito na Chechénia, onde sectores cada vez mais radicais lutavam contra as tropas russas. Comandados por Chamil Bassaiev, checheno preparado e treinado pelos serviços secretos russos para combater contra a Geórgia na república separatista da Abecásia, guerrilheiros chechenos atacaram o Daguestão, república do Norte do Cáucaso russo que vizinha com a Chechénia. Os militares russos reagiram e obrigaram os separatistas a recuar.

Em várias cidades russas, Moscovo, Buinask e Volgodonsk, ocorreram fortes explosões em edifícios residenciais, provocando 307 mortos e 1700 feridos. O terror e o medo pareciam novamente apoderar-se dos russos. Na capital, os habitantes organizavam-se em grupos para fazer vigilância às suas casas. No bairro onde eu vivia, grupos de pessoas passavam as noites nas ruas para evitar o aparecimento de estranhos. Se já antes os caucasianos eram mal vistos pelos russos, a desconfiança aumentou ainda mais.

Neste contexto, o governo de Vladimir Putin lançou fortes ataques contra os separatistas chechenos, obrigando-os a abandonar Grozni e a refugiarem-se nas montanhas. A popularidade do jovem primeiro-ministro aumentou rapidamente, processo também ajudado por métodos que

passaram a ser típicos de Putin. O primeiro foi a utilização de calão e expressões pouco vulgares no léxico político. A 24 de Setembro de 1999, Putin declarou aos jornalistas: «Vamos perseguir os terroristas em toda a parte. Se for preciso fazê-lo no aeroporto, fá-lo-emos no aeroporto. Desculpem-me, se os apanharmos na casa de banho, limpamos-lhes o sebo na retrete.»¹⁰⁸ Palavras muito exactas e eficazes num país que, como mais tarde afirmou Putin, tinha «vivido de joelhos».

Depois, vieram as acções exibicionistas para mostrar as qualidades do novo líder. A primeira esteve ligada a um voo de Putin à Chechénia num caça militar *Su-27* a 20 de Março de 2000, na véspera das eleições presidenciais.

Mas voltemos à mudança do milénio. A 31 de Dezembro de 1999, depois de assinar garantias de segurança à família de Ieltsin, Putin recebeu o poder das mãos daquele na presença de Alexis II, patriarca da Igreja Ortodoxa Russa. Terminava assim a era de um dos políticos mais demagogos e populistas da História da Rússia.

Desde o primeiro momento que Putin, a pretexto da luta contra o separatismo e o terrorismo, começou a edificar um sistema de concentração de poderes no Kremlin, em prejuízo da democracia. Por exemplo, em Setembro de 2004, logo após o ataque dos terroristas chechenos contra a escola de Beslan, na Ossétia do Norte, Putin acabou com as eleições dos governadores e presidentes das regiões e repúblicas da Federação da Rússia.

Por nunca terem sido claramente apurados os organizadores e autores das explosões de casas e de outros atentados terroristas, a oposição acusou a corte do Presidente Putin de estar por detrás deles.

Dúvidas semelhantes pairam quanto ao assassinio de numerosos jornalistas, activistas dos direitos humanos e políticos durante a longa presidência de Putin. Os organizadores dos crimes nunca são encontrados, e os acusados da sua autoria são ou liquidados ou condenados a pesadas penas de prisão em processos pouco transparentes. O exemplo de Anna Politkovskaia é o mais evidente. Foi assassinada a 7 de Outubro de 2006, dia de aniversário de Vladimir Putin, e as circunstâncias do crime estão por esclarecer. Do ponto de vista da lógica, este crime não interessava ao dirigente russo. É verdade que Politkovskaia era uma jornalista conhecida por denunciar violações de direitos humanos na Chechénia, mas isso não

beliscava o prestígio de Putin aos olhos dos russos, até porque Politkovskaia era mais lida no Ocidente do que na Rússia.

É opinião corrente que o dirigente russo pôs fim ao regime oligárquico na Rússia, o que não passa de um dos muitos mitos criados pelos órgãos de informação controlados pelo Kremlin. Putin não pôs fim a esse regime, antes substituiu alguns dos oligarcas e acrescentou à casta os seus favoritos. Vladimir Gussinski foi autorizado a sair do país depois de renunciar aos órgãos de informação, principalmente ao canal televisivo NTV. Mikhail Khodorkovski foi também espoliado das suas empresas, passou dez anos na prisão e só depois foi autorizado a sair do país. Boris Berezovski, um dos principais responsáveis pela subida ao poder de Putin, faleceu (ou foi assassinado) em Londres.

Os bandidos dos anos 90, que controlavam grande parte dos negócios no país, foram assassinados, mandados para a prisão ou tiveram de abandonar a Rússia, tendo sido substituídos por agentes dos serviços secretos e da polícia.

Putin não conseguiu construir um grande futuro, por isso decidiu criar para os russos um grande passado.

(anedota russa)

Vladimir Putin criou uma nova espécie de feudalismo. Os lugares dos antigos oligarcas e outros cargos que ainda havia por preencher foram ocupados por fiéis agentes do KGB (como se costuma dizer na Rússia, no KGB só se pode entrar, não há saída, por isso não utilizei o prefixo «ex-») ou amigos de Vladimir Putin de São Petersburgo. Melhor ainda se forem do KGB e amigos de São Petersburgo ao mesmo tempo. Por exemplo, Igor Setchin, originário dessa cidade e agente dos serviços secretos soviéticos que trabalhou em Angola e Moçambique, dirige hoje a maior petrolífera russa: Rosneft.

O suserano também concedeu à nova classe oligárquica o poder de transmitir cargos e riqueza aos seus descendentes.

É verdade que, na era de Putin, o nível de vida de grande parte dos seus súbditos subiu, a classe média aumentou, mas trata-se apenas da queda de

migalhas de uma mesa cheia de dólares e euros vindos da exportação do petróleo e do gás. Logo que o preço dos combustíveis baixou no mercado externo, isso reflectiu-se na economia russa, isto porque o dirigente russo não cumpriu duas das suas mais importantes promessas: modernização e diversificação dos sectores de produção.

Putin declarou que a queda do petróleo saneia a economia, tal como o emagrecimento. Não experimentou emagrecer de 115 para 32 quilos?

(anedota russa)

O Presidente russo precisa, por conseguinte, de dirigentes regionais como Ramzan Kadirov, líder da Chechénia que eu tive a possibilidade de entrevistar.

Em Julho de 2009, fui convidado pela Rádio Svoboda (Liberdade), órgão de informação em russo financiado pelo Congresso dos Estados Unidos, para ir a Grozni entrevistar Kadirov. Nessa rádio, eu participava, sem receber qualquer tipo de remuneração, num programa chamado «Frente a Frente», onde um jornalista russo e um jornalista estrangeiro conversavam com conhecidas figuras russas da vida política, cultural, religiosa, etc. Foi um programa marcante na minha carreira de jornalista, porque me possibilitou conversar e trocar ideias com grandes actores soviético-russos, como Mikhail Kazakov, Serguei Iurski ou Natália Fateeva, escritores como Vladimir Voinovitch, o arcebispo Tadeuz Kondrusiewicz, então chefe da Igreja Católica da Rússia, Vassili Smyslov, sétimo campeão do mundo de xadrez (1957-1958), o pianista Nikolai Petrov, etc.

Quando já estava tudo combinado para a viagem e os bilhetes comprados, foi-me comunicado por um dos organizadores do «Frente a Frente» que eu tinha sido substituído por um jornalista norte-americano. Fiquei não só surpreendido, como também indignado com semelhante mudança de planos. Protestei e chegou-se a um acordo: eu viajaria até Grozni, encontrar-me-ia com Kadirov, mas teria de o entrevistar à parte.

Depois de chegar a Moscovo, vim a saber a causa do meu afastamento. Dois jornalistas da Rádio Liberdade, que não se cansam ainda hoje de «defender» a democracia e os direitos humanos na Rússia, escreveram (bufaram) aos seus chefes norte-americanos que José Milhazes, durante muitos anos, tinha sido militante comunista e não era digno de confiança! Não me surpreendeu nem o acto de vigilância dos jornalistas russos, nem a reacção dos gestores americanos! Surpreendeu-me, sim, que ainda se empregassem métodos desses, tanto mais que eu nunca encobri o meu passado político. Foi mais uma azeda lição que tive de aprender.

Não obstante tudo, valeu a pena a viagem à Chechénia. Quando se sai do pequeno Aeroporto de Grozni, fica-se imediatamente com a impressão de que se está realmente numa região pouco segura. Muitos dos homens que esperavam passageiros, a maioria vestidos à civil, portavam armas de fogo.

Outra coisa que saltava imediatamente aos olhos era a grande quantidade de retratos de políticos espalhados por toda a parte, mas cuja instalação correspondia a uma determinada ideia de hierarquia política. O retrato de Vladimir Putin, então primeiro-ministro da Rússia, era acompanhado pelo de Akhmat Kadirov, pai do actual dirigente (Ramzan) que morreu num atentado terrorista. Ramzan Kadirov estava ao lado de Dmitri Medvedev, o então Presidente da Rússia. Desse modo, o actual dirigente checheno mostrava quem era o seu verdadeiro dono. A principal artéria de Grozni renascida das ruínas tem o nome de Vladimir Putin.

Akhmat Kadirov, um dos líderes espirituais muçulmanos da Chechénia, e o seu filho Ramzan combateram ao lado dos separatistas contra as tropas russas durante a primeira guerra na região. Porém, no início da segunda guerra, passaram para o lado do Kremlin e Putin encarregou Akhmat Kadirov de dirigir a «pacificação» daquele território do Cáucaso do Norte. Ou seja, o Kremlin transformou um confronto entre tropas russas e separatistas chechenos numa contenda entre os próprios chechenos. O clã Kadirov tornou-se dono e senhor da Chechénia em troca da fidelidade a Vladimir Putin.

No aeroporto esperava-nos o assessor de imprensa de Ramzan Kadirov, que nos conduziu a um pequeno hotel privado situado no centro de Grozni. Depois de instalados, o filho do dono ofereceu-se para nos acompanhar numa curta visita pela cidade. Nada fazia lembrar a guerra,

pelo contrário, arranha-céus e uma majestosa mesquita construída em mármore tornavam aquele burgo semelhante a uma qualquer cidade do Médio Oriente.

Porém, o nosso guia explicou-nos que não podíamos abandonar as ruas centrais, nem entrar nalgumas zonas verdes que ainda não tinham sido desminadas.

Regressámos ao hotel para jantar, mas havia apenas um prato na ementa: massa cozida com coxas de frango assadas. Para beber, naquela altura ainda se podia encomendar vodca e cerveja.

A entrevista com o Presidente da Chechénia, Ramzan Kadirov, estava marcada para sábado, mas logo que os jornalistas aterraram na capital chechena, na sexta-feira, foram avisados de que o encontro poderia ter lugar a qualquer momento.

«O Presidente Kadirov é imprevisível, tem uma agenda muito cheia, movimenta-se muito. Por isso, não podemos dizer qual a hora certa da entrevista», informou um funcionário do centro de imprensa da Presidência chechena.

À pergunta: «Onde se vai realizar a entrevista?», o funcionário respondeu, com o característico humor caucasiano: «Ramzan Kadirov está em toda a parte».

As horas passavam, a noite aproximava-se, mas as informações que chegavam do centro de imprensa continuavam a ser pouco precisas. O primeiro sinal chegou ao hotel cerca das dez da noite, quando nos foi dito que devíamos estar prontos para sair em 15 minutos.

Uma carrinha da administração presidencial recolheu-nos no hotel e dirigiu-se a alta velocidade para fora de Grozni, desrespeitando todas as normas do código da estrada. O encontro não se realizaria no palácio presidencial da capital chechena.

Depois de passarmos a cidade de Argun, começámos a supor que nos iam levar para as montanhas, para onde Kadirov poderia ter ido caçar. Porém, percorremos cerca de 40 quilómetros e, quando nos aproximávamos de Gudermes, outra cidade chechena, a carrinha parou junto de uma quinta iluminada com lâmpadas com as cores da bandeira chechena: verde, branco e vermelho.

As barreiras metálicas e a presença de homens barbudos, armados com metralhadoras *Kalashnikov*, vestindo fatos de treino e calçando sapatilhas

desportivas, que tornava difícil compreender se estávamos perante agentes da autoridade, guerrilheiros ou simples bandidos, eram um sinal de que ali vivia alguém que necessitava de muita protecção.

Depois da revista de gravadores, máquinas fotográficas e telemóveis, a carrinha transportou-nos através de um parque onde havia um hipódromo (Ramzan Kadirov é um grande admirador de corridas de cavalos) e vários edifícios, entre os quais uma pequena mesquita, uma jaula com um casal de leões, aves exóticas como pavões e outras.

Um novo e longo compasso de espera foi preenchido com conversas com funcionários do centro de imprensa de Ramzan Kadirov sobre a guerra na Chechénia e a situação no Cáucaso.

Já passava da uma hora da manhã quando fomos convidados a entrar na residência do Presidente checheno. Descalçámos os sapatos junto da porta da entrada, como manda a tradição muçulmana, e entrámos numa sala de bilhar, onde Kadirov, vestindo um fato de treino, disputava uma partida com um dos seus seguranças.

Foi ainda preciso esperar mais um pouco para que o Presidente trocasse o fato de treino por uma camisa *Dolce & Gabbana* e se sentasse à secretária do seu gabinete.

Ramzan Kadirov, com intensa gesticulação e emoção, como é próprio dos homens do Cáucaso, respondeu a todas as perguntas, sem fugir às mais desagradáveis. Os gestos tornavam-se mais frequentes e a voz subia de tom quando se defendia das acusações de estar por detrás de assassinios de adversários políticos e defensores de direitos humanos.

O dirigente checheno nem sequer escondeu a sua preferência pelos actuais dirigentes russos. «Putin é o meu herói, estaria disposto a dar a vida por ele. Gostaria que ele fosse Presidente da Rússia!», exclamou Kadirov, e acrescentou: «O Presidente da Rússia é Dmitri Anatolevitch Medvedev, é perante ele que respondo.»

Quando perguntam ao líder checheno onde vai buscar o dinheiro para manter a Chechénia, o membro da Federação da Rússia que mais doações recebe de Moscovo costuma responder que os meios vêm de Alá.

Um inspector fiscal pergunta a um cidadão:
– Onde arranja o dinheiro?

– Não sei, Alá dá!
– Mas que raio de justificação é essa?
– Então prove que não foi Alá!
– Mas você perdeu a vergonha?
– Se Kadirov pode receber, porque é que eu não posso!?
(anedota russa)

Eram três da manhã quando Ramzan Kadirov retomou a partida de bilhar, depois de se despedir dos jornalistas.

«Ninguém sabe quando é que o nosso Presidente dorme, descansa ou trabalha. Pode acordar de madrugada e dirigir-se para as montanhas, ou realizar reuniões de trabalho», revelou um funcionário da Presidência.

Fez-me lembrar José Estaline, que também gostava de trabalhar à noite, podendo levantar da cama os seus ministros a qualquer hora da noite.

No sábado, recomendaram-nos que abandonássemos Grozni nesse mesmo dia e o assessor de Kadirov disponibilizou-se para alterar a data dos bilhetes de avião.

Coincidência ou não, na segunda-feira foi anunciado que Natália Estemirova, conhecida defensora dos direitos humanos e crítica de Kadirov, tinha sido raptada e assassinada em Grozni. Até hoje a polícia não encontrou os autores desse crime e de muitos outros semelhantes na Chechénia.

No que respeita à política internacional de Vladimir Putin, esta evoluiu muito, mas, em poucas palavras, pode-se resumir numa ideia: no lugar de utilizar a política externa para apoiar a modernização e o desenvolvimento do seu país, Putin lançou-se em aventuras que podem custar muito caro à Rússia.

Serguei Lavrov, ministro dos Negócios Estrangeiros, vem a correr ao encontro de Putin:
– *Chefe, está tudo perdido! As sanções contra o Irão foram retiradas!*
Imagina agora qual será o preço do petróleo?

- *Atrasados mentais, porra!*
- *Mas fomos nós que defendemos o levantamento das sanções.*
- *E eu estou a falar de nós...*

(anedota russa)

Depois de se tornar Presidente da Rússia, Vladimir Putin tentou fazer com que o seu país tivesse uma voz de peso na política internacional. Principalmente depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001, o dirigente russo esperava ser recebido de braços abertos no mundo ocidental e que o Ocidente reconhecesse o espaço pós-soviético como «zona de influência russa», a troco do seu apoio na luta contra o terrorismo islâmico. O Kremlin abriu corredores através do seu território para que as forças da NATO no Afeganistão recebessem abastecimentos enquanto combatiam os talibãs, autorizou a criação de uma base aérea norte-americana ao lado de uma sua em Manaz, perto da capital do Quirguistão, antiga república soviética fortemente dependente de Moscovo, etc.

Porém, os Estados Unidos tinham outros planos e, quando se tratou de decidir sobre a invasão do Iraque e o derrube do ditador Saddam Hussein, Washington não levou em conta os protestos de Moscovo. Esses acontecimentos provocaram o aumento da desconfiança não só dos dirigentes russos, mas também de muitos cidadãos russos face à política ocidental.

A chamada «Revolução Laranja» na Ucrânia, ocorrida em finais de 2004, foi mais um desafio que o dirigente russo considerou perdido.

Eu comecei a seguir os acontecimentos em Kiev a partir de Moscovo, mas depressa compreendi a necessidade de ir para o centro dos acontecimentos. Porém, trabalhava para três órgãos de informação portugueses, SIC, *Público* e TSF, e nenhuma das suas direcções se decidia a enviar-me. Por fim, telefonei a José Manuel Fernandes, que então dirija o *Público*, e disse-lhe que tinha decidido ir para a Ucrânia, pois a situação estava a complicar-se. A Praça da Independência já estava ocupada por milhares de apoiantes de Victor Iuschenko, candidato a Presidente que tinha o apoio de grande parte do eleitorado ucraniano das regiões centrais

e ocidentais do país, da União Europeia e dos Estados Unidos, que exigiam a anulação da segunda volta das eleições presidenciais, acusando Victor Ianukovitch, então apoiado pela Rússia e por parte significativa dos eleitores do Leste da Ucrânia, de fraude.

Aterrei em Kiev e fui-me instalar num hotel pouco central, porque, nessa altura, estavam lá centenas de observadores, jornalistas e funcionários de numerosas organizações governamentais estrangeiras. Mesmo naquele hotel, só consegui lugar graças à ajuda do embaixador de um país europeu.

Dirigi-me imediatamente para a Maidan Nezalezhnosti (Praça da Independência), onde encontrei um enorme acampamento, mas muito bem dirigido. Sentia-se que as coisas estavam organizadas, desde a segurança até à limpeza e ao fornecimento de alimentos aos participantes do protesto. Rapidamente compreendi, até porque já tinha informações nesse sentido, que algumas organizações estrangeiras e ucranianas trabalhavam activamente entre os manifestantes, mas também era evidente que a origem dos protestos era genuína. A sociedade ucraniana estava farta de ser um fantoche nas mãos dos oligarcas e cleptocratas e pareceu-lhe ver ao fundo do túnel a solução dos seus problemas na aproximação à União Europeia.

Esta camada social apostava em Victor Iuschenko, político que pouco tempo antes teria sido alvo de uma tentativa de envenenamento. Moscovo apostou em Victor Ianukovitch, político com um farto registo criminal.

O ambiente no centro de Kiev era, simultaneamente, de confiança e de receio. De confiança, porque as expectativas eram muitas: bastava conseguir a realização de uma terceira volta das presidenciais e a vitória de Iuschenko para que os ucranianos fossem recebidos de braços abertos na União Europeia. De receio, porque já nessa altura se temia que Vladimir Putin recorresse à força para travar o processo de aproximação entre a Ucrânia e a União Europeia. Correram muitos boatos sobre o desembarque de tropas russas no Aeroporto Borispol, que serve a capital ucraniana.

Ao acompanhar a «Revolução Laranja»¹⁰⁹, lembrei-me de outras: 25 de Abril de 1974, derrota do comunismo em Agosto de 1991 na URSS, etc. Ambientes únicos de fraternidade, alegria e solidariedade. Por exemplo, os directos para a SIC eram feitos ao ar livre a partir de um local alto situado

numa das extremidades da Praça da Independência. Aí se encontrava uma carrinha de um canal de televisão polaco. Às vezes, era preciso estar meia hora ou mais à espera com temperaturas negativas para entrar no ar. Os manifestantes aproximavam-se de nós, ofereciam-nos chá e café quente, vodka e conhaque, tudo o que pudesse aquecer.

A famosa terceira volta das eleições presidenciais realizou-se a 26 de Dezembro e, no dia 24, eu e a minha mulher, que me acompanhou nessa ida à Ucrânia, fomos jantar a casa do meu amigo diplomata europeu, onde se encontravam alguns membros de organizações não governamentais ocidentais que tinham vindo acompanhar os protestos e, claro está, interferir nos seus resultados. Devo dizer que encontrei – nem sei como me expressar bem – alguns que viviam uma verdadeira paixão revolucionária, pois eram originários de países do antigo bloco socialista, mas outros estavam ali para ganhar umas coroas, viver em hotéis de cinco estrelas, recorrer aos serviços de prostitutas, apanhar borracheiras, etc. Tive a oportunidade de conversar com um no dia a seguir a ele ter sido levado completamente embriagado para a esquadra da polícia, onde ficou sem carteira e ainda foi agredido. Claro que não quis apresentar queixa, talvez para não estragar o *curriculum*...

Durante o jantar, fiquei também a saber que o embaixador português em Kiev foi o único representante diplomático máximo de um país da União Europeia que não renunciou a umas férias natalícias no seu país. Aliás, até hoje continuo a não compreender por que razão é que foram dadas instruções aos funcionários da nossa embaixada para não falarem comigo, para não me prestarem qualquer apoio.

Em 2007, quando Portugal teve a Presidência da UE, em Kiev realizou-se uma cimeira UE-Ucrânia onde estiveram presentes José Sócrates e José Manuel Durão Barroso. Eu trabalhava na Lusa e precisava de enviar um trabalho para Lisboa via *net* e, como estava perto da embaixada, fui lá para que me autorizassem a fazê-lo. Apontaram-me o caminho para o edifício central dos correios de Kiev, situado a alguns quilómetros dali. Em Moscovo, durante a minha estadia, conheci vários embaixadores, uns melhores, outros piores, mas nenhum se comportou assim com os jornalistas.

Em todo o caso, volto a frisar que não se conseguem criar artificialmente ondas de protesto da envergadura da «Revolução Laranja»,

como querem fazer crer os actuais senhores do Kremlin. Só é possível aproveitar as ondas de descontentamento no momento certo.

A ingerência da Rússia no processo eleitoral também era notória. Vladimir Putin não escondia o seu apoio a Victor Ianukovitch e chegou mesmo a felicitá-lo pela vitória na segunda volta ainda antes de a situação estar definida.

Como acontece na esmagadora maioria das vezes, as revoluções são feitas por líricos e românticos, enquanto os seus frutos são colhidos por canalhas frios e calculistas. Por isso, a euforia rapidamente deu lugar à desilusão. Os novos dirigentes ucranianos pró-europeus mostraram tanta incompetência, que, nas presidenciais seguintes, Victor Ianukovitch venceu Iúlia Timochenko, a «princesa laranja». Ela e os seus assessores bem andaram atrás dos observadores europeus, nomeadamente de representantes da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, entre os quais estava o deputado português João Soares, para que não reconhecessem os resultados do escrutínio, mas os esforços foram vãos.

A 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, Ianukovitch envia um ramo de rosas à amante, com uma nota: «As flores foram contadas na presença de observadores internacionais.»

(anedota ucraniana)

Durante essa campanha eleitoral, tive a oportunidade de visitar Lvov, bela cidade da Ucrânia ocidental a poucos quilómetros da fronteira com a Polónia. Eram evidentes as diferenças entre esta cidade e Kiev ou outras do Leste do país. Lvov pertenceu ao Império Austro-Húngaro e à Polónia, passando a fazer parte da União Soviética apenas em 1939. É o centro religioso dos uniatas, cristãos ortodoxos que reconhecem a primazia do Santo Padre de Roma. Porém, não dei conta de qualquer sentimento anti-russo entre a população.

Depois da «Revolução Laranja», foi necessário normalizar as relações com a Rússia, nomeadamente no que respeita à passagem do gás russo pelo território ucraniano. E o mesmo ocorreria depois do derrube do cleptocrata ucraniano Victor Ianukovitch, se Vladimir Putin não tivesse

tido a triste ideia de ocupar a Crimeia e invadir o Leste da Ucrânia. Ianukovitch não era um político pró-russo, como alguns insistem em afirmar, mas preocupava-se apenas com os interesses da sua família e dos oligarcas.

De manhã cedo, Ianukovitch sai para a varanda do seu palácio, espreguiça-se e diz:

– Bom dia, Sol.

O Sol responde-lhe:

– Bom dia, nosso querido líder! Bom dia para ti!

Victor Ianukovitch vai trabalhar em prol do povo e regressa a casa ao pôr-do-sol. Sai para a varanda e diz:

– Solinho, deseja-me boa noite.

O Sol responde-lhe: – Vai-te lixar!

– Ouvi mal? De manhã saudaste-me e agora insultas-me? – pergunta

Ianukovitch.

– Porque de manhã eu estava no Leste e agora estou no Ocidente – responde o Sol.

(anedota ucraniana)

A decisão de invasão da Ucrânia foi, talvez, a decisão mais errada e perigosa do Presidente russo, pois veio destruir muito do que já tinha sido feito nas relações entre a Rússia e o Ocidente, nomeadamente pelas linhas da União Europeia e NATO. O futuro mostrará as consequências desta política externa agressiva.

– Com quem faz fronteira a Rússia?

– Com quem quiser!

Não poderia terminar este capítulo sem escrever algumas palavras sobre o meu conflito laboral com a TSF. Depois de 15 anos de trabalho para essa

rádio, em Janeiro de 2004, José Fragoso, quando assumiu a direcção, propôs-me uma redução substancial do salário e a retirada do pagamento de algumas despesas, o que tornava impossível a minha continuação em Moscovo como correspondente.

Recordo-me que ainda acrescentou que eu não fazia parte dos quadros e, por conseguinte, não tinha outra hipótese senão aceitar. Respondi que não aceitava semelhante proposta, que pertencia aos quadros da TSF, pois lá trabalhara muitos anos, recebia o salário todos os meses e nunca passara recibos verdes. Por isso, iria para os tribunais se os meus direitos não fossem respeitados.

Algum tempo depois, a direcção da TSF propôs-me um contrato de prestação de serviços válido por um ano com um salário superior ao que eu ganhava! O objectivo era claro: eu assinava esse contrato e depois já poderia ser afastado. Recusei tão farta «oferta» e fui defender os meus direitos para o Tribunal de Trabalho. Depois de um longo processo, o juiz deu-me razão e obrigou a TSF a pagar-me uma indemnização. Contudo, para grande espanto meu, do meu advogado e de muitos amigos, os tribunais da Relação e o Supremo deram razão à Controlinveste.

Naquela altura, não obstante Alfredo Maia, então presidente do Sindicato dos Jornalistas, me ter prometido que este ia tomar uma posição face ao caso, pois eu estava sindicalizado e com as quotas em dia, nada fez. Posso estar enganado, mas semelhante posição só pode ter sido tomada por eu ter rompido relações com o Partido Comunista Português. Pelo contrário, não tive falta de camaradas e colegas da TSF que quisessem depor a meu favor. Não cito nomes, pois tenho receio de esquecer algum, mas foi um gesto inesquecível.

Coincidência ou não, nessa altura, Afonso Camões estava na direcção da Controlinveste e acompanhou o processo judicial de perto. Mais tarde, ele dirigia a Lusa quando a agência de informação decidiu pôr fim ao vínculo laboral que mantinha comigo. Além dos cortes financeiros, uma das explicações que me foram transmitidas pela direcção editorial foi que «a Rússia não constituía uma prioridade informativa». Isto quando começava a instabilidade que conduziu à invasão da Crimeia e do Leste da Ucrânia pelas tropas russas.

[106](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/weodata/weorept.aspx?sy=2012&ey=2014&sic=1&sort=country&ds=&br=1&pr1.x=41&pr1.y=10&c=512,668,914,672,612,946,614,137,311,962,213,674,911,676,193,548,122,556,912,678,313,181,419,867,513,682,316,684,913,273,124,868,339,921,638,948,514,943,218,686,963,688,616,518,223,728,516,558,918,138,748,196,618,278,624,692,522,694,622,142,156,449,626,564,628,565,228,283,924,853,233,288,632,293,636,566,634,964,238,182,662,453,960,968,423,922,935,714,128,862,611,135,321,716,243,456,248,722,469,942,253,718,642,724,643,576,939,936,644,961,819,813,172,199,132,733,646,184,648,524,915,361,134,362,652,364,174,732,328,366,258,734,656,144,654,146,336,463,263,528,268,923,532,738,944,578,176,537,534,742,536,866,429,369,433,744,178,186,436,925,136,869,343,746,158,926,439,466,916,112,664,111,826,298,542,927,967,846,443,299,917,582,544,474,941,754,446,698,666&s=PPPPC&grp=0&a=) <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/weodata/weorept.aspx?sy=2012&ey=2014&sic=1&sort=country&ds=&br=1&pr1.x=41&pr1.y=10&c=512,668,914,672,612,946,614,137,311,962,213,674,911,676,193,548,122,556,912,678,313,181,419,867,513,682,316,684,913,273,124,868,339,921,638,948,514,943,218,686,963,688,616,518,223,728,516,558,918,138,748,196,618,278,624,692,522,694,622,142,156,449,626,564,628,565,228,283,924,853,233,288,632,293,636,566,634,964,238,182,662,453,960,968,423,922,935,714,128,862,611,135,321,716,243,456,248,722,469,942,253,718,642,724,643,576,939,936,644,961,819,813,172,199,132,733,646,184,648,524,915,361,134,362,652,364,174,732,328,366,258,734,656,144,654,146,336,463,263,528,268,923,532,738,944,578,176,537,534,742,536,866,429,369,433,744,178,186,436,925,136,869,343,746,158,926,439,466,916,112,664,111,826,298,542,927,967,846,443,299,917,582,544,474,941,754,446,698,666&s=PPPPC&grp=0&a=>

[107](http://gazeta.lenta.ru/daynews/09-08-1999/17eltsinword.htm) <http://gazeta.lenta.ru/daynews/09-08-1999/17eltsinword.htm>

[108](#) Путиным, В. В., Председателем Правительства Российской Федерации, 24 сентября 1999 года во время пресс-конференции в Астане.

[109](#) A cor laranja foi adoptada pelos manifestantes por ter sido a cor da campanha eleitoral do principal candidato da oposição, Victor Iuschenko. O símbolo da solidariedade com o movimento de Iuschenko na Ucrânia foi uma fita laranja ou uma bandeira portando o *slogan* «Так! Ющенко!» («Sim! Yushchenko!»).

22.

HISTÓRIAS AFRICANAS EM MOSCOVO

Em 25 anos de trabalho como jornalista, tive sempre a preocupação de informar sem caluniar quem quer que fosse. Porém, algumas das personagens dos meus artigos sentiram-se ofendidas, mas só duas me tentaram levar à barra do tribunal por difamação: José Eduardo dos Santos, Presidente de Angola, e Arcady Gaidamak, «homem de negócios» de origem soviética ligado aos negócios mais obscuros entre a Rússia e Angola.

Em finais de 1999 e início de 2000, o jornal *Público* editou toda uma série de artigos e comentários sobre as ligações internacionais corruptas das autoridades angolanas com empresas e homens de negócio estrangeiros. Entre as publicações estavam o editorial «A desgraça de Angola», de José Manuel Fernandes, vários artigos de investigação do jornalista Pedro Rosa Mendes, uma peça escrita por ele e por mim («Ligações perigosas de Luanda à Rússia e ao «Kremlingate»»), e um artigo de Miguel Sousa Tavares intitulado «Não viram, não ouviram, não leram».

Quanto ao que me toca, investiguei a forma como a dívida de Angola à União Soviética, que era de cerca de 7 mil milhões de dólares americanos, desapareceu nos meandros da corrupção, com a participação activa de dirigentes russos e angolanos, tendo como intermediário Arcady Gaidamak.

José Eduardo dos Santos e Gaidamak acusaram-nos de «difamação» e «abuso de liberdade de imprensa». A participação criminal do dirigente angolano foi mandada arquivar pelo Departamento de Investigação e

Acção Penal do Ministério Público, a 15 de Fevereiro de 2005, por «impunibilidade dos arguidos». Porém, a queixa do segundo foi levada a tribunal. Além do desmentido, ele exigia uma indemnização de 40 mil euros dos jornalistas e do jornal *Público*. A juiz fez questão de que pelo menos um dos «difamadores» estivesse presente nas sessões e, por isso, ou eu ou o Pedro devíamos vir a Lisboa. Como Moscovo é mais perto do que Díli, onde nessa altura o Pedro era correspondente da Lusa, eu tive mais presenças.

Eu e o José Manuel Fernandes comparecíamos, mas as sessões eram adiadas por falta de comparecimento do queixoso. A juiz exigia aos advogados de Gaidamak, de um conhecido escritório de advogados de Lisboa, que entrassem em contacto com o «homem de negócios caluniado» para ele comparecer no julgamento, mas ele claro que não vinha, pois já existia um mandado internacional da Interpol, para a sua captura, e o processo arrastou-se durante meses, anos.

Por fim, o dito escritório abandonou a defesa do mafioso russo-israelita-angolano-francês, pois parece que o acusador não abria os cordões à bolsa para pagar o trabalho dos advogados.

Foi preciso nomear uma defensora pública para Gaidamak, pois a juiz fez questão em continuar o processo, que parecia não ter fim. Não obstante a imprensa internacional já ter escrito rios de tinta acerca do Angolagate e das investigações da polícia francesa sobre a actividade desse e de outros criminosos, a juiz portuguesa continuou convencida de que o julgamento devia ter lugar. Até que, certo dia, fomos informados pelo nosso advogado de que o processo fora arquivado.

* * *

Por altura do início desses processos, um piloto militar russo, Serguei Kudrichov, pediu ajuda a mim e a outros correspondentes portugueses em Moscovo para encontrarmos pilotos russos desaparecidos durante a longa guerra civil angolana. Kudrichov e membros das famílias dos desaparecidos (aqui é de destacar o nome de Tatiana Romanova, mulher de um dos pilotos russos procurados) constituíram a organização social «Pelo Regresso a Casa» e começaram a desenvolver activos esforços para os encontrar. A minha função consistia em procurar em Portugal pessoas

que servissem de ligação com a UNITA, pois pensava-se que cinco dos pilotos haviam sido feitos prisioneiros por essa organização que combatia contra o governo do MPLA.

Diversos pilotos e aviões civis, pertencentes a empresas da Rússia e de outros países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), desapareceram no território de Angola durante 1997 e 1998, sem que as investigações realizadas pelas autoridades angolanas tivessem esclarecido o sucedido. O primeiro avião civil desapareceu a 22 de Dezembro de 1997. Um *Antonov 72*, pertencente a uma empresa moldava, voava de Abidjan, capital da Costa do Marfim, para Runda, na Namíbia. O aparelho de carga e seis membros da tripulação deixaram de dar sinais de vida quando sobrevoavam território angolano. Em apenas um ano, desapareceram nos céus de Angola cinco aviões de carga, levando consigo mais de 20 pilotos e membros das tripulações. No *Antonov 12* que desapareceu depois de levantar voo do Aeroporto de Nzaje a 26 de Outubro de 1998, encontrava-se o cidadão português António Horta, que transportava uma soma significativa de dinheiro para a aquisição de diamantes.

Através do jornalista Jorge Heitor, especialista em assuntos africanos que naquela altura trabalhava comigo no *Público*, comecei a contactar com Carlos Morgado, médico ligado à UNITA que vivia em Lisboa e hoje já falecido. Paralelamente, elementos da organização «Pelo Regresso a Casa» estiveram em Portugal para requisitar apoios junto de outras individualidades. O ex-Presidente Mário Soares recebeu-os e prometeu esforçar-se para que os pilotos russos fossem libertados.

A 8 de Fevereiro de 2000, a direcção da UNITA enviou-me um *e-mail* em que me informava de que tinha libertado cinco pilotos russos e que eles se dirigiam para a fronteira com a Zâmbia. Através da organização «Pelo Regresso a Casa», a informação foi transmitida ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia, mas a resposta foi que isso não correspondia à verdade.

Porém, a 20 de Maio, numa declaração aos jornalistas, o Presidente russo Vladimir Putin confirmou a libertação dos cinco pilotos e frisou que se encontravam «em boa forma física». Precisou que, dos oito pilotos russos capturados, um morrera logo na altura do ataque, um segundo

piloto falecera de doença durante o cativeiro e o destino de um terceiro era ainda desconhecido.

Embora Putin atribuísse a libertação dos pilotos à acção dos serviços de segurança russos, o facto é que o movimento liderado por Jonas Savimbi referiu que a libertação foi motivada por um «gesto de puro humanismo e dando satisfação aos apelos dirigidos à direcção do partido pelas famílias e prestigiadas personalidades e vários chefes de Estado». Nesse comunicado, a UNITA alertava «todos os países que têm cidadãos seus a residir em Angola, sob qual for a capa», de que não terão «a mínima garantia de segurança» em zonas de conflito que, segundo se pode ler, «abranchem a totalidade do território nacional de Angola».

Poucos dias após a libertação dos pilotos russos, a mulher de um deles telefonou-me a agradecer pelos esforços feitos em prol da sua libertação e jurou-me que jamais deixaria o marido ir trabalhar para África. Respondi-lhe que era uma decisão muito sensata, pois a sorte não é constante. Qual não foi o meu espanto quando, poucos meses depois, soube, através da organização «Pelo Regresso a Casa», que o dito piloto tinha regressado ao continente africano.

As coisas complicaram-se depois da morte de Jonas Savimbi (em Fevereiro de 2002) e não foi possível determinar o paradeiro dos restantes pilotos de países da CEI. Periodicamente, a organização «Pelo Regresso a Casa» recebia informações sobre lugares onde teriam sido vistos alguns dos pilotos desaparecidos, mas elas acabavam por não se confirmar. Por exemplo, a revista russa *Ekho* publicou, em Fevereiro de 2009, a notícia de que alguns dos aviões russos *Antonov* que desapareceram em Angola durante a guerra entre o MPLA e a UNITA foram utilizados na rodagem do filme *O Senhor da Guerra*.

O principal herói desse filme de Hollywood é o traficante de armas soviético Iúri Orlov, interpretado pelo actor Nicolas Cage e que teve como modelo Victor But, russo detido em 2008, na Tailândia, a pedido das autoridades norte-americanas.

Entre outros crimes, But, antigo militar russo que domina perfeitamente o português e trabalhou em Angola e Moçambique, é acusado de traficar armas.

«Quando estavam a ver esse filme, os nossos especialistas em aviação ficaram atónitos com uma descoberta inesperada. Segundo alguns sinais

externos, um dos aviões que participaram nas filmagens é um dos aparelhos *Antonov 12* que desapareceram em Angola e são procurados internacionalmente», declarou então o piloto de ensaios russo Serguei Kudrichov, acrescentando: «Isto é uma nova pista, porque, na natureza, não existem dois aviões iguais. São como as impressões digitais. Cada um tem as suas particularidades: cabinas, asas, fuselagem, aparelhos externos.»

Porém, as investigações sobre este caso também não levaram a conclusão nenhuma.

* * *

A situação dos estudantes dos PALOP estava permanentemente no centro das minhas atenções, pois muitos deles viviam num ambiente de autêntica tragédia, estando privados das mais elementares condições para poderem estudar na Rússia e noutros países do antigo espaço soviético. Devido à instabilidade no país, os estudantes da Guiné-Bissau eram os mais afectados pela falta de meios. A situação chegou a um ponto em que eles ocuparam a embaixada do seu país em Moscovo.

No dia 25 de Janeiro de 2005, ao início da tarde, recebi um telefonema de um dos dirigentes da Associação de Estudantes da Guiné-Bissau na Rússia, que me informou de que tinham feito refém o embaixador Rogério Herbert, a sua família e mais dois diplomatas, frisando que só os libertariam quando as autoridades guineenses pagassem as bolsas de estudo em atraso.

Dirigi-me para a embaixada, que estava instalada num *duplex* numa das zonas periféricas de Moscovo, por cima da representação diplomática da Somália. Quando cheguei, encontrei as salas cheias de estudantes: uns estavam sentados em sofás, cadeiras e mesas a conversar, outros dormiam onde podiam. Eram várias dezenas de jovens sem dinheiro e a passar fome.

Um dos dirigentes estudantis foi entrevistado para a SIC Notícias e ameaçou que os seus colegas poderiam atirar o embaixador da janela abaixo se não fossem ouvidos. Ora, o *duplex* ficava situado no décimo andar do edifício.

Eu já conhecia o embaixador e sabia que ele não vivia muito melhor do que os estudantes, porque o seu país lhe enviava poucos meios, que, muitas vezes, não chegavam para pagar a água e a luz. Fui encontrá-lo fechado na casa de banho. Os estudantes tinham-lhe tirado as chaves do automóvel e o telemóvel, mas foi sempre tratado com respeito.

Depois, conversei com os estudantes e aconselhei-os a não recorrer a ameaças nas suas declarações, pois isso podia levar a uma dura reacção das autoridades russas. À noite, bateram à porta três homens à paisana, que perguntaram se tudo estava calmo. Tratava-se de três agentes do Serviço de Segurança da Rússia. Não entraram, mas aconselharam os estudantes a não violar a lei.

Com a ajuda de funcionários do Consulado de Portugal na capital russa, conseguimos arranjar alguns meios financeiros e fomos comprar comida para os estudantes.

Esta situação continuou durante mais de uma semana e as autoridades de Bissau transferiram algum dinheiro para resolver o problema, mas apenas temporariamente. A 27 de Agosto de 2012, 22 finalistas guineenses voltaram a ocupar a representação diplomática do seu país, dessa vez porque Bissau não lhes pagava o bilhete de regresso, como tinha sido prometido. Carfa Mané, porta-voz dos estudantes guineenses, disse-me então: «A Rússia tem de exigir do governo de Bissau garantias de que os estudantes que terminem os seus cursos neste país tenham bilhetes para regressar à Guiné. Estamos aqui abandonados, vivemos ilegalmente, a monte, e as nossas autoridades não cumprem o que prometem. As autoridades russas têm de pôr fim a esta tragédia humanitária, não permitir a sua repetição.»

Mas situações como esta aconteciam também com estudantes angolanos e são-tomenses. Os primeiros chegaram a ocupar a embaixada do seu país para exigirem o pagamento das bolsas de estudo em atraso, mas os segundos nem sequer podiam fazer isso, porque não havia representação diplomática de São Tomé e Príncipe em Moscovo.

Foram precisamente estes processos que me levaram a dedicar maior atenção à História das relações entre a URSS/Rússia e os PALOP, sobre as quais escrevi vários livros.

23.

ALEXANDRA

Neste meu livro, não podia deixar de dedicar um capítulo à menina russa que um dia foi feliz em Portugal. E faço isto por uma razão: este foi um dos momentos mais dolorosos e moralmente difíceis da minha carreira de jornalista.

A despedida dolorosa entre a menina de seis anos e a família que a acolheu aconteceu junto à Segurança Social de Braga, por ordem do Tribunal da Relação de Guimarães. Durante mais de 30 minutos, família de acolhimento, amigos, advogado e assistentes sociais tentaram retirar a Alexandra do carro. A menina chorava e não queria sair, acabando por ser levada à força para dentro do edifício onde a esperava a mãe biológica russa.

Como me encontrava na Rússia nessa altura, não prestava grande atenção ao «caso Alexandra» em Portugal. Só quando a menina chegou ao país da mãe, Natália Zarubina, é que li as notícias e vi as imagens terríveis da separação de uma criança de seis anos da família portuguesa que lhe tinha dado cuidado e amor e da sua entrega à mãe biológica.

Envolvei-me no caso depois de o canal televisivo russo NTV ter mostrado uma peça onde se via a mãe a dar umas palmadas à menina no Aeroporto de Moscovo. Eu estava de passagem por Lisboa e telefonaram-me da SIC, empresa parceira da NTV, para que traduzisse algumas declarações de Natália à chegada. Quando vi a reportagem, chamei a atenção dos meus colegas para o facto de, além de ter dado umas palmadas à menina, a mãe acusar João e Florinda Pinheiro de tencionarem criar a criança para lhe «extrair órgãos» ou «para a prostituição». Foi decidido utilizar praticamente todas as imagens.

Estas tiveram um forte impacto em alguns sectores das sociedades portuguesa e russa. Por isso, logo que cheguei a Moscovo, comecei a desenvolver esforços no sentido de encontrar novas informações e de preparar a viagem à vila de Pritchistoe, situada a cerca de 360 quilómetros da capital russa.

As autoridades russas esperavam fazer de Natália Zarubina uma mãe heroína, a primeira russa capaz de recuperar a custódia da filha através de um tribunal estrangeiro. Nessa altura, decorriam vários processos noutros países europeus e de forma desfavorável à parte russa. Foi esse contexto político que levou os diplomatas russos em Portugal a enganarem o juiz do Tribunal de Guimarães, apresentando documentos que alegadamente provavam que a menina ia ter na Rússia condições de vida dignas. É minha opinião que isto não justifica a sentença ditada pelo tribunal português, pois o juiz devia, por exemplo, ter pedido a algum diplomata da Embaixada de Portugal na Federação da Rússia para ir a Pritchistoe e verificar *in loco* se realmente as coisas eram assim. Mas tal não aconteceu.

Em Moscovo, vim a saber que, ainda antes de começar a falar com os jornalistas, Natália lhes pedira que lhe comprassem cerveja. Por isso, quando Alexandra quer ir ter com a irmã, a mãe já não é capaz de reagir de forma adequada.

Sempre que há informação insuficiente, surgem boatos e mal-entendidos. Por exemplo, o Sr. João ficou indignado pelo facto de a menina dormir «num forno». Ora, nas casas russas antigas, esse é o melhor lugar para se dormir, pois trata-se de um forno comprido que serve não apenas para cozinhar, mas também para aquecer as casas e para se dormir por cima dele.

Comecei a telefonar para a representação da UNICEF em Moscovo e para alguns advogados e políticos russos que diziam defender os interesses das crianças. Um deles foi Pavel Astakhov, advogado que dizia não poupar esforços em nome das crianças russas que tinham problemas familiares no estrangeiro. Consegui descobrir o número do telemóvel dele e liguei. Atendeu a esposa. Expus-lhe brevemente o caso, mas ela respondeu que o marido não estava em casa nesse momento. O problema é que eu ouvi, do outro lado da linha, Pavel Astakhov instruir a mulher para me dar essa resposta. Nunca consegui chegar à conversa com ele, mesmo

depois de ele ter sido nomeado comissário para a Defesa das Crianças junto do Presidente da Rússia.

Para meu grande espanto, alguma imprensa e numerosos cidadãos russos começaram a sair em defesa do regresso a Portugal da menina, pois era de todo evidente que ela tinha caído num autêntico inferno. Fiquei surpreendido, porque esperava que as pessoas se deixassem levar por mais uma campanha de «patriotismo» para denegrir a família Pinheiro.

A fim de realizar a viagem à vila onde vivia a Alexandra, entrei em contacto com uma jornalista do diário *Komsomolskaia Pravda*/

Iaroslav, Olga Kuznetsova-Prokhorova, que já acompanhava o tema. Eis como ela descreveu, num dos seus primeiros artigos, a «recepção» de Sandra na sua nova casa:

Tudo aparentemente estava bem, a família juntou-se, todos estavam felizes, a criança estava bem vestida e bonita. Mas... no chão havia uma garrafa de vodka quase vazia e existe suspeita de que a jovem mamã já tinha tido tempo de a provar [...]. A gabarolice do irmão André também tresandava a ressaca [...]. Na mesa havia conversa de que os pais adoptivos portugueses tinham assustado a menina. A mamã posava com agrado para as câmaras de vídeo, sendo o quadro decorado por um raminho de flores. A casa dos Zarubin parece uma decoração de cartão de um velho teatro para actores da capital.

A jovem jornalista dispôs-se imediatamente a ajudar. Sentei-me num comboio e dirigi-me para a cidade de Iaroslav, onde Olga me esperava.

No dia seguinte, depois de comprarmos fruta e brinquedos para a Alexandra, eu, Olga e um operador de câmara de uma televisão local, contratado para filmar para a SIC, partimos no automóvel do *Komsomolskaia Pravda* e percorremos os cerca de cem quilómetros que separam Iaroslav, capital de distrito, da vila de Pritchistoe. A primeira impressão foi tenebrosa. Era difícil acreditar.

A casa da família Zarubin encontrava-se numa praça em cujo centro se via uma estátua de gesso muito maltratada de Vladimir Lénine. Por detrás da estátua escavacada elevava-se um templo ortodoxo em obras. O sacerdote local tentava levantar das ruínas uma das muitas igrejas destruídas pelos comunistas.

Olga bateu à porta de uma casa construída em madeira e já inclinada pelo peso dos numerosos anos de existência. Noutro país seria simplesmente considerada uma barraca. Fomos recebidos por Serguei Zarubin, avô da Xana, que nos mandou entrar para a cozinha. No corredor sentia-se um cheiro nauseabundo a fezes e a urina; a cozinha com o famoso forno tinha um ar muito humilde, mas não estava desarrumada. A jornalista começou a entregar as prendas à Alexandra, enquanto eu ia tirando umas fotografias, depois de ter pedido autorização prévia para isso.

A menina envolveu-se a estudar os brinquedos novos e a pintar os livros com desenhos, enquanto a mãe e a restante família se lamentavam de não receberem apoio das autoridades locais, das dificuldades em que viviam, pois a reforma dos mais velhos e o salário de Olga Zarubina, avó da menina, não chegava para as despesas. Por isso, como dizia Natália, «se o João e a Florinda querem realmente ajudar, que enviem dinheiro». Declarações como esta eram acompanhadas de duríssimas críticas à família portuguesa, nomeadamente por a ter caluniado.

Quase sempre que fui a Pritchistoe, e não foram poucas vezes, encontrei Natália embriagada, embora antes das viagens lhe pedisse para não beber de manhã, a fim de a poder entrevistar para a SIC. O pai Serguei acompanhava-a. Quando chegávamos, ele estava sempre com «um fogo aqui», e apontava para o peito, o que significava que queria vodka para curar a ressaca. Por exemplo, em Outubro de 2009, quando acompanhei uma equipa da SIC (jornalista Manuela Vicêncio e o repórter de imagem Fernando Silva) para recolher materiais para a «Grande Reportagem», fiz à Natália o mesmo pedido, mas às 11 horas da manhã, quando chegámos, já ela não estava em condições de falar para a câmara. Durante a recolha de material, estivemos na esquadra da polícia e, para nosso grande espanto, as autoridades locais aceitaram falar perante a câmara. Jamais esquecerei uma frase do dirigente local: «Mas qual foi o juiz que teve a ideia de deixar a menina sair de Portugal?»

Faço aqui um parêntesis para contar uma das nossas aventuras no regresso de Pritchistoe a Moscovo. O automóvel alugado era conduzido pelo repórter Fernando Silva e eu tinha-o prevenido de que poderíamos ter de enfrentar a corrupção da polícia de trânsito. Para lá, a viagem correu sem incidentes, mas, de regresso, não escapámos. Fomos parados três

vezes pela polícia. A primeira foi no centro de Iaroslav, logo que deixámos o hotel. Um sinal de trânsito indicava um desvio na estrada que conduzia a um lugar onde a polícia nos esperava para nos multar por transgressão de outro sinal que ninguém via. Havia já vários carros parados. Dessa vez escapámos, porque expliquei ao polícia que éramos jornalistas estrangeiros e dei a entender que era amigo dos jornalistas locais do *Komsomolskaia Pravda*. A segunda armadilha estava à saída da cidade, mas aí também conseguimos evitar o pagamento da multa com os mesmos argumentos. Porém, quando saímos de Iaroslav e entrámos no distrito de Vladimir, o nosso carro foi mandado parar por dois polícias locais. Diz-se que à terceira é de vez, e não escapámos a esta regra. O condutor foi acusado de excesso de velocidade (o máximo é 110 quilómetros por hora), embora tivéssemos dado conta de que não viajávamos a tão alta velocidade porque o estado da estrada não o permitia. Como eu falava russo, fui levado para o carro da polícia, onde o agente me mostrou um documento que determinava o montante da multa, mas frisou que tudo poderia ser resolvido por «mútuo acordo». Mostrei-me disposto a pagar a multa, mas exigi o recibo do pagamento, pedido que claramente o surpreendeu.

Depois de uma pequena hesitação, ele disse que passava a multa, mas nós tínhamos de a pagar no banco mais próximo e trazer o comprovativo do pagamento. Eu respondi-lhe que não podíamos fazer isso por duas razões. Primeiro, porque o banco mais próximo ficava a muitos quilómetros de distância e, segundo, porque era domingo e os bancos estavam encerrados.

O oficial respondeu que não havia problemas. Nós e o carro seríamos conduzidos até à esquadra mais próxima, onde íamos pernoitar no «macacal», nome que os russos dão a uma autêntica jaula existente nas esquadras da polícia para instalar os detidos. Depois desta sentença, reuni os jornalistas e rapidamente decidimos dar ao polícia um suborno equivalente à multa, para resolver o problema. E assim pudemos continuar a viagem.

* * *

Nos contactos com os vizinhos, percebemos que a família Zarubin passava por graves privações. Tinha vindo do Cazaquistão depois do fim da União Soviética e nunca foi olhada com bons olhos na vila onde se instalara. Bastava olhar para as casas em redor e compará-las com a dos Zarubin para ver que se tratava de uma família bem mais pobre. Serguei tinha trabalhado durante muitos anos numa mina de urânio e a sua principal ocupação na reforma era conseguir dinheiro para bebidas alcoólicas e cigarros.

Quando visitámos a vila, deparámos com um *Audi* preto e a minha colega jornalista informou-me de que esse automóvel pertencia à presidente da câmara local, que estava parada perto do veículo a conversar com alguém. Aproximei-me dela, apresentei-me e perguntei-lhe se aquelas eram as «excelentes condições de habitação» que os diplomatas russos tinham prometido aos tribunais portugueses. A senhora ficou claramente atrapalhada e respondeu-me que a prioridade das autoridades era dar um apartamento condigno a cada veterano da Grande Guerra Pátria (1941-1945). Insisti perguntando se as condições em que vivia a família Zarubin eram dignas de seres humanos, mas ela não respondeu, sentou-se no carro e partiu.

Regressei a Moscovo completamente abalado, pois as condições de vida da Alexandra não tinham qualquer semelhança com as que ela tinha em Portugal. Comecei a receber um grande número de telefonemas de russos e portugueses que queriam saber qual a melhor maneira de actuar para que Alexandra regressasse a Barcelos, como ajudar materialmente a família Zarubin, etc.

Em Portugal tinha sido criado o grupo «Pela Alexandra», impulsionado por Isabela Castelar e Miguel Macedo, pessoas que dedicaram muito do seu tempo a tentar ajudar a Alexandra, a família Pinheiro e a família russa. Na Rússia formaram-se grupos na Internet que apoiavam o regresso da menina a Portugal.

Por essa altura, o sítio electrónico russo *girus.ru* publicou uma carta/petição aberta a Vladimir Lukin, comissário para os Direitos Humanos da Federação da Rússia, pedindo-lhe que explicasse se os direitos de Alexandra não tinham sido violados quando se decidira trazê-la para a Rússia.

Nessa página, criada especialmente para que os cidadãos russos se pudessem dirigir aos órgãos de poder, os autores da carta relatavam as peripécias do processo que levou o Tribunal de Guimarães a retirar a Alexandra ao casal de acolhimento e a entregá-la à mãe biológica, Natália Zarubina, e admitiam a hipótese de que Lukin «não saiba o que se passou com a russa de seis anos, Alexandra Zarubina».

«Como resultado, Alexandra viu-se, juntamente com a mãe, no distrito de Iaroslav. Aí está rodeada pela mãe, avó, avô, irmã mais velha, que nunca antes viu. A criança considera que a sua família são os portugueses com os quais viveu seis anos», continuavam os autores da carta.

Segundo eles, «a língua materna da Alexandra é o português, não fala russo [...]. As condições de vida em que a criança se viu diferem muito daquelas onde cresceu. A mãe considera “tonta” a educação que a filha recebeu durante seis anos, com a sua concordância, mas não considera vergonhoso bater publicamente na criança».

«A nossa posição formou-se com base nas informações da imprensa. Claro que elas podem ser incompletas. Claro que compreendemos que as questões das relações de pais, filhos e adoptantes são extremamente complexas e delicadas. Talvez as autoridades portuguesas e russas que decidiram o destino da cidadã russa Alexandra Zarubina tenham observado todas as formalidades indispensáveis», acrescentam.

Com base no que tinham lido, os autores da carta/petição pediam a Vladimir Lukin que os ajudasse a encontrar respostas a várias perguntas: «A transferência de Portugal para a Rússia não foi uma violação dos direitos de Alexandra Zarubina, nomeadamente os direitos ao meio linguístico habitual e o direito à instrução? Não contradiz isso as leis russas e os compromissos internacionais do nosso país?»

«Como é que a legislação russa avalia o comportamento de uma mãe que, durante seis anos, não se dedicou à educação da filha, não se preocupou com ela, atirou essas tarefas para cima de outra família e, depois, provocou a ruptura brusca da filha com pessoas queridas, a sua língua e hábitos?», perguntavam eles.

«Esperamos que possa encontrar respostas a estas perguntas e, se elas despertarem em si preocupação pelo destino de Alexandra Zarubina, faça tudo para resolver o problema», concluem os autores da carta.

Mas as autoridades russas continuaram a nada fazer para ajudar a menina. Fiz muitas vezes a pergunta a alguns funcionários russos com quem falei a propósito deste caso: mas será que o vosso patriotismo não pode encontrar algum dinheiro para resolver este problema que em nada dignifica a imagem da Rússia em Portugal? A resposta foi sempre um sorriso amarelo ou um abanar da cabeça.

Natália Zarubina não se cansou de afirmar, nas numerosas entrevistas que deu, que estava disposta a receber a família Pinheiro em Pritchistoe, mas ora dava a entender que os portugueses seriam bem recebidos, ora afirmava que «não vêm cá fazer nada».

Compreendi que João e Florinda queriam muito ver a menina a quem tinham dedicado muita atenção e carinho e que aproveitariam qualquer possibilidade de o fazer. Ela chegou sob a forma de um convite para participar num *talk-show* sobre o destino da menina. Como o programa tinha e tem uma reputação muito má, onde os participantes podem ser humilhados e enxovalhados consoante a tendência da política russa, não lhes recomendei a ida a Moscovo.

Uma vez que, na imprensa e na opinião pública, o tema despertava um interesse inaudito, a Embaixada da Federação da Rússia em Lisboa não lhes concedeu o visto. Os jornalistas, entre os quais estavam três que trabalhavam para órgãos de informação portugueses – eu, Evgueni Mouravitch e o saudoso Eduardo Guedes –, procuraram saber junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia o que tinha levado as autoridades a proibir a viagem.

O MNE russo não comentou a recusa da concessão de vistos à família Pinheiro, mas organizou uma conferência de imprensa para acusar alguns *media* russos e portugueses de publicarem artigos com «carácter abertamente provocatório».

«Gostaria de me dirigir aos jornalistas e órgãos de informação russos para lhes pedir que dêem à pequena russa que, devido à força das circunstâncias, foi privada de contactar com a mãe e outros familiares, a possibilidade de se habituar calmamente ao novo meio e aos familiares novamente adquiridos», declarou Andrei Nesterenko, porta-voz do MNE da Rússia, numa conferência de imprensa em Moscovo. «Trata-se do destino de uma criança concreta, que não deve ser transformado em mais um *reality show*», acrescentou.

Nesterenko assinalou que «nos últimos tempos, nos órgãos de informação russos e portugueses, foram publicados numerosos artigos sobre o regresso à pátria da cidadã russa Zarubina com a filha Alexandra, e alguns deles têm um carácter abertamente provocatório».

Traduzindo isto de linguagem diplomática para normal, significava que os jornalistas deviam dedicar-se a outros temas, porque «os órgãos da segurança social da Rússia estão a tomar todas as medidas necessárias para que os interesses de Alexandra não sejam violados», facto que estava muito longe da verdade.

Nos canais de televisão oficiais e oficiosos, as reportagens visavam neutralizar os que defendiam o regresso da Alexandra a Portugal. O jornal electrónico *newsru.com* escreveu a propósito: «Salta aos olhos que os apresentadores e os correspondentes fazem acompanhar as reportagens sobre o destino de Sandra com comentários optimistas e inflamados sobre a reunificação da família, embora as imagens do distrito de Iaroslav [terra onde vive Alexandra] levantem dúvidas sobre o seu bem-estar.»

Mas a discussão estava instalada e a agência noticiosa Interfax falava de «*happy end* duvidoso»: «Terá sido justa a decisão do tribunal de entregar Alexandra à mãe biológica? Muitos têm dúvidas e na Internet corre uma petição pelo regresso da menina à família portuguesa de acolhimento.»

A 27 de Maio de 2009, eu escrevi a propósito de todo este jogo político da diplomacia russa:

O caso de Alexandra, a menina que foi autorizada a partir para a Rússia com a mãe biológica, ainda está longe do fim, mas as autoridades russas, ao recusarem o visto à família afectiva portuguesa, deram «um tiro no pé», desferiram um golpe no prestígio do seu país pelo menos aos olhos de muitos portugueses.

Segundo a família Pinheiro, tudo estava acordado para receberem os documentos necessários à realização da viagem a Moscovo, a fim de participarem no programa televisivo «Que Falem!». A Embaixada da Rússia em Lisboa tinha comunicado que tudo estava em ordem, mas, à última hora, deu «marcha atrás».

Não convence a explicação de que o canal televisivo russo ORT alegadamente não enviou nos prazos previstos a cópia-convite para que o Consulado russo na capital portuguesa concedesse o visto russo

à família Pinheiro e ao seu advogado. Tratando-se de duas instituições importantes na Rússia, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o ORT (o maior canal televisivo público do país), esse problema, com forte repercussão em Portugal, poderia ser resolvido em minutos.

No fundo, tratava-se de um problema humanitário que, se fosse resolvido operativamente, apenas contribuiria para melhorar a imagem da Rússia e das autoridades russas entre os portugueses. Mas, para o Kremlin, Portugal não passa de um país minúsculo do Continente Europeu, esquecendo-se que temos o direito a veto em organizações importantes como NATO e União Europeia.

Mais ainda, a recusa do visto aos pais afectivos de Alexandra pode ser interpretada como uma falta de respeito por Portugal, um dos países da União Europeia que mais se esforçam pelo desenvolvimento das relações de amizade e cooperação entre a Rússia e a UE.

A única explicação para tal decisão só pode ser encontrada no receio de que a participação dos portugueses no programa televisivo estragasse ainda mais o retrato da «heroína» Natália Zarubina, «vencedora da justiça portuguesa», ou de que a mãe biológica de Alexandra se comportasse da mesma forma que se comportou perante as câmaras de televisão da NTV.

Por isso, se o programa se realizar (pois as filmagens estão a ser objecto de sucessivos atrasos), Natália poderá voltar a «brilhar» e a repetir as acusações que tem feito à família Pinheiro, e esta não terá direito a defesa.

Quando o programa estava a ser preparado, os produtores convidaram-me para participar nele, mas recusei liminarmente o convite, explicando que não tenho por princípio participar em programas daquele tipo, que não passam de lavagem de roupa suja. Foi uma boa decisão, porque alguns dos jornalistas que participaram nesse *show* viram as suas declarações cortadas e adulteradas.

A própria Natália reconheceu ter caído numa armadilha. «Fui enganada e apresentaram-me como alcoólica», declarou ao semanário *Argumenti i Fakti*.

Comentando a participação da sua família no programa «Que Falem!», ainda antes da transmissão, Natália declarou indignada: «Durante as

filmagens, mostraram umas imagens onde eu bebo conhaque, depois do que um dos convidados do programa grita que sou alcoólica!»

«A equipa de Malakhov [o apresentador do *talk show*] apresentou de propósito essa imagem: quando vieram ter comigo para me convencerem a participar no programa, pediram para beber com eles conhaque que tinham trazido consigo. Fomos enganados quando disseram que queriam mostrar tudo de forma positiva», continua Natália.

«Antes das filmagens, deram-me instruções: diz isto, diz aquilo. Por exemplo, pediram-me para não me esquecer de recordar que a família portuguesa vivia numa casa que antes tinha sido um bordel», recorda.

Segundo o semanário russo, os participantes do programa dividiram-se em dois campos: «Uns gritavam: “Devolvam Sandra a Portugal! Tu és alcoólica e drogada!”; outros defendiam as mulheres de Iaroslav.»

Natália Zarubina acusou o apresentador, Andrei Malakhov, de ter desempenhado o papel de «defensor da moralidade»: «Ele perguntou-me: como se foi deitar na cama com um trabalhador ilegal, sem registar as vossas relações?»

Natália afirmou que o pai biológico de Sandra, Gueorgui Tsklauri, lhe telefonou e comunicou que a família portuguesa lhe propusera dinheiro para retirar a criança à mãe através do tribunal, mas que ele dissera que não faria isso.

«Se Florinda e o marido me tivessem devolvido a menina sem todos os julgamentos, eu manteria relações com eles, mas agora estou muito zangada com eles», frisou.

A mãe de Alexandra prometeu contar à menina toda a história do seu regresso à Rússia quando ela fosse mais crescida, mas reafirmou a intenção de não regressar a Portugal.

«Vou organizar a minha vida aqui, dentro de pouco tempo vou inscrever-me num centro de emprego, a minha filha vai para o infantário. Quero que, no futuro, as minhas filhas terminem a universidade e possam encontrar um emprego normal, e não lavar o chão de alguém», concluiu.

Entretanto, as mais das vezes embriagada, Natália telefonava-me para pedir que lhe enviassem dinheiro. As razões eram as mais variadas, mas a mais frequente era o seu desejo de fazer o passaporte para ela e Alexandra a fim de voltarem a Portugal, porque a vida em Pritchistoe era impossível. Eu respondia que ia falar com a parte portuguesa, o que fazia

imediatamente. Telefonava a Isabela Castelar, relatava-lhe a conversa telefónica e aconselhava a que não enviassem um cêntimo porque tudo iria para a vodca. Mais tarde vinha a saber que João Pinheiro ou outra alma bem-intencionada transferiam dinheiro, mas sem qualquer resultado visível. Desde o primeiro momento que Natália mentiu com todos os dentes da boca para conseguir dinheiro e, por isso, arranjava as explicações mais incríveis para justificar a falta de passaporte para viajar para Portugal. Como algumas boas almas portuguesas e russas ainda acreditavam nela, transferiam dinheiro e ela aproveitava-se disso.

A onda de solidariedade em Portugal aumentou e foi-me pedido, a mim e a Olga Kuznetsova-Prokhorova, que fizéssemos a Natália uma «proposta irrecusável»: «Uma câmara municipal de uma das principais cidades de Portugal propunha a Natália, à sua família e à família do irmão habitação grátis. Uma empresa prometeu montar um café para a Natália poder trabalhar. Um dos homens mais ricos do país prometeu pagar as despesas de transporte da família.» É de assinalar que todos pediram anonimato naquela altura, por várias razões. Uma delas era evitar que o gesto parecesse campanha eleitoral.

Penso que, agora, posso revelar os nomes. Tratou-se de Rui Rio, então presidente da Câmara do Porto, António Pires de Lima, na altura gerente da Unicer Bebidas de Portugal, e Américo Amorim, conhecido empresário.

Natália recebeu a proposta com desconfiança e receou que lhe tirassem a filha em Portugal. Porém, propôs à família Pinheiro que lhe enviasse dinheiro para ela adquirir uma casa com boas condições, com casa de banho, para que a Sandra não faltasse nada.

Em finais de Junho, voltámos à casa de Sandra. Era evidente que a menina tentava, à sua maneira, integrar-se na nova vida. Os progressos na língua russa eram claros, embora ela ainda falasse numa espécie de «crioulo» luso-russo. O velho Serguei estava orgulhoso dos progressos da neta, sublinhando que, dentro de mais algum tempo, ela seria tratada pelo diminutivo russo Chura.

Toda a família nos comunicou com ar vitorioso que Sandra, na última conversa telefónica com João e Florinda, lhes dissera que não queria voltar a Portugal e que estava melhor em Pritchistoe.

«Os portugueses devem viver em Portugal, os russos na Rússia e os alemães na Alemanha. Eu não tenho nada contra outros povos, vivi com gentes de muitas nacionalidades no Cazaquistão, mas a minha posição é esta», disse-nos então Olga Zarubina.

Porém, o não de Natália à proposta de regresso a Portugal já não era tão categórico. «Vamos ver, por enquanto, ainda tenho muitos problemas burocráticos a resolver, tenho de me inscrever no fundo de desemprego, comprar uma máquina de costura para começar a trabalhar», disse Natália, reconhecendo que não recebera qualquer ajuda das autoridades russas além de 15 dias de férias numa casa de repouso do distrito de Iaroslav.

Poucos dias depois, telefonei a Natália, que me disse: «Talvez lá para a época do Natal ou do Ano Novo, quando tiver resolvido aqui questões burocráticas... Na segunda-feira, a Sandra deverá ir pela primeira vez para o infantário em Pretchistoe. Tenho andado estes dias com ela pelos médicos para que lhe dêem o atestado de saúde... Depois de a menina começar a frequentar o infantário, eu terei tempo para tratar dos passaportes, do meu, da minha filha mais velha Valéria e do meu irmão, que também pretendem viajar comigo e com a Sandra a Portugal.»

Segundo a mãe da menina, esta tinha recebido a promessa com «entusiasmo». A jornalista Olga Kuznetsova contou-me o seguinte episódio: «Quando os representantes da Câmara Social para a Infância [junto do Presidente da Rússia] perguntaram a Alexandra se queria voltar a Portugal, ela respondeu: “Claro, tenho lá mais dois cães!”»

Entusiasmados pelas novas, a família Pinheiro e os membros do grupo «Pela Alexandra» enviaram dinheiro para que Natália tratasse dos documentos, mas ela encontrava mil e uma formas de justificar porque é que ainda não tinha feito os passaportes, o que me levava a concluir que os euros tinham sido cambiados em rublos e estes em álcool. E assim era.

Entretanto, a discussão do tema na imprensa e sociedade russas continuava. Anatoli Kutcheren, então presidente da Comissão para a Reforma Judicial da câmara social junto do Presidente da Rússia, reconheceu que se tratava de um «caso complicado», mas pôs de lado a possibilidade de a criança ser devolvida ao casal de acolhimento.

«Continuo hoje a considerar que o tribunal português tomou uma decisão legítima. Não tinha qualquer razão para separar à força a mãe da filha e entregá-la à família que a educou», declarou, numa carta publicada

na imprensa russa, Kutcheren, advogado que mais tarde veio a defender Edward Snowden quando este pediu asilo político na Rússia.

«Porém», continua o conhecido advogado russo, «a lei não pode abranger o inabrangível, ou seja, prever todas as colisões de que se faz a vida humana. [...] Por isso, em casos análogos, defendo sempre que as partes do conflito devem partir dos interesses da criança, do seu bem-estar, tentando criar condições óptimas para o seu desenvolvimento físico e espiritual. Infelizmente, com muita frequência, vencem as ambições e o desejo doentio de defender, com todas as forças, a própria razão», frisa.

Anatoli Kutcheren considerava que «não se devem fechar os olhos ao facto de a transferência da pequena Sandra Zarubina de uma família portuguesa, cidadina e estável, para uma casa velha e malcuidada no distrito de Iaroslav lhe ter criado problemas enormes e constituído um factor psicotraumático».

«Ela praticamente não fala russo e não se compreende muito bem como poderá estudar na escola. Não tem ninguém com quem falar em português, por isso deverá esquecer a língua que, no fundo, é a sua língua natal, e desconhece-se se vai dominar plenamente o russo», sublinhava.

O advogado também afirmava estar preocupado com a forma como Natália Zarubina tratava a filha, mas acrescentava: «Claro que agora não se trata de devolver a criança à família portuguesa, mas é necessário fazer tudo para que o seu destino seja feliz.»

Para os burocratas e «patriotas» russos, o único princípio válido era o «não devolver», sendo o segundo objectivo, a felicidade da menina, de cumprimento facultativo.

Algumas semanas depois da visita anterior, estive novamente na vila com Olga Kuznetsova-Prokhorova e Maria Lekukh, jornalista do canal televisivo russo Express. Um dos objectivos da viagem foi levar uma mala de prendas e roupas para a Alexandra que me foram enviadas através de um piloto da TAP, bem como roupas e calçado para a irmã mais velha de Sandra que Maria Lekukh tinha recolhido na televisão.

Durante a nossa estadia em Pretchistoe, Maria decidiu falar com a avó de Alexandra sobre uma possível viagem a Portugal, para ela perceber *in loco* que as promessas feitas pelos portugueses eram reais. Depois de uma longa conversa, ela aceitou, mas só se fosse acompanhada pela jornalista. Maria fotografou-a, tendo como pano de fundo o famoso forno caiado,

para podermos apresentar o pedido de visto no Consulado de Portugal em Moscovo. A organização «Pela Alexandra» conseguiu juntar dinheiro para comprar os bilhetes de avião.

Uma das condições impostas por Olga Zarubina era que a imprensa não soubesse da viagem e, por isso, tudo foi preparado no maior dos segredos. Porém, quase na véspera da partida, ela própria informou da sua viagem o Eduardo Guedes, que lhe telefonou para saber notícias da menina. Felizmente, o Eduardo ainda não tinha enviado nada para o *Jornal de Notícias* e decidimos que só íamos escrever depois do regresso da avó à Rússia.

Olga Zarubina esteve em Portugal entre 13 e 16 de Setembro, mas optou por não se encontrar com João e Florinda Pinheiro.

«Não achei necessário encontrar-me com eles», disse-me ela após a chegada a Moscovo, recusando-se a avançar mais explicações. Maria precisou-me que a avó de Sandra também não quisera visitar a casa que João e Florinda Pinheiro tinham alugado para a família russa viver, caso decidisse vir para Portugal, tendo-se as partes cruzado apenas num restaurante de Braga. Porém, Olga não recusou a mala, com roupas e prendas, que a família Pinheiro lhe entregou para a Alexandra e a família.

Durante a viagem, Olga Zarubina foi recebida por uma representante da Câmara do Porto, que prometeu conceder todo o apoio possível à família russa se ela decidisse vir residir para Portugal. «Foi-lhe prometido, além de um apartamento, o rendimento social mínimo, apoio da acção social e acompanhamento de integração para a Valéria, a irmã mais velha da Alexandra», pormenorizou Maria.

Isabela Castelar e outros membros do grupo «Pela Alexandra» tudo fizeram para que a avó da criança sentisse a sinceridade das propostas portuguesas: levaram-na a um infantário, a uma escola secundária de Vila Nova de Gaia, à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (Valéria pensava dedicar-se à arquitectura) e a um hospital do Porto. No programa estava igualmente prevista uma visita a uma clínica de Vila Real, onde a filha, Natália, poderia ser sujeita a um curso de recuperação de uma doença que a afectava. No final da viagem, a organização utilizou alguns dos meios recolhidos para encher mais uma mala de roupas e prendas para a família Zarubin.

«As propostas que foram feitas são sérias, mas preciso de pensar muito bem. Quando chegar a Pretchistoe, vou aconselhar-me com a família e iremos decidir... Não é fácil mudar de um país para outro. A minha família já tem a experiência dura da mudança do Cazaquistão para a Rússia, quando do fim da União Soviética. Por isso, precisamos de tempo para pensar», frisou, logo após a chegada de Portugal.

Uma semana depois, o discurso já era completamente diferente. Durante uma chamada telefónica, disse-me o seguinte: «Não quero ir para lado nenhum, para um país estranho, a minha pátria é a minha casa e a minha família vai continuar a viver aqui, em Pretchistoe... O não é definitivo, não saio daqui para lado nenhum.» Natália Zarubina apoiou as palavras da mãe e aproveitou para anunciar que Aleksei, seu namorado ucraniano que trabalhava em Portugal, se juntara, havia alguns dias, à família Zarubin na aldeia de Pretchistoe: «Ainda não posso dizer quando será o casamento, porque ainda falta tratar da papelada, mas tudo vai ser resolvido.»

A discussão sobre o futuro da Alexandra continuou a atrair a atenção de cidadãos russos e de organizações sociais. *Grosso modo*, as propostas para resolver o problema eram duas. Alguns, entre eles a organização «Pais de São Petersburgo», que acompanhou de perto o caso, consideravam ser urgente retirar Alexandra daquela casa e entregá-la a outra família. Segundo estes, mesmo que as autoridades retirassem os direitos de maternidade a Natália, a menina continuaria a viver com a mãe debaixo do mesmo tecto.

Outros, porém, defendiam que a menina deveria continuar com a família biológica, devendo esta ser ajudada com vista à criação de condições normais de vida para Alexandra.

Entretanto, as autoridades locais não sabiam ou não queriam resolver o problema. Iúri Kudriavtsev, vice-presidente da Câmara Municipal de Pervomaïsk, em cuja freguesia se situa a vila de Pretchistoe, admitiu a possibilidade de Alexandra ser retirada à família devido ao comportamento da mãe, mas não passou da ameaça: «Estamos a pensar nisso, mas... olhe, se nós dermos a guarda à avó, praticamente nada mudará. A mãe continua na mesma na família... Vamos desterrar a mãe?»

A nível central, passava-se exactamente o mesmo, mas tinha de haver reacção pública porque numerosos russos, principalmente através da Internet, exigiam a tomada de medidas concretas para proteger crianças

em risco e o regresso de Xana a Portugal. Dmitri Medvedev, então Presidente da Rússia, ordenou mesmo ao procurador-geral e ao comissário para os Direitos da Criança que «analisassem» o emprego da legislação sobre protecção de menores, nomeadamente quando do divórcio dos pais ou quando estes viviam separadamente, como no caso de Alexandra Zarubina.

«Não ouvimos falar disso, mas até pode ajudar a resolver alguns dos nossos problemas», comentou Natália. Esta continuava à espera de que as autoridades lhe dessem um apartamento, lhe arranjassem emprego, etc.

Na vez seguinte em que fomos a Pritchistoe, Olga Zarubina recebeu-nos friamente e começou a dizer raios e coriscos da forma como fora recebida em Portugal. Acusou a organização «Pela Alexandra» de ter encenado os encontros, nomeadamente com uma das responsáveis da Câmara do Porto, e de querer roubar-lhe a neta.

Um sentimento de perplexidade e de indignação apoderou-se de mim e não consegui travar a pergunta que tinha na língua: «E as malas cheias de prendas e roupas novas também foram encenadas?» A resposta deixou-me ainda mais furioso: «Eu não queria nada. Foram eles que me forçaram a aceitar!»

Nessa altura, escrevi:

Não estamos no tempo do rei Salomão e não é preciso recorrer a uma sentença tão salomónica como a que ele tomou. É perfeitamente possível criar boas condições de vida para a menina na Rússia, ao mesmo tempo mantendo laços afectivos com o casal de adopção português. Há numerosas maneiras de resolver o problema de forma a salvaguardar os direitos e a sanidade mental e emocional da menina, desde que os adultos coloquem a Alexandra acima de guerras emocionais e outras.

Tanto mais que entre Portugal e a Rússia não existem fortes divergências políticas ou outras. Até agora, ao que eu sei, ninguém tentou utilizar este caso para denegrir um ou outro país e, se assim é, o estabelecimento de contactos entre organizações de defesa dos direitos das crianças portuguesas e russas poderia contribuir para uma boa solução deste e de outros problemas que surjam.

E, para concluir, seria bom que este caso levasse as autoridades portuguesas políticas, judiciais e outras a tomarem medidas no sentido de pôr a criança acima de tudo. Mas receio que, passada a «fase barulhenta», tudo volte ao antigamente, até ao próximo drama. Quanto a isto, portugueses e russos são semelhantes e, como dizem os segundos, tropeçam mais de uma vez no mesmo ancinho.

A avó de Alexandra voltou a justificar a sua oposição ao regresso da menina a Portugal com o argumento de que ela podia ser transformada em «material biológico».

«No país deles [Portugal], não há tão grande entrada de pessoas como no nosso. No nosso país há muitas nacionalidades, muitos casamentos mistos, mas nesses países há falta de sangue fresco e nascem atrasados mentais. Aí até é permitido irmão e irmã casarem-se, terem filhos. E que crianças nascerão? Por isso querem conseguir outras pessoas. Os filhos serão mais inteligentes do que aqueles que as portuguesas dão à luz», declarou Olga Zarubina ao jornal *Sovercheno Sekretno*.

A avó da criança estava disposta a fazer tudo para evitar que Alexandra regressasse a Portugal, pois acreditava que a família Pinheiro, que dera guarida a Alexandra até aos seis anos, se pretendia apoderar dela.

«Eles querem é a Sandra. Para que precisam da Natália? A Florinda disse: venham passar férias na praia. A Natália respondeu: eu vou sozinha para ver as coisas. E eles calaram-se logo, pois ela não é precisa. Querem que ela leve a menina para lá», continuou. «Sei que é fácil fazer a Natália perder a cabeça. E quando isso acontecer, ela pode beber para afogar a dor. Eles utilizariam o momento para a internar numa casa de malucos e ficarem com a criança. Era isso que queriam fazer», acrescentou.

João e Florinda Pinheiro fizeram várias vezes o convite a Natália e à filha para irem passar férias a Portugal, mas sem êxito.

A avó de Alexandra não se esqueceu da veia patriótica, numa altura em que na Rússia decorria uma forte campanha contra a adopção de crianças russas por estrangeiros.

«Nós somos patriotas. Vivamos aqui mal ou bem, é a nossa pátria. Em primeiro lugar, é preciso pensar na criança», frisou.

Olga Zurabina pôs ainda em causa a boa vontade da família portuguesa em querer ajudar Alexandra: «Eles têm uma casa grande, mas nem sequer

é deles, é alugada; o João tem uma fabriqueta qualquer, mas em Portugal há crise e desconhece-se como vai correr o negócio. Senti que as pessoas, senti que o João não é o homem que quer mostrar. Ele faz o ar de bom, mas a alma é uma incógnita.»

Entretanto, Natália casou-se com Alexei, mas o matrimónio durou pouco tempo. O padrasto de Sandra era alvo de agressões da parte dos familiares de Natália Zarubina, e principalmente desta quando estava embriagada. Tive oportunidade de o ver várias vezes com a cara arranhada.

Em Setembro de 2012, foi finalmente possível organizar uma viagem de João Pinheiro à Rússia, também no maior dos segredos para que nada dificultasse os contactos entre ele e a família. Fui esperá-lo ao Aeroporto Domoedovo, onde chegou com uma russa amiga de Natália residente em Braga.

Eram visíveis as emoções de João Pinheiro: «É impossível descrever o que vai dentro de mim. Nem quero acreditar que tenho os pés em Moscovo», repetiu ele várias vezes.

João Pinheiro tinha requerido junto do Consulado da Rússia em Lisboa um visto para entrar no país, mas este fora-lhe várias vezes recusado. «Não sei o que aconteceu desta vez, mas recebi o visto e aqui estou. Foram três anos a lutar por este momento e cá estou», contou.

Como a família de Alexandra não se quis dirigir a Moscovo por motivos económicos, aluguei um automóvel e fizemos com João Pinheiro a longa viagem até Pretchistoe. Nos dois sentidos, foram precisas 11 horas, mas o português de Barcelos tinha o seu objectivo.

«Por essa menina, vou mesmo até ao fim do mundo. Vim aqui precisamente para isso. Quero abraçá-la, dar-lhe um beijo e entregar-lhe as prendas que trouxe», continuava João Pinheiro, enquanto, através da janela do carro, olhava para as aldeias russas com enorme curiosidade.

A amiga de Braga, que supostamente devia ajudar a convencer Natália a regressar a Portugal, ficou em Moscovo, alegando que há muito tempo não via os seus idosos pais.

Não sabendo como ia ser recebido, João bateu à porta da velha casa da família de Natália Zarubina com um certo receio, mas não havia motivo para tal, pois foi recebido com a possível hospitalidade russa: abraços e beijos.

A Xaninha não estava em casa, andava a brincar com as amigas. Veio pouco depois e foi recebida por João Pinheiro com abraços e beijos. Contudo, não respondeu em português às perguntas dele e a visita não a deixou radiante.

A menina dirigiu-se rapidamente para as prendas, prestando pouca atenção às conversas entre os adultos. «A camisola de que gosto! E que estou com perfumes bonitos! Mais uma camisa e meias bonitas!», exclamou Alexandra, entusiasmada, mas sempre em russo. Em português, só disse «obrigada!», e só após a insistência da mãe.

Durante o almoço num restaurante local, onde Natália ganhou a vida como empregada de mesa durante uns dias, pois não aguentava muito tempo no mesmo lugar, João Pinheiro contou como corria a vida da sua família em Portugal, tentando, ao mesmo tempo, apelar às recordações da Alexandra sobre a sua vida passada, mas a menina raramente reagia, distraíndo-se com outros afazeres.

Irrequieta e traquina, não tardou a insistir com a mãe para voltarem para casa, pois queria ir brincar com as amigas. «Quando não está na escola, passa a vida a brincar na rua com as amigas. Não está sossegada», justificou Natália.

Entretanto, o telemóvel não parava de tocar. Um grupo de portugueses que apoiavam de várias formas a família Pinheiro desde a partida da menina queria saber notícias, saber como estavam a correr as coisas. Florinda, mulher de João Pinheiro, também estava ansiosa por «saber como está a minha menina».

«Tem medo que lhe roubem o marido», comentou Natália com um sorriso nos lábios.

Rapidamente chegou a hora da despedida, pois João Pinheiro tinha ainda de regressar a Moscovo e as estradas russas não permitem grandes velocidades.

Ao distribuir beijos e abraços por entre todos os membros da família da Alexandra, desde o avô ao padasto, João propôs a Natália e ao marido que viessem passar o Natal e o Ano Novo a Portugal.

«Está bem, nós vamos! Mas temos de tratar de passaportes e vistos», declarou Alexei, o padasto da menina, dando a entender que havia apenas um «pequeno» problema: a grave falta de dinheiro. «Eu vou ajudar. Darei todo o apoio para vos ver lá em minha casa», retorquiu João Pinheiro.

O português não quis deixar a vila sem ver a *Lúcia*, cadela que acompanhou a menina para a Rússia. A coxear de uma das patas, o animal, que vagueava por Pretchistoe à procura de comida, saltou para João e começou a lambê-lhe as mãos e a pedir festas.

«*Lúcia! Lúcia!* Ela reconheceu-me, não se esqueceu de mim», exclamou ele, ficando sufocado por lágrimas e desviando-se da Alexandra e das outras pessoas, para que não o vissem a chorar.

«Tentarei fazer tudo para ajudar esta família, e agora muito mais», concluiu João Pinheiro ao deixar para trás a vila de Pretchistoe.

O português reconheceu que ficou ainda com menos dúvidas de que a menina que lhe foi retirada pelo Tribunal de Guimarães e entregue à mãe biológica teria uma vida muito melhor em Portugal do que na Rússia.

«Eu já conhecia a casa das imagens das televisões. Comparada com outras casas da aldeia, esta até pode não ser das piores, mas não há dúvidas de que a menina tinha muito melhores condições de vida em minha casa», precisou.

Mais preocupado ficou quando Alexei, o padrasto da menina, lhe contou que a casa estava prestes a ruir a qualquer momento. «Esperemos que não esteja lá ninguém se isso acontecer, mas a casa está mesmo em mau estado, o telhado está muito fraco», declarou ele, sublinhando que sabia o que dizia, porque trabalhava na construção civil.

De bengala na mão, pois uma queda nas obras lhe provocara ferimentos na perna, Alexei revelou que as autoridades locais tinham prometido uma nova casa à família para o ano seguinte, mas na sua voz sentia-se notas fortes de ceticismo: «É difícil acreditar. Prometer é uma coisa, mas eu não acredito muito. Além disso, as casas que estão a ser construídas não têm boas condições, são construídas à pressa, têm mau isolamento», acrescentou.

Foi Xaninha e o padrasto que mostraram a João Pinheiro todos os cantos do lar. «A casa está arrumada, mas não tem condições para a família viver nela. Sente-se a falta de dinheiro para comprar as coisas mais elementares», comentou o português.

Caso o almoço não tivesse sido num dos modestos restaurantes ao lado da estrada, o almoço da família seria constituído apenas por massa.

«A menina não tem mau aspecto, parece bem tratada, mas está magrinha. Talvez seja por ser muito activa, irrequieta», acrescentou João

Pinheiro.

Sandra tinha realmente um bom aspecto, pois frequentava o infantário e, depois, passara a estudar na escola primária da vila. Visitei várias vezes essas duas instituições, que, devo sublinhar, tinham excelentes condições, nomeadamente no que respeitava à alimentação das crianças.

«Se ela estivesse em Portugal!», suspirava ele e continuava: «Não tenho dúvidas de que estaria muito, mas muito melhor. Tinha todas condições, era mimada pela minha família, vizinhos.» «Quero ajudar esta família, vou fazer ainda maiores esforços para lhes dar o apoio possível», concluiu João Pinheiro depois da despedida.

Não sei se por falta de contenção ou por outra razão qualquer, João Pinheiro não cumpriu o acordo de só falar sobre a sua viagem depois da chegada a Portugal, pois, encontrando-se ainda na capital russa, fez declarações por telefone ao *Correio da Manhã*. Fiquei com a sensação de ter passado por idiota. Não porque eu quisesse o exclusivo informativo da viagem, mas por uma questão de princípio.

Pouco tempo depois, a família de Alexandra Zarubina deixou de ser considerada «desfavorecida», embora continuasse a viver numa casa que até as autoridades russas reconheciam poder ruir a qualquer momento.

«Essa família deixou de ser desfavorecida, há muito que foi retirada da lista, eles conseguem sobreviver sozinhos. A menina é alegre, anda bem vestida», declarou Serguei Komissarov, presidente da Câmara de Pretchistoe, vila onde actualmente vive a menina, ao jornal electrónico *life.ru*.

«A sua casa foi reconhecida como imprópria para viver e a família foi inscrita para receber um apartamento novo. Talvez para o ano ela já tenha uma nova morada», acrescentou o responsável.

Natália Zarubina afirmou esperar que essa promessa se tornasse realidade, pois considerava «impossível viver com uma criança numa casa em ruínas».

«Eu agora estou sem emprego, ninguém me dá trabalho devido a problemas com documentos. A nossa casa é muito fria, não é aquecida. Eu só quero uma coisa: que a minha filha tenha boas condições», acrescentou.

Nessa altura, a mãe de Sandra conseguiu emprego num supermercado de Moscovo através de uma agência, mas disse ter sido enganada.

«Prometeram-me salário, mas não me pagaram. Tive de pedir dinheiro emprestado para comer e regressar a casa. Vou a essa agência de emprego, que são uns aldrabões, exigir o que me devem», disse por telefone, enquanto chorava.

Quanto a Alexandra, a menina está entre as melhores alunas da escola. «As suas capacidades simplesmente surpreendem. A menina apanha rapidamente cada palavra. Tem uma excelente técnica de leitura. A Sandra já não tem sotaque estrangeiro, fala no mais puro russo», disse Irina Konstantinovna, directora de turma, ao jornal *life.ru*.

A família Zarubin acabou por receber um apartamento novo em finais de 2014.

24.

EM JEITO DE CONCLUSÃO

Posso dizer que não tenho razões para me queixar do destino. Só lamento não ter encontrado ainda as contas bancárias onde, segundo alguns dizem, está o dinheiro que me foi pago por várias organizações de espionagem estrangeiras. Vivi e tento continuar a viver intensamente. Tive a oportunidade de passar por diferentes realidades sociais e políticas, o que me permitiu alargar a minha visão do mundo, evoluir como pessoa.

Foi esta evolução da minha atitude perante o mundo que tentei reflectir nestas páginas. Não se trata de verdades absolutas, mas apenas de impressões e opiniões pessoais, nem o livro é uma autobiografia completa, pois não era esse o meu objectivo. Porém, tentei fundamentar-me o mais possível em factos, para que este livro não se tratasse de uma obra de ficção. Não, todas as personagens e acontecimentos são reais, havendo aqui todas as semelhanças com a realidade.

Claro que se trata de fragmentos da minha memória, mas não foram escolhidos com outro fim especial além daquele de mostrar a evolução de um jovem que nasce numa família de pescadores, frequenta um seminário católico, parte para a União Soviética e acaba por lá ficar quase 40 anos. Mas chegou o momento em que foi mesmo preciso voltar a casa, regresso tantas vezes adiado em prejuízo da minha mulher e dos meus filhos.

No início de 2015, fui renovar a minha credencial no Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia e senti que algo estava a mudar na relação com os correspondentes estrangeiros. O processo fora sempre moroso, mas, dessa vez, tornou-se ainda mais. Apresentei todos os documentos que sempre foram necessários, nomeadamente o contrato de prestação de serviços com a SIC, e fiquei à espera da nova credencial.

Duas semanas depois da entrega dos documentos, fui chamado ao MNE russo e convidado a entrar numa sala para uma conversa. À minha frente estava um homem com cerca de 30 anos que se apresentou como advogado do ministério. Tinha ao seu lado um grosso *dossier* que, imagino eu, deveria conter materiais relativos à minha pessoa. Começou por fazer perguntas sobre a SIC, a que eu respondi com todo o pormenor, embora tivesse entregado uma biografia da estação de televisão de Carnaxide. Depois, passou às perguntas sobre o Dr. Pinto Balsemão. Eu expliquei-lhe que ele tinha sido primeiro-ministro, dirigente do Partido Social-Democrata, etc. Mas, quando o advogado me perguntou se o patrão do canal me telefonava pessoalmente para me dar instruções sobre o que dizer nas minhas reportagens, fiquei perplexo e acabei por lhe perguntar se estava a compreender a pergunta.

Compreendendo que eu me preparava para responder de forma mais dura, ele tentou acalmar-me dizendo que isso era uma prática normal na América, ao que lhe respondi que me estava nas tintas para esse país e que duvidava muito de que o Dr. Pinto Balsemão se preocupasse tanto comigo ou com a Rússia.

Depois de uma conversa de cerca de 90 minutos, fui informado de que ia receber uma credencial válida, não por 12 meses, como era costume, mas apenas por seis. Respondi apenas: «Assim seja!»

Isto é só um dos exemplos que mostram que a Rússia de Vladimir Putin se torna cada vez menos respirável do ponto de vista da liberdade de expressão e informação. A História repete-se mesmo, embora a outro nível. O país não regressa à era comunista, mas compete com ela no campo do absurdo. Gostaria de me enganar, mas parece-me que o dirigente russo se assemelha cada vez mais ao coveiro do seu próprio país.

Depois da invasão da Crimeia pelas tropas russas, as relações entre as pessoas tornaram-se mais tensas, sendo cada vez mais difícil conversar com aqueles de quem fui amigo durante muitos anos. O mundialmente famoso escritor russo Lev Tolstoi escreveu que «O patriotismo é o último refúgio dos canalhas», pensamento particularmente válido hoje, quando esse sentimento é empregue para atizar o ódio de uns contra outros, contra todos os que não se deixam formatar pela propaganda.

Por essas razões, e também porque 38 anos já era muito tempo, decidi regressar ao meu país, onde tento integrar-me novamente, tentando aprender a andar de novo no solo pátrio. Quando se vive tanto tempo longe de Portugal, compreende-se de forma muito profunda que temos o melhor país do mundo, mas também se entende quão mal gerido ele é. É pena.

Extratexto



Comunhão Solene. Póvoa de Varzim, 1969.



Turma do Seminário, 1974.



Amigos do Liceu da Póvoa de Varzim, 1976.



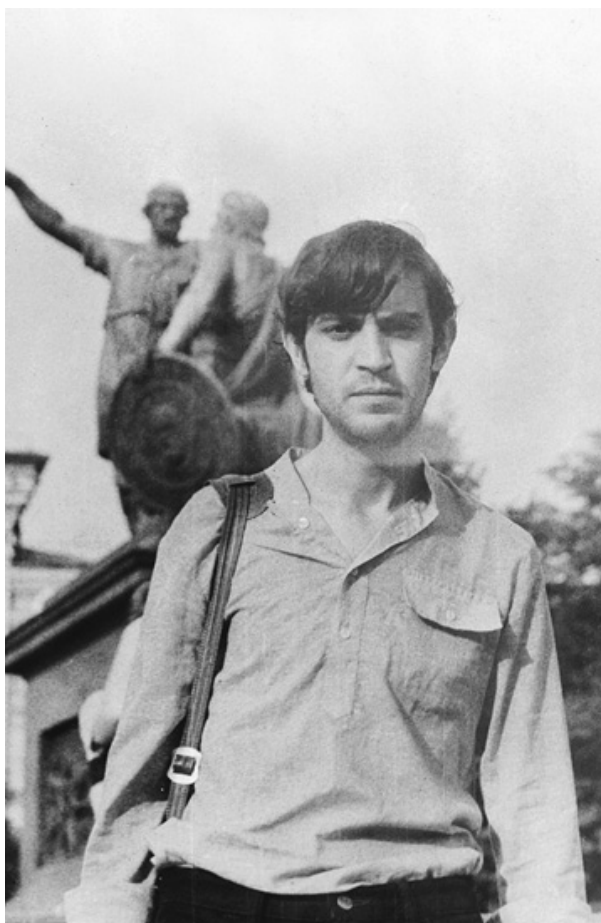
Colegas portugueses e uma cipriota na residência estudantil na URSS, 1977.



A fazer traduções. Moscovo, 1978.



No Parque de Exposições dos Êxitos da Economia da URSS. Moscovo, 1979.



Na Praça Vermelha. Moscovo, 1979.



Praça Vermelha. Armazéns GUM, onde recebi a primeira roupa soviética. Moscovo, 1979.



Nas Colinas de Lenine, com os baixos-relevos de Herzen e Ogarev atrás. Moscovo, 1979.



Vinho do Porto com Pato. Moscovo, 1979.



No 1.º Hospital Clínico Anti-Tuberculose de Moscovo, a jogar voleibol com outros doentes.
Moscovo, 1979.



Numa exposição de cinema soviético. Moscovo, 1979.



Na Praça Vermelha. Moscovo, 1979.



Com a Vitó e a Luísa na residência estudantil. Moscovo, 1980.



Na Praça Vermelha com um amigo equatoriano. Moscovo, 1982.



Na cerimónia de casamento. Palácio de Casamento n.º 1 de Moscovo, 1983.



Foto de família. Moscovo, 1983.



Foto de família. Tallinn, Estónia, 1986.

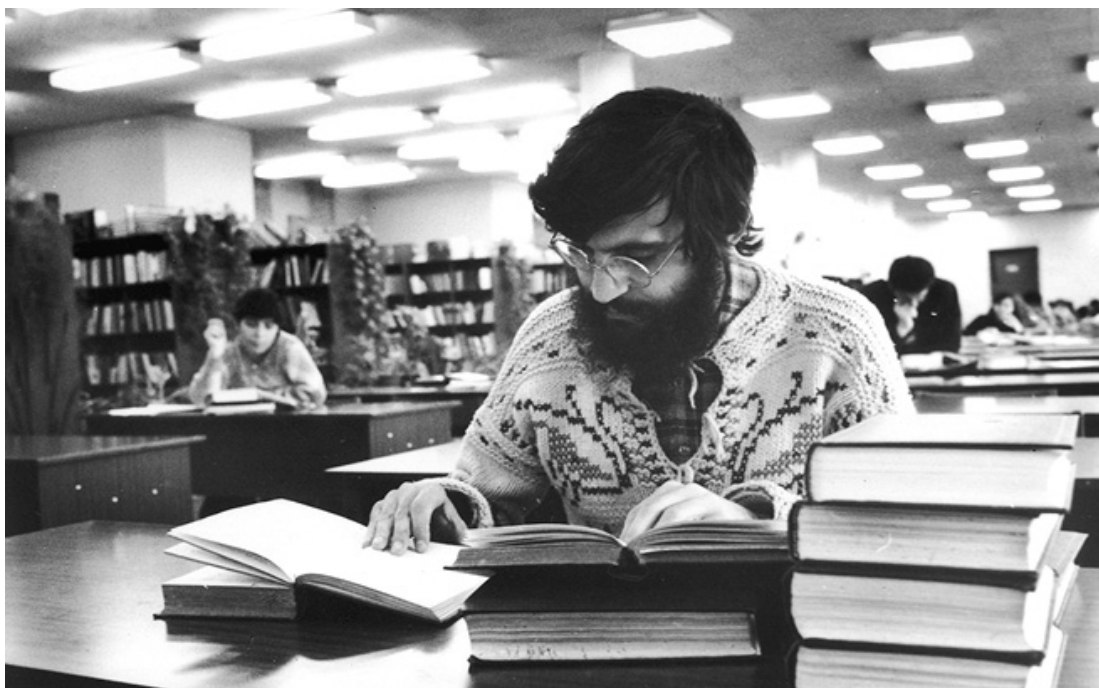


Cartão de salvo-conduto de acesso ao edifício do Comité Central do PCUS. Fevereiro de 1986.



Cartão de militante do Partido Comunista Português.





A fazer traduções. Moscovo, 1984.



Cartão de aquisição de bens essenciais em Moscovo, 1987.



Cartão profissional de tradutor de filmes, 1989.



Com os meus filhos no Kremlin. Atrás está o que foi em tempos o maior canhão do mundo, que nunca disparou. Moscovo, 1991.



Com o presidente Mário Soares em Moscovo, 1991.



A beber água directamente do Lago Baikal, 1997.



Gorbatchov conversa com Cavaco Silva. Lisboa, Abril de 2000.



Com Ramzan Kadyrov, Presidente da Chechénia. Grozny, Agosto de 2009.



Com o reactor n.º 4 da Central Nuclear de Chernobil atrás, 2010.



Em directo para a SIC. Revolução Laranja. Kiev, Ucrânia, Dezembro de 2004.



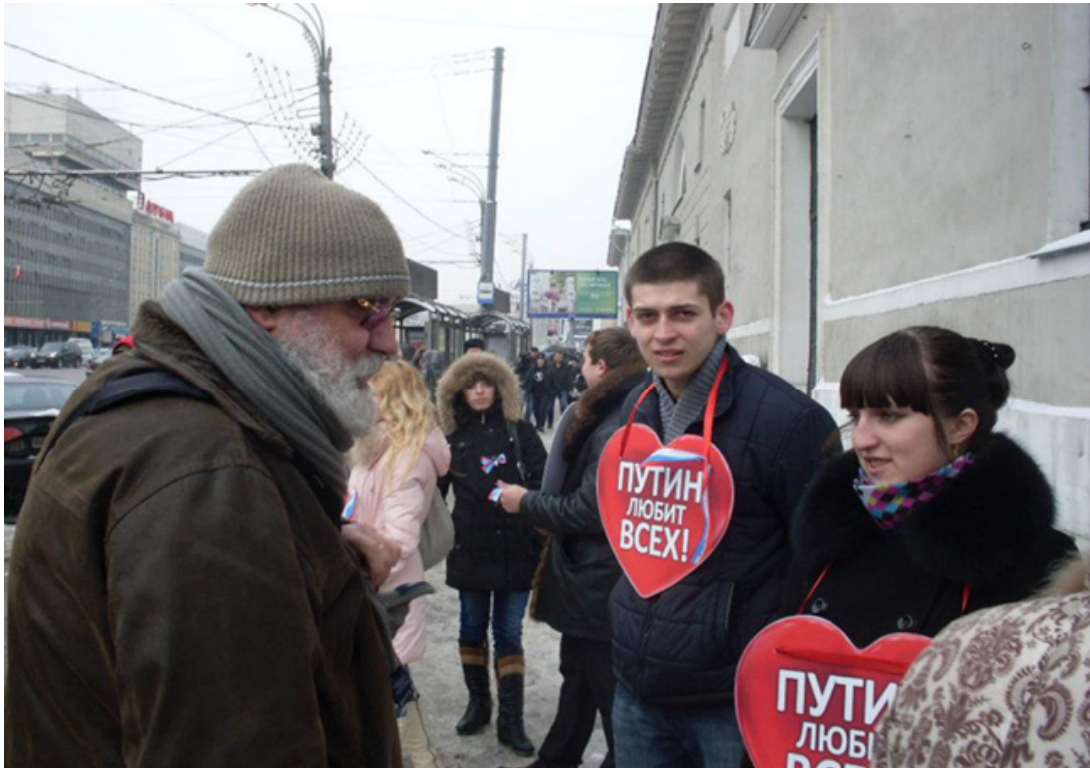
Conferência no Instituto de Relações Internacionais de Moscovo (ao lado o Dr. Rachid Kaplanov e, na ponta, o Dr. Pedro Calafate). Moscovo, 2010.



Entrevista para a RTP em São Petersburgo, 2012.



Com o escritor Vladimir Voinovitch. Moscovo, 2012.



Putin ama todos! Moscovo, 2012.



Mostrar Moscovo a Mariza, Fevereiro de 2013.



Rábula de Herman José, 2013.



Na redacção da SIC durante uma passagem por Lisboa, 2014.



Com Pedro Nuno Bártolo, embaixador de Portugal na Rússia. Moscovo, 2013.



Comendador da Ordem de Mérito da República Portuguesa. Moscovo, 2014.



Templo Ortodoxo em Rostov Veliky, 2014.